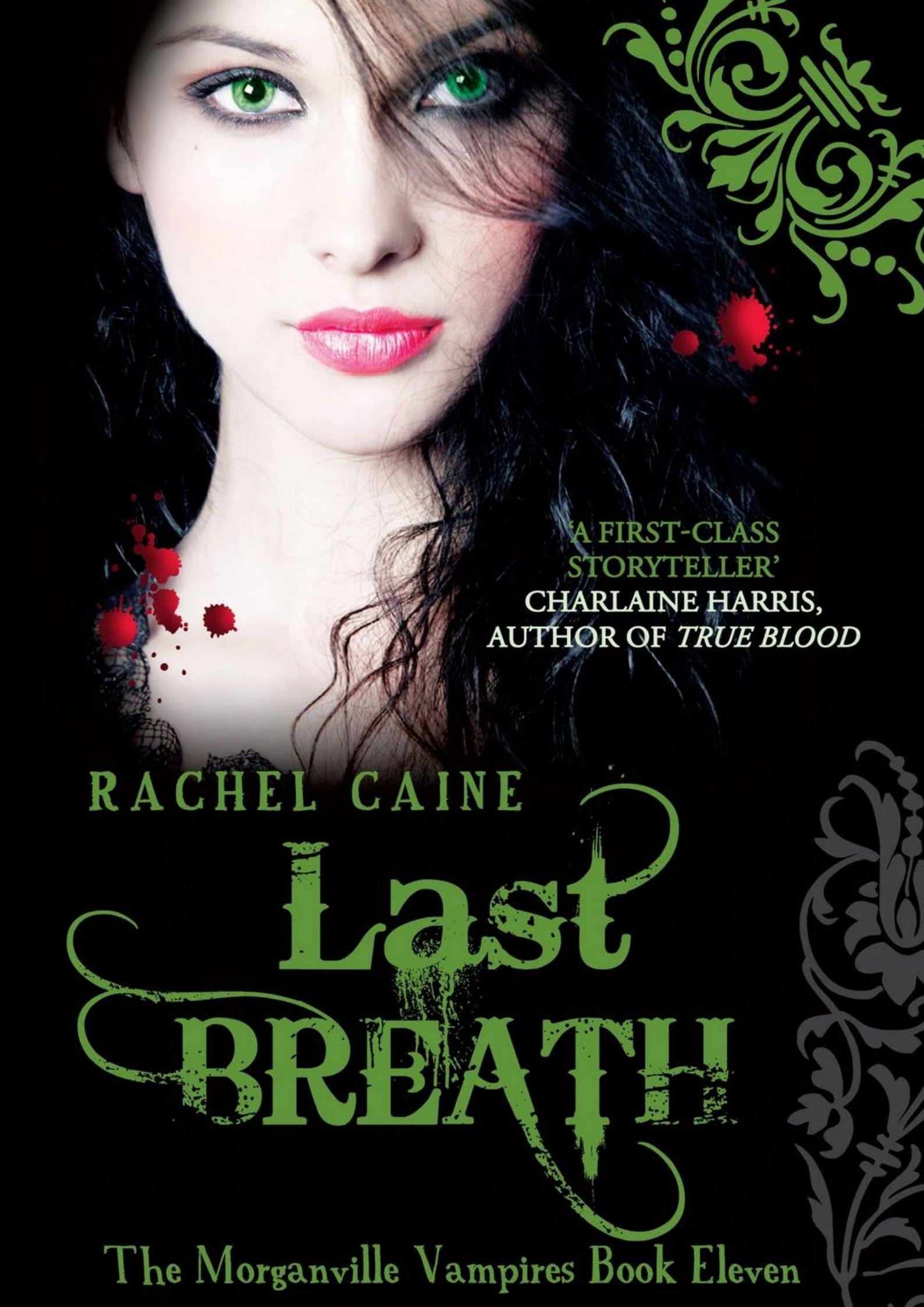




'A FIRST-CLASS
STORYTELLER'

CHARLAINE HARRIS,
AUTHOR OF *TRUE BLOOD*

RACHEL CAINE

Last BREATH

The Morganville Vampires Book Eleven





LAST BREATH

(Último Suspiro)

RACHEL CAINE



The Morganville Vampires Series

Glass Houses

The Dead Girls' Dance

Midnight Alley

Feast of Fools

Lord of Misrule

Carpe Corpus

Fade Out

Kiss of Death

Ghost Town

Bite Club

Last Breath 



SINOPSE

Com o seu chefe preocupado investigando as Casas Fundadoras em Morganville, a estudante Claire Danvers é deixada à sua própria sorte quando ela descobre que três vampiros desapareceram sem deixar vestígios. Ela logo descobre que a última pessoa vista com um dos vampiros desaparecidos é alguém novo na cidade – um indivíduo misterioso chamado Magnus. Depois de um encontro desconfortável com o mais recente residente de Morganville, Claire está certa de que Magnus não é meramente humano. Mas ele é um vampiro – ou algo completamente diferente?



INTRODUÇÃO

BEM VINDO À MORGANVILLE. VOCÊ NUNCA VAI DESEJAR IR EMBORA.

Então, você é novo em Morganville. Bem-vindo, novo habitante! Há apenas algumas regras importantes que você precisa saber para se sentir confortável em nossa pequena e calma cidade:

- Obedeça os limites de velocidade;
- Não faça bagunça;
- Não importa o que faça, não vá para o lado dos vampiros maus.

Sim, nós dissemos vampiros. Lide com isso. Como um humano recém-chegado, você precisará encontrar um vampiro Protetor para si — alguém disposto a assinar um contrato para guardar você e os seus, a salvo (especialmente dos outros vampiros). Em retorno, você pagará taxas... como em qualquer outra cidade. Claro, a maioria das outras cidades, já que, aquelas taxas não são arrecadadas pelo banco de sangue móvel.

Ah, e se você decidir não obter um Protetor, pode fazer isso, também... mas é melhor que você aprenda a correr rápido, ficar distante das sombras, e construir uma rede de amigos que possa te ajudar. Tente entrar em contato com os moradores da Glass House — Michael, Eve, Shane e Claire. Eles sabem por onde podem andar, ainda que, de alguma maneira, sempre acabem no meio de problemas.

Bem-vindo a Morganville. Você nunca vai querer ir embora.

E ainda que queira... bem, você não poderá. Desculpe por isso.



CAPÍTULO 1

CLAIRE

Os lábios de Shane eram como veludo contra a nuca dela, e Claire estremeceu de prazer quando o seu hálito esquentou a sua pele. Ela recostou-se contra ele com um suspiro. O corpo de seu namorado parecia sólido e seguro, e os seus braços estavam ao redor dela, envolvendo-a em conforto. Ele era mais alto do que ela, então ele teve que se dobrar para descansar o seu queixo em seu ombro e sussurrar: — Você tem certeza disso?

Claire assentiu. — Você recebeu o aviso de atraso, não é? É isso ou eles vêm recolher. Você não quer isso.

— Bem, você não tem que estar aqui — ele falou, não pela primeira vez hoje. — Você não tem aulas?

— Hoje não — ela disse. — Eu tive uma aula de laboratório de Deus-me-livre antes do meio dia, mas agora eu estou livre.

— Ok, então, você não tem que fazer isso porque você é isenta de impostos.

Por *isenta de impostos* ele quis dizer que ela não tinha que pagar com... sangue. Os impostos em Morganville eram coletados de três formas: da forma educada, através do centro de recolha, ou do jeito não tão educado, quando a viatura da coleta de sangue aparecia com um carrão preto lustroso na sua porta da frente com os “técnicos” com o estilo de *Homens de Preto* para garantir que você faça o seu dever civil.

A terceira maneira era pela força, no escuro, quando você se aventurava não-Protegido e era mordido.

Vampiros. Uma dor total no pescoço — literalmente.

Shane estava inteiramente certo: Claire tinha um documento legal que dizia que ela estava livre da responsabilidade de doações. Pela opinião popular — e isso não era engano — era que ela já tinha dado sangue suficiente por Morganville.



É claro, assim como Shane... mas ele não tinha estado sempre do lado dos vampiros, no momento.

— Eu sei que eu não preciso fazer isso — ela disse. — Eu quero. Eu vou também.

— No caso de você estar preocupada, eu não estou com medo feito uma garota ou qualquer coisa assim.

— Ei! — Ela bateu em seu braço. — Eu sou uma garota. O que exatamente você está dizendo? Que eu não sou corajosa ou algo assim?

— Uau — Shane disse. — Nada. Certo, princesa amazona. Já entendi.

Claire se virou em seus braços e o beijou, foi uma explosão de calor doce enquanto os seus lábios se encontraram. A adorável alegria disso lançou uma explosão de bolhas dentro dela, bolhas cheias de felicidade. *Deus*, ela amava isso. Ela amava ele. Tinha sido um ano difícil, e ele tinha... cometido um erro, essa era a melhor forma que ela podia pensar nisso. Shane tinha tendências obscuras, e ele lutava com elas. Ainda estava lutando.

Mas ele tinha batalhado tanto para fazer as pazes — não só com ela, mas com todo mundo que ele sentia que tinha decepcionado. Michael, o seu melhor (vampiro) amigo. Eve, sua outra (não-vampira) melhor amiga (e melhor amiga de Claire também). Até mesmo os pais de Claire tinham ganhado uma atenção genuína: ele tinha ido com ela para vê-los duas vezes, com a permissão de saída dos vampiros, e ele tinha permanecido sério e firme mesmo sob o interrogatório severo do pai dela.

Ele queria ser diferente. Ela sabia disso.

Quando o beijo finalmente terminou, Shane estava com um olhar drogado e vago em seus olhos, e ele parecia ter dificuldade em soltá-la. — Sabe de uma coisa — ele disse, movendo o cabelo dela para trás de seu rosto com uma mão grande e quente, — nós poderíamos apenas deixar isso pra lá e ir para casa, em vez de deixá-los sugar o nosso sangue. Tentar isso amanhã.

— Viatura da coleta — ela lembrou. — As pessoas segurando você. Você realmente quer isso?

Ele estremeceu. — Inferno, não. Certo, certo, depois de você. — Eles estavam de pé na calçada do banco de sangue de Morganville, com a sua grande placa de caráter alegre de uma gota de sangue e a entrada pública rigorosamente limpa. Claire o beijou levemente no rosto, escapou antes que ele pudesse puxá-la para perto novamente e abriu a porta.

No interior, o lugar parecia que tinha recebido uma reforma — mais brilhante e calorosamente iluminado do que da última vez que ela tinha



entrado, e o novo mobiliário parecia confortável e acolhedor. Eles ainda instalaram um aquário cheio de peixes tropicais coloridos nadando em torno do coral vivo. Agradável. Claramente, os vampiros estavam tentando fazer os seus melhores esforços para tranquilizar a comunidade humana, para variar.

A senhora sentada atrás do balcão olhou para cima e sorriu. Ela era humana e meio maternal, ela pegou os registros de Claire e levantou as sobrancelhas finas e grisalhas. — Oh — ela disse. — Você sabe, você está totalmente livre pelo ano. Não há necessidade...

— Sou voluntária — Claire disse. — Tudo bem?

— *Voluntária?* — A mulher repetiu a palavra como se fosse algo em uma língua estrangeira. — Bem, eu acho... — Ela balançou a cabeça, claramente pensando que Claire era débil mental, e virou o seu sorriso para Shane. — E você, querido?

— Collins — ele disse. — Shane Collins.

Ela tirou o cartão dele, e levantou as sobrancelhas novamente. — Você definitivamente não pagou, Sr. Collins. Na verdade, você está 60 dias atrasado. Mais uma vez.

— Eu estive ocupado. — Ele não deu um sorriso. Nem ela.

Ela carimbou o cartão dele, escreveu algo sobre ele e o colocou de volta no arquivo, em seguida, entregou a eles duas tiras de papel. — Naquela porta — ela disse. — Vocês querem ficar na sala juntos ou separados?

— Juntos — eles disseram juntos, e um olhou para o outro. Claire não conseguiu evitar de dar um pequeno sorriso, e Shane revirou os olhos. — Ela é meio medrosa — ele disse. — Desmaia quando vê sangue.

— Oh, *por favor* — Claire disse com um suspiro. — Isso descreve um de nós, no entanto.

A recepcionista, mesmo tendo a aparência maternal, claramente não era simpática. — Tudo bem — ela disse bruscamente. — Segunda porta à direita. Tem duas cadeiras lá. Vou chamar um atendente para vocês.

— Sim, em falar nisso... Você poderia nos conseguir um humano? — Shane perguntou. — É esquisito quando um cara está drenando o meu sangue e eu ouço a barriga dele roncar.

Claire lhe deu um soco no braço dele, desta vez, um inconfundível *cala a boca*, e deu a recepcionista um sorriso alegre enquanto ela o arrastava para a porta que havia sido indicada. — É sério — ela disse a ele, — seria tão difícil você apenas não falar nada?



— Um pouco. — Ele deu de ombros, em seguida, abriu a porta e segurou-a para ela. — Damas primeiro.

— Eu realmente estou começando a achar que você é medroso.

— Não, eu só sou perfeitamente educado. — Ele deu-lhe um olhar de lado e com uma rara seriedade disse: — Eu iria na frente em qualquer luta por você.

Shane sempre tinha sido alguém que expressava melhor o seu amor sendo protetor, mas agora era deliberado, uma forma para ele de compensar pela forma como ele deixou a sua raiva e agressão dominá-lo. Mesmo no seu pior, ele não a tinha machucado, mas ele chegou bem perto — assustadoramente perto — e isso permanecia entre eles como uma sombra.

— Shane — ela disse, e fez uma pausa para olhar o seu rosto. — Se chegarmos a isso, eu lutaria ao seu lado. Não atrás de você.

Ele sorriu um pouco, e balançou a cabeça quando eles começaram a se mover novamente. — Eu ainda pularia na frente da primeira bala. Espero que você esteja bem com isso.

Ela não deveria ter estado, na verdade, mas o pensamento e a emoção por trás disso, deu-lhe outra pequena onda de calor quando ela entrou na sala. Como o resto do lado humano do centro de coleta, o espaço era caloroso e confortável. As cadeiras reclináveis eram de couro, ou quase de vinil. Os alto-falantes em cima tocavam algo acústico e suave, e Claire relaxou na cadeira enquanto Shane se contorcia na dele.

Ele ficou muito quieto quando a porta se abriu e o atendente deles entrou.

— Mentira — Claire disse. Em primeiro lugar, o atendente deles era um vampiro. Em segundo lugar, era *Oliver*. Oh, ele estava usando um jaleco branco e carregando uma prancheta, e parecia vagamente profissional, mas era *Oliver*. — O que exatamente o segundo em comando dos assuntos de vampiros está fazendo coletando sangue?

— Sim, e você não precisa distribuir alguns cafés expressos? — Shane adicionou com uma pitada totalmente desnecessária de sarcasmo. Oliver era frequentemente encontrado atrás do balcão do café, mas ele não era necessário lá. Ele só gostava de estar lá, e Shane sabia disso. Quando você era (presumivelmente) rico e (absolutamente) um vampiro poderoso como Oliver, você pode fazer o que bem queria.

— Teve gripe por aí — Oliver disse, ignorando o tom de Shane quando ele tirou os seus suprimentos e os colocou em bandejas. — Eu deduzi que eles estavam com a equipe diminuída hoje. Ocasionalmente eu dou uma ajuda.



De alguma forma, isso não parecia ser a história toda, mesmo que fosse verdade. Claire olhou para ele com desconfiança quando ele deslizou um banquinho de rodinhas ao lado dela e amarrou o torniquete no lugar em sua parte superior do braço, em seguida, entregou-lhe uma bola de borracha vermelha para ela espremer enquanto ele preparava a agulha. — Eu suponho que você vá primeiro — ele disse, — pela atitude habitual de Shane. — Isso foi falado tão frio como cada pitada do sarcasmo de Shane, e Shane abriu a boca, mas parou, seus lábios diminuíram em uma linha teimosa. *Que bom*, ela pensou. Ele estava tentando, pelo menos.

— Claro — ela disse. Ela conseguiu não estremecer quando seus dedos frios apalparam o seu braço para sentir as veias, e ela se concentrou no rosto dele. Oliver sempre parecia ser mais velho do que muitos dos outros vampiros, embora ela não pudesse determinar porquê: seu cabelo, talvez, que possuía listras cinza e estava amarrado para trás em um rabo de cavalo de estilo hippie agora. Não havia muitas rugas em seu rosto, na verdade, mas ela sempre o destacou como tendo meia-idade, e quando ela realmente prestava atenção, ela não fazia ideia do motivo de ele dar essa impressão.

Era principalmente porque ele parecia mais cínico do que os outros.

Ele estava usando uma camiseta preta sob um suéter cinza hoje e jeans azuis, muito descontraído; não era muito diferente do que Shane estava usando, na verdade, exceto que Shane conseguia fazer a roupa parecer excitante e moderna.

A agulha deslizou com uma rajada curta e quente e, em seguida, a dor diminuiu para uma dor fina quando Oliver puxou-a para baixo e conectou ao tubo. Ele soltou o torniquete e braçadeira, e Claire assistiu a linha vermelha escura de sangue correr para baixo do plástico e para fora da vista, em uma bolsa de coleta em baixo. — Muito bom — ele disse. — Você tem um excelente fluxo.

— Eu estou... não sei como eu me sinto sobre isso, na verdade.

Ele deu de ombros. — Tem cor e pressão bons, e o cheiro é bastante nítido. Muito bom.

Claire se sentiu pior ainda quando ele disse isso; ele descreveu isso como uma conversa entusiasmada do seu vinho antigo favorito. Na verdade, ela se sentia levemente enjoada, e descansou a cabeça contra as almofadas macias enquanto olhava para um cartaz alegre pregado na parte de trás da porta.

Oliver mudou dela para Shane, e uma vez que ela tinha tomado um par de respirações profundas e calmantes, ela parou de analisar a imagem do



gatinho e olhou para o seu namorado. Ele estava tenso, mas tentando não demonstrar; ela pôde descobrir pelo seu rosto imóvel e ligeiramente pálido, e a forma como os seus ombros estavam tensos, enfatizando os músculos sob o seu suéter. Ele arregaçou as mangas sem uma palavra, e Oliver — do mesmo modo silencioso — colocou o torniquete no local e entregou-lhe outra bola para ele espremer. Ao contrário de Claire, que mal era capaz de amassar a coisa, Shane quase achatou quando ele pressionou. Suas veias eram visíveis a ela, mesmo do outro lado da sala, e Oliver mal deslizou as pontas dos dedos sobre elas, não encontrando os olhos de Shane nem uma vez, então deslizou a agulha de forma tão rápida e suave que Claire quase não viu. — Duas bolsas — Shane disse. — Você ainda vai estar atrasado na sua agenda, mas eu suponho que eu não deva drená-lo muito mais de uma vez só.

— Você parece desapontado. — A voz de Shane saiu fraca e filiforme, e ele colocou a cabeça para trás contra as almofadas enquanto fechava os olhos. — Droga, eu odeio isso. Eu realmente odeio.

— Eu sei — Oliver disse. — Seu sangue cheira a isso.

— Se você continuar a falar isso, eu vou te dar um soco. — Shane disse suavemente, mas ele falou sério. Havia um músculo tão tenso como um cabo de aço em sua mandíbula, e sua mão pressionava a bola de borracha em apertos convulsivos. Oliver soltou o torniquete e braceira, e o sangue de Shane moveu-se para baixo do tubo.

— Posso especificar um usuário para a minha doação? — Claire perguntou. Isso chamou a atenção de Oliver, e até mesmo Shane levantou uma pálpebra para olhar para ela. — Já que a minha é voluntária de qualquer maneira.

— Sim, eu acho — Oliver disse, e tirou um marcador preto. — Nome?

— O hospital — ela disse. — Para emergências.

Ele deu-lhe um olhar longo e calculado, e então encolheu os ombros e colocou um símbolo simples de cruz na bolsa — já um quarto cheia — antes de devolver o suporte ao lado de sua cadeira.

Shane abriu a boca, mas Oliver disse: — Nem considere pedir isso. O seu já tem dono.

Shane respondeu a isso com um som de engasgos.

— Precisamente porque ele não está reservado para mim — Oliver disse. — Eu tenho padrões. Agora, se qualquer um de vocês sentir qualquer náusea ou fraqueza, pressione o botão. Caso contrário, eu vou estar de volta em poucos minutos.



Ele se levantou e caminhou em direção à porta, mas hesitou com a mão na maçaneta. Ele virou-se para eles e disse: — Eu recebi o convite.

Por um momento, Claire não sabia do que ele estava falando, mas, em seguida, ela disse: — Oh. A festa.

— A festa de noivado — ele disse. — Você deve falar com os seus amigos sobre a... situação política.

— Eu... o quê? Do que você está falando?

Os olhos de Oliver seguraram os dela, e ela estava desconfiada de algum tipo de compulsão de vampiro, mas ele não parecia estar nem tentando. — Eu já tentei avisar a Michael — ele disse. — Isto é imprudente. Muito imprudente. A comunidade de vampiros em Morganville já é... inquieta; eles sentem que os seres humanos têm recebido muita liberdade, muitas autorizações em suas atividades nos últimos tempo. Houve sempre uma relação claramente definida de...

— Assassinos em série e vítimas — Shane interpões.

— Protetores e os seus protegidos — Oliver disse, fazendo uma carranca para o namorado dela. — Uma que é necessária que seja livre de muita complicação emocional. É uma obrigação que os vampiros podem entender. Esta conexão entre Michael e a sua amiga humana, Eve, é... nova e confusa. Agora que eles ameaçaram encorajá-la com um status legal... há resistência. Em ambos os lados, dos vampiros e humanos.

— Espere — Shane disse. — Você está *realmente* nos dizendo que as pessoas não querem que eles se casem?

— Há uma certa compreensão de que isso não é adequado, ou prudente permitir casamentos mistos entre vampiro-humano.

— Isso é racista!

— Isso não tem nada a ver com raça — Oliver disse. — Tem tudo a ver com a espécie. Os vampiros e seres humanos têm uma relação em conjunto, e do ponto de vista vampiro, é de predadores e presas.

— Eu ainda acho que você quis dizer parasita e hospedeiro.

O temperamento de Oliver chamejou, o que era perigoso; seu rosto mudou, literalmente foi *substituído*, como se o monstro embaixo estivesse tentando sair. Em seguida, desapareceu, mas deixou uma sensação no quarto, um choque de formigamento que fez até mesmo Shane se calar, pelo menos por agora. — Alguns não querem que Michael e Eve se casem — ele disse. — Acreditem em mim que até mesmo aqueles que são indiferentes acreditam



que isso vai sair mal para todos os envolvidos. É imprudente. Eu já disse isso a ele, e eu tentei dizer a ela. Agora eu estou dizendo a vocês para detê-los.

— Nós não podemos! — Claire disse, horrorizada. — Eles se amam!

— Isso não tem absolutamente *nada* a ver com o que eu estou dizendo — o vampiro disse a ela, e abriu a porta da sala. — Eu não me importo com os sentimentos deles. Eu estou falando sobre a realidade da situação. Um casamento é politicamente desastroso, e vai inflamar questões que é melhor deixar latentes. Digam a eles isso. Digam a eles que será interrompido, de uma forma ou de outra. Melhor eles pararem por si mesmos.

— Mas...

A porta se fechou sobre o que quer que ela fosse dizer, de qualquer forma, Claire não tinha menor ideia do que ia dizer. Ela olhou para Shane, que parecia tão mudo quanto ela.

Mas ele foi, naturalmente, o primeiro a recuperar a voz. — Bem — ele disse, — eu disse isso a ele.

— Shane!

— Olha, vampiros e humanos juntos nunca foi uma boa ideia. É como gatos e ratos ficando juntos. Sempre termina mal para o rato.

— Não são vampiros e humanos. É Eve e Michael.

— Que é diferente como, exatamente?

— Apenas é!

Shane suspirou e colocou a cabeça para trás contra as almofadas. — Tudo bem — ele disse. — Mas de jeito nenhum eu vou partir o coração de Eve. Você conta a ela para parar o casamento, cortesia do vampiro quase-chefe. Apenas me avise para que eu possa colocar os meus fones de ouvido na configuração de ficar-surdo para abafar os gritos e choros.

— Você é um covarde.

— Eu estou sangrando em uma bolsa — ele ressaltou. — Eu acho que eu consegui algum tipo de crachá de mérito anticovardia.

Ela jogou a bola de borracha vermelha nele.



Não que Claire não tenha imaginado tudo isso secretamente acontecendo.

Ela não queria acreditar. Ela tinha estado envolvida em todas as preparações da festa — Eve tinha insistido. Entre elas duas, elas tinham



planejado absolutamente tudo, desde os guardanapos (pretos) as toalhas de mesa (prata) a cor do papel dos convites (preto novamente com caneta prata). Tinha sido divertido, é claro, sentar lá e ter um tempo de garotas escolhendo flores, comidas e prendas de festa, a criando listas de reprodução de músicas, e o melhor de tudo, escolher roupas.

Tinha sido apenas esta semana que tudo se tornou... bem, real... que Claire começou a sentir que talvez não fosse tudo apenas um conto de fadas e sorvete. Caminhar com Eve no centro da cidade tinha se transformado em uma experiência totalmente nova, uma chocante; Claire estava acostumada a ser ignorada, ou (mais recentemente) ser olhada com uma desconfiança estranha, usar o pingente da Fundadora de Morganville em seu colar tinha rendido para ela uma reputação de fodona inteiramente indesejada (possivelmente não merecida).

Mas esta semana, andando com Eve, ela sentiu o ódio de perto.

Oh, e não era *óbvio* ou nem nada disso... Ele veio de olhares de soslaio, de aperto dos lábios das pessoas e a forma rude que as pessoas falavam com Eve, se eles falassem. Morganville tinha mudado um pouco nestes últimos anos, e uma das mudanças mais importantes foi que as pessoas não tinham medo de mostrar o que elas sentiam. Claire tinha achado que era uma mudança positiva.

Primeiro, Claire tinha imaginado que os incidentes de desprezo eram apenas isolados, e então ela pensou que talvez fosse apenas o funcionamento normal de cidade pequena. Eve era gótica, ela era facilmente reconhecível e, embora ela fosse esmagadoramente graciosa, ela também poderia irritar as pessoas que não a entendiam.

Isso era diferente, no entanto. Os olhares que as pessoas davam a Eve... Eles tinham sido de desprezo. Ou raiva. Ou desgosto.

Eve não tinha parecido notar no início, mas Claire detectou um enfraquecimento em sua usual armadura brilhante de humor mais ou menos no meio do caminho do último passeio pelo shopping – bem na hora que uma senhora desagradável com um cabelo de igreja tinha se afastado do balcão enquanto Eve estava pagando uma sacola cheia de coisas para a festa. Quando ela se afastou, a Senhora da Igreja tinha estendido a mão para mexer com uma exibição empilhada de óculos de sol, e Claire tinha avistado algo estranho.

A mulher era muito velha para uma tatuagem – pelo menos muito velha para uma nova – mas havia um desenho manchado de tinta em seu braço que



ainda estava vermelho nas bordas. Claire viu apenas um vislumbre dela, mas parecia algum tipo de forma familiar.

Uma estaca. Era um símbolo de uma estaca.

Outra, uma senhora mais jovem veio apressada da parte de trás da loja para esperar Eve, corada e nervosa. Ela evitou os seus olhos, e disse o mínimo necessário para dar o fora da loja. A Senhora da Igreja não olhou para elas nem uma vez.

Claire havia esperado até que elas estivessem em segurança, fora do alcance da voz de qualquer transeunte antes que ela dissesse: — Então, você viu a tatu? Estranho.

— A estaca? — Os lábios pintados de preto de Eve estavam apertados, e até mesmo na luz solar, seus olhos com rímel Kohl pareciam sombrios. Sua maquiagem Urban Decay normalmente parecia muito legal, mas na luz do sol do inverno rigoroso, Claire achou que parecia um pouco... desesperada. Não apenas clamando por atenção, mas *gritando* por ela. — Sim, está na moda. Tatus de estaca. Até mesmo os velhotes estão usando. Por causa do orgulho humano e toda essa baboseira.

— Isso é porquê...

— Por que a cadela se recusou a esperar por mim? — Eve afastou o cabelo tingido de preto arrebitado para longe do seu rosto pálido em uma sacudida desafiante. — Ah, provavelmente porque eu sou uma traidora.

— Não mais do que *eu*!

— Não, você se inscreveu para a Proteção, e você fez realmente um bom negócio com isso também, eles respeitam isso. O que eles não respeitam é dormir com o inimigo. — Eve parecia teimosa, mas havia desespero nela, também. — Ser uma fode-presas.

— Michael não é o inimigo, e você não está... como alguém pode pensar isso?

— Sempre houve essa tendência em Morganville. Nós e eles, você sabe. O nós não têm presas.

— Mas vocês se amam. — Claire não sabia o que a surpreendeu mais... que as pessoas de Morganville estavam se virando contra Eve, de todas as pessoas, ou que ela não estava *mais* surpresa com isso. As pessoas eram mesquinhas e estúpidas às vezes, e por mais incrível que Michael fosse, algumas pessoas simplesmente nunca iriam vê-lo como nada além de um par de presas.



É verdade, ele não era um filhote de cachorro felpudo; Michael era realmente capaz de trazer a violência, mas somente quando ele absolutamente tinha que fazer isso. Ele gostava de evitar brigas, não causá-las, e lá no fundo, ele era leal, gentil e tímido.

Difícil agrupar tudo isso sob o rótulo de *vampiro, portanto, mal*.

Um velho cowboy, com chapéu, botas e uma jaqueta jeans forrada de pele de carneiro, passou por elas duas na calçada. Ele deu a Eve um olhar amargo e estreito, e cuspiu algo desagradável bem na frente dos sapatos de couro de salto alto brilhantes dela.

Eve levantou o queixo e continuou andando.

— Ei! — Claire disse, voltando-se para o vaqueiro em uma fúria indignada, mas Eve a agarrou pelo braço e arrastou-a junto. — Espera... ele...

— Lição número um em Morganville — Eve disse. — Continue andando. Apenas continue andando.

E elas continuaram. Eve não tinha dito uma palavra sobre isso; ela tinha colocado sorrisos brilhantes e frouxos, e quando Michael tinha voltado para casa da loja de música onde ele ensinava, eles se sentaram juntos no sofá e abraçados sussurraram, mas Claire não achava que Eve lhe dissesse sobre os acontecimentos.

Agora tinha essa coisa com Oliver, dizer a ela abertamente que o casamento tinha que ser cancelado, ou aconteceria outra coisa.

Muito, muito ruim.

— Então — ela disse para Shane enquanto eles voltavam para casa de braços dados e com as mãos em seus bolsos para se esconderem do frio do vento gelado chicoteando. — O que eu vou dizer a Eve? Ou, Deus, a Michael?

— Nada — Shane disse.

— Mas você disse que eu deveria...

— Eu reconsiderarei. Eu não sou um macaco mensageiro de Oliver, e nem você. Se ele quer dar um de Senhor da Mansão com eles dois, ele que faça sozinho. — Shane sorriu ferozmente. — Eu pagaria para ver isso. Michael não gosta quando mandam ele *não* fazer algo. Especialmente algo a ver com Eve.

— Você pensa... — Oh, este era um território perigoso, e Claire hesitou antes de dar um passo para dentro. Estava repleto de minas terrestres. — Deus, eu não acredito que eu estou perguntando isso, mas... você acha que Michael está realmente levando ela a sério? Quero dizer, você o conhece melhor do que eu. Há mais tempo, de qualquer maneira. Eu tenho a sensação, às vezes, de que ele tem... dúvidas.



Shane ficou em silêncio por um longo momento — muito tempo, ela pensou — e então ele disse: — Você está perguntando se ele está falando sério sobre amá-la?

— Não, eu sei que ele a ama. Mas se casar com ela...

— O casamento é uma palavra importante para todos os caras — Shane disse. — Você sabe disso. É meio que uma alergia. Ficamos com coceira e suados apenas tentando soletrá-la, muito menos colocar em prática.

— Então você acha que ele está nervoso?

— Eu acho... Eu acho que é uma coisa importante. Mais importante para ele e Eve do que para a maioria das pessoas. — Shane manteve os olhos para baixo, fixos na calçada e nos passos que eles tinham dado. — Olhe, pergunte a ele, ok? Isso é conversa de garotas. Eu não tenho conversa de garotas.

Ela lhe deu um soco no ombro. — Idiota.

— Isso é melhor. Eu estava começando a achar que deveríamos ir comprar sapatos ou algo assim.

— Ser uma garota não é uma coisa ruim!

— Não. — Ele tirou a mão do bolso e colocou o braço em volta dos ombros dela, puxando-a para perto. — Se eu pudesse ser metade da garota que você é, eu seria, uau, eu não tenho nem ideia do porquê eu falei isso, isso simplesmente saiu estranho, de repente.

— Imbecil.

— Você gosta de ser uma menina, isso é bom. Eu gosto de ser um cara, isso também é bom.

— Daqui a pouco você vai dizer *Mim, Tarzan, você, Jane!*

— Eu vi você cravar flechas em vampiros. Não é muito provável que eu fosse bater no meu peito e tentar lhe dizer que eu uso a tanga por aqui.

— E você mudou de assunto. Michael. Eve.

Ele ergueu a mão esquerda. — Eu juro, eu não tenho nenhuma ideia do que pensar de Michael. Caras não gastam todo o seu tempo tentando ler a mente um dos outros.

— Mas...

— Como eu disse. Se você quiser saber, pergunte a ele. Michael não mente, de qualquer maneira. Não para as pessoas que ele se preocupa.

Isso era verdade, ou pelo menos era como ele sempre tinha sido antes. Um sopro particularmente frio de vento atingiu a pele exposta da garganta de Claire e o rosto, e ela estremeceu e se encolheu para mais perto do lado quente de Shane.



— Antes que você pergunte — Shane disse, inclinando a cabeça para baixo dela, — eu te amo.

— Eu não ia perguntar.

— Oh, isso ia passar pela sua cabeça. E eu te amo. Agora é a sua vez.

Ela não podia evitar o sorriso que se espalhou pelo seu rosto, ou o calor que explodiu dentro dela, um verão contrastado com o dia de inverno. — Bem, você sabe, eu ainda estou analisando como eu me sinto do meu modo completamente feminino.

— Oh, agora isso foi baixo.

Ela se virou, ficou na ponta dos pés e o beijou. Os lábios de Shane estavam gelados e um pouco secos, mas eles se aqueceram, e uma lambida de sua língua suavizou o beijo em seda e veludo. Ele tinha gosto de café e caramelo e um tom picante e secreto que era típico dele. Um gosto que ela desejava cada dia, cada hora, cada minuto.

Shane fez um som satisfeito no fundo de sua garganta, pegou-a pela cintura, e moveu-a para trás até que ela sentiu uma parede de tijolos fria contra os seus ombros. Em seguida, ele começou a beijá-la com uma verdadeira profundidade — doce, quente e desejoso. Ela perdeu-se nele, à deriva e delirante, até que ele finalmente se afastou para respirar. O olhar em seus olhos castanhos estava focado e sonhador ao mesmo tempo, e seu sorriso era... perigoso. — Você ainda está analisando? — ele perguntou.

— Hmmm — Claire disse, e se apertou contra ele. — Eu acho que eu cheguei a uma conclusão.

— Droga, eu espero que não. Eu ainda tenho um monte de formas para tentar montar o meu caso.

Alguém limpou a garganta perto deles, e foi inesperado o suficiente para fazer Shane dar um passo gigante para trás e se virar, colocando-se entre a fonte do ruído e Claire. Para protegê-la, como sempre. Claire balançou a cabeça em exasperação e moveu-se para a sua direita, de pé ao lado dele.

O pigarro tinha vindo do Padre Joe. O padre da Igreja Católica de Morganville era um homem em seus trinta anos, com cabelo vermelho, sardas e olhos bondosos, e o sorriso que ele deu a eles tinha apenas um toque de julgamento. — Eu não quero perturbá-los — ele disse, que era uma mentira, mas talvez apenas uma pequena. — Claire, eu queria agradecer a você por ter vindo para a prática de coro do domingo passado. Você tem uma voz muito agradável.



Ela corou — em parte porque um padre tinha acabado observá-la de perto tendo pensamentos muito impuros sobre o seu namorado, e em parte porque ela não estava acostumada a esses tipos de elogios. — Ela não é muito forte — ela disse. — Mas eu gosto de cantar, às vezes.

— Você só precisa de prática — ele disse. — Esperamos vê-la novamente na missa. — Ele levantou aquelas sobrancelhas para ela, em seguida, acenou para Shane. — Você sempre é convidado também.

— Obrigado por convidar — Shane disse, quase sinceramente.

— Mas você não vai.

— Não é muito malditamente provável, Padre.

Claire continuou a corar, porque quando o Padre Joe se afastou com as mãos cruzadas atrás das costas, Shane se virou para olhar para ela. — Missa? — ele repetiu, erguendo as sobrancelhas. — Diga-me que você não está se confessando, também.

— Não, você tem que ser um verdadeiro católico para fazer isso — ela disse.

— Então qual era a atração?

— Myrnin queria ir. — Isso foi dito brevemente. O chefe de Claire — um vampiro perigosamente louco, que era absolutamente um amor na maior parte do tempo, até que ele não era mais — era um assunto que Shane realmente não gostava muito, e ela apressou-se quando viu a sua expressão mudar um pouco em direção ao aborrecimento. — Eu fui com ele um par de vezes, você sabe, controle de sanidade. Mas eu sou mais uma Unitária, eu acho. A igreja é boa, no entanto. Assim como o Padre Joe. Ei, você sabia que há um templo judaico na cidade também, e uma mesquita? Ambos são realmente pequenos, mas tem aqui. Eu não acho que os vampiros sejam muito bem-vindos, no entanto.

— Só não vá dizer a ele sobre, você sabe, nada pessoal. Sobre nós.

— Está com vergonha?

Ele passou suas unhas em seu casaco e olhou para elas com uma presunção exagerada. — Eu, envergonhado? Não, eu estava preocupado que ele se sentisse mal sobre a coisa dele de celibato.

— Deus, você é uma idiota.

— Três vezes que você me chamou disso em uma caminhada. Você precisa de um novo elogio. — Ele fez cócegas nela, e ela fingiu um grito e correu, e ele a perseguiu, e eles correram um atrás do outro ao redor do quarteirão, na rua, por todo o caminho até a cerca branca em torno do quintal não-muito-bonito deles, até a caminhada para a grande varanda com pilares descascando da casa



Vitoriana. A Glass House, chamada assim porque os últimos (e atuais) proprietários eram a família Glass — Michael sendo o último da família que ainda estava na residência. O resto deles, tecnicamente, alugavam quartos, mas ao longo do tempo, Shane, Claire e Eve tornaram-se a família de Michael. Tão próximos como uma família, de qualquer maneira.

Isso foi evidenciado pelo fato de que quando Shane abriu a porta, ele gritou: — Coloquem as calças, pessoal; estamos de *volta*!

— Cale a boca! — Eve gritou de algum lugar lá em cima. — Idiota!

— Você sabe, quando as pessoas dizem isso, eu só ouço a palavra incrível — Shane disse. — O que tem para o almoço? Porque, pessoalmente, eu estou em falta com dois litros de sangue e eu preciso de comida. Biscoitos e suco de laranja não vão ser suficientes.

— Cachorros-quentes — a voz distante de Eve disse. — E não, eu não fiz de pimenta-malagueta. Você só critica como eu faço. Mas tem de tempero, cebola e mostarda!

— Você é uma princesa! — Shane falou de volta em seu caminho para a cozinha. — Ok, uma princesa defeituosa, gótica e semimorta, mas tanto faz!

— *Idiota!*

Claire balançou a cabeça enquanto jogava a sua mochila no sofá. Ela estava radiante e formigando por causa da corrida, e se sentia um pouco tonta, provavelmente não tinha sido inteligente fazer isso logo depois de doar sangue, mas isso era uma coisa que você aprendia rápido em Morganville: como correr mesmo com a perda de sangue. Shane entrou na cozinha, e ela ouviu coisas batendo em torno de alguns minutos. Ele voltou com dois pratos, um com cachorros-quentes simples, um com cachorros-quentes enterrados sob um monte do que quer que isso seja — cebolas, tempero, mostarda, provavelmente molho quente também.

Claire pegou o prato simples. Ele pegou uma lata de Coca-Cola do bolso e entregou para ela também. — Você oficialmente deixou de ser um idiota — ela disse a ele quando ele se sentou no sofá ao lado dela e começou a empurrar a comida em sua boca. Ele murmurou alguma coisa e piscou para ela, e ela comeu em mordidas lentas e calculadas enquanto ela pensava no que ia fazer em relação a Eve.

Shane terminou o seu prato primeiro — nenhuma surpresa — e se afastou dela indo para a cozinha, deixando-a segurando o segundo cachorro-quente. Ele se foi — convenientemente — quando Eve desceu as escadas. Sua saia preta plissada roçou a parede com um assobio estranho enquanto ela descia, como



uma cobra, e Eve parecia venenosamente feroz, Claire pensou. Um espartilho de couro e jaqueta, calças justas com tema de crânio sob a saia, uma gargantilha de couro preta com spikes, e muita maquiagem. Ela atirou-se no sofá no lugar vazio de Shane e bateu os pés calçados com botas na mesa de café com um tinido de corrente de cromo.

— Eu não acredito que você realmente conseguiu fazer ele doar sem um tipo de sistema de retenção — Eve disse, e estendeu a mão para o controlador de jogos. Não que a televisão estivesse ligada, mas ela gostava de mexer com as coisas, e o controlador era perfeito. Em sua mão esquerda, o anel de noivado de diamantes brilhava suavemente na luz. Era um anel de prata, não de ouro; Eve não gostava de ouro. Mas o diamante era lindo. — Você vai estar no sábado para decorar, certo?

— Certo — Claire concordou e deu uma mordida em seu cachorro-quente. Ela ainda estava com fome, e focar fortemente no delicioso sabor afastava a sua mente do que Oliver tinha dito. — Alguma coisa que você queira que eu traga?

Eve sorriu, uma curva de lábios vermelhos escuros e feliz, e colocou a mão no bolso de sua jaqueta. Ela tirou um pedaço de papel, que ela a entregou. — Eu achei que você nunca fosse perguntar, dama de honra — ela disse. — Eu tive dificuldade em encontrar as comidas certas para a festa. Eu esperava que talvez você desse uma olhada...?

— Claro — Claire disse. Era uma longa lista, e ela silenciosamente lamentou a perda do seu dia de folga. — Ah, Eve?

— Sim? — Eve passou a mão pelo cabelo de corte arrebitado, amassando-o na espessura apropriada. — Ei, você acha que é exagerado demais para eu me encontrar com o Padre Joe?

Claire piscou quando ela tentou colocar a imagem das botas de combate de Eve e a saia plissada no mesmo espaço que o Padre Joe. Ela levantou e disse: — Provavelmente.

— Maravilhoso. Eu queria usar o mais exagerado. Dessa forma, não importa o que eu usar para a festa, vai ser um alívio para ele.

Eve tinha uma lógica própria e, geralmente, era impressionantemente divertida, mas agora, Claire estava focada em outra coisa. Shane não ia gostar, e sinceramente, ela não apreciava muito também, mas ela se sentia na obrigação de falar. Era isso que as amigas faziam, certo? Falar mesmo quando era difícil.



— Eu preciso te dizer uma coisa — Claire disse. A voz dela deve ter ficado séria, porque Eve parou de mexer com o controlador e o colocou de lado. Ela se virou, colocando um joelho em cima do sofá, e enfrentou Claire diretamente. Agora ela tinha toda a atenção de Eve, porém, Claire sentiu de repente a língua presa, e havia uma ausência duvidosa de Shane como reforço... e nenhum som vindo da cozinha. Ele provavelmente estava à espreita do outro lado da porta, escutando.

Medroso.

Eve salvou a tensão insuportável ao dizer em uma voz equilibrada. — Oliver falou com você, não foi?

Claire deu uma respiração profunda e aliviada. — Você sabe.

— Oh, ele está dando conselhos como bombas atômicas há cerca de um mês — Eve disse. — Tudo para ordenar a Michael para cancelar. — Seus olhos escuros analisaram o rosto de Claire astuciosamente. — Ele disse a você para nos dizer para cancelar. — Claire apenas balançou a cabeça. Os lábios de Eve se espalharam lentamente em um sorriso perverso. — Veja, eu sempre quis transformar esta cidade de cabeça para baixo, e estamos fazendo isso. Eu consigo ouvi-lo agora mesmo. *Na minha época, os humanos conheciam o seu lugar. Qual é o próximo passo, se casar com o gado? Cães e gatos, vivendo juntos.*

Sua representação do sotaque e impaciência de Oliver estavam tão perfeitos que Claire soltou uma gargalhada, um pouco culpada. Ela ouviu a porta da cozinha ser aberta atrás dela, e quando ela olhou para trás, viu Shane parado ali, de braços cruzados e encostado na parede enquanto observava as duas. — Então — ele disse. — Os Comandantes Centrais dos Vampiros não querem que vocês fiquem juntos. O que você vai fazer?

— Irritá-los — Eve disse. — Você está comigo?

O sorriso de Shane era tão obscuro e perverso quanto o de Eve. — Você sabe.

— Vê, eu sabia que podia contar com você para um caos de qualidade, meu homem. — Eve voltou a se concentrar em Claire novamente. — E você?

— Eu?

— Eu sei que você é amigável com eles — Eve disse. — Muito mais do que eu ou Shane. Isso vai colocá-la no meio. Eu não gosto disso, mas vai acontecer.

— Oliver já tentou me colocar no meio, mas, pelo que eu saiba, quem você se casa não é da maldita conta dele — Claire disse. — Eu só queria ter certeza de que você sabia o que estava acontecendo.

— E quanto a Amelie?



— Não é da conta dela também. Esta não deve ser a primeira vez que uma humana e um vampiro se casam.

— Não é.

Todos eles pularam — Eve inclusive — porque Michael estava no topo da escada, olhando por cima do corrimão para eles, parecendo casual, despenteado e saído da cama. Sua camisa ainda estava meio desabotoada.

— Desculpe — ele disse. — Eu não quis escutar. — Ele continuou abotoando a sua camisa no caminho para baixo — de um ponto de vista puramente objetivo, Claire pensou virtuosamente — era uma pena. — Não é a primeira vez que um vampiro e uma humana se casam em Morganville, e esse é o problema. — Ele era um menino alto — e estranhamente para um vampiro, ele era exatamente tão velho quanto ele parecia, ele tinha congelado perto dos dezoito anos. Era um pensamento estranho, mas Shane parecia um pouco mais velho agora do que quando Claire o conheceu, e Michael não. E nunca pareceria.

Ele se acomodou em sua cadeira habitual, aquela em que a sua guitarra estava deitada em sua case ao lado. Ele era como Eve; ele tinha que fazer algo com as suas mãos, e nesse caso, o seu padrão era o violão. Ele estendeu a mão para ele imediatamente, e começou a tocar suavemente acordes e notas, e a afinar as cordas enquanto tocava.

— E? — Shane disse, e sentou-se no braço do sofá ao lado de Claire. — Você não pode parar de falar assim, cara.

Michael olhou para ele, um flash de grandes olhos azuis, e em seguida, virou o seu olhar para uma distância média segura. A expressão de músico, Claire pensou, aquela que ele colocava como um escudo. Um lugar que ele não olhava para Eve. De jeito algum. E isso simplesmente não estava certo.

— Foi antes do meu tempo — ele disse. — Foi nos anos sessenta, eu acho, um vampiro chamado Pavel saiu com uma garota chamada Jenny, e acabou ficando sério. Eles se casaram.

Silêncio, exceto pelo sussurro constante e incansável dos seus dedos sobre as cordas da guitarra. Eve estava olhando para ele intensamente, e finalmente disse: — Você não me disse isso.

Isso o interrompeu do seu escudo por um segundo, e ele olhou para ela com um olhar gentil e de desculpas. — Desculpe — ele disse. — Eu estava tentando pensar em como dizer, porque não teve um final feliz.

— Eu não acho que teve — ela disse. Eve parecia muito estável, muito adulta. — Mas deve ter tido em algum lugar trágico de toda a história ao longo



do caminho. Você apenas tem que saber onde parar de contar a história para torná-la um final feliz.

— Bem, essa não teve nenhum meio final feliz, tampouco — Michael disse. — Eles estavam casados há cerca de um mês, e Pavel a matou. Ele não tinha a intenção de matá-la; ele apenas... não conseguiu lidar.

— Por quê? — Claire perguntou. Michael ergueu as sobrancelhas, apenas um tique, e tinha uma aparência muito estranha em seu rosto, como se ele estivesse tentando pensar como elaborar a sua resposta.

Finalmente, ele disse: — Ele não estava acostumado a estar perto de seres humanos em uma base diária. Principalmente não em torno de meninas.

— E ela o irritou? — Shane perguntou.

— Não exatamente, você realmente não quer saber.

— Sim — Shane disse, franzindo a testa. — Eu meio que quero.

Michael agora parecia realmente desconfortável. — Há momentos em que é difícil estar em torno de garotas quando você é um vampiro. Olha, não me faça falar em detalhes, ok?

— Eu não... — O rosto de Eve ficou em branco, e ela olhou para Claire. — Oh. Oh.

Claire deu de ombros, mistificada por apenas um segundo, e então ela entendeu também.

Uma vez por mês. E os vampiros podia sentir o cheiro de sangue.

Ela imaginou que a sua expressão parecia muito com a de Eve.

Shane lentamente sentou-se no sofá ao lado de Claire. — Isto é... epicamente nojento — Shane disse, — e eu não acho que eu nunca, nunca vou tirar isso da minha cabeça de novo, cara. Obrigado.

— Eu disse que você não queria saber — Michael disse. — De qualquer forma, Pavel não esperava isso, e ele perdeu o controle e a matou. Então a família dela foi atrás dele e o matou. Os vampiros prenderam o pai e o irmão dela e executaram eles; alguns disseram que nem mesmo foram eles que mataram. Isso tudo começou uma resistência humana subterrânea, e um grupo deles atacou os distritos de vampiros e tentou queimá-los. Pessoas e vampiros se machucaram; alguns foram mortos. Morganville se tornou um caos por um tempo. Foi feio.

Todos eles ficaram sentados em silêncio por alguns segundos e, em seguida, Eve disse: — E agora, o quê? Amelie tem medo que a nossa história termine da mesma maneira? E que ela tenha que limpar a bagunça?



— Eu não quero feri-la — Michael disse. Ele abaixou a cabeça enquanto falava, com foco em sua guitarra, mas agora ele olhou para cima e diretamente para ela com os olhos azuis claros e honestos. — Mas nós dois sabemos os riscos, Eve.

— Querido, não é a mesma coisa. Se você fosse enlouquecer, você já teria feito isso, você vive em uma casa com três batimentos cardíacos e duas meninas por quanto tempo até agora? Você não vai cometer um erro porque você já provou que sabe como lidar com isso. — Ela acenou para eles, toda a situação, tudo. — Você mesmo disse: Pavel quase nunca entrou em contato com um pulso. Ele foi inundado, muito em pouco tempo. Você já está acostumado com isso.

— E se eu não estiver? — ele perguntou suavemente. — Você realmente pensa no que poderia acontecer?

Ela deu uma respiração profunda. — Toda hora, Michael. Sou eu que estou arriscando a minha vida, afinal de contas.

Shane pigarreou. — Se vocês querem ter algum tipo de conversa séria, deixe-me dar o fora daqui.

— Não, você fica — Eve ordenou. — Todo mundo fica. Todo mundo precisa ouvir isso; certo, Michael? Se Amelie quiser descer da montanha e dizer a você para impedir o casamento, o que você vai fazer sobre isso?

Ele parecia — bem, não havia outra palavra para isso a não ser miserável. Ele olhou para baixo novamente, dedilhou alguns acordes, realmente acertou uma nota errada. Ela o viu recuar, e ele deliberadamente esperou alguns longos segundos antes de dizer: — Eu faria o que é certo.

— Isso não é uma resposta. — A voz de Eve tremeu um pouco dessa vez, e os seus punhos cerraram onde descansavam em seus colantes estampados com crânios. — Michael, você vai se casar comigo mesmo que Amelie diga para você não fazer isso?

— Eu não sei se eu posso — ele disse. — Amelie pode influenciar os outros vampiros, se ela quiser. Ela tem o poder de me obrigar a fazer o que ela quer.

— Michael!

— Eu estou te dizendo a verdade! — Ele gritou, e quase jogou a guitarra de volta a sua case, levantando-se com uma energia repentina. Seu rosto pálido estava levemente corado, e sua linguagem corporal ondulava com a tensão. Claire inconscientemente apertou-se de volta contra as almofadas, e sentiu Shane mudar o seu peso ao seu lado. Ela colocou a mão em seu joelho, e ele relaxou. Um pouco. — Droga, Eve, *eu estou tentando*. Você não entende? Não é



como se eu só pudesse fazer o que eu quero vinte e quatro horas por dia! Eu sou...

— Uma propriedade — Eve terminou por ele, e levantou-se para encará-lo. Seus punhos estavam cerrados ainda. — O cachorrinho de Amelie. E ela pode fazê-lo rolar, é isso? Você não vai enfrentá-la, nem mesmo por mim?

— Eve...

— Não. Não, eu entendo. — Ela estava engolindo em respirações profundas agora, e seus olhos brilhavam, mas ela não estava chorando. Ainda não. — Você ainda quer se casar comigo, de verdade?

— Deus — Michael sussurrou. Ele se adiantou e colocou os braços ao redor dela, um movimento quase desesperado e súbito, e ela era como uma estátua em seus braços, dura com surpresa. — Deus, Eve, sim. Eu quero te fazer feliz. Eu quero tanto.

Ela ficou mole contra ele, se segurando e descansou a testa contra o seu ombro. — Então lute por nós — ela sussurrou. — Por favor.

— Se eu lutar com Amelie, eu vou perder.

— Então você perde lutando, seu idiota!

Ele beijou o topo de sua cabeça. — Eu vou. — Ele apoiou o queixo lá onde ele tinha beijado, e Claire percebeu que ele estava olhando para Shane. Ela olhou para cima e viu Shane olhar de volta. Seja qual for a comunicação que estava acontecendo lá, ela não tinha o manual para identificar. O rosto de Shane estava em branco, sua linguagem corporal tensa.

Depois de um segundo, ele se levantou e caminhou para fora da sala para a cozinha. Claire colocou o resto de seu cachorro quente em sua boca e seguiu-o.

Shane continuou andando, à direita para a porta de trás, abriu-a e saiu. Claire mastigou rápido, engoliu em seco e se lançou atrás dele antes da porta de tela bater fechada. Ela pulou para baixo os degraus de concreto e chegou até Shane assim que ele sentou-se sob a sombra da árvore inclinada confusamente ao lado da garagem de madeira.

— O que foi aquele olhar?

Shane tirou um pacote de pastilhas de hortelã e pegou duas, em seguida, entregou a ela. Ela pegou uma. — Você sabe o que era.

— Realmente não sei.

— Se você não sabe, você não quer saber, confie em mim.

— Ele não pode ter sido tão ruim quanto a história de Pavel.



Ele suspirou. — É só que eu não vou ficar lá enquanto ele mente para ela. Eu estou tentando não ser violento e essas merdas. E eu quero dar um soco nele, e ele sabe disso, e é melhor eu ficar aqui fora agora antes que eu me recomponha.

Uau. Isso era muita comunicação acontecendo em um olhar com o prazo de dez segundo. Por mais que os caras não falem; eles fazem isso do seu jeito, muito diferente. — Espere... Ele estava mentindo?

— Eu não estou dizendo que ele não a ama. Ele ama. Mas... — Shane ficou em silêncio por um momento. — Mas há algo mais também. — Ele deu de ombros. — Olha, é entre eles, ok? Temos que deixá-los resolver isso.

— Não, não é entre eles, ela é a minha melhor amiga! Eu não posso deixá-la caminhar para isso se ele não quer de verdade!

— Ela sabe — Shane disse. — As meninas sabem, lá no fundo.

Ela sabia, Claire percebeu. Eve tinha estado focada em todas as coisas, os planos da festa, os convites, tudo isso em vez de enfrentar os seus próprios medos. Ela já sabia que algo estava errado, e ela não sabia como corrigi-lo. — Bem, ela não pode ignorar isso. Ela só não pode.

— Espere aí, meia hora atrás você estava dizendo que os vampiros não podiam separar o amor verdadeiro.

— Se for. Mas e se não for, Shane? E se eles estiverem cometendo algum erro terrível e ambos estão com medo de admitir isso?

Ele colocou o braço em volta dos ombros dela, e ela se inclinou contra ele, virando o rosto para enterrá-lo no tecido pesado de seu casaco jeans azul. Estava frio aqui fora, mesmo sob o sol, e ela estava agradecida pelo calor do seu corpo. A sensação de seus dedos acariciando o seu cabelo fez alguma parte tensa e ansiosa dela relaxar lentamente por dentro. — Você não pode consertar tudo — ele disse a ela. — Às vezes você apenas tem que deixar consertar sozinho ou destruir sozinho.

— Foi Gloriana? — ela perguntou. Sua voz estava abafada, mas ela sabia que ele podia ouvir e entender. — Você acha que ela fez algo com Michael?

Ao som do nome da vampira, os músculos de Shane se apertaram, então deliberadamente se soltaram; não foi uma encolhida, mas definitivamente estava perto. Gloriana tinha sido uma bruxa (bela) horrível, manipuladora e enganosa, uma vampira que queria... bem, brinquedos humanos. Ela definitivamente tinha encantado Shane, que tinha se tornado o seu soldado de brinquedo; ela havia seduzido a parte dele que gostava de lutar.



Ela tinha tratado Michael de forma diferente. Ainda um brinquedo, mas um tipo completamente diferente.

— Talvez ela tenha conseguido encantar ele — Shane admitiu calmamente.
— Sim, pelo menos um pouco. Ela poderia fazer isso, fazer com que você sentisse qualquer coisa que ela quisesse. É difícil lidar com isso, mas, pelo menos, Glory se foi de uma forma sem volta. Eve ainda está aqui.

— Isso é suficiente?

Ele não respondeu a ela, e Claire pensou, miseravelmente, que realmente não havia resposta, nenhuma que os dois pudessem ter, pelo menos. Ele estava certo.

Era o noivado de Eve e Michael, e o problema de Eve e Michael.

Se eles pudessem admitir que realmente tinham um.



Ficou mais escuro, e o vento ficou mais frio, e, eventualmente, nem mesmo o calor do corpo de Shane podia manter Claire longe de congelar, então eles voltaram para dentro. Estava tranquilo, mas não silencioso; enquanto Claire se servia de um copo de água e pegava uma maçã da cesta em cima da mesa, ouviu o rangido de passos sobre sua cabeça. Tinha que ser Eve, porquê da sala de estar derivava o som calmo e meditativo da guitarra de Michael. *Falando sobre “Quando a Minha Guitarra Gentilmente Chora”* Claire pensou. Era a coisa mais triste que ela já tinha ouvido.

Shane deu-lhe um beijo rápido, doce e entrou na sala de estar. Ela ficou onde estava, comendo a maçã dela, ouvindo o silêncio embaixo do zumbido de suas vozes sobre a música (Michael ainda estava tocando), e se perguntou se ela deveria ir lá para cima e ver se Eve queria desabafar. Era dever de uma amiga, certo? Mas Claire sentia raiva de Michael agora, e ela não tinha certeza de que não iria se enfurecer e complicar tudo ainda mais.

Ela foi até a porta da cozinha e a abriu. Shane estaria chutando o traseiro de Michael, pelo menos verbalmente; ela sabia disso.

Mas ele não estava. Eles não estavam falando sobre Eve ou a festa de noivado.

Michael estava dizendo: — ... para com isso, cara. Se você quiser voltar para onde nós estávamos, você tem que deixar isso pra lá.

Houve um curto silêncio, e então Shane disse: — Eu magoei Claire. Inferno, cara, eu te magoei. Eu queria matar todos os malditos vampiros do



mundo, inclusive você, sozinho. — Ele parou por um segundo, e então disse, muito suavemente: — Eu estava como o meu pai, só que com esteroides, e me senti bem. Eu não tenho certeza de que vá embora, Mike. Esse é o meu problema. Se no fundo eu sou um idiota violento e abusivo como o meu velho, como exatamente eu finjo que eu não sei disso?

— Você não é ele. — Michael continuou a tocar, uma melodia lenta e suave, e a sua voz era baixa e profunda. — Nunca foi, e nunca será. Você só insiste nisso. — Ele fez uma pausa de um segundo, e Claire ouviu quase um sorriso em sua voz. — Você ainda quer me matar?

— Às vezes, sim. — Shane, por outro lado, parecia completamente sério. — Eu te amo, cara, mas... é preciso tempo para todas as coisas irem embora. Eu não quero sentir isso.

— Eu sei, cabeça de merda.

— Se você quebrar o coração de Eve, eu vou te matar.

Michael parou de tocar. — É complicado.

— Não, não é. Pare de fazer merda e se comprometa.

— Ah, então agora você está me dando conselhos sobre relacionamentos? Você não consegue se comprometer a um contrato de celular, me deixe em paz...

— Eu estou comprometido — Shane interrompeu. — A ela. Você sabe que eu estou.

— Sim — Michael disse. — Sim eu sei disso. E você sabe que se você estragar tudo com Claire, eu vou cortar a sua garganta e eu vou beber você como uma caixa de suco, então você tem algum incentivo.

Shane riu. — Você sabe o quê? Eu aceito isso, você tem permissão. E você sabe como eu me sinto sobre isso tudo de me beber e essas coisas.

Foi um momento agradável — e um dos melhores que ela tinha ouvido entre eles há algum tempo — e então tudo se desfez porque houve uma batida na porta dos fundos, e Claire foi atendê-la, e de pé sobre os degraus estava um vampiro. Do sexo feminino, usando uma jaqueta preta com um capuz e luvas, muito chique, mas também muito bloqueador de sol. Claire não podia realmente analisá-la por baixo dos óculos escuros gigantes e as vestes sufocantes, então ela disse: — Posso ajudá-la?

— É Claire, não é? Olá. Você provavelmente não se lembra de mim — a mulher disse. Ela sorriu, um pouco hesitante. — Meu nome é Noemi. Eu a conheci no dia em que você nos libertou do confinamento das prisões da cidade.



Por alguns segundos, Claire não sabia do que ela estava falando, porque isso tinha acontecido há muito tempo. Quando ela se lembrou, ela piscou e involuntariamente recuou.

Logo quando ela chegou em Morganville, os vampiros tinham estado escondendo um segredo: eles estavam doentes, e ficando mais doente ainda. Essa doença levava primeiro ao esquecimento, em seguida, a agir desorientadamente, em seguida, a violência gratuita... e, finalmente, a uma imóvel catatonia. O início variava de um vampiro para o outro; alguns eram perigosamente incontrolláveis em semanas, e outros deslizavam lentamente, dia a dia, ano a ano, para o inevitável.

Naomi esteve em uma das prisões — uma das vampiras mais violentas, confinada pela segurança de todos. Quando a cura tinha sido distribuída, esses vampiros tinham ficado melhores, e voltaram a suas vidas normais — normais para Morganville. Ela agradeceu a Claire, na época, e parecia legal o suficiente para uma inquietante Vampira com um V maiúsculo.

Noemi entendeu o silêncio como um convite, e passou por cima do limiar para a cozinha, suspirando de alívio. — Obrigada — ela disse. — Eu infelizmente não aguento o sol quanto eu deveria. Mesmo na minha idade, é preciso construir uma tolerância, mas eu não sou boa em me forçar a fazer coisas desagradáveis. — Ela tirou os óculos glamorosos e empurrou o capuz para trás, e o seu rosto finalmente se encaixou com perfeição para Claire. Cabelo loiro longo e brilhante, bonita, jovem. Ela parecia um pouco com a tão odiada Gloriana, a quem Claire e Shane tinham começado mutuamente a odiar, mas Naomi era uma pessoa muito diferente, e um tipo muito diferente de vampira, pelo menos pelo que Claire lembrava.

Ela sorriu educadamente para Claire e estendeu a mão delgada. Claire pegou-a e balançou. Naomi estava fria e forte.

— Uh... é bom ver você — Claire disse, que era meio que mentira, porque era inquietante ver qualquer vampiro aparecer em sua porta dos fundos. — O que eu posso fazer por você?

— Podemos nos sentar? — Naomi indicou a mesa da cozinha com um gesto muito elegante, e Claire não conseguia afastar a ideia de que essa garota — não muito mais velha do que ela fisicamente — tinha crescido em uma época em que a elegância e maneiras perfeitas eram ferramentas de sobrevivência, especialmente para as meninas. Especialmente para as meninas da realeza.

— Claro — Claire disse de imediato, marcando-se como parte da ralé, definitivamente não era digna de trono, mas ela tentou sentar-se com pelo



menos um pouco de graça. — Posso lhe oferecer alguma coisa? — Eles tinham um pouco extra do tipo A na geladeira, não que fosse de Claire para ela sair oferecendo, mas ela achava que Michael não se importaria. Mas por outro lado, parecia estranho oferecer sangue como se fosse uma xícara de chá. Havia limites para ser social.

— Eu agradeço a você, é muito generoso da sua parte, mas não, eu não estou com fome — Naomi disse. A maneira como ela estava sentada, encostada ereta e ainda de alguma forma perfeitamente à vontade, fez Claire se sentir suada e curvada. — Eu estou muito contente de vê-la novamente. Disseram-me que você está indo muito bem em seus estudos. — Seu sorriso educado aprofundou um pouco, trazendo encantadoras covinhas pequenas. — E isso me fez parecer com uma tia solteirona e velha. Desculpe. Isso é estranho, não é?

— Um pouco — Claire disse, e não pôde deixar de sorrir de volta. Naomi parecia uma pessoa de verdade para ela, alguém que tinha vivido uma vida de verdade, e ainda se lembrava de como era ter sentimentos humanos. — As coisas estão indo bem; obrigada por perguntar. E você, como está a sua irmã? — Ela lutou para se lembrar do nome, algum tipo de flor... — Violet?

— Estou feliz que você se lembra. Violet está bem. Ela tomou as oportunidades que Morganville ofereceu com uma quantidade alarmante de entusiasmo. Ela está pintando agora. — Naomi revirou os olhos. — Ela não é muito boa, mas ela é muito determinada. Sempre a incomodou quando éramos crianças que ela fosse proibida de fazer qualquer coisa, além de aquarelas típicas de damas. Toda vez que eu a vejo nos dias de hoje parece que ela caiu de cara em uma paleta de pintura.

— Quando nos encontramos antes, você disse, eu acho que você disse que vocês eram irmãs de Amelie? — O que significava que elas eram irmãs da vampira Fundadora da cidade, Amelie, a toda-poderosa. Claire, ao olhar para Naomi, podia acreditar; havia algo na forma que ela segurava a cabeça, a postura, até mesmo o cabelo brilhante e pálido.

Então, ela ficou um pouco surpresa quando Naomi balançou a cabeça. — Oh, não, não somos irmãs no sentido de que nós nascemos na mesma família — ela disse. — Irmãs em nosso segundo nascimento. Nós duas somos da mesma geração que foi transformada pelo Bishop, e não foi muito de nós que sobrou, portanto, por tradição olhamos uns para os outros como família. Violet é a minha verdadeira irmã da minha vida mortal. Amelie é a nossa irmã da vida imortal. Eu sei que é um pouco confuso.



— Oh. — Claire não entendia muito sobre o conceito de família dos vampiros... Aparentemente eles levavam em consideração quem tinha os transformado em vampiros em primeiro lugar, então Bishop tinha um monte de crianças, alguns dos quais eram os que Claire considerava bons — como Amelie — e a maioria dos quais definitivamente não eram. Isso importava, mas Claire não tinha certeza do quanto ou como isso se classificava em relação a um relacionamento com a família humana. Não o suficiente para impedi-los de vez em quando de matar uns aos outros, mas por outro lado, o mesmo poderia ser dito para os irmãos de nascença. — Eu só queria saber.

— Na época em que eu conheci você, eu não estava acostumada a falar com os mortais. Tinha feito muito tempo, e nós ainda... não estávamos tão bem como deveríamos ter estado. Mas estamos muito melhores agora. — Naomi mostrou um sorriso cheio, e era apenas um pouquinho inquietante. *Que dentes grandes você tem*, Claire pensou. Não que Naomi tivesse feito nada de errado, nem um pouco. Ela nem sequer mostrou uma ponta de presas. — Então, é claro, primeiro eu quero pedir desculpas por qualquer incômodo possível que eu possa ter causado durante o nosso primeiro encontro. Nada foi intencional, acredite em mim.

Isso foi, em termos do que tinha acontecido na vida de Claire, há muito tempo, e lhe pareceu estranhamente engraçado. Ela tentou não deixar transparecer. — Não, de verdade, está tudo bem. Eu estou bem.

— Ah, você me deixa aliviada. — Naomi se acomodou em sua cadeira, como se ela realmente estivesse aliviada, o que Claire duvidava. — Agora que eu estou tranquilizada quanto a esse motivo, eu posso prosseguir para o segundo. Eu vim por causa da chamada do meu mais novo parente.

Mais uma vez, Claire não entendeu. — Hum... Como é?

— Michael — Naomi disse. Havia algo que se tornou caloroso e ainda doce em sua voz quando ela mencionou o nome de Michael, e isso não era uma coisa de vampiro... Isso era algo que Claire entendia completamente. — Eu senti falta dele.

Isso era puramente uma reação de uma garota-apreciando-um-garoto.

E assim, tudo ficou muito claro para Claire. Havia, afinal, um vampiro oculto entre o que estava acontecendo com Eve e Michael... Ele devia estar vendo *Naomi*. Escondido. Sem dizer nada a ninguém, ou pelo menos não discutiu sobre isso na frente de Claire e Shane, e Claire tinha certeza que Eve não teria dito apenas *Oh, tudo bem* sobre isso se ela realmente soubesse.



A razão loira para o comportamento errático de Michael estava *sentada do outro lado da mesa e sorrindo para ela*.

Claire se levantou em um movimento apressado. — Eu vou buscá-lo — ela disse. Ela sabia que soava rude, e viu surpresa no rosto de Naomi, mas ela não se importava, nem um pouco. — Fique aqui. — E isso foi, provavelmente, ainda mais rude, que alguém com sangue da realeza tenha sido obrigada a ficar na cozinha como empregada. *Bom*.

Claire irrompeu pela porta da cozinha. Ela deve ter interrompido alguma conversa intensa de caras, porque tanto Michael quanto Shane pararam de falar e endireitaram-se da forma como as pessoas faziam quando se sentiam culpadas. Michael silenciou suas cordas da guitarra com a palma da mão.

— Você tem uma visitante — Claire disse. Ela cuspiu as palavras para fora indiferentemente e severamente diretamente para Michael, e ela pensou que ele deve ter sido capaz de ouvir o quão rápido o seu coração estava batendo. Talvez seu rosto estivesse vermelho. Deveria ter estado; ela o sentia quente. — É Naomi.

Se ela tivesse alguma dúvida sobre ele, a visão do seu rosto quando ela disse o nome teria dissipado. Essa era a expressão mais chocada de pego em fragrante que ela já tinha visto, e Deus, naquele momento ela o odiava.

Shane olhou para o seu melhor amigo, mas na hora que ele fez, Michael tinha conseguido tirar toda a culpa da sua expressão e apenas parecer curioso. — Oh — ele disse, e levantou-se, inclinando a sua guitarra contra o braço da cadeira. Ele parecia não ser apenas cuidadoso, mas muito cuidadoso, como se ele estivesse com medo de ser visto correndo. Como se ele sentisse que tinha de abrandar e ter certeza de que não cometeu erros. — É claro. Obrigado, Claire.

Ela olhou para ele, e evitou-o quando ele passou por ela para a cozinha. Ela foi direto para os degraus, preparada para correr por todo o caminho para cima, mas a voz de Shane a parou. — Ei — ele disse, falando baixo. — O que diabos foi isso?

— Pergunte *você*. Você está sempre me dizendo para não tentar analisar — ela disse, e subiu, perguntando-se se deveria dizer a Eve, perguntando-se se isso levaria ao apocalipse final da Glass House. Ela não o fez, só porque ela ouviu o chuveiro ligado. Eve tendia a tomar banho quando ela estava infeliz. Não haveria água quente para ninguém, e não por um tempo.



Claire passou direto pelo banheiro, fechou e trancou a sua porta, colocou os fones de ouvidos e bloqueou o mundo com a música mais alta e triste que ela podia suportar.

Oh, Michael, como você pôde?

Se saber disso a magoava, o quão terrível seria para Eve?



CAPÍTULO 2

CLAIRE

Claire esperava uma explosão — diariamente — da relação Michael/Eve; Eve não mencionou Naomi, e nem Michael, e a tensão se manteve girando dentro de Claire como ligas de borracha sendo torcidas.

Shane não disse muito sobre a visita de Naomi, tampouco, embora Claire sabia que o perturbou. Quando Claire tinha tentado falar sobre isso, ele tinha voltado ao seu velho refrão. *Pergunte a Michael*. Sim, certo, como se ela fosse enfrentá-lo e perguntar, quando ela já sabia.

Ele também disse *fique fora disso*. E esse foi provavelmente um bom conselho. Mas Claire não podia apenas ver isso tudo caminhando para o precipício e nem, pelo menos, tentar contornar. Isso podia ser errado, podia ser confuso, louco e uma ideia muito ruim, mas ela tinha que fazer isso.

Então ela levou Eve para tomar vaca-preta na Marjo's Diner, o que Eve alegremente aceitou, porque lá havia as melhores vacas-pretas disponíveis conhecidas no universo, e Eve nunca recusava algo a base de sorvete. Era, Claire pensou, uma coisa boa Eve ter tanta energia nervosa, com todo aquele desejo de açúcar.

Enquanto ela pegava com a colher aquela delícia, Eve não largava o celular. Ela estava percorrendo sua lista de afazeres, sacudindo a cabeça. — Você não vai *acreditar* em quantas coisas tem — ela disse a Claire. — Quero dizer, eu venho fazendo isso há semanas, e esta lista nunca fica menor! É insano. E eu só tenho dois dias restantes. Oh! Preciso marcar uma depilação com cera.

— Eu realmente não preciso saber disso — Claire suspirou. Eve jogou-lhe uma piscadela e sorveu a sobremesa. — Uh... eu tenho algo que eu preciso te dizer.

Os olhos do Eve se arregalaram, e ela colocou tanto a colher como o celular para baixo. — É Shane, não é? Shane sempre se mete em algum tipo de problema maluco. Que vampiro ele...



— Não, não é Shane. — Apesar de Claire honestamente não poder culpá-la por saltar a essa conclusão; Shane era propenso a problemas, não havia dúvidas sobre isso. — É sobre Michael.

Eve sorriu, mas pareceu maníaco e errado. Ela estava usando um tom absolutamente incrível de batom magenta e sua sombra de olho correspondida. Naquela mesa desgastada de fórmica do último século e de cromo enferrujado da lanchonete, ela parecia uma flor mortal e exótica, algo importado de um lugar que nunca tinha visto o dia. Bonita, mas intimidante. E estranha. — Bem, pelo menos eu sei que *Michael* não está na cadeia. Por outro lado, Shane simplesmente ama a prisão. Talvez seja a comida ou algo assim. — Mas houve um lampejo de desespero nos olhos dela. Ela não queria falar sobre Michael. De modo nenhum.

Claire sentiu como se algo estivesse pressionando em seu peito, dirigindo todo o ar para fora dela. — Eu não estou brincando — ela disse. — Você precisa ouvir isso, Eve. Sobre Michael. — Doeu dizer isso, *doeu* fisicamente, e ela sentiu as lágrimas em seus olhos formigarem. Ela piscou-as para longe rapidamente. — Acho que ele está saindo com outra garota.

Eve tinha pego a colher, e agora ela estava sentada lá, perfeitamente imóvel, olhando fixamente. Ela inclinou a cabeça de cabelos negros brilhantes lentamente para o lado, como se estivesse tentando decifrar o que Claire tinha acabado de dizer. — Outra garota — ela disse. — O que você quer dizer com outra garota?

— Uma vampira — Claire disse. — Naomi. Ela veio para a casa. Eu a vi. Eu falei com ela. Ela perguntou por Michael.

Eve se encolheu, como se Claire tivesse se esticado através da mesa e dado um tapa nela, e, em seguida, disse: — Mas... eu tenho certeza de que ela é apenas...

— Apenas uma amiga? — Claire disse quando Eve não conseguiu finalizar. Ela sentiu como se seu coração estivesse se partindo. Ela podia ver o pânico e o horror no rosto de Eve, e de um modo desajeitado, Eve pôs a colher para baixo. Ela apertou as mãos e começou a torcer seu anel de noivado... — Talvez. Eu acho que é possível, mas você deve falar com ele, Eve. Você deve perguntar. Eu não acho que ele queria que você soubesse sobre isso. Ele não disse a você, não é?

Eve balançou a cabeça e olhou para a sua vaca-preta, que estava derretendo lentamente. — Ele deve ter esquecido de mencionar isso — ela disse, mas não havia qualquer condenação em sua voz. — Ela foi em casa?

— Dois dias atrás... lembra quando eu fui com Shane para doar sangue? Ela apareceu depois que você foi lá para cima. Eu atendi a porta.



Desta vez, foi *definitivamente* um encolhimento, e Eve olhou para cima. Seus olhos estavam arregalados e feridos. — Ele... ele subiu ao andar superior mais tarde. Nós fizemos as pazes. Ele foi... — Ela torceu o anel de novo, sem descanso. — Ele estava tão arrependido por ter me aborrecido.

— Oh — Claire disse suavemente. — E ele não mencionou ela.

— Não. De jeito *nenhum* — Eve admitiu. De repente, ela atirou a mão sobre a mesa, e Claire agarrou-a e segurou, como se estivesse puxando Eve de um penhasco. — Oh, Deus. Eu sei que Gloriana tinha mexido com sua cabeça, mas eu pensei... pensei que como ela se foi...

— Eu sei. Mas, Eve, eu *sei* que ele te ama. Eu só não sei...

— Se ele me ama o suficiente? — Eve riu, trêmula, e pegou um guardanapo para enxugar cuidadosamente os olhos, deixando manchas pretas molhadas de rímel no papel. — Sim, se junte ao clube. Bem, o que você acha?

— Não é realmente o que eu acho... e sim o que *você* acha.

Eve fungou e limpou o nariz. — Isso está arruinando a minha maquiagem; você sabe disso.

— Você pode me culpar se você quiser.

— Não. Não, eu não posso. — Eve suspirou e olhou para cima, tentando dar um sorriso, mas falhando. — Eu sabia que ele não estava totalmente confortável com isso, sabe? Que ele continuava preocupado, pensando e se preocupando... e eu estava apenas esperando que ele parasse, que ele se acovardasse¹, o que é bastante estúpido, porque ele é um vampiro e, você sabe, ele é frio em geral, mas, eu pensei que ele iria superar isso. Só que a coisa ficou pior.

— E ele não disse a você sobre essa garota.

— Aparentemente. — Desta vez, Eve explodiu em lágrimas, e cobriu o rosto com o guardanapo. Ela teve que usar as duas mãos, e Claire ficou sentada sem poder fazer nada, desejando que ela pudesse fazer alguma coisa, enquanto Eve chorava como uma menina. Ela finalmente se levantou e deslizou para o lado de Eve da cabine e colocou os braços ao redor dela.

Se a maquiagem tinha estado extrema antes, estava ultra-gótica agora, com as linhas de lágrimas com rímel e manchas. Eve começou a limpá-la, pegando mais e mais guardanapos.

Marjo passou por ali, deu uma olhada nas duas, balançou a cabeça e pegou as sobremesas. Ela as levou e trouxe de volta uma pilha de guardanapos e um copo de água. — Limpe isso — ela disse. — Você parece um palhaço triste. É ruim para o meu negócio.

¹ **Cold Feet** (Acovardar): A Eve diz na frase que o Michael é frio por ser um vampiro, e isso é usado como um trocadilho para "cold feet" que significa pés frios ao pé da letra, mas na frase significa acovardar.



Para Marjo, isso era ser preocupada e sensível. Além disso, ela trouxe copos novos de sorvete, de graça.

Eve esfregou a maior parte da sua maquiagem, deixando-se parecendo delicada, sofrida e muito jovem, e sugou um suspiro profundo e disse: — Eu estou bem agora. Aqui, tome o seu sorvete. Nunca haverá um momento melhor, confie em mim.

As duas tomaram, mas Claire se perguntou se Eve realmente degustou o dela realmente. Ela continuou soluçando e soluçando. — O que você vai fazer? — ela perguntou a Eve, finalmente, e sua melhor amiga deu de ombros, sem encontrar os seus olhos.

— Bem, apenas fingir que tudo é cor de rosa não tem sido a melhor ideia — ela disse. — Eu poderia dar uma de rainha do drama e gritar, chorar e jogar coisas nele, eu acho. Eu faria isso, há um ano. Mas agora... agora eu acho que vou apenas... falar com ele. Quer dizer, eu não quero fazer isso. Vai doer. Mas talvez seja a melhor coisa para nós dois se nós nos abrirmos e...

Ela continuou a falar, e Claire estava escutando, *realmente*, mas a porta para a lanchonete se abriu atrás de Eve, um homem entrou, e uma sensação antinatural e estranha atingiu Claire, como se uma onda de névoa tivesse deslizado sobre ela. Ela piscou e focou nele, tentando descobrir por que ela tinha tido essa reação — estava frio lá fora? Chovendo? Não, estava do mesmo jeito que tinha estado, o inverno quente, ensolarado e seco.

Estranho.

O recém-chegado não era lá grande coisa para realmente ser notado... tinha peso médio, estatura mediana, cabelos loiros claros. Ele estava virado parcialmente para ela, e por esse ângulo não havia nada para distingui-lo de um milhão de outros caras.

Então ele se virou para olhar em sua direção, e por um segundo Claire viu... *algo*. Um lampejo, uma imagem, uma visão. Foi muito rápido para que ela realmente pudesse processar, e ela poderia facilmente ter apenas imaginado, porque não havia nada de anormal sobre esse cara. Ele tinha também feições regulares e olhos que a esta distância pareciam meio azuis.

Ele enfiou as mãos nos bolsos do casaco e passou por elas para ir ao balcão e, em seguida, sem dizer uma palavra, foi embora, onde ele caminhou ao virar a esquina e desapareceu.

Claire virou-se para vê-lo ir.

— Ei — Eve disse. — Você está comigo? Porque eu estou meio que no meio de uma crise, aqui. — Ela parecia irritada, e Claire não a culpava. Ela não tinha ideia de porquê ela estava tão distraída. Não havia qualquer razão, nenhuma.



— Sinto muito — ela disse. — Eu apenas pensei que eu o conhecia, eu acho. — Ela não o conhecia, mas ele parecia *errado* de alguma forma. Como se ele não pertencesse aqui.

— Quem? — Eve se virou. — Eu não vi ninguém.

Claire olhou para o estacionamento. Não havia nada lá — nenhuma placa de carros de fora do estado, com certeza. — Ninguém, eu acho. Talvez ele esteja apenas de passagem — ela disse.

— Eu queria que eu estivesse — Eve suspirou. — Qualquer outro lugar é melhor agora, incluindo poços de lava. Você está pronta para ir?

— Eu... Sim, acho que sim. — Claire cavou dinheiro do bolso e pagou por ambas, sob os protestos irresolutos de Eve; Claire tinha um salário (pensão?) do Escritório da Fundadora por seu trabalho com Myrnin, e sua conta bancária tinha crescido para impressionantes números de quatro dígitos recentemente. Ela não sabia bem o que fazer com todo o dinheiro, mas gastá-lo com uma melhor amiga deprimida parecia ser uma boa opção. — Casa?

— Existe uma segunda escolha?

— Bem, nós poderíamos ir trabalhar em sua lista de compras.

— Isso parece muito estúpido, considerando tudo.

Claire teve que concordar com isso.

Enquanto caminhavam para fora da lanchonete, ela olhou para trás e viu que o homem anônimo agora estava de volta na lanchonete. Ele estava sentado em uma mesa, com as mãos juntas, e estava observando elas enquanto eles caminhavam para o grande carro fúnebre preto de Eve.

A sensação de frio enevoadado veio até ela novamente, e Claire estremeceu.



Shane estava do lado de fora, no quintal, encostado na única árvore áspera despojada pelo inverno, quando Eve parou no meio-fio. Ele estava com as mãos nos bolsos das calças de brim, e seu cabelo castanho ondulava na brisa como se mãos invisíveis atravessassem ele penteando-o. Ele estava olhando para a porta da frente, e se ele não fosse cuidadoso, ele a incendiaria pelo poder concentrado daquele olhar.

Claire saltou e correu até ele, já ansiosa, com Eve logo atrás. — O que foi? — ela perguntou. — O que há de errado?

Shane empurrou o queixo para a casa. — Ele está lá — ele disse. — Com ela.

— Quem? — Eve perguntou, mas souou como se ela já soubesse.

— Você contou a ela? — Shane perguntou a Claire. Ela assentiu com a cabeça. — A loira. Naomi. Ela apareceu; ele me disse para sair. Eu saí.



Eve respirou fundo e subiu os degraus — nem correndo, nem chorando. Ela parecia muito calma e segura de si.

Claire e Shane trocaram um olhar, e Shane disse: — Isso não pode ser bom — e eles correram atrás dela, para dentro da casa.

Eles a encontraram quase imediatamente de pé na sala da frente da casa, a que nenhum deles jamais usava; era uma espécie de sala abafada, com móveis que sobraram dos dias da televisão preto e branco, se não forem mais antigos. Mas esse era o lugar onde Michael estava, sentado no sofá duro, com uma xícara de porcelana de algo que provavelmente não era chá pousado na frente dele.

E havia Naomi, sentada no sofá ao lado dele, com sua própria xícara combinando.

A vampira estava sentada em um ângulo elegante, com os joelhos juntos, como se ela usasse um vestido bonito em vez de jeans skinny e uma blusa colada que Claire lamentavelmente meio que gostou. O queixo de Naomi estava levantado e seu olhar estava nivelado com o de Eve. Ela não parecia culpada. Ela parecia um pouco desafiadora.

Michael, por outro lado, parecia profundamente desconfortável. — Eve — ele estava dizendo, — isso não é...

— O que parece? — ela terminou para ele, muito calmamente. — Oh, eu tenho certeza que não. — Eve deu um passo adiante, estendendo a mão. — Eu não acho que nós fomos apresentadas.

As sobrancelhas de Naomi subiram, apenas um pouco, mas ela levantou-se graciosamente e apertou a mão de Eve, fazendo com que parecesse como se ela fosse uma dignitária estrangeira realizando algum costume estrangeiro por uma questão de diplomacia. — Eu sou Naomi de la Tour. Você deve ser Eve Rosser. Claro, eu te vi pela cidade.

Eve olhou diretamente em seu rosto. — Desculpe, não posso dizer o mesmo. Eu não conheço você, e eu não aprecio que você esteja aqui.

Naomi realmente *corou*, ou, pelo menos, houve uma pitada de cor em suas bochechas. — Eu ainda estou me acostumando com a companhia humana — ela disse. — E eu sinto muito se eu pareci rude com você. Não tive a intenção de ser.

— Eve... — Michael disse. Ela lançou-lhe um olhar, e ele se recostou no sofá. Pego em flagrante.

— Talvez devêssemos falar sobre o que você pretende — Eve disse, e puxou uma cadeira de encosto reto, onde ela se sentou com as pernas abertas, mostrando tanto quanto possível a diferença entre ela e a presença tão-elegante de Naomi. Ela olhou por cima do ombro para Shane e Claire. — Fora. Isso pode ficar confuso.



— Você tem certeza de que você não quer reforço? — Shane perguntou.

Michael franziu a testa. — Contra *quem*, exatamente? Contra mim? Qual é, cara.

— Pensando bem — Eve disse, — talvez eles devessem ficar. Você tem algum motivo para eles não ficarem, Michael?

— Eve, não faça isso.

Ela sorriu, mas não era uma espécie de expressão feliz. — Há quanto tempo isso vem acontecendo?

Michael não disse nada. Naomi, por outro lado, inclinou-se e disse, muito sinceramente: — Tenho vindo aqui por quase dois meses.

— Sério.

Michael fechou os olhos e esfregou as têmporas, como se ele tivesse uma dor de cabeça monstruosa. — Eve, você não...

— Entendo? Eu tenho certeza que eu não entendo. Por que você não me contou? Porque encontrar você confortável com uma bebedora de sangue atraente no sofá *dois dias antes da nossa festa de noivado* não dá a mensagem errada de maneira nenhuma.

— Eu não estou confortável com ela!

Naomi riu, só um pouco. — Na verdade, ele não está — ela disse. — Se eu puder explicar...?

— Faça a sua melhor tentativa — Eve disse. Os músculos de sua mandíbula estavam apertados, e ela agarrou a parte de trás da cadeira onde ela estava sentada com tanta força que Claire pensou que ela poderia quebrá-la, em seguida estacar alguém com ela.

— Como eu tenho certeza que você está ciente, há descontentamento entre alguns dos vampiros com a ideia de você e Michael se casarem — Naomi disse. — Há uma razão para isso.

Eve olhou para ela em silêncio absoluto. Naomi esperou por um comentário, mas não veio nenhum.

— E não é só isso — a menina continuou, — eu sei que a sociedade humana não é a mesma que era quando estávamos... no meio deles, mas para os nossos padrões imortais um casamento é uma aliança, e você, querida Eve, está aliando-se com o descendente de uma linhagem antiga e importante. Há muitos que acreditam que ao se casar com você, Michael lhe confere uma grande quantidade de... poder. Poder implícito, se não real. Dar isso a uma humana é... controverso.

— Ah, então você está apenas nos dando *conselhos*. Entendi. Legal da parte de vocês dois me envolverem na discussão tão completamente... Oh, espera.

— Você acha que eu estou mentindo sobre a minha presença aqui? — As sobrancelhas perfeitas de Naomi levantaram em descrença. — Não pense isso;



eu imploro a você. Na verdade, eu tenho agido como advogada de Michael. Advogada de *vocês* — Naomi disse. — Eu tenho prestígio na comunidade de vampiros, e eu tenho atuado como pacificadora, para permitir que seu casamento siga em frente, se você ainda desejar isso. Eu vim aqui para dizer a Michael que eu acredito que a minha irmã de sangue, Amelie, foi persuadida a dar a sua bênção à união.

Claire limpou a garganta. — Oliver apenas nos disse que não havia nenhuma maneira de ele permitir que isso aconteça.

— Oliver é o meu adversário mais difícil — Naomi disse. — E ele é persuasivo, devo admitir. Eu passei muitas horas tentando convencê-lo da justiça da minha causa, sem nenhum efeito. Eu finalmente decidi ir diretamente para a minha irmã de sangue e esperar o melhor.

Eve claramente ainda não estava acreditando nisso. Ela estava lançando olhares fulminantes para a outra mulher, com os lábios comprimidos em uma linha com raiva plana.

Michael disse, muito calmamente: — Você acha que deu certo?

— Eu não tenho certeza totalmente. Amelie é, em primeiro lugar e sempre, uma governante, e uma governante segue seu próprio conselho sobre todas as coisas. Mas ela foi mais graciosa e compreensiva. Eu acredito que eu a convenci da importância de permitir que esta união ocorra.

— Obrigado — ele disse, e levantou-se. Um passo levou-o para perto de onde Eve estava na cadeira, e sua cabeça inclinou para olhar para ele. Ela manteve a mesma expressão exata. — Você realmente acha que eu estava traíndo você com ela?

— Por que não? — Eve perguntou categoricamente. — Garotas vampiras são gostosas. Até eu posso ver isso.

Naomi corou novamente. — Eu não estou interessada em Michael dessa forma — ela disse. — Eu sinto muito que você me ache capaz de fazer algo tão dissimulado. E... — Ela parecia confusa sobre o que dizer, por um momento, então olhou para seus dedos unidos e disse: — E ele não é o que me atrai, eu receio.

— Como ele poderia não ser o seu tipo? — Eve perguntou, momentaneamente distraída, e Claire estava realmente pensando a mesma coisa, porque Michael era simplesmente... perfeito.

Naomi não respondeu; ela simplesmente olhou fixamente para o seu colo, e Shane foi o primeiro a entender, embora como ele entendeu, Claire não fazia ideia. Ele disse: — Porque o tipo dela é mais parecido com você, idiota.

— Tipo... góticos?

— Tipo garotas.



Naomi olhou para cima, e Claire pegou um flash de alívio no seu rosto. — Na minha juventude isso não era visto com bons olhos — ela disse. — Ainda é difícil para mim falar sobre isso.

— Oh — Eve disse, em um tom completamente diferente de voz. — Oh. Você é gay.

Naomi balançou a cabeça lentamente.

— Eu poderia te beijar agora — Eve disse, e então levantou imediatamente a mão. — Quer dizer, em gratidão, sabe? Você é muito bonita, mas... Oh, cara, eu totalmente estraguei tudo. — Eve respirou fundo e se voltou para Michael. — Você sabia que ela era gay?

— Sim — ele disse. — Eu não queria que você pensasse... eu sabia que não havia nada acontecendo, mas eu sabia como pareceria eu me encontrar com ela em privado. Eu deveria ter dito a você. Eu só não queria que você soubesse quanta resistência havia contra o casamento.

— Oh — Eve disse suavemente. — Oh. — Seus olhos estavam brilhando agora, e o sorriso de Michael foi uma das coisas mais lindas que Claire já tinha visto. Livre de toda a carga que ela tinha visto nele ao longo das últimas semanas. Livre da culpa. E agora, havia algo completamente certo nele. — Seu idiota. Você poderia ter me dito.

— Sim, eu sei. — Ele se levantou e foi até ela, e pegou a mão dela. — Eu amo você. Eu não queria pensar que... que eu poderia perdê-la por isso. Por não ser capaz de fazer Amelie concordar.

— Idiota — Eve repetiu, mas ela não falou sério. Ela se levantou e derreteu em seus braços, e parecia que eles não tinham a intenção de se soltar um do outro nunca mais. — Então, está tudo bem.

Naomi estava sorrindo para os dois, mas agora uma sombra pareceu vir ao seu rosto. — Eu espero que isso seja verdade. Eu me preocupo que, se a população humana continuar a agitar, Amelie tome o lado da causa de Oliver, e não a minha. Mas eu não posso evitar isso. Talvez você possa...?

— Eu não sou exatamente a Miss Popularidade lá fora — Eve disse. — Mas, felizmente, eu tenho alguém que todo mundo respeita na minha equipe... em ambos os lados da linhagem de sangue.

E ela olhou para Claire e levantou as sobrancelhas.

— Oh, espera um minuto — Claire disse. Shane colocou os braços ao redor dela por trás. Mesmo que ela quisesse fugir, ele não deixaria. — Como exatamente eu deveria convencer as pessoas de que isso está tudo bem?

— Facebook? — Shane disse, encarando diretamente.

— Folhetos em postes de telefone — Eve disse.

— Convide-os para a festa — Michael disse.



Claire piscou e olhou para ele com a cabeça inclinada. — O que você disse?

— Convide-os para a festa. É como se você estivesse tendo uma festa gigantesca na casa, convide seus vizinhos, e eles não serão tão propensos a reclamar com você. Bem, convide os humanos de Morganville e dê a eles a oportunidade de realmente conhecer os vampiros. Mostre-lhes que isso pode dar certo.

— Cara — Shane disse seriamente, — isso simplesmente *não pode* acabar bem.

— Não, isso poderia dar certo — Naomi disse. — Há precedentes. E vocês estavam planejando convidar humanos e vampiros em qualquer caso, não era?

Eve assentiu com a cabeça, ainda parecendo um pouco incerta. — Mas, olhem, há alguns sentimentos ruins por aqui. Orgulho humano, e todas essas coisas. Eu não tenho certeza que seja uma boa ideia colocar vampiros, humanos e álcool no mesmo lugar.

— Bem — Naomi disse alegremente, — o que pode acontecer de pior?

Eles ficaram em silêncio, considerando isso, porque havia tantas possibilidades.

Mas, no final, era uma ideia melhor do que o Facebook.



— O que é isso? — O homem do outro lado do balcão na loja de câmeras fez uma careta para ela com desconfiança, mas ele pegou o papel que Claire lhe entregou. Era um cartaz agradável, colorido, anunciando a festa de noivado que estava sendo organizada lá fora na Praça da Fundadora.

— Você poderia talvez colocá-lo na janela da sua loja? — ela perguntou, e lhe deu o seu melhor sorriso mais confiante. — Vai ser uma grande festa. Eu sei que seus clientes gostariam de estar lá. É de graça!

Ele olhou para ela. Claire não o conhecia; ele era um homem mais velho, grisalho nas têmporas, e ele tinha um tipo de rosto quadrado e teimoso. Suas mangas estavam enroladas até os cotovelos, e ela viu uma tatuagem fresca de uma estaca no interior de seu antebraço direito. — Você é aquela garota — ele disse, e ela estava quase certa de que ele iria continuar com *O Animal de estimação dos vampiros*. Ela tinha ouvido isso algumas vezes hoje. — Aquela que o garoto Collins está namorando.

Oh. Certo. Shane tinha credibilidade anti-vampiros naquela rua. — É isso mesmo — ela disse. — Eu sou a namorada de Shane.

— Frank disse que você era ok.



Ótimo, agora ela tinha o *pai* de Shane como um endosso... Bem, qualquer coisa que possa ajudar, ela iria aceitar. — Isso foi legal da parte dele. — Ela conseguiu não fazer soar como uma acusação em toda a questão Frank Collins. Água passadas, e todas essas coisas. — Você se importaria de colocá-lo para mim?

— Você sabe que isso não vai acabar bem, certo? — Ele sacudiu o papel para ela. — Glass e a garota humana. Lamento que o garoto tenha sido transformado, mas ele é um deles agora. Não há retorno dessa linha.

Ela estava cansada de argumentar. — Obrigada pelo seu tempo — ela disse. — Eu aprecio você pensar sobre isso.

Ele resmungou. — Eu acho que eu vou pregá-lo. Não espere que eu apareça, no entanto.

— Bebidas grátis?

Isso, na verdade, ganhou-lhe um sorriso. Um pequeno. — Bem, você lida com umas coisas difíceis, garota. Tenha cuidado lá fora.

— Você também.

Ela saiu, e Shane acompanhou seus passos ao lado dela. Ele tinha um punhado de folhetos, mas menos do que tinha havido. — Então, isso foi divertido? — ele perguntou. — É uma espécie de fortaleza anti-vampiros lá. O Capitão Óbvio costumava ser um bom amigo do gerente. — Capitão Óbvio uma vez tinha sido um líder sem autoridade do movimento clandestino anti-vampiros, mas ele estava agora permanentemente no subsolo, a sete palmos de terra. Ninguém ainda tinha dado um passo à frente para assumir sua identidade mascarada, tanto quanto Claire sabia — não que ela tivesse estado nos memorandos da hierarquia anti-vampiros. — Ele deu algum problema a você?

— Não quando eu avisei que haveria bebida de graça.

— Muito fácil — Shane disse. — Como você está planejando manter os garotos da fraternidade de fora?

Isso, Claire tinha percebido logo no início, seria um problema... O campus da Universidade Prairie do Texas era o seu próprio mundinho, um microcosmo dentro da realidade alternativa e estranha de Morganville. E no campus, poucas pessoas realmente sabiam sobre o mundo dos vampiros lá fora. Manter os garotos da fraternidade no campus, em vez de procurar por uma bebida de graça, era um desafio, e que requeria atenção absoluta. Já houveram muitos quase-acidentes. — Eu conversei com Chefe Moses — ela disse. — Ela disse que a polícia iria checar as identidades. Sem cartão de residente da cidade, você não entra na praça de jeito nenhum. Isso deve manter os festeiros aspirantes de fora.

— Vamos torcer. Então, quem mais nos resta?



Eles tinham coberto quase todo o seu setor de Morganville; Michael tinha tomado os bairros mais centrais de vampiros esta manhã, e Eve tinha ido com ele, tentando mostrar aos vampiros que ela poderia ser bem-comportada e perfeitamente aceitável. De comum acordo, todos eles decidiram que Claire e Shane tinham a reputação de conquistar os humanos relutantes, ou pelo menos fazê-los ouvir.

Eles tinham tido cerca de setenta por cento de sucesso, que foi melhor do que Claire esperava, mas tinha sido um longo dia, e seus pés doíam. — Vamos continuar amanhã — ela disse. — Eu preciso me deitar.

Ele ergueu as sobrancelhas para ela, e ela deu um tapa no ombro dele. — Descansar — ela disse.

— Bem, nós poderíamos descansar *juntos*. Eu juro, eu vou ser bonzinho. — Ele deu-lhe um sorriso charmoso intensamente sexy. — Você pode entender isso da maneira que quiser.

Isso tinha tantas maneiras que ela ficou tonta tentando classifica-las. Mas isso a esquentou, e tornou a caminhada para casa menos um infortúnio... pelo menos até que seu celular tocou. O toque era uma dádiva de morte, com ênfase na *morte*... era uma música de órgão assustadora. Ela nem sequer teve que olhar para a imagem de pantufas de coelho com presas na tela para saber quem estava ligando. Ela apenas suspirou, tocou na tela e segurou-o na orelha.

— Claire! Eu preciso de você aqui imediatamente. Há algo de errado com Bob. — Myrnin, seu chefe louco, cientista e viciado em sangue, parecia realmente abalado. — Eu não consigo fazê-lo comer seus insetos, e eu usei seus favoritos. Ele apenas fica quieto.

— Bob — ela repetiu, olhando para Shane com os olhos arregalados com descrença. — Bob é uma *aranha*.

— Só porque ele é uma aranha não significa que ele mereça menos preocupação! Claire, você tem um jeito com ele. Ele gosta de você.

Justo o que ela precisava. Bob, a aranha *gostava* dela. — Você percebe que ele tem um ano de idade, no mínimo. E as aranhas não vivem tanto tempo.

— Você acha que ele está *morto*? — Myrnin parecia horrorizado.

— Ele está enrolado?

— Não. Ele está simplesmente quieto.

— Bem, talvez ele não esteja com fome.

— Você vem? — Myrnin perguntou. Ele parecia mais calmo agora, mas também estranhamente carente. — Tem sido muito solitário aqui nos últimos dias. Eu gostaria da sua companhia, pelo menos por um tempo. — Quando ela hesitou, ele usou o recurso da piedade. — Por favor, Claire.

— Tudo bem — ela suspirou. — Eu vou levar Shane.



Depois de um segundo de silêncio, ele disse, sem rodeios – Ótimo – e desligou.

– Você está brincando – Shane disse. – Você acha que eu quero visitar o McPresas Louco em seu covil de insanidade?

– Não – Claire disse, – mas eu tenho certeza que você não vai gostar se eu for sozinha quando eu meio que prometi ir com você. Então...?

– Certo. Eu estava com saudades do McPresas Maluco de qualquer maneira.

– Pare de inventar nomes para ele.

– E quanto a Conde Crackula?

– Simplesmente pare.



CAPÍTULO 3

CLAIRE

Louco ou não, Myrnin estava *tentando*.

Por um lado, ele limpou o laboratório, o que significava que ele tinha movido as pilhas de livros para apoiá-los contra as paredes em vez de deixá-los como perigos de tropeço entre as mesas. Ele até mesmo tinha limpado a superfície de uma das mesas com tampo de mármore, e ajeitou um... Deus, o que era aquilo? Um verdadeiro conjunto de chá chinês?

Ele estava de pé ao lado dela, usando o seu jaleco branco um pouco limpo com um remendo que dizia UNIÃO LOCAL DE GÊNIOS MALVADOS nele, e havia um óculos de proteção pendurado em seu pescoço. Para um vampiro, ele era surpreendentemente versátil em seu guarda-roupa, de uma forma louca. Do ponto de vista puramente objetivo, Myrnin era um cara bonito, com o rosto congelado em talvez vinte e poucos anos, com cabelos escuros e um sorriso preparado. Um rosto forte, mas bonito.

Se ele não ficasse louco o tempo todo.

— Você esteve assistindo *Dr. Horrible* de novo? — ela perguntou a ele enquanto Myrnin servia o chá em duas xícaras florais delicadas. — Não que eu não ame ele, mas...

— Obrigado por terem vindo — Myrnin disse, e ofereceu a primeira xícara a Shane, com pires e tudo. Shane piscou e pegou, não completamente certo do que fazer com ela; a porcelana frágil parecia particularmente em perigo em suas mãos grandes. — É muito bom ver vocês dois. E como vocês têm estado? Por favor, sentem-se.

— Onde? — Shane perguntou, olhando ao redor. Myrnin parecia momentaneamente em pânico, e depois ele só... desapareceu, em um flash de vibração. Ele estava de volta antes que Claire pudesse dar uma respiração assustada, e ele estava carregando duas grandes poltronas, uma em cada mão, levantando-as como se elas fossem feitas de isopor. Myrnin jogou-as no chão e indicou-as com as palmas das mãos estendidas.



— Aqui — ele disse.

Bem, ele tinha tido muito trabalho, realmente. Shane sentou-se, em seguida pulou para trás com um grito, espirrando o chá castanho claro.

— Oh, desculpe — Myrnin disse, e pegou algo que parecia uma serra cirúrgica do assento. — Eu me perguntava onde estava isso.

— Eu devo ao menos perguntar? — Claire disse.

— Você sabe que eu faço a pesquisa ocasional — ele disse. — E em resposta à sua pergunta, muito provavelmente você não deve. Leite?

Esse último foi dirigido a Shane, que ainda estava se recuperando. Ele lentamente sentou em sua cadeira. — Cara, nós vivemos no Texas. Chá quente não é típico da gente. Chá gelado, com certeza. Eu não faço ideia. Pode colocar leite no chá?

— Eu desisto de tentar civilizar você — Myrnin disse, e se virou para Claire. — Leite?

— Não, obrigada.

— Muito melhor. — Myrnin pousou o bule e se inclinou contra a mesa de laboratório com as mãos nos bolsos. Ele enfiou a serra cirúrgica lá também; Claire esperava que ele não cortasse algo acidentalmente. — Eu pensei em fazer algumas melhorias no nosso sistema, Claire. Apenas algumas. Nada que causará preocupação, eu prometo. E por causa do nosso acordo, eu não vou fazê-las sozinho sem observação de um parceiro. Bem, não *parceiro*, já que eu não tenho parceiro, mas você entende o que eu quero dizer.

— Tudo isso, e ainda modesto, também — Shane disse. — Frank está por aí?

Todos os três pararam por um momento, esperando. Frank Collins —o pai de Shane — era mais ou menos um fantasma, para todos os efeitos. Na verdade, ele estava apenas um pouco morto... O seu cérebro tinha sido salvo, e estava ligado a máquina alquímica de Myrnin que administrava um monte de coisas estranhas em Morganville. Mas às vezes Frank prestava atenção, e às vezes ele simplesmente não queria responder. Talvez ele estivesse dormindo. Cérebros precisavam dormir.

Mas depois de um longo intervalo de segundos, houve um lampejo no final do laboratório, como quando um velho raio catódico dos fios da televisão é ligado... e, em seguida, uma imagem de um homem andando na direção deles se estabiliza lentamente. Frank sempre se manifestava em escala de cinza, não em cores, e era uma imagem bidimensional fina como papel. Limitações do sistema, embora Claire nunca tenha sido capaz de descobrir o porquê. Mas



por outro lado, ela não entendia totalmente todo o mecanismo de como ele projetava a imagem.

Frank tinha escolhido o seu avatar para parecer muito como o seu físico antigo: de meia-idade (embora não tão espancado como Claire se lembrava dele) com uma cicatriz no rosto e uma carranca continuamente mal-humorada. Ele ainda usava os mesmos couros de motociclistas velhos e botas pesadas.

A carranca aliviou-se quando ele viu Shane sentado na cadeira. — Filho — ele disse. — Essa menina faz você beber chá agora?

Shane muito deliberadamente tomou um gole do chá que Claire absolutamente sabia que ele não queria. — Oi, Frank. — Ele estava tentando superar isso também; lidar com o seu pai vivo tinha sido uma luta, e lidar com ele como um vampiro tinha sido pior. Mas agora, pelo menos, havia uma coisa que se estabelecia entre eles: Frank não poderia abusar dele fisicamente. E da perspectiva de Shane, as coisas estavam melhorando. — Como está sendo viver em um frasco nos dias de hoje? Satisfatório?

— Já estive melhor. — Frank deu de ombros. — Vejo que vocês ainda estão juntos. Bom. Você poderia escolher pior.

— Frank — Myrnin disse, e toda a meticulosidade havia desaparecido de sua voz, deixando-a indiferente e fria. — Se você deseja ficar insultando, eu não vejo outra opção a não ser silenciar você por alguns dias até que você aprenda boas maneiras. Estes são os meus convidados. Embora, eu realmente não goste do seu filho, mas eu o tolero, e você pode fazer o mesmo.

— Eu estava falando com a menina. Eu quis dizer que ela poderia escolher pior. Tipo você, por exemplo.

Myrnin olhou para a imagem tremeluzente de Frank com os olhos escuros e ilegíveis por alguns longos segundos inquietantes. — Rasteje de volta para a sua caverna — ele disse. — Agora.

— Não é possível — Frank disse. — Você me definiu para alertá-lo se alguma coisa acontecesse no meu lado da cidade. Bem, está acontecendo. Alguém acabou de tentar atravessar a fronteira sul da cidade em uma van. Ela foi desativada no lado da estrada. Eu enviei a polícia.

— E? — Myrnin disse. — O que tem isso?

— E alguém também atravessou a borda oriental da cidade e está esperando lá por permissão para entrar. Eu achei que você gostaria de saber, sendo de dia e tudo mais.

— Quem é?



— Eu não sei, mas ele é um vampiro. Ele está sentado em uma tenda no momento.

— Bem, isso é estranho.

— Parece que sim — Frank concordou. — Ele não corresponde a nenhum dos meus bancos de dados, então ele nunca esteve em Morganville. Nós temos um verdadeiro recém-chegado.

— Um recém-chegado que sabe o suficiente para esperar na fronteira de permissões — Myrnin disse. — Isso é incomum.

— É por isso que eu trouxe o assunto.

Myrnin bateu um dedo em seus lábios por um momento, então, de repente se virou para encarar Claire. — Você poderia ir — ele disse. — Pergunte a ele o que ele quer.

— Eu? Eu não sou o esquadrão de boas-vindas dos vampiros!

— É a luz do dia — ele disse. — E enquanto muitos de nós podem sair, nós preferimos não arriscar; vestir camadas de proteção em Morganville tende a nos marcar como... incomuns. Com a atual agitação entre a população humana, é mais seguro se nós enviarmos alguém como você.

— Envie os policiais — Shane disse. — É pra isso que eles servem.

— Eu prefiro saber exatamente quem ou com o que estamos lidando antes que eu envolva a burocracia — Myrnin disse. — Oh, muito bem, já que vocês estão relutantes, eu vou com vocês. Eu deveria sair de qualquer maneira.

Claire rapidamente bebeu o resto do seu chá e colocou a xícara e o pires para baixo; Shane gratamente colocou a sua na superfície de pedra. Myrnin fez aquela coisa de movimento rápido de novo, e voltou novamente ajustando um casaco de couro preto espetacular, um chapéu de couro de abas largas e luvas.

E um lenço longo e colorido estava enrolado em volta do seu pescoço cerca de seis vezes.

— Exagerado? — ele perguntou, apontando para o lenço. Claire não tinha coragem de dizer que sim, então ela deu de ombros.

— E quanto a Bob? — ela perguntou.

— Oh, Bob está bem. Eu acho que ele está mudando o seu exoesqueleto, era por isso que ele não queria comer. Nosso Bob é um menino crescido, você sabe.

Frank deu-lhe um sorriso desagradável e disse: — Sabem, eu acho que vou ligar e trazer um exterminador aqui. Tem um problema de verdade com rastejantes asquerosos. Tem que ser uma empresa que não faça exceções, é



claro, já que eu considero que sanguessugas são rastejantes asquerosos tanto quanto aranhas.

Frank Collins tinha sido um idiota quando estava vivo, e ele não era melhor estando morto e vivendo em uma máquina. Claire não gostava de Bob, mas isso não significava que ela queria que ele fosse quimicamente assassinado, tampouco. E referir-se a Myrnin como um sanguessuga... Bem, isso era apenas rude.

Então, ela franziu a testa para Frank, em seguida, virou-se para Myrnin e disse: — Eu estou pronta se você estiver.

Shane disse, muito calmamente: — Eu espero que você saiba no que você está nos metendo.

— Você realmente prefere beber mais chá e conversar com o seu pai?

— Certo — Shane disse. — Vamos embora.



Estava brilhante o suficiente lá fora — quase nada — e Claire conseguiu tirar as chaves do elegante carro preto de Myrnin e fazer com que Shane dirigisse. Sim, era perigoso; os carros dos vampiros não foram feitos para humanos dirigirem, e a janela escura fazia parecer que eles estavam dirigindo à noite sem os faróis, mesmo em pleno sol. Mas ela tinha deixado Myrnin dirigir antes, e foi uma experiência que ela realmente não se importava de repetir. Shane era cuidadoso, e as estradas indo e voltando a Morganville eram, como sempre, relativamente desertas, com exceção dos caminhões de correios e entrega que estavam apenas de passagem.

Ele saiu da estrada em uma saída empoeirada perto da placa NOS DEIXANDO TÃO CEDO?. Ela tinha um palhaço triste da era de 1950 pintado nela que tinha virado quase um fantasma pelo sol e tempo. Alguém o tinha decorado com chumbo de espingarda, mas isso tinha acontecido há muito tempo; a placa inteira estava inclinada e rangia no vento, mais uma rajada e ela cairia completamente.

E à sua sombra estava uma tenda, e dentro do abrigo estava sentado um jovem usando um moletom esportivo bordado com BLACKIE TIGERS escrito através dele em preto e vermelho. Quando os três saíram do carro, ele ficou de pé, parecendo ansioso; e ficou pior quando ele viu a roupa de Myrnin, mas Claire levantou a mão para acalmá-lo. — Ele é inofensivo — ela disse. — Você é de Blackie?



O menino assentiu hesitante, observando-a com olhos desconfiados e escuros. Ela não se lembrava dele, mas ela se lembrava de Blacke muito bem. Era outra pequena cidade isolada, que tinha sido invadida por vampiros infectados alguns meses atrás. Com a ajuda de Oliver, Claire tinha conseguido curar os doentes, e um grupo de vampiros de Morganville tinha se estabelecido lá como uma espécie de colônia satélite. Os cidadãos de Blacke tinham um bom motivo para apoiá-los, porque muitos do seu próprio povo de Blacke tinham sido transformados durante o caos inicial causado pelos vampiros doentes.

— Como está Morley? — Claire perguntou, ainda tentando soar calma e tranquilizadora. O menino parecia que poderia fugir a qualquer momento. Morley tinha liderado o grupo que tinha deixado Morganville e se estabelecido em Blacke; ele era definitivamente um vampiro velha guarda, mas ele era estranhamente divertido, às vezes. Ela o respeitava um pouco.

— Morley me enviou — ele respondeu, parecendo um pouco aliviado que tenha encontrado a palavra-mágica, ou nome, de qualquer maneira. — Ele e a minha tia, Sra. Grant. Eles meio que governam a cidade agora.

— Eu sou Claire. — Ela estendeu a mão, e ele a pegou e balançou.

— Graham — ele disse. — Oi.

— Graham, este é Shane. — Shane apertou a mão dele também, e Claire finalmente virou para Myrnin, mas ela não precisava; ele avançou decisivamente, tirou o chapéu e se curvou.

— Eu sou Myrnin — ele disse. — Eu estou no comando.

Claire revirou os olhos e gesticulou com a boca por trás das costas dele: *não de verdade*. Graham quase sorriu, mas ele não demonstrou, e se curvou desajeitadamente de volta para Myrnin. — Uh, olá, senhor — ele disse. — Como você está?

— Isso tudo depende do que você veio transmitir — Myrnin disse. — Você andou por todo o caminho de Blacke?

— Não, senhor — Graham disse. — Eu corri. Mas principalmente durante à noite. Não é ruim. É meio repousante, na verdade.

Isso resolvia a questão de qual esporte Graham tinha feito — ou ainda fazia? — parte da escola tinha se transformado em vampiro... tinha que ser corrida através do campo. — O que é tão importante que fez você correr mais de 50 milhas no deserto, mas Morley não podia falar pelo telefone? — Claire perguntou.



Em resposta, Graham baixou o zíper do seu moletom e tirou um envelope lacrado que ele mostrou a ela. Nele estava escrito, em um estilo antigo, *Apenas para os olhos da Fundadora*. — Ele disse que o que tinha a dizer não podia ser falado pelo telefone, que era muito delicado. Então, ele queria que eu corresse para cá e colocasse isso nas mãos da Fundadora, de Oliver ou, bem, na sua, eu acho. Claire.

Uau. Claire piscou, surpresa que Morley tenha nomeado ela nisso em particular. — Uh, tudo bem — ela disse, e aceitou o envelope. Parecia leve — talvez uma folha de papel dentro. — Você sabe o que é?

— Não faço ideia, e pelo olhar no rosto dele quando ele deu para mim, eu quero manter dessa forma — Graham disse. Ele fechou o seu moletom para cima novamente. — Então é isso. Está nublando, provavelmente ficará escuro logo. Eu só tenho algumas horas para voltar.

— Você não acha que você deveria esperar para ficar escuro?

— Não, eu estou bem — Graham disse, e lançou-lhe inesperadamente um sorriso sedutor. — Morley me enviou porque eu sou uma aberração, de qualquer maneira. Alta tolerância a luz solar. Ele diz que é incomum ou algo assim.

— Oh, é — Myrnin disse, e pareceu pensativo e interessado. — Você se importaria de me fornecer uma amostra de sangue, rapaz? Eu tenho realizado um estudo nesses últimos cem anos da relativa imunidade dos vampiros mais jovens a influência do sol...

Graham pareceu alarmado, o que provavelmente era sábio. — Uh, talvez depois? — ele disse, e colocou o capuz para cima. Ele escondia o seu rosto muito bem, e quando ele puxou as mangas para baixo em suas mãos, ele estava tão coberto quanto Myrnin, mas não tão extravagante. — Obrigado. Vejo vocês depois, pessoal.

— Tenha cuidado! — Claire disse, mas ela estava dizendo isso ao vento, porque Graham foi rápido. Ela viu uma onda de movimento na borda de sua visão, areia voando e ele tinha *desaparecido*.

— Uau — Shane disse, impressionado. — O menino tem algumas habilidades.

E elas tinham sido objeto de um uso muito curioso... porque pegar o telefone teria sido fácil para Morley, e Oliver, pelo menos, teria atendido as suas ligações mesmo que Amelie ainda guardasse rancor contra o vampiro esfarrapado por fugir de Morganville. Ainda assim, os vampiros mais velhos



não confiavam muito na tecnologia. Talvez ele apenas sentisse que papel e caneta eram mais seguros.

Ainda assim, algo rotulado com *Apenas para os olhos da Fundadora* não parecia pressagiar algo bom.

— Você vai abrir? — Myrnin perguntou a ela.

— Não — ela disse. — Não é para mim. É para Amelie.

Ele pareceu cabisbaixo. — Mas você poderia abrir acidentalmente.

— Acidentalmente como, exatamente?

— Derrubando. Uma pedra poderia...

— Não é uma jarra de vidro, Myrnin. Isso não iria apenas quebrar e abrir.

Ele arrancou o envelope de sua mão antes que ela pudesse detê-lo, e segurou-o contra a luz. — Eu quase posso ler — ele disse. — Morley tem uma caligrafia horrível. Parece que ele aprendeu a escrever na época de Carlos II e decaiu de lá para cá... Oh.

Ele ficou em silêncio, e, lentamente, baixou o envelope. Ele ficou muito quieto, olhando para onde o rastro do menino desaparecia em poeira, e havia algo na expressão de Myrnin que deu arrepios na pele de Claire. Graham estava certo sobre as nuvens; algumas nuvens escuras deslizaram para o céu, eficientes e rápidas, e bloquearam o sol. O vento de repente chicoteou mais frio, arranhando Claire com a areia sendo soprada, e ela instintivamente estendeu a mão e encontrou a mão quente de Shane.

— O que é? — ela perguntou. Ela não tinha certeza se queria saber.

Myrnin entregou-lhe de volta o envelope fechado e, sem dizer uma palavra, enfiou o chapéu de volta na cabeça e caminhou de volta para o carro. Ele entrou no banco de trás e bateu a porta.

Shane olhou para ela e disse: — O que diabos é tudo isso?

— Não faço ideia — Claire disse, — mas realmente não deve ser bom. De modo nenhum.

Myrnin abriu a janela e disse: — Nós precisamos ir. Agora. Shane, eu suponho que você possa pilotar este veículo em velocidades mais altas do que você usou para chegar até aqui.

Shane ergueu os dedos dela sobre os seus lábios e os beijou, apenas um breve toque de seus lábios contra a pele dela, mas a estabilizou. Então ele disse para Myrnin. — O quão rápido você quer ir? E para onde exatamente?

— Praça da Fundadora — Myrnin disse. — E rápido. *Muito rápido.*



Shane não poderia ir tão rápido como Myrnin queria, mas isso era bom; Claire se sentiu sendo arremessada incontrolavelmente em um túnel escuro, como algo sendo arremessado para fora de um estilingue. Era um sentimento profundamente inquietante. Mesmo que a viagem tenha sido curta, ela ficou aliviada quando Shane apertou os freios e deslizou para uma parada no posto de guarda da Praça da Fundadora, guarnecida por um policial uniformizado. Ele estava começando a pará-los quando Myrnin baixou a janela e disse: — Ligue para Amelie e diga que eu estou indo. Diga a ela para esperar.

— Senhor! — o policial disse, e praticamente fez uma saudação. Myrnin não era imponente geralmente, mas agora, ele parecia muito concentrado.

Ele estava realmente muito assustado, Claire pensou. E isso levantou a escala de terror pessoal dela por todo o caminho até a zona vermelha. — Myrnin, o que tem no envelope? — ela perguntou.

Ele não respondeu, mas por outro lado, ela realmente não esperava que ele o fizesse. — Lá, vire à esquerda — Myrnin disse, inclinando-se sobre o assento para apontar.

— Tire as mãos do meu rosto, cara — Shane disse, mas ele seguiu as instruções, e guiou o carro para descer a rampa para a garagem sob a Praça da Fundadora. Ela estava cheia hoje, e enquanto ele procurava por um espaço de estacionamento, Myrnin grunhiu de impaciência, abriu a porta na parte de trás e saiu.

— Ei! — Claire chamou. Shane encontrou uma vaga de estacionamento e parou. Eles saíram ao mesmo tempo e encontraram-se com Myrnin enquanto ele socava o botão de chamar o elevador por cerca de cem vezes em trinta segundos. — Relaxe, Myrnin; você vai quebrá-lo. Ouça, está vindo.

Ele estava praticamente tremendo com a tensão, e ela não conseguia entender o porquê. Ela o tinha visto em muitas situações ruins, e mesmo na pior, mesmo com Bishop, ele não tinha estado assustado assim. Quando as portas do elevador se abriram, ele se enfiou dentro e bateu no botão do piso tão freneticamente quanto ele tinha batido do lado de fora. Claire finalmente colocou-se fisicamente entre ele e o painel de controle, com um medo muito real que ele enfiasse o dedo através do botão e desse um curto circuito no eletrônico completamente.

Myrnin deu uma respiração — incomum, exceto quando ele estava falando — e caiu contra a parede traseira. Ele tirou o chapéu e enxugou a testa com a mão trêmula, como se ele estivesse suando, embora Claire tenha certeza



de que ele não poderia fisicamente. — Era apenas uma questão de tempo — ele disse, mas foi em um sussurro, e Claire não achava que ele queria dizer para ela ouvir. — Inevitável.

— Myrnin, o que diabos está acontecendo? — Ela olhou para Shane, e viu que ele estava observando o chefe dela com uma expressão preocupada também. Ele sabia que isso era estranho, também. — O que está no envelope?

— Uma palavra — ele disse. — Apenas uma palavra.

— Deve ser uma maldita palavra — Shane disse.

— É uma curta — Myrnin disse. Ele estava observando as luzes subir no visor do elevador e, finalmente, o elevador deu uma guinada para uma parada e as portas se abriram. — Vou levá-lo para ela. Você dois vão para casa. Agora.

— Espere! — As portas do elevador começaram a se fechar atrás dele, e Claire bateu com a mão com vigor para detê-las. — Myrnin, qual é a palavra?

Ele se virou para olhar para ela, e aquele olhar — aquele olhar a gelou, todo o seu corpo.

— Corra — ele disse. — Diz corra. Agora vá para casa. — E ele se moveu com a velocidade de vampiro pelo corredor.

Ela soltou as portas e deu um passo para trás, se encostando em Shane. Ele colocou os seus braços em volta dela, e estendeu a mão para apertar o botão para o térreo quando as portas retumbaram ao fechar.

— O que diabos isso significa? — ela perguntou a ele. Ele deu uma respiração profunda, em seguida, expirou.

— Eu não sei — ele disse. — Mas Myrnin sabe. E é ruim, seja lá o que for.

Eles deram as mãos na caminhada de volta para casa. Estava mais frio agora, o sol estava coberto com nuvens escuras se movimentando rapidamente, e havia uma massa no horizonte que devia ser uma tempestade. O vento parecia úmido, com uma margem de gelo, como se Morganville tivesse sido magicamente transportada para um lugar muito mais frio, mais úmido. A umidade parecia incrivelmente elevada; dez por cento era normal para esta área do deserto, e em um dia realmente ruim podia subir para quarenta. Mas parecia com ondas do mar contra a pele dela. Até o ar parecia pesado, mais como uma neblina do que a coisa leve e limpa que costumava ter. Apesar do frio, ela se sentia soando. Como se o mundo inteiro estivesse suando, e estivesse totalmente sobre a sua pele.

Os moradores de Morganville ainda estavam nas ruas, fazendo suas atividades diárias; alguns estavam lançando olhares ansiosos para o céu e se apressando por causa dele, querendo chegar em casa antes que a chuva



chegasse. Claire estava começando a desejar que ela tivesse trazido um guarda-chuva, mas realmente, quem precisava de um nesta cidade? Chovia dois dias por ano, quando chovia, e nunca por muito tempo — ou se chovia forte, o vento era tão feroz que um guarda-chuva era inútil. Mas *esta* tempestade... parecia desagradável, com essa borda verde nas nuvens que simbolizava um problema de verdade.

Ao passarem no café de Oliver, Common Grounds, Shane disse: — Ei, você está com frio? Estou congelando. Vamos pegar alguma coisa.

Isso soou ótimo, na verdade. Normal. E talvez — Claire sabia que ele estava pensando nisso também — talvez Oliver estivesse lá, e teria algum tipo de pista do que estava acontecendo.

Você sabia que as coisas estavam ruins quando você estava realmente ansiosa para ver Oliver.

Mas... nenhum Oliver atrás do balcão. Em vez disso, Eve estava lá, acabando de amarrar o avental tingido sobre a sua roupa preta. Ela parecia cansada, mas ela colocou um sorriso brilhante para os dois. Ele parecia ser cerca de cinco mil watts mais brilhante pelo tom de batom que ela usava, que era um azul brilhante chocante para coincidir com as listras em sua saia. — Ei, companheiros — ela disse. — Como foi com os panfletos?

Panfletos? Deus, Claire tinha esquecido sobre isso. — Hum... tudo bem — ela disse. — Pregamos em um monte de lugares.

— Isso é bom, porque a minha manhã? Não foi tão fabulosa. — Sem perguntar, Eve começou a fazer um mocha para Claire e um café simples para Shane. — Em comemoração ao fato de que o meu patrão ocasional de tempo parcial acabou de sair daqui como se a bunda dele estivesse pegando fogo, o café é por conta da casa.

— Ele acabou de sair? Nós não vimos — Claire disse. Eve empurrou um dedo polegar para a parte de trás, que tinha um alçapão com saída para o túnel.

— Ele pegou a rua escura. O que rastejou até o traseiro dele? Porque eu sei que não é mais o bicho-papão grande e malvado Bishop. Amelie quebrou uma unha ou precisa de um encanador ou algo assim?

— Eu queria saber — Claire disse. — Eu já ia perguntar. Porque ele não é o único a enlouquecer hoje.

— Não? — Eve levantou uma sobrancelha preta em um ângulo travesso e curioso. — Desembucha.



— Myrnin — Shane disse, e estendeu a mão para pegar o copo que ela empurrou em direção a ele. — Não que ele seja um cara estável, mas hoje ele estava extremamente louco.

Eve se inclinou para a frente, descansando os cotovelos no balcão, enquanto o leite assobiava e vaporizava no jarro para aquecer até a temperatura adequada. — Você acha que é por causa de nós? Eu e Michael?

— Olha, eu sei que vocês dois ficarem comprometidos é de alguma forma pior do que ele transformar você, e não, não me peça para explicar isso; é uma teoria popular, mas eu não acho que isso esteja criando este nível de drama — Claire disse. — E Myrnin não tem qualquer opinião, de qualquer maneira. Ele está feliz por você estar fazendo uma festa, e ele não se importa para o que é. *Ele* não ficaria mal por causa disso.

— Merda — Eve disse. Ela pegou o leite e começou a misturar habilmente o mocha de Claire. — Eu estava esperando que fosse sobre nós, porque, pelo menos, seria estúpido. Agora eu estou com medo que seja inteligente ficar preocupada.

— Eu concordo — Shane disse. — E quando nós dois concordamos, algo está definitivamente errado.

As coisas ficaram ocupadas no balcão, então Eve não podia conversar mais; Claire e Shane levaram as suas bebidas para uma mesa vazia e sentaram-se, saboreando as bebidas quentes e observando o fluxo de nuvens no céu através da janela grande revestida de vidro. O vento soprava a franja ondulada do toldo vermelho, e Claire podia sentir o vidro da janela zunindo um pouco por causa das rajadas.

— *Corra* — ela disse. — O que você acha que isso significa, Shane?

Ele deu de ombros. — Quem diabos sabe? Talvez seja uma mensagem de um credor imortal, e ela esqueceu de pagar o aluguel durante os últimos 200 anos ou algo assim. Talvez alguém esteja lembrando a ela que exercício é importante.

— Você realmente não acha isso.

— Não. — Ele tomou um longo gole de café, seus olhos estreitos e escuros. — Não, eu acho que não. Mas não podemos descobrir isso sem mais informações, Claire. E seja o que for, não parece com o fim do mundo.

— No entanto — ela disse baixinho. — Mesmo assim.

Ela avistou algo fora do ângulo do seu olho, algo que a fez se encolher, retroceder e ficar estranhamente tonta como se o que ela estivesse olhando fosse tão profundamente errado que a deixou mal fisicamente. Era fora da



janela, apenas de passagem... mas quando ela olhou, não viu nada nem um pouco fora do comum.

Apenas um homem, andando.

Ela o conhecia, ela percebeu, ou pelo menos o reconheceu; era aquele cara, aquele que ela tinha visto entrar no Marjo's Diner. O Sr. Normal. Ele não estava correndo como as outras pessoas na rua; ele estava andando calmamente, com as mãos nos bolsos do seu casaco.

Sorrindo.

Ele não deveria parecer tão estranho, mas isso fez arrepios subirem na parte de trás do seu pescoço.

— O quê? — Shane estava olhando para ela, e ele olhou para fora da janela também, tentando ver o que estava alarmando-a. — O que foi?

— Nada — ela disse, finalmente. O homem tinha ficado fora de vista. — Absolutamente nada.

Que era a coisa mais estranha de todas, ela pensou...



CAPÍTULO 4

AMELIE

Traduzido por Fernanda

Eu já tinha ouvido muitas coisas insanas durante a minha vida, e mais da metade delas tinha vindo de Myrnin — amigo, servo, inimigo ocasional, o caos personificado no melhor de seus dias muito numerosos. Hoje, quando ele explodiu em meu escritório, ignorando as advertências da minha assistente, eu não estava disposta a tolerá-lo.

Virei-me da vela que eu estava acendendo para enfrentá-lo, coloquei a minha melhor expressão real de raiva, e disse: — Você *não* pode invadir sempre que desejar, e você sabe disso. Volte para o seu...

Ele caminhou em minha direção com o seu casaco de couro preto ridiculamente pesado esvoaçando por cima dele, e deslizou uma carta para mim com um movimento do pulso. Eu a peguei com facilidade instintiva e a virei para ver a frente. Era um papel moderno, com uma textura lisa e suave, mas a escrita na frente me lembrou de outros tempos, outros lugares, nem todos eles tão agradáveis como este aqui.

— É de Morley — Myrnin disse, e bateu seu chapéu com força na minha mesa, bagunçando a papelada. — Ele enviou um corredor de Blacke.

Isso chamou a minha atenção, e eu olhei para ele por uma batida de coração — Um corredor — eu repeti. — Ele esqueceu completamente que vivemos em tempos mais modernos, ou ele simplesmente adotou a atitude arrogante que ele tanto desprezava nas outras pessoas?

— Leia — Myrnin disse. O texto dizia *Apenas para os olhos da Fundadora*, e o *apenas* tinha sido sublinhado três vezes. O envelope ainda estava selado. Eu o abri com o lado de uma unha afiada e o olhei novamente.

— Eu sinto que você está bem ciente do que diz aqui — eu disse a ele. — Qual foi truque de mágica?

— O mais velho. Segurei-o contra a luz.



— Ah. — Eu deslizei o papel e o desdobrei — uma folha fina, e apenas uma palavra sobre ela, elaborada em pinceladas retas de tinta, reforçadas com um estilo antigo, mas também com alarme. Se ele tivesse escrito isso com sangue, a urgência não poderia ter sido mais clara.

CORRA.

Por um momento, eu não consegui entender o que ele quis dizer, ou talvez eu não queria saber; isso não poderia durar, e não durou. Eu dei uma respiração afiada, dolorida, expandindo ao máximo os pulmões que não eram mais usados para o exercício — uma reação humana. A compreensão me afetou profundamente.

— Viu? — Myrnin sussurrou. — Nós dois sabíamos que isso iria acontecer. Nós sabíamos que estavam vindo, porém lentamente. Ele vai estar organizando as suas coisas em retirada, e *devemos* começar a montar as nossas defesas. Hoje. *Agora*. Já pode ser tarde demais.

Meu querido velho amigo. Ele soava desanimado, e com medo, e eu gostaria de ter consolo para oferecer a ele, mas ele estava terrivelmente certo. Por alguma razão, Morley — um vampiro maltrapilho, sujo com nenhuma habilidade particular, exceto uma sorte peculiar para a sobrevivência — tinha tropeçado sobre algo que eu tinha deixado escapar. Algo que todos tínhamos deixado escapar.

Poderia realmente ser tarde demais; Myrnin estava inteiramente certo. Eu sabia que isso iria acontecer, eventualmente; Eu sabia que as coisas chegariam a isso. Mas agora, eu olhei impotente ao redor do escritório, para a papelada outrora vital, subitamente sem sentido, para o brilho quente e amado do mundo que eu tinha construído em volta de mim. Fora das janelas, as nuvens estavam se reunindo pesadas com ameaça, mas as pessoas ainda andavam pela praça; a vida normal ainda prosseguia.

Mas era tudo uma mentira, uma mentira terrível e cruel.

Peguei o telefone e disquei, sentindo-me perdida e anestesiada. Myrnin estava andando no meu muito-amado tapete persa, e eu não tive disposição para dizer-lhe para parar. Não importava. Nada disso importava.

Liguei para Oliver, e ele atendeu quase imediatamente. — Amelie — ele disse. — Eu estava querendo falar com você sobre esse negócio bobo de festa de noivado...

— Venha — eu disse, parando-o friamente. — O que quer que você esteja fazendo, pare, e venha agora.



Mesmo assim, ele hesitou por um segundo antes de dizer: — O que aconteceu?

— Não ao telefone — eu disse, e desliguei. Eu coloquei as minhas mãos espalmadas sobre a mesa e inclinei-me sobre ela, sentindo subitamente uma sensação de desmaio, como se eu tivesse passando fome por meses. Era choque, uma reação antiga e esquecida. — Quem mais sabe? — eu perguntei.

— Claire estava comigo — Myrnin disse. — E o menino. Shane.

Eu fechei os olhos. Coração partido em desgosto, paredes de vidro desabando. Eles nunca tinham protegido qualquer um de nós realmente, apesar de todo os nossos fingimentos.

— Silencie-os — eu disse.

— Mas...

Eu levantei a minha cabeça, e eu sabia que os meus olhos estavam queimando com poder branco, impulsionado pela minha raiva, a minha repulsa, o meu desespero. — Silencie-os, Myrnin. Você sabe que você deve.

Ele olhou para mim por um momento de horror mudo, e balançou a cabeça. — Eu não posso — ele disse. — Deus é testemunha, eu não posso fazer isso. Não com ela. Com o menino, sim, mas não com ela. Amelie, deve haver uma outra maneira.

— *Jesus*, você acha que se houvesse eu não a faria? — eu gritei para ele com os punhos cerrados contra a necessidade de atacar. — Você irá fazer isto. Você deve. — E eu coloquei a minha vontade sobre ele, empurrando de uma forma que eu tão raramente fazia atualmente. Que eu tão raramente tinha que fazer.

Lágrimas encheram os seus olhos, e Myrnin oscilou no lugar. Ele agarrou a parte de trás de uma poltrona e se abraçou, mas, mesmo assim, seus joelhos cederam, e ouvi os sons de dor que ele fazia enquanto lutava para escapar da minha influência.

— Diga que você vai — eu disse. — Você sabe que *não temos escolha*.

— Há sempre uma escolha, *ma belle*. — Sua voz era suave e tremida, apenas um fio de voz em um suspiro de morte. — Isso foi o que você nos deu aqui. Uma *escolha*. Não nos tire isso agora. Eu não vou fazer isso. Não com ela.

Eu poderia tê-lo esmagado, com uma pequena força de vontade; Eu tinha feito isso antes, com os outros, destruindo-os em criaturas irracionais que cumpriam o meu apelo não importasse a que custo. Nem sempre é bonito, o que eu sou. O que eu faço com os outros. Na minha posição, a misericórdia é a última opção considerada, não a primeira.



Mas a ideia de esmagar *ele*, destruir o núcleo do que o fazia ser aquela vela brilhante, febril... Não. Eu não poderia fazer isso, como ele não poderia fazer isso com a menina.

— Muito bem — eu disse, e deixei a minha influência sair dele. — Não a garota. Mas eu não posso ter dois deles com esse conhecimento, vai dobrar o risco. Você deve silenciar o menino.

Myrnin ainda apertava a poltrona em um aperto de morte, como um homem se afogando agarrado aos restos de sua salvação ensopados de água. As lágrimas que ele segurava em seus olhos se soltaram quando ele piscou, e deslizou prateadas pelo seu rosto. — Isso certamente vai destruí-la — ele disse. — Ela o ama, tanto quanto você já amou Sam.

Ah, Samuel, meu amor. Eu tentei tanto nos proteger, e, no final, isso não nos levou a nada além de tristeza e morte, perda e silêncio. Eu me ajoelhei em seu túmulo por meses, com as mãos enterradas no solo, desejando sentir *alguma coisa*. Algum indício de sua crença de que a parte da alma humana continuava após a morte, até as almas de vampiros contaminadas.

Alguém tinha tirado ele de mim, por ódio. E agora... agora eu estaria fazendo o mesmo, não por ódio, mas por medo.

E não seria a primeira vez.

— Faça isso. — Eu disse isso gentilmente, mas com firmeza.

E Myrnin lentamente assentiu. Ele pegou o chapéu e saiu, de cabeça baixa, ombros caídos sob o peso de tudo o que eu tinha acabado de empilhar em cima dele.

Não haviam boas escolhas. Não agora.

Oliver levou apenas mais um momento para chegar, escorregando na porta e fechando-a sob protestos exasperados da minha assistente. Ele estava usando a roupa estranha e um tanto ridícula que ele mantinha para se misturar com a população humana, abandonando o seu próprio gosto natural pelas cores escuras, linhas simples e tecidos. Ele viu a minha expressão, minha coluna tensa, o olhar nos meus olhos, e cruzou para pegar no chão o pedaço de papel que Morley tinha nos enviado.

Ele o leu e deixou-o cair de volta no chão. Sem olhar para mim, ele disse: — Ele está vindo, então.

— Sim.

Agora, ele encontrou os meus olhos. — E o que você vai fazer, Amelie? Você vai recuar como você sempre fez?

— É chamado de sobrevivência, Oliver.



— Muitas vezes confundida com covardia — ele disse.

Eu atirei-lhe um olhar duro. — Você não tem medo?

Então ele me deu um sorriso de guerreiro contido, e isso me acalmou. — O medo é o estado natural de qualquer coisa que morre, até mesmo nós — ele disse. — Então é claro que eu tenho. Mas talvez seja hora de usar o medo.

— Para ficar e lutar? — eu disse. — Isso é sempre a sua resposta, você sabe.

— Isso é porque funciona.

Eu balancei a cabeça lentamente. — Você só lembra quando funciona. Evitar a luta significa que você permanece vivo. E eu prefiro viver, Oliver. Eu sempre preferi.

— E eu prefiro lutar — ele disse. — E sempre preferirei. — Ele estava muito perto de mim, e sob a camuflagem de roupas modernas que ele usava, ele era o mesmo que já tinha sido, contido e duro, esguio e frio. O extremo oposto da luz e espírito de gentileza de Samuel.

Mas talvez agora eu precisasse de um guerreiro mais do que eu precisava de um santo.

Esse é o único motivo que eu posso pensar para o beijo.

Eu acho que a atração repentina e meio desesperada veio como um choque para nós dois, mas era... estranhamente inevitável. E o beijo... o beijo foi doce, e autoritário, e acalmou algo louco e com medo que tinha fugido de sua gaiola de dentro de mim.

Eu podia ver uma súbita desconfiança em seu rosto quando eu me afastei dele; ele pensou que ele tinha apenas cometido um erro tático grave. Na verdade, eu não tinha certeza de que ele não tinha, ou que eu não tinha, mas eu gentilmente coloquei uma mão contra o seu rosto, e sorri sem dizer uma palavra.

Ele colocou os seus dedos sobre os meus, olhando nos meus olhos. — Isso estava para acontecer há um bom tempo — ele disse. — E, no entanto, devo confessar, é meio que uma surpresa. Por que você acha?

— Porque nós estamos bem adaptados à teimosia — eu disse. — E ao orgulho. E ao medo.

Nossos sorrisos desapareceram, e eu lamentei um pouco, porque ver Oliver relaxado desta forma era algo radiante, e tão raro quanto um unicórnio. — Talvez seja algo que devemos nos dedicar mais tarde — ele disse. — Quando tivermos tempo livre para explorar todas essas questões que acabaram de ser levantadas.



— Sim — eu disse. — Devemos... sim. — Eu tomei uma respiração fresca, superficial e disse: — Claire e Shane sabem sobre o bilhete. Myrnin não lhes disse tudo, mas eu não tenho nenhuma dúvida de que ele disse a eles o suficiente para fazer com que eles ficassem curiosos, e não podemos permitir curiosidade. Não agora.

A faísca saiu de seus olhos, e era só o general guerreiro me encarando agora, não um homem, nem mesmo o escudo imortal de um. Ele deu um passo para trás fisicamente, quebrando o contato entre nós. — Então você deve impedi-los de dizer aos outros. Eu não acho que palavras duras serão suficientes. Precisamos ganhar tempo para nos prepararmos, e se a comunidade humana suspeitar...

— Eu sei disso — eu disse, irritada. — Myrnin...

Oliver soltou uma gargalhada. — Você envia Myrnin para fazer uma coisa dessas? Não que ele não seja um pequeno assassino entusiasmado sob as circunstâncias corretas, vou conceder-lhe isso, mas ele é tão sentimental como uma criança de olhos marejados sobre algumas coisas, e essa menina é uma delas.

— Eu concordei que ele pode poupar a menina. Nós podemos controlá-la, desde que o menino tenha ido. — Mesmo enquanto eu dizia isso, mesmo enquanto as palavras saíam da minha boca, eu percebi o que eu tinha acabado de dizer.

E como muito, muito errada eu estava.

Oliver estava balançando a cabeça. — Se esse menino morrer, ela não vai se curvar. Ela não vai quebrar. Ela vai ser a faísca perfeita para inflamar este barril de pólvora, e nós *não podemos* entrar nessa luta, não agora. Você conhece essa garota, você *sabe*. Você deve chamar Myrnin de volta...

E ele estava certo. Eu tinha reagido loucamente, e até mesmo Myrnin, o docemente insano Myrnin, tinha reconhecido. Ele tentou me dizer.

— Então pare ele — eu disse. Oliver assentiu com a cabeça e se dirigiu para a porta. — Espere. Faça isso silenciosamente, e não machuque Myrnin a menos que você precise.

— Sentimental — ele disse, e sacudiu a cabeça de novo, sorrindo aquele sorriso afiado. — Acho isso estranhamente belo em você, princesa.

Sentei-me e olhei para fora das janelas em minha fatalmente doente cidade, e me perguntei porquê eu sempre percebia tarde demais o que eu queria.

E porquê o que eu queria nunca era bom para mim.



CAPÍTULO 5

CLAIRE

Traduzido por Fernanda

O alarme em seu telefone soou, e Claire tremeu e puxou-o para fora de seu bolso. Ela o desligou e olhou para o lembrete. — Merda — ela disse. — Eu tenho que ir. Tenho uma reunião com um professor sobre a minha nota.

— Espere, o quê? Você está tentando conseguir algo maior do que um A? — Shane engoliu o resto do seu café. — Não tente me dizer que você está em apuros em uma aula, porque eu não vou acreditar. Você nunca conheceu uma classe em que você poderia reprovar. Você é a sussurradora de livros.

Claire sentiu-se corar furiosamente, e jogou um guardanapo amassado nele. — Não, é sério! Eu faltei um teste por causa de, você sabe, coisas de Morganville. Então, eu queria refazê-lo, e ele disse que eu não podia, então eu tive que pegar um bilhete de justificativa. Eu tenho que entregar a ele o bilhete para ele me deixar fazer novamente.

— E manter os seus 4.0 dourados.

— Eu ainda quero ir para o ITM. Eventualmente. Se eu não puder manter um 4.0 *nesta* escola... — A voz de Claire desapareceu, porque, *obviamente*, o ITM nunca iria chamá-la novamente se ela tivesse essa humilhação em seu registro. Ela sempre, sempre quis ir para o ITM. O fato de que ela recusou um convite uma vez puramente por causa do fascínio com a coisa louca-e-perigosa-embora-brilhante que Morganville tinha para oferecer... Bem, não era a sua resposta *final*.

— Deixe-me ver o bilhete.

Ela tirou de sua mochila e entregou. Ele assobiou quando olhou para o pesado envelope de cor creme, o selo de ouro chique embutido na parte traseira. — Um bilhete de *Amelie*? Você não enrola quando quer uma justificativa, não é? — Ele puxou o papel para fora e o leu, com as sobrancelhas subindo mais alto. — *Dispensada por um trabalho na cidade*. Uau. Você percebe



que eu vivi aqui por toda a minha vida, e eu mal posso fazer com que a Fundadora lembre do meu nome. Ela está escrevendo malditos bilhetes de desculpas para você.

Claire pegou o papel de volta e o colocou de volta no envelope. — Bem, eu estava a negócios na cidade quando eu perdi o teste. Eu não inventei isso.

Shane estava sorrindo para ela daquela maneira quente e conhecida com os olhos semicerrados. — Eu sei que você não inventou — ele disse, — porque você só... não faz isso. O que é muito estranho, por sinal. Eu devo ter forjado vinte bilhetes de justificativa na minha carreira escolar não muito gloriosa, mas eu aposto que você nunca sequer tentou fazer isso.

O rosto de Claire ainda estava quente, então ela bebeu o final de sua mocha para ganhar tempo. Então ela se levantou, recolheu suas coisas, e disse: — Sim, eu era entediante. Eu tenho sido entediante por toda a minha vida.

— Eu não quis dizer isso. — Ele se levantou também, e inclinou-se e a beijou. O mocha doce em seus lábios se misturou com o café amargo dos dele, mas que não foi por isso que ela lambeu os lábios quando eles se separaram, e ela sabia disso. Shane só tinha esse efeito sobre ela. — Você é *tudo*, menos entediante, Claire Bear. Acredita nisso.

Ela não tinha ideia de porquê ele dizia isso, porque da perspectiva dela, Shane era o emocionante, aquele com todo o fogo e fúria. Ela tinha... o quê? Um histórico de ser sempre protegida, um registro acadêmico impecável, e um mau hábito de tentar fazer tudo melhor. Não é tão emocionante mesmo, com certeza.

— Eu vou tentar — ela respondeu. — Vejo você em casa!

— Adios — ele disse. — Mande mensagem se você não puder suportar ficar longe.

— Idiota. — Ela soprou-lhe um beijo, que ele pegou no ar e teatralmente bateu sobre o seu coração.

Claire saiu para o vento frio e olhou para as nuvens. Escuro, e ficando mais escuro. Gotas de chuva grandes e molhadas já estavam caindo para escurecer a calçada de concreto. Ela colocou o capuz de sua jaqueta e correu, tentando vencer a tempestade, mas alcançou-a no meio do campus de UPT. Estudantes corriam ao redor, cobrindo suas cabeças, segurando livros e papéis em seus peitos para tentar protegê-los. Não adiantava. Tudo estaria ficando encharcado neste aguaceiro; estava tão ruim quanto Claire nunca tinha visto, uma cortina de prata torrencial que limitou sua visibilidade a não mais do que alguns metros. Ela teve que cruzar os grandes espaços abertos para ir na direção



do edifício de ciências, e muito rapidamente percebeu que deixar o caminho demarcado fora uma má ideia; não apenas por causa da lama se formando rapidamente e que sugava seus sapatos, mas a perda de pontos de referência. Ela não podia dizer onde o sol estava, e os edifícios eram invisíveis por trás da cortina de trovões. Uma árvore grande assomava-se à sua direita, mas ela não conseguia se lembrar onde ela estava em relação a qualquer outra coisa.

Além disso, está perto de uma árvore provavelmente não foi a melhor ideia, ela pensou, conforme uma punhalada brilhante de raios rasgava pelo céu. A única vantagem daquele brilho de queimar os olhos foi que ele mostrou as estruturas na distância, apenas por um segundo, e Claire acertou o curso para se direcionar a eles, enquanto enxugava as imagens residuais.

Ela quase correu para Myrnin, que veio para cima dela do nada. Ele ainda estava vestindo seu casaco de couro preto, mas ele tinha perdido o seu chapéu em algum lugar, e seu cabelo preto na altura dos ombros estava grudado em torno de seu rosto pálido e afiado. Seus olhos estavam arregalados e em branco, e ela deu um passo para trás dele, assustada e desconfiada.

Ele a agarrou enquanto ela escorregava, e segurou-a no comprimento do braço. — Onde está Shane? — ele perguntou. Não era bem um grito, embora ele tenha levantado a voz para ser ouvido por cima do assobio alto da tempestade. Ela estava tão surpresa com a pergunta que ela não respondeu, e Myrnin balançou-a, não muito gentilmente. — Onde ele está?

— Por quê? — Ela encontrou seu equilíbrio e se torcia para fora de seu aperto — ou mais provavelmente, ele a deixou ir, porque Myrnin era cerca de uma centena de vezes mais forte do que ela, e ela não achava que ela tinha a habilidade de Shane em combates corpo a corpo. — Desde quando você se preocupa com Shane?

Havia algo muito estranho na expressão de Myrnin, sobre a maneira como ele estava agindo. Não era apenas a estranheza de ele ficar em pé ali se encharcando, como se ele nem estivesse sentindo isso; era o jeito com que ele estava olhando para ela, com uma estranha mistura de medo e impaciência. — Eu estou tentando ajudá-la! — Myrnin disse. — Apenas me diga onde ele está, Claire!

— Me ajudar? Porque, o que está errado? Shane está em apuros? — Todos os pensamentos sobre a reunião com o seu professor tinham desaparecido, varridos em uma torrente de ansiedade. — Myrnin, me diga!

— Eu tenho que encontrá-lo — ele disse. — Eu tenho que encontrá-lo rapidamente. Diga-me onde ele está!



— Eu vou com você!

— Não — ele disse. Ele já tinha parecido tão pálido para ela antes? Tão... alienígena? — Apenas me diga, Claire. Eu viajo mais rápido sozinho.

Algo dentro dela a avisou para não dizer, para não confiar nele... mas era Myrnin. Mesmo com todos os seus defeitos, todas as suas esquisitices, ele não iria machucá-la. Ou Shane.

Ainda assim, ela hesitou. — Apenas me diga por quê — ela disse, e estremeceu quando a chuva ensopou o seu casaco e começou a atravessar sobre sua pele.

— Ele está em perigo. *Agora*, Claire, antes que seja tarde demais!

Ela não podia banir aquele formigamento de dúvida, mas ela não podia correr o risco se ele estivesse dizendo a verdade, tampouco. Não se Shane estivesse realmente em perigo. — Ele estava no Common Grounds — ela disse. — Eu acho que ele estava indo para casa...

Antes de ela acabar de dizer isso, Myrnin era um flash através da chuva, uma sombra... e foi embora.

Claire procurou no seu bolso, tirou seu celular, e inclinou-se para protegê-lo da chuva, enquanto ela rapidamente mandava uma mensagem para Shane. *Chegue em casa rápido*, ela enviou. *Algo está errado. Corra.*

Isso era tudo o que ela podia fazer. Havia um medo terrível nela agora. Myrnin não estava brincando, ele não tinha estado desde que ele tinha visto aquela mensagem no deserto. Havia algo mais errado do que ela já tinha esperado.

Ela hesitou, despedaçada, e, em seguida, correu para o prédio de ciências. Outro relâmpago colocou-a de volta ao curso, e ela escalou os degraus, tremendo de frio, e derrapou para o abrigo relativamente seco do lobby. As suas pegadas molhadas não eram as únicas, mas elas definitivamente seriam as mais enlameadas. Ela enxugou os sapatos como melhor pôde nos tapetes, jogou para trás o seu capuz encharcado, e correu pelo corredor até as escadas, em seguida, até os escritórios. A porta do Professor Howard estava fechada. Ela bateu duas vezes, não esperou por uma resposta, abriu-a e o viu olhar por cima de sua papelada.

— Desculpe — ela disse. — Fui pega na tempestade.

— Eu percebi, senhorita Danvers. Sente-se; as cadeiras são de madeira lisa por uma razão.

— Eu não posso, senhor. — Ela deixou a sua mochila — por sorte, impermeável e com a chuva ainda aparente em sua superfície — deslizar para



fora de seu ombro, e abriu o bolso para pegar o envelope dentro. Ela entregou para ele, seus dedos úmidos deixando manchas na superfície. — Eu tenho que ir. Eu sinto muito mesmo, mas é uma emergência!

— O quê, mais uma? — O professor Howard olhou cinicamente por cima de seus óculos de leitura, desdobrou o bilhete e, em seguida, olhou para trás para ela com uma expressão totalmente diferente. Ele cuidadosamente a dobrou novamente, colocou-a dentro do envelope e entregou-o de volta. — Vou esperar você aqui para fazer o teste amanhã ao meio-dia, Danvers. Nenhuma desculpa além da morte — você me entendeu? Hospitalização não vai salvá-la.

— Sim senhor! Obrigada! — Ela rapidamente enfiou o bilhete de volta em sua mochila, a colocou no ombro e correu para fora do escritório. Ela bateu a porta fechada atrás dela e quase voou nos degraus para baixo novamente, no desceu o corredor, e puxou para cima o seu capuz quase inútil antes de mergulhar para a chuva novamente.

E bateu em outro vampiro na calçada.

Oliver.

O que era isso, o Dia dos Vampiros Fazerem Passeios? Era totalmente fora do perfil de Myrnin estar no campus, e agora Oliver também? Isso estava começando a ser menos estranho e mais totalmente aterrorizante.

— Onde está Shane? — Oliver perguntou. — Eu pensei que ele estaria com você.

De repente, todo mundo queria Shane. Claire piscou conforme a chuva pingava em seus olhos. Oliver não se incomodou com uma capa de chuva ou um chapéu, por isso ele parecia tão afogado como ela se sentia. Ele também parecia que não ia deixar aquilo — ou qualquer outra coisa — detê-lo. Ele tinha o mesmo olhar de Myrnin — focado, intenso, comprometido. Mas sem a borda de tristeza. Oliver era todos negócios.

— O que *diabos* está acontecendo? — ela perguntou. — Myrnin disse...

Oliver entrou no seu espaço pessoal com o queixo abaixado. Isso foi, para dizer o mínimo, intimidante. — Myrnin encontrou você — ele disse. — Claro que ele encontrou. Ele provou o seu sangue — ele pode sempre encontrá-la se ele quiser. O que ele disse para você?

— Ele disse que Shane estava em perigo e que ele precisava encontrá-lo.

— Você disse a ele?

Ela balançou a cabeça lentamente, sem tirar os olhos dos olhos de Oliver. Eram escuros e ilegíveis, e a chuva pingava de seus cílios.



— Então eu tenho que me apressar se você quer que eu o salve — ele disse.

— Quem? Myrnin?

— Shane. Onde ele está?

— Indo para casa do Common Grounds. — Ela agarrou-o pelo braço, de repente aterrorizada que ele fosse correr como Myrnin, perdido na chuva antes que ela pudesse respirar. — Espere! Se você vai, me leve! Por favor!

— Que perca de tempo — Oliver suspirou, mas ele agarrou-a pela cintura, e de repente ela estava sendo levantada, jogada com força o suficiente para deixar hematomas por cima do ombro, e então...

... Então o mundo ao redor dela se manchou em um borrão. A chuva a chicoteava como ferrões pontiagudos, e Claire escondeu o rosto conforme o vento ondulava suas roupas sob sua força. *Rápido demais, rápido demais...* Ela não conseguia recuperar o fôlego para protestar, não que Oliver fosse ouvi-la de qualquer maneira. Ela sempre soube que vampiros podiam se mover rápido, mas isso era *insano*. Era como estar presa em um túnel de vento, e se não fosse por seu punho de ferro, segurando suas pernas, ela teria sido arrancada dele como algum pedaço de papel batendo em um tornado.

Pareceu durar uma eternidade, mas não poderia ter sido mais do que um minuto ou dois no máximo, antes que Oliver diminuísse a velocidade e parasse, e todo o corpo de Claire cambaleou quando eles desaceleraram. A mudança na velocidade jogou-a para trás, e ela o sentiu soltá-la, mas apenas o suficiente para pegá-la conforme ela caía. Ele a colocou sobre seus pés, e ela tropeçou enquanto tentava controlar a desorientação. Havia uma parede de tijolos ao seu alcance, então ela se inclinou sobre ela, ofegando.

Oliver caminhou em direção...

Em direção a Myrnin, em seu casaco preto grosso, que estava segurando Shane contra a outra parede do beco com a mão direita, e com a esquerda nas costas, as garras capturando a luz em ângulos agudos. Ele hesitou quando viu Oliver, e congelou quando viu a forma trêmula de Claire.

— Não — ele sussurrou, então virou um olhar sobre Oliver. — Maldito! Ela não deveria ter que ver isso!

— Solte o garoto — Oliver disse. — Agora.

Myrnin voltou a sua atenção para Shane, que estava lutando por sua vida, mas falhando em tirar o aperto de Myrnin de sua garganta. Seu rosto estava ficando roxo. — Eu não posso fazer isso — ele disse. Ele parecia triste e miserável, mas determinado. — Eu fiz uma barganha. Eu tenho a intenção de mantê-la.



Oliver não discutiu sobre isso. Ele acertou Myrnin de lado, como um trem de carga, e os dois vampiros voaram pelo ar fora de equilíbrio, em seguida, bateram em uma lixeira gigante enferrujada, que soou como um sino por causa do impacto. Myrnin pulou, rosnando, e seu casaco balançou como asas de morcego quando ele saltou para Oliver.

Oliver o encontrou no meio do pulo, bateu-o contra uma parede, em seguida, para baixo no chão do beco inundado com um esguicho de água cinza.

Claire cambaleou até Shane, que tinha caído para baixo para se agachar. Ele estava lutando para respirar, e ela podia ver as marcas vermelhas em sua garganta onde Myrnin havia lhe sufocado. Ela colocou os braços ao redor dele, e Shane abraçou-a de volta com um desespero que a surpreendeu.

— Tire-o daqui! — Oliver gritou, tentando segurar Myrnin para baixo. — Vá para casa e fique lá! Corra!

Claire agarrou a mão de Shane e deu um puxão para ficar em pé, em seguida, puxou-o para um tropeço. O beco lhes havia protegido um pouco da chuva, mas quando eles foram para a rua, o açoite da chuva gelada a deixou sem fôlego. Não havia tempo para perguntas; Oliver tinha soado totalmente sério, e ela não tinha a intenção de assumir um risco. Não com a vida de Shane.

Levou mais alguns minutos para correr os quarteirões restantes através da chuva cegante para Lot Street. Ela meio que esperava que alguém — Amelie, talvez? — saltasse para eles antes de chegarem ao abrigo da varanda, mas as ruas estavam desertas. Morganville não havia sido criada para as chuvas fortes, e as calhas já estavam transbordando. A rua era um lago, e a água estava rastejando inexoravelmente para o quintal sob a cerca de piquete.

As mãos de Claire tremiam, mas ela conseguiu colocar a chave na fechadura, abrir a porta e empurrar Shane dentro. Ela a bateu atrás deles e fechou todas as fechaduras e ferrolhos da casa antes que ela se deixasse cair sobre o alegre tapete de pano que Eve tinha colocado no hall de entrada.

Shane entrou em colapso ao seu lado, tão encharcado quanto ela, e por um momento não havia nada além do som dos seus suspiros roucos.

Claire se inclinou contra ele, e ele colocou seu braço ao redor dela. — Você está bem? — ela perguntou em voz baixa. Ela o viu engolir, e parecia dolorosamente vermelho ao redor do pescoço dele agora.

Sua voz saiu rouca e mais profunda do que normal. — Eu achei que ele ia me matar — ele disse. — O que diabos eu fiz para irritá-lo?



— Nada. Eu não sei. — Claire mordeu o lábio, sentindo-se enjoada. — Ele me disse que tinha de encontrar você, que alguém estava atrás de você. E... eu disse a ele onde você estava. Deus, Shane, eu confiava nele! Eu *disse a ele onde você estava!* — A enormidade da traição de Myrnin surpreendeu-a, e ela sentiu como se um piso perfeitamente alinhado subitamente quebrasse debaixo dos seus pés, fazendo-a despencar para baixo um buraco de coelho, onde tudo estava errado. — Como ele pôde fazer isso? *Porquê?*

Shane colocou seu braço ao redor dela e a abraçou. — Está tudo bem — ele disse a ela com a voz rouca. — Estou bem. Não é sua culpa.

Era, no entanto. Era culpa dela por confiar em Myrnin. Shane poderia ter morrido. Claire podia imaginar isso bem demais — chegando tarde demais, vendo o sangue de Shane se misturando com a água do beco alagado. As unhas afiadas de Myrnin vermelhas. O corpo de Shane de braços na poça.

E ela poderia se imaginar atacando-o, a todos eles, porque se Shane morresse, se os vampiros *o matassem*, ela iria caçar cada um deles. Claire sabia que não era racional, não estava certo, mas ela não se importava.

Se os vampiros viessem atrás de Shane, viessem atrás dela, ela lutaria de volta de qualquer maneira que pudesse.

— Algo está errado — Shane resmungou. — Realmente errado.

Ela engoliu as lágrimas, e balançou a cabeça em silêncio. Ela descansou a cabeça contra seu peito, fechou os olhos e ouviu a batida forte e certa do coração dele.

Que ela quase tinha parado ao confiar em Myrnin.

Shane acariciou seu cabelo molhado, tentando confortá-la, *ela*, quando ele que estava machucado. — Foi minha culpa — ela conseguiu dizer. — É sério. Eu disse a ele... O que ele *disse?*

— Para mim? — Shane perguntou. Ela assentiu com a cabeça. — Nada. Eu me virei e ele estava lá, e ele não disse uma única palavra, exceto *Desculpe*. — Ele engoliu em seco e fez uma careta. Sua voz tinha um pequeno tom rouco e áspero. — Olha, eu lutei antes, você sabe disso, mas ele não estava lutando. Ele estava lá para me matar, claramente e simplesmente, sem hesitação. Assassinato. Como se ele estivesse cumprindo ordens.

— Ordens — Claire repetiu. E de quem Myrnin recebe ordens? Ninguém, na verdade. Ninguém, exceto... — Amelie. — Ela disse isso em voz alta, muito suavemente, e parecia triste para os seus próprios ouvidos. — Amelie mandou. — Mas isso não importa realmente, não como uma coisa imediata; Claire sentiu uma queimadura de indignação, mas ela nunca tinha estado sob



quaisquer ilusões sobre a lealdade de Amelie com relação a ela. O que *realmente* machucava era Myrnin. Depois de tudo o que ela tinha passado por ele, feito por ele, ele se virou contra ela. Ele tentou tirar Shane dela.

Ele não entendia como isso iria despedaçá-la?

— Ei — Shane disse. — *Ei*, Claire, eu estou aqui. Eu estou bem aqui. — Seus dedos acariciaram sua bochecha molhada e fria, e ela lutou para se concentrar em seu rosto. — Está tudo bem.

Não estava. Ela se agarrou a ele ferozmente, até que ambos parassem de tremer de frio, até que ela sentiu o calor de seus corpos secar o tecido encharcado de suas roupas. Não era o perfil de Shane apenas ficar assim com ela, não quando eles deveriam estar se levantando e se secando... mas ele não parecia ter mais vontade de se levantar do que ela. Talvez, no fundo, ele estivesse tão chocado e assustado quanto ela se sentia.

— Precisamos pensar no porquê de eles fazerem isso — Shane disse. — Eu sei que eu irrita as pessoas, mas isso é um pouco demais, até mesmo para os vampiros.

— É algo que nós fizemos — Claire respondeu. — Alguma coisa nós sabemos. Algo que só nós sabemos. — Mas ao mesmo tempo que ela terminou de dizer isso, ela percebeu o que era, e Shane também.

— O menino, no deserto — ele disse. — A carta de Blacke. Então, aquilo é de sigilo total, confidencial? Se tudo o que dizia era *corra*...

— Eu não acho que seja sobre o que dizia — Claire disse lentamente. — Eu acho... eu acho que é porque conhecemos Amelie bem demais. Nós sabemos como ela pensa, de certa forma. Mais do que quaisquer outros seres humanos, de qualquer maneira. — Ela engoliu em seco. — Eu acho que ela queria nos impedir de falar a qualquer outra pessoa sobre o que tínhamos visto, ou pensamos que iria acontecer.

— Eu — Shane corrigiu. — Ela queria *me* parar.

Isso a silenciou; obviamente, era verdade. Myrnin tinha ido atrás de Shane como uma flecha; ele teve a *chance* de matá-la, mas ele não tinha sequer tentado. Por que poupá-la, se ela e Shane sabiam das mesmas coisas perigosas?

Você sabe, uma voz profunda dentro dela sussurrou. *Você sabe como Myrnin se sente.*

Claire estremeceu. Ela não sabia. *Realmente*, ela não sabia. E ela não quer saber também. Mas se Myrnin — se ele se recusou a matá-la, ele não teria tido muito problema com matar Shane, exatamente pela mesma razão.



Então por que *Oliver* entrou em cena para salvá-los, de todas as pessoas? Não fazia sentido. Isso deixou Claire sentindo-se vulnerável e abalada de uma maneira que nem todo o seu tempo em Morganville havia deixado. Se *Amelie* tinha se virado contra eles...

Ela envolveu-se mais estreitamente em torno de Shane. Ele fez um som fraco e satisfeito na parte traseira de sua garganta e puxou-a em seu colo. Seus lábios se encontraram suavemente no início, depois com mais urgência. A boca de Shane tinha gosto de chuva e a memória agridoce de café, e Claire se viu choramingando um pouco, querendo mais do que isso, muito mais, querendo saber que ele estava vivo e com ela. O beijo reforçou-se, e as mãos de Shane colocaram fogo em sua pele. De repente, ela se sentiu sufocada pelas roupas úmidas. Ela as queria *fora*.

— Ei — ele sussurrou, e agarrou as mãos dela enquanto estendeu a mão para a bainha de sua camisa para arrancá-la. — Espere.

Ela parou e olhou para ele, aflita. O sorriso em seus lábios úmidos e adoráveis a tranquilizou. Assim como o olhar faminto e quente em seus olhos.

— Lá em cima — ele disse. — Tenho que te secar e aquecer corretamente.

Parecia inocente, mas oh, não era. De jeito nenhum.

Ela ficou de pé e ofereceu-lhe a mão. Ele ergueu as sobrancelhas, tomou-a e levantou-se para colocar seus braços em volta dela e beijá-la novamente.

— Ele poderia tentar de novo — Claire disse. — Se *Amelie* se voltou contra você, eu juro, Shane, eu juro que eu vou...

Ele balançou a cabeça e beijou-a, quente e doce e cheio de promessas. — Não pense sobre isso agora — ele disse em um sussurro rouco. — Aconteça o que acontecer, nós estaremos prontos para isso, Claire. Nós dois.

E então ele a levou lá em cima, no silêncio do quarto dela, onde ele prometeu a ela novamente. Muitas coisas.



Oliver bateu na porta duas horas mais tarde. Ambos estavam de pé e vestidos, e Claire estava esquentando sopa para Shane, era praticamente a única coisa que podia descer pela sua garganta machucada. Claire abriu a porta e olhou para ele — encarou, na verdade, e disse: — Você sabia o que estava acontecendo. Você sabia sobre *Myrnin*. Foi *Amelie*?

— Posso entrar? — *Oliver* perguntou. Ele não esperou por uma resposta, apenas passou por ela e caminhou pelo corredor. Claire amaldiçoou sob sua



respiração e trancou-se atrás dele. Ao redor dela, a energia da casa se reuniu, protetora e ameaçadora, mas não exatamente certa sobre quem o inimigo poderia ser. Ela respondia aos seus humores, até mais do que com os outros residentes. Isso podia ser útil, ainda mais agora.

Oliver tinha parado no sofá, e estava olhando para Shane, que estava deliberadamente ignorando-o enquanto olhava para a televisão brilhante. — Você está bem? — Oliver perguntou. Shane apontou para a garganta. — Nada permanentemente danificado, eu acredito.

Shane virou de costas para ele.

— Ah, eu vejo que você não perdeu o seu senso de decoro social e excelentes modos. — Oliver lançou um olhar para Claire e levantou as sobrancelhas ligeiramente. — Ele *está* bem?

— Não, graças a Myrnin. — Ela estava com tanta raiva agora que ela estava quase vibrando por isso. — Que *diabos*, Oliver?

— Não foi totalmente culpa de Myrnin, eu sinto dizer. Havia um medo sobre o que vocês dois sabem... o que, você sabe, pode ser um risco muito grande. Conte as suas bênçãos. Myrnin lutou para salvar sua vida.

— *Minha* vida. Não a de Shane.

Oliver apenas deu de ombros. — Como você pode ver, ele vive e respira. Nenhum dano feito.

Shane silenciosamente apontou um dedo indicador em seu pescoço, que era um vermelho escuro inflamado, indo em direção ao roxo.

— Nenhum dano permanente — Oliver emendou. — Deixem que seja um indicador do quão grave essa situação é, e quão determinados estamos em manter até mesmo um sussurro dela do público em geral — e por público geral, eu quero dizer vampiros, assim como os seres humanos. *Silêncio*, está me ouvindo? Vocês nunca estiveram lá, e vocês nunca viram nada. Ou eu prometo a vocês, os poupamentos terão terminado.

— Mas nós não *sabemos* de nada! — Claire gritou quase em cima dele. Ela estava com tanta raiva que ela queria atacá-lo com suas mãos, e foi apenas o fato de que Shane, geralmente o estourado dos dois, estar sentado tranquilamente no sofá que a deteve. Bem, isso e o fato de que Oliver não teria o menor problema em esmagá-la como um inseto. — O que vocês temem tanto?

Shane olhou para cima ao ouvir isso, para Oliver.



Que hesitou por um momento, e então disse: — Eu espero que você nunca tenha que saber a resposta para isso, Claire. Não saia hoje à noite. Espere até amanhã para sair desta casa. Eu tenho algumas... persuasões a fazer.

Então ele saiu silenciosamente. Ela ouviu a porta destrancar e Oliver chamou novamente: — Tranque-a atrás de mim. — Então ele se foi.

Claire gritou em frustração, correu pelo corredor e bateu as travas com tanta força que ela machucou a mão. Em seguida, ela bateu os punhos sobre a madeira e chutou para completar.

Shane a tinha seguido e colocou as mãos em seus ombros. Ela se virou para ele, olhando para o rosto dele. Deus, aquele hematoma parecia realmente ruim. Ele quase morreu.

Não, ele quase tinha sido morto. Por *Myrmin*, de todas as pessoas. Quão ferrado isso era?

— Relaxe — ele sussurrou. Ele moveu suas mãos para aconchegar seu rosto com ternura. — Apenas relaxe. A porta não te chateou.

— Disse o cara que dá socos nas paredes.

— Sim, bem, as paredes já esperavam por isso.

Ela teve de rir, mas saiu mais como um cruzamento entre um latido e um soluço. — Deus, o que está acontecendo lá fora? O que eles não estão nos dizendo?

— Não sei — Shane disse. — Mas, pela primeira vez, eu voto para que não perguntemos, porque está totalmente fora da nossa folha de pagamento. — Ele beijou sua testa, em seguida, moveu-se para beijar seus lábios. — Deus, você tem um gosto bom.

— É nisso que você está pensando? Depois disso tudo?

— Quando eu fico nervoso, eu foco no positivo. Como você. — Ele pegou a mão dela e levou-a de volta para a sala de estar, onde ele fez com que ela se sentasse no sofá enquanto alcançava dois copos de chá gelado (Eve tinha começado a tomar por alguma razão), e colocava um filme. Ela estava tensa demais para relaxar, mas Shane claramente não estava; ele se esticou no sofá, e depois de alguns momentos se sentindo tola, Claire finalmente ficou ao lado dele, com o seu braço quente e pesado ao redor da cintura dela, puxando-a para mais perto dele.

Ela não fazia ideia de qual filme era, e em questão de momentos, ela realmente não se importava de qualquer jeito. Os beijos quentes de Shane na parte de trás do pescoço dela se asseguraram disso. Assim como fizeram os movimentos sorrateiros e maravilhosos que ele fez com as mãos.



Dentro de uma hora, eles estavam dormindo juntos, curvados embaixo do cobertor enquanto o filme passava sem eles.



Quando eles acordaram, foi ao som de pratos batendo na cozinha, e o cheiro de pizza. Claire foi a primeira a se mexer, e o seu alongamento e bocejos fizeram Shane murmurar algo que parecia feliz, e se mover para mais perto dela, mas ela sorriu e saiu de debaixo de seus braços.

Shane deixou suas pálpebras abertas apenas por uma fenda e disse: — Não é justo, você está saindo.

— Bem, tem pizza — Claire disse. — Levante-se ou eu não vou guardar nada pra você.

Pizza era quase uma atração tão mágica quanto tacos, aparentemente, porque ele estava de pé em trinta segundos, balançando a cabeça para ajeitar o seu cabelo para trás em seu estilo habitual eu-não-ligo.

Oh Deus, seu pescoço parecia horrível. Não teria como disfarçar isso. Claire se aproximou dele e sussurrou: — Nós não podemos dizer a eles. Você se lembra, certo? Oliver disse...

— Certo, porque eu sou tão bom em receber ordens de presas ambulantes — Shane sussurrou de volta. Mesmo que o seu sussurro soasse rouco e doloroso.

— Shane, você não pode!

— Bem. Eu não vou. *Você* explica.

Isso foi o máximo que ele estava disposto a oferecer, por isso Claire se empurrou pela porta da cozinha, ainda lançando para ele olhares duvidosos, e encontrou Michael e Eve em frente aos balcões, enchendo pratos com pizza de uma caixa. Havia dois grandes e Shane foi com tudo direto para um. Ele pegou uma fatia e começou a comê-la em pé.

Eve revirou os olhos e deslizou um prato para baixo da bancada. — Honestamente, você foi criado em um estábulo de pôneis ou algo assim? Pratos! Aprenda a usá-los; ame-os... — Sua voz foi sumindo, e sua expressão ficou chocada. — O que *diabos* aconteceu com você, Shane?

Michael olhou para cima enquanto preparava seu próprio prato e viu também. Seus olhos azuis arregalaram. — Droga — ele disse. — Você está bem?

Shane lhe deu um silencioso polegar para cima.

— Shane! O que aconteceu?



Ele apontou para a garganta e parecia deplorável. Oh, claro. Ele estava seriamente jogando essa coisa toda sobre ela, Claire percebeu. Ela não tinha escolha a não ser entrar. — Ele não pode falar — ela disse. — Bem, ele pode, mas dói. — Tudo era verdade. — Ele se meteu em uma briga. — Também era verdade, embora tenha sido menos uma *luta* e mais um *ataque*. — A boa notícia é que ele ganhou.

— Cara, alguém tentou sufocá-lo. Isso vai um pouco mais longe do que a maioria das lutas — Michael disse. Ele parecia genuinamente preocupado. — Foi por causa dos panfletos?

Era uma explicação perfeitamente boa, mas Claire não conseguiria deixar de estremecer ao usá-la. Por um lado, Michael e Eve já se sentiam mal o suficiente sobre a tensão na cidade. — Eu acredito que não — ela disse. — Era... pessoal.

— Você sabe, você realmente precisa parar de tentar fazer novos amigos, Shane. Você não é bom nisso. E nós não somos o suficiente para você? — Eve bateu os cílios grossos para ele e sorriu, mas Claire sabia que ela ainda estava alarmada e preocupada. — Aqui. Beba uma Coca-Cola. Isso é bom para dor de garganta, certo?

— Bom para tudo — Shane resmungou, e pegou a grande lata gelada de bom grado. — Obrigado.

— Você me deve um dólar — Eve disse. — Eu vou adicionar aos cinco mil que você já me deve, no entanto.

Ele soprou-lhe um beijo, e ela mostrou a língua para ele, e isso finalizou o assunto, felizmente.

Eles sentaram-se à mesa juntos, comendo; Michael e Eve conduziram a maior parte da conversa. Shane, é claro, ficou quieto por necessidade; Claire simplesmente não conseguia pensar no que dizer, porque os acontecimentos de hoje tinham extinguido todas as suas habilidades de bater papo, e ela tinha medo de dizer qualquer coisa por medo de deixar escapar a coisa errada. Oliver tinha deixado claro o suficiente qual seria a penalidade por isso. *Oh Deus, nós já dissemos a Eve que Myrnin estava pirando*, Claire lembrou — eles haviam dito isso na cafeteria, mas pelo menos eles não tinham despejado nada mais do que isso. Se a grande novidade era que Myrnin estava agindo de forma estranha, bem, ninguém iria interromper a programação regular de sua agenda. Esperançosamente.

— Terra para Claire! — Eve estava estalando os dedos na frente do rosto de Claire. Ela piscou, empurrou o pensamento de volta, e rapidamente deu



uma mordida na pizza que esfriava. — Uau. Veja o que acontece quando você tira um cochilo no meio da tarde? As células do cérebro entram em hibernação.

— Desculpe. O que você estava dizendo?

— Eu estava perguntando se você planeja estar por aqui amanhã. Posso precisar de ajuda para escolher o bolo, as flores e outras coisas.

— Eu... — O cérebro de Claire ficou completamente em branco por um segundo. Podia haver algo com a teoria células-cerebrais-em-hibernação de Eve. — Eu tenho que fazer um teste amanhã de manhã — ela finalmente se lembrou. — E eu realmente deveria passar no laboratório em algum momento.

— Então, isso seria um não — Eve disse, e se virou para Michael.

— Ensinar aulas de violão — ele disse. — Se você precisar que eu cancele...

— Não. Porque eu *sei* que o Menino Preguiçoso aqui não tem nada planejado. Certo, Shane?

Ele fez mímica, cortando coisas. Eve balançou a cabeça. — Oh, não, você não tem. Eu verifiquei o seu horário. Você não vai trabalhar até segunda-feira. Nem tente.

Ele deu uma mordida grande na pizza como uma contestação. Michael deu um tapinha no ombro dele. — Eu gosto deste plano — ele disse. — Você e Eve, escolhendo bolo e flores, e você não pode nem mesmo dizer uma palavra. Deve ser muita diversão.

Shane quase engasgou, e deu a Michael um olhar de lado. Michael enviou-lhe um sorriso de cem watts em troca — sem presas, o que foi provavelmente melhor.

Considerando tudo, não foi uma noite ruim, especialmente quando todos eles se encolheram no sofá juntos para uma noite de filme ruim. Não era exatamente o mesmo sem os comentários sarcásticos de Shane, mas apenas relaxar contra ele, seu braço ao redor dela, fez Claire sentir que tudo poderia estar certo com o mundo, afinal.

Não, *não está*, alguma parte traidora e fria do cérebro dela insistiu. *Nada está certo. Você está em perigo.*

Se Amelie estava assustada o suficiente para tentar matar Shane, mesmo que fosse algum tipo de engano terrível, os instintos de Claire estavam muito provavelmente certos.



CAPÍTULO 6

CLAIRE

Traduzido por Fernanda

A sexta-feira amanheceu clara apesar de todas as nuvens de chuva; o ar estava fresco, seco e gelado, e o vento — que nunca parou realmente — chicoteava rajadas aleatórias de areia conforme Claire, embrulhada em uma jaqueta grossa, lenço, chapéu e luvas, pegou o seu café do Common Grounds. Eve odiava o turno do início da manhã, por isso nesta manhã estava uma menina chamada Christy; ela era uma pequena loira saltitante que provavelmente tinha sido uma animadora de torcida no colegial de Morganville no passado, dois anos atrás, no máximo. O Common Grounds estava fazendo o trabalho ativo servindo delicatesses de café para as pessoas que se dirigiam para o trabalho e alunos caminhando para as primeiras classes. Claire teve problemas para encontrar uma mesa, mas finalmente avistou uma espremida perto da parede, exatamente quando o ocupante anterior a deixou vaga.

Ela estava dando três goles em sua mocha e verificando o seu e-mail em seu celular quando uma bolsa de livro xadrez bateu em cima da mesa. Claire olhou para cima e viu Monica Morrell cair na cadeira em frente a ela. Monica não estava fazendo qualquer concessão ao clima. Ela estava com meias brancas até o joelho e uma minissaia xadrez plissada com um top branco decotado. Nenhum casaco.

— Você não está congelando? — Claire perguntou. — Oh, e por sinal, a cadeira está ocupada pelo meu amigo invisível.

— Sim, eu estou congelando, isso é o que você faz para ficar na moda, não que você saiba alguma coisa sobre isso, Sabe-tudo. E dane-se o seu amigo invisível. Eu quero o meu café, e você tem a única cadeira vaga. Não é como eu se eu quisesse ser a sua melhor amiga ou algo assim. — Monica jogou o cabelo escuro brilhante para trás sobre os seus ombros. Fazia um tempo desde que ela tinha mudado a cor, e Claire pensava que essa ficava melhor, de



qualquer maneira. Ela era uma garota alta e atraente, com uma camada de impetuosidade e crueldade, mas ela e Claire tinham, através dos longos meses, alcançado algo como uma trégua armada, se não amizade.

— Como está Gina? — Claire perguntou, e tomou outro gole. Quanto mais rápido ela terminasse o seu café, mais rápido ela poderia escapar do Planeta da Princesa. — Eu soube que ela está em reabilitação.

Gina era uma das duas garotas do esquadrão de Monica, e ela não estava no tipo de reabilitação de celebridades; não, esta era uma reabilitação física, porque ela tinha batido o seu carro em um acidente brutal. Um que Claire imaginou que fosse de natureza cármica. Ela se sentiu um pouco culpada por não estar mais preocupada. A pergunta tinha sido puramente para puxar conversa.

— Ela está andando bem — Monica disse. — Eles estão pensando em colocá-la em uma coisa do tipo terapia mental, no entanto. Aparentemente, ela bateu em uma enfermeira.

— Bem, isso é típico de Gina — Claire disse. — fazer amigos.

— Você guardou tanto rancor assim?

— Ela puxou uma faca para mim, Monica. Mais de uma vez. E ela quebrou o nariz de Miranda — Miranda era uma garota magra que tinha tido drama demais em sua curta vida; Gina tinha dado um soco nela a sangue frio, e só por isso, Claire esperava que a reabilitação durasse *para sempre*. Bem, não literalmente. Mas esperava que fosse pelo menos dolorosa.

Monica não disse nada em relação a isso. Ela não tinha, Claire sabia, ficado tão emocionada com o comportamento de Gina, mas ela não tinha posto um fim a isso também. — É provavelmente bom que eles a levem para ver um psiquiatra — Monica disse. — A vadia é louca.

Quatro palavras, e ela dispensou uma de suas seguidoras e lacaias mais leais. Claire não sabia se ficava impressionada ou enojada. Provavelmente, ambos. — Ela não é a única por aqui.

— Você deveria saber. Falando de vadias loucas, eu mal posso esperar para ver o que vai acontecer na festa de noivado. Vai ser épico. — Os olhos de Monica brilharam com prazer mesquinho. — Eu ouvi que a Garota Quero Ser Morta convidou metade da aliança rebelde de Morganville, e eles vão levar seus amigos. Eu vou vestir algo que possa ser lavado o sangue, apenas por segurança.

Claro que Monica iria para a festa; Monica nunca perdia uma, especialmente aquelas em que ela poderia causar o caos. Bem, Claire achou



que ela não seria o maior problema que eles teriam. Nem mesmo o pior comportamento.

Isso era apenas triste.

— Isso foi divertido — Claire disse, e mesmo que ela ainda tivesse metade de seu café sobrando, ela se levantou para sair.

Monica estendeu a mão, agarrou a manga do casaco de Claire, e disse: — Espere. Sente-se. Por favor.

Um *por favor* da autônoma princesa coroada de Morganville? Agora, isso era interessante. Claire se acomodou e tomou um gole de seu mocha, esperando o que ela queria.

— Alguma coisa está acontecendo — Monica disse. Ela baixou a voz e se inclinou sobre a mesa, enquanto olhava ao redor para ter certeza de que ninguém estava as observando. Pelo que Claire sabia, ninguém estava. — Meu irmão foi chamado para algum tipo de reunião a portas fechadas com Amelie ontem e ele não saiu ainda. Ele não atendeu o celular também. Você pode descobrir...?

Richard Morrell, irmão de Monica, era o prefeito da cidade — jovem para isso, mas uma das pessoas mais responsáveis que Claire já conhecera. Ele tinha pegado a metade normal de Monica, aparentemente. E Monica estava certa — ficar trancado com Amelie a noite toda? Isso não soava bem.

— Eu posso perguntar — Claire disse. — Mas eles provavelmente não vão me dizer além do que o que você já sabe.

— Eu só quero saber se ele está bem. — Monica parecia quase... bem, humana. — Richard é tudo o que eu tenho. Sabia?

Claire assentiu. — Eu vou ver o que eu posso descobrir, mas eu tenho certeza que ele está bem. Não se preocupe.

— Obrigada. — Monica disse meio a contragosto, mas ela disse. Isso era mais do que um pouco surpreendente. Claire não queria estragar isso dizendo qualquer outra coisa, então ela bebeu o seu café em silêncio, e assim o fez Monica, e depois de um tempo, quase pareceu... confortável.

Em comparação com as outras vezes em que elas tentaram matar uma à outra, de qualquer maneira.

A próxima parada de Claire foi no edifício de ciências da UPT, onde encontrou o professor Howard esperando com o seu teste. Ela o fez em vinte minutos, não necessitando da hora que ele tinha reservado; era uma A fácil, ela sabia disso, assim como ele quando olhou suas respostas. Ela conseguiu



um aceno de aprovação dele, e um aviso severo para não perder quaisquer outros testes.

Infelizmente, ela não tinha certeza se poderia lhe garantir isso. Não em Morganville.

Após o teste, ela sentou-se nos degraus à luz fria do sol e discou o número de Oliver. Não surpreendentemente, foi para o correio de voz, que bruscamente ordenou-lhe para deixar uma mensagem. — Monica Morrell está preocupada com o irmão dela — ela disse. — Ela está preocupada o suficiente para falar comigo, e isso significa que ela provavelmente já tentou todas as outras pessoas na cidade. Eu suponho que você não queira um burburinho, por isso vá acalmá-la. Por favor. — O *por favor* foi um pensamento tardio, e metade sincero; ela ainda estava zangada com ele, e furiosa com Myrnin. E Amelie. Ela estava *realmente* furiosa com Amelie.

Ela tinha dado tanto para os vampiros, dado tanto para manter as coisas estáveis por aqui, e era *assim* que eles pagavam de volta? Tentando tirar Shane dela?

Quanto mais tempo ela considerava, mais isso a deixava irritada. E mais assustada. Porque o significado disso abriu um abismo terrível em frente a ela... Ela sempre pensou que poderia ter um certo nível de confiança em Amelie e Myrnin. (Ela nunca tinha enganado a si mesma com Oliver.) Mas, se ela não podia... se no fundo eles a viam como descartável... que chance qualquer ser humano realmente tinha em Morganville?

Nenhuma.

Isso era o que Shane estava tentando dizer a ela o tempo todo. *Nós não significamos nada para eles, exceto como um sistema de suporte de vida*, Claire pensou. *Individualmente, não somos nada. Servos. Não, gado com polegares opositores, ocasionalmente úteis.*

Ela agarrou o seu celular com força, levantou-se e desceu os degraus, dois de cada vez. A queimação em seu estômago era uma mistura de nervos, náusea e um novo senso de propósito.

Ela foi direto para a loja de câmeras que ela e Shane tinham visitado; o panfleto da festa de noivado não tinha sido pendurado, mas Claire não tinha realmente esperado que tivesse. O homem atrás do balcão — o mesmo — endireitou-se quando ela entrou e colocou as duas mãos sobre o tampo de vidro. — O que você quer? — ele perguntou. A tinta azul da tatuagem se destacava contra a pele pálida de seu antebraço, espreitando para fora sob a sua manga enrolada.



Claire tirou a touca e luvas, as enfiou em um bolso, e disse: — Eu não sei. — Isso foi honesto. Ela veio aqui por impulso, mas agora que ela estava de frente para ele, ela não tinha certeza do que ela queria perguntar. — Qual é o lance com as tatuagens?

Ele abaixou suas mangas, olhando para ela com suspeita fria. — As garotas ficam atrás delas — ele disse. — Eu não faço tatuagens. Esta é uma loja de câmeras. Você pode querer verificar no final da rua.

— Capitão Óbvio costumava ser o seu amigo.

Ele não respondeu a nada disso. Ele estava franzindo a testa, e ela queria saber se tinha cometido um terrível erro impulsivo.

— Eu só... — Ela respirou fundo e arriscou. — Shane pode estar em perigo. Perigo de verdade. Dos grandes. Você pode protegê-lo?

— Como é? — Ele levantou as sobrancelhas. — Eu não sei do que você está falando. Eu só gerencio uma...

— Loja de câmeras, sim, eu ouvi você. *Ouça*. Eu preciso saber, você pode, sei lá ficar atento a ele? *Por Favor?*

— Você acha que eu vou cair na sua atuação de inocente? Você esteve ao redor dos vampiros desde o primeiro dia por aqui. Sem chance, querida. E se você continuar cutucando por aí, você vai se machucar.

— Não é para mim — ela disse. — É para Shane. E eu acho que você sabe que ele nunca esteve ao redor dos vampiros. Então por favor. Só... ajude-o se você ver que ele está em apuros. Isso é tudo que estou pedindo.

— E você? — ele perguntou, e deu-lhe um pequeno sorriso do mal. — E se você estiver em apuros?

Claire deu de ombros e colocou as luvas e touca de volta. — Eu acho que eu estou por conta própria. Certo?

Ele ainda estava olhando para ela, tentando entendê-la, quando ela saiu para o fraco sol de inverno. Ainda haviam poças de água suja nas bordas do estacionamento irregular e o chão continuava encharcado.

Quando ela olhou para trás, o proprietário da loja de câmeras balançou a cabeça uma vez.

Ela colocou as mãos nos bolsos e caminhou para casa.



A casa estava um caos, e por um momento, Claire ficou verdadeiramente preocupada que algo terrível tivesse acontecido; Eve estava pisando duro ao



redor da casa batendo as coisas ao redor, e Shane estava dizendo, em uma voz fina e estridente: — Não é grande coisa, homem; acalme-se.

— Eu não sou seu *homem* e não vou *me acalmar*! — Eve gritou, e deu um grito perfurante a plenos pulmões de frustração.

Claire despejou as coisas dela no corredor e correu para a sala, esperando ver... Bem, ela não sabia o que ela esperava ver, exceto que seria um desastre de alguma forma.

O que ela viu foi um bolo acomodado na mesa de jantar que era... bem, um desastre. Em forma de bolo.

A própria sobremesa de duas camadas estava desigual e desabando, a cobertura estava uma bagunça, as flores vermelhas tinham derretido no branco e deixaram manchas com aspecto de sangue inquietantes, e, o pior de tudo, conforme Claire se aproximava, ela percebeu que a escrita no topo dizia MICHAEL & EVA dentro de um esboço amador e desigual de um coração com uma seta atravessada nele.

Eva. Não Eve.

Eve chutou o sofá com as suas botas Doc Martens e começou a chorar, e realmente, Claire não a culpou nem um pouco. Shane estava olhando impotente enquanto ele ficava lá parado, sem muita certeza do que fazer.

Então ele fez, é claro, a coisa errada, e disse: — Olha, é apenas um bolo. Eu tenho certeza de que ainda está delicioso.

Eve olhou para ele. Claire se aproximou e colocou os braços ao redor de sua amiga, e enviou a Shane um olhar irritado.

— O que foi que eu fiz? — ele resmungou. Sua garganta estava virando um espetacular pôr do sol roxo agora, com toques de azul. — Bolo! É bolo! Bolo delicioso!

— Querida, está tudo bem, é sério — Claire disse. — Nós podemos consertá-lo.

— Nós não podemos — Eve conseguiu suspirar entre os soluços. — Eu não deveria ter feito a base vermelha, está tudo arruinado...

Ele parecia um pouco terrível e bagunçado, na verdade, mas Claire colocou uma cara corajosa. — Então, nós raspamos tudo fora, compramos uma pasta americana pronta e colocamos nele — ela disse. — Não tem como ficar pior, certo? E nós mesmas vamos decorá-lo. Vai ser divertido!

— Está *horrível*! — Eve gritou, e escondeu o rosto no casaco acolchoado de Claire. — Parece o bolo de casamento do Drácula!



— O que deveria ser positivo, não deveria? — Shane perguntou. — Quero dizer, tematicamente?

— *Realmente* não está ajudando, Shane! — Claire disse.

— Eu estou ajudando! Eu mesmo o trouxe para dentro!

— Sim, bom trabalho. — Claire suspirou e balançou a cabeça. — Vai lá para cima ou algo assim. Nós vamos encontrar uma forma de corrigir isso. Eve, se acalme e relaxe, certo? Respire. Vou pegar a pasta americana e estarei de volta em pouco tempo.

Ela colocou Eve sentada no sofá. Ela parou de soluçar, o que foi bom, mas ela estava olhando para o bolo com um olhar morto, horrorizado. Quanto mais cedo a cobertura fosse raspada e o bolo todo fosse refeito, melhor.

Shane disse: — Quer que eu vá junto?

Seu primeiro impulso foi dizer não... mas ele sobreviveu à manhã correndo por aí com Eve, e Eve estava mais consumida com o planejamento da festa do que vigiando ele. Além disso, ainda era plena luz do dia. O lugar mais seguro que ele poderia estar, mesmo de Amelie.

Ele deu o seu olhar de cachorrinho e disse: — Por favor?

Ela nunca poderia resistir ao olhar de cachorrinho, e ele sabia disso. — Tudo bem — ela disse. — Mas use um cachecol. Sua garganta faz você parecer um zumbi.

— Eu ouvi que zumbis são sexys agora — Shane disse, a olhando diretamente. — Eles têm o próprio programa de TV e tudo mais. Ok. Lenço.

Ela supervisionou, certificando-se que o lenço tinha sido enrolado alto o suficiente para encobrir o pior dos hematomas. — Apenas diga a qualquer um que perguntar que você fez uma nova tatuagem irada e que você ainda está se curando — ela disse. Ela parou e passou os dedos levemente sobre a pele descolorida. — Dói?

Ele inclinou a cabeça levemente e beijou sua testa. — Somente quando eu rio.

— Eu vou tentar não ser engraçada.

— Fracasso épico, linda. — Ela se arrepiou toda, quando ele a chamou de *linda*. Ele não fazia isso muitas vezes, mas quando o fazia, ele dizia neste tom que era... tão incrivelmente íntimo. — Você sabe que eu preciso te proteger, certo?

— Eu vou comprar *pasta americana*, Shane. Eu não vou para o safári. Além disso, você é o único com o alvo em suas costas, não eu.

— Então *you* pode *me* proteger. — Ele a beijou no nariz levemente.



A ideia de ela — a pequena e não muito encorpada Claire — protegendo o grande, forte e *muito* encorpado Shane... Bem, isso era simplesmente engraçado, de alguma forma, e ela não pôde deixar de rir.

Mas ele continuou olhando para ela, muito caloroso e muito sério, e depois que o seu riso desapareceu, ele disse: — Eu falo sério, Claire. Eu confio em você.

Ela colocou a mão em seu rosto e, sem falar, levou-o para fora da porta.



No supermercado, a primeira coisa que Claire notou foi que havia algum tipo de crise... não uma crise do tipo estamos-sem-leite, mas algo maior. Estilo de gerenciamento. Conforme ela e Shane entravam pela porta, eles quase foram derrubados por um homem muito agitado com aquele olhar de gerente da loja sobre ele. Ele estava em seu celular. A gravata estava puxada torta, e havia manchas de suor debaixo dos braços. Ele estava dizendo: — Sim, eu *sei* que você precisa de pagamento pelas entregas, e eu estou tentando encontrar o nosso proprietário — eu estou tentando há dias!... Não, eu não tenho outro número. Olha, eu tenho certeza que nada está errado. Eu mesmo irei lá ver. Se você puder ir em frente e fazer a entrega programada... — Sua voz desapareceu enquanto ele continuou andando, dirigindo-se para o escritório. Claire trocou um olhar com Shane, que deu de ombros, e então eles foram em busca de suprimentos de bolo.

Claire percebeu que as prateleiras estavam precisando seriamente de uma reposição... Não que alguma vez tenha havido uma grande variedade na loja, mas quando as misturas de bolo tinham sido reduzidas a uma ou duas caixas, e os sabores bons de verdade estavam totalmente zerados... bem, isso não cheirava ver. Não admirava que o gerente estivesse pirando.

Como na maioria dos negócios na cidade, Claire suspeitava que o proprietário era um vampiro... Eles gostavam de manter um controle apertado sobre as linhas de seus investimentos também. Então, por que o gerente estava tendo tanta dificuldade para conseguir dinheiro para a sua loja? Não era como se os vampiros estivessem falidos, não em Morganville.

— Ele disse que não poderia entrar em contato com o proprietário? — Shane perguntou a ela, muito silenciosamente. — Porque isso é estranho.

— Muito — ela concordou. — Você acha que ele poderia ter sido parte do, ah, grupo de apoio de Bishop? — Bishop, o pai de Amelie, havia reunido um



grupo pouco agradável de traidores para ajudá-lo em sua tentativa mais recente de poder; Amelie e Oliver haviam respondido fazendo, basicamente, a maior parte do pessoal desaparecer. E Bishop causado a sua parte dos danos também... Ele pegou alguns dos apoiantes de Amelie, e eles não tinham sobrevivido à experiência.

Guerra civil entre os vampiros: nada bonito.

— Possível — Shane disse. Sua voz soava mais áspera do que antes, como se ele tivesse realmente começando a sentir dor. — Mas isso deveria ter sido resolvido semanas atrás. Amelie não deixa as coisas frouxas assim.

Ele estava certo. Isto soou recente, e bem desolador. Amelie certamente não iria querer que um dos principais supermercados da cidade quebrasse; ela iria financiá-lo em primeiro lugar. Então, isso tinha que ser algo acontecendo sob o seu radar.

Claire balançou a cabeça e verificou a pasta americana. Havia branco disponível o suficiente, e ela encontrou algumas flores vermelhas doces também. A coisa de decorar com escrita parecia duvidosa, embora Claire tenha pego um pouco disso. — Pronto — ela disse, e virou-se.

Shane tinha sumido.

— Shane? — Ela agarrou as coisas em seu peito, de repente sentindo muito frio e virou se em um círculo. Ele não estava em nenhuma extremidade do corredor. Na verdade, ele não estava em nenhum lugar à vista. Claire se apressou em direção aos caixas, na esperança de ter um vislumbre dele.

Nada. Seu coração acelerou dolorosamente rápido. Ela começou a andar, rápido, passando de corredor a corredor. Havia uma dúzia de compradores, mas nenhum sinal de seu namorado.

E, em seguida, mais para o lado, ela viu um flash de um cachecol azul. Ela recuou, olhou e viu que Shane estava em pé perto da porta do escritório, de cabeça baixa, escutando. Ele olhou para cima e a viu, e o seu batimento cardíaco lentamente começou a relaxar. Um alívio doce a inundou. *Deus*. Ela pensou... Bem, ela pensou que alguém o tinha levado bem nas suas costas. O que era ridículo, agora que ela pensava sobre isso — ele não era um garoto indefeso; ele era um cara grande, e ele faria barulho, no mínimo.

Não, *claro* que ele tinha ido embora sozinho. Idiota.

Ela entrou na fila para pagar as coisas dela, e ele veio se juntar a ela no momento em que ela chegou ao caixa. — Imbecil — ela disse a ele, sem o usual toque leve de humor. — Você quase me mata de susto!



Ele a ajudou a colocar a braçada de suprimentos na esteira e acenou para a garota entediada e acima do peso que passava as coisas pelo scanner. — Ei, Bettina.

— Ei, Shane. — Bettina suspirou.

— Então, muito drama hoje.

— Não temos uma entrega há duas semanas — ela disse. — Eu vou ter sorte se não estivermos fechados até amanhã. Era para ser o dia de pagamento. Nenhum sinal de cheques, tampouco. Isso é péssimo.

— Agente firme — Shane disse. Ele sorriu para ela, e ela sorriu de volta, cansada. Ocorreu a Claire, com um pouco de surpresa, que ele conhecia a menina, provavelmente de seu antigo bairro ou da escola ou algo assim. — Como está o seu irmão?

— Tão imbecil quanto ele sempre foi, só que agora ele é velho o suficiente para beber dentro da lei — ela disse. — Uma grande merda.

— Nem me fale.

Os olhos de Bettina finalmente focaram no pescoço de Shane e no cachecol. — Ei, isso é uma contusão? O que aconteceu?

— Tattoo — ele disse, sem desviar os olhos. — É hard-core.

Ela parecia impressionada. — Eu acho que deve ser.

Bettina silenciosamente ensacou os mantimentos e os entregou, e Claire agradeceu-lhe — sinceramente porque era óbvio que Bettina e todos os outros do Food King iam ter um momento bastante miserável hoje — e caminhou com Shane de volta para o frio.

— Então, superespião, o que você descobriu ouvindo atrás da porta do escritório? — ela perguntou a ele. Shane estava curvado com as mãos nos bolsos, parecendo pensativo.

— O gerente chamou a polícia — ele disse. — Ele preencheu um relatório de desaparecimento. Para um vampiro.

— Sério?

— Isso é o quão desesperado ele está. — Shane levantou as sobrancelhas. — Ele deu-lhes um endereço, se você estiver interessada.

— Essa não é uma boa ideia. Nós devemos ficar quietos, lembra?

— Nós não estamos falando. Nós estamos apenas pesquisando.

— Você vai fazer com que sejamos mortos — Claire disse. — Bem, você mesmo, de qualquer maneira. O que vai me matar também, Shane. Por favor, vamos para *casa*, só desta vez! Sem bisbilhotar, sem dar uma de Scooby-doo,



sem correr riscos desnecessários. Eu estou com medo, e eu acho que o mínimo que pudermos fazer com relação ao que está acontecendo, melhor.

Ele lançou um olhar para ela, um sorriso brincando de esconde-esconde com os seus lábios. — Quem é você, e o que você fez com Claire?

— Estou falando sério.

— Eu posso ver isso. — Ele respirou fundo, como se estivesse jogando para ganhar tempo, e depois de um momento, ele disse: — Claire, Myrnin é alguns sanduíches em comparação a um piquenique, mas ele não tem motivo para vir atrás de mim. Eu sei que não foi ideia dele. Na verdade, ele me pediu desculpas antes de me sufocar. Então... quem dá ordens a Myrnin?

— Shane...

— Vamos lá. Me ajude.

Claire suspirou, e a sua respiração saiu branca no vento feroz e frio que picou a sua pele. — Apenas uma pessoa.

— Sim. Ela. E então Oliver vem correndo para detê-lo. Mais uma vez, quem dá as ordens para Oliver, quando ele se preocupa em ouvir?

— Amelie.

— E você acha que, manter as nossas cabeças baixas, nós realmente vamos sair dessa? Você quer acreditar em Papai Noel e Coelhoinho da Páscoa, enquanto estamos nisso?

Claire saltou sobre uma parte quebrada da calçada, que as pernas mais longas de Shane atravessaram sem esforço. — Ei, você que diz que o Coelhoinho da Páscoa é realmente mau.

— Com certeza, mas você está evitando a questão.

— Eu pensei sobre isso — ela disse. — E eu estou com raiva, Shane. Estou muito zangada. Depois de tudo o que fizemos, tudo o que arriscamos, nós somos *dispensáveis*. E dói. Acredite em mim.

Ele parou e olhou para ela por um momento, em seguida, colocou os braços ao redor dela. A rua estava vazia, exceto por alguns carros que passavam, e parecia que eles estavam sozinhos, contra o mundo. Isso não era verdade, mas naquele momento, Claire estava se sentindo particularmente vulnerável.

Shane beijou no topo de sua cabeça e disse: — Bem-vinda à Morganville. Nós crescemos sabendo disso. Você só está percebendo isso agora.

Ela escondeu o rosto no tecido quente e áspero de sua jaqueta. Sua voz saiu abafada. — Como você aguenta?



— Nós ficamos maus — Shane disse. — E ficamos cínicos. E nós ficamos juntos. Sempre. Porque, primeiro, por último, e sempre, contamos uns com os outros.

Eles ficaram ali juntos, abraçados, até que finalmente o vento ficou tão frio que Claire tremeu, mesmo em seu abraço.

Shane colocou o seu braço ao redor dela e caminhou com ela o resto do caminho de casa. Ela se forçou a esquecer tudo o que eles tinham visto e dito, e se jogou no salvamento do bolo de noivado de Eve. Foi divertido, na verdade, e três tubos de pasta americana mais tarde, ele parecia, se não profissional, apresentável. Os pedaços foram nivelados, e a decoração estava alinhada; as flores vermelhas pareciam fofas e um pouco em relevo. Claire tinha decidido compensar a maior parte da sua amadora falta de jeito usando o negócio de espremer de decorador, por isso havia um coração torto engraçado com uma seta infantil através dele, e as iniciais MG e ER.

Simples, mas divertido.

Eve a abraçou com força. — Está lindo — ela disse. — O que aconteceu com a cobertura antiga?

Shane estava sentado à mesa e levantou a mão. — Eu sofri pela equipe.

— Jesus, você *comeu*? Tudo?

— Não. — Ele ergueu a tigela que estava pousada na frente dele. Havia ainda cerca de metade restante. — Não consegui terminar com tudo.

Eve piscou e olhou para Claire, que deu de ombros e disse: — Eu sempre achei que ele fosse doce.



No dia seguinte, todos eles acordaram cedo — monstruosamente cedo, de acordo com Eve, que tinha olhos fundos e desesperados conforme ela engolia para baixo três xícaras de café antes de seguir monopolizar o banheiro durante uma hora e meia. Claire tinha sabiamente tomado seu banho e se arrumado antes mesmo de Eve acordar.

Ela não tinha visto Michael ainda, mas Shane estava acordado, bocejando e parecendo quase tão fora de si quanto Eve. — Por que estamos fazendo isso mesmo? — ele perguntou. — E onde estão todas aquelas coisas de donut que eu comprei?

— Foram comidas — Claire disse. — Além disso, você comeu cerca de meio quilo de pasta americana na noite passada. Sem açúcar para você.



Desta vez, *ela* recebeu o dedo do meio, o que foi divertido; ele nunca, nunca havia apontado para ela. Ela deu-lhe de volta, o que o fez sorrir. — Então, qual é o trabalho de Motorista Escravo que Eve arrumou para nós hoje?

— Temos de levar o bolo e flores para o salão de baile — Claire disse, contando em seus dedos. — Decorar as mesas. Colocar os pratos e garfos. Deixar o ponche pronto e arrumar a mesa de plasma...

— Você não pode estar falando sério.

— Relaxe, nós não estamos *gerenciando* a mesa de plasma. O banco de sangue está fazendo isso.

— Ótimo. Meus 500 ml vão ser comida de festa.

— Fique focado, Shane. O que você vai vestir?

— Relaxe, Patrulha da Moda. Eu me vestirei bem. Eu tenho uma camisa smoking e tudo mais. — Quando a boca dela abriu em horror, ele sorriu. — Estou brincando. Vou parecer bem. Oh, e eu estarei usando uma gola alta, portanto, não fique em cima de mim sobre as contusões não combinarem com os meus sapatos ou qualquer coisa. — As contusões estavam, Claire teve que admitir, impressionantes hoje, embora sua voz soasse mais normal. — Eu prometo, sem ternos verde limão. — Ele bocejou. — Eu acho que é melhor eu ir bater na porta de Michael. O cara vai se atrasar para a própria festa, e Eve o estaquearia bem no coração. Muita sujeira.

Ele tomou o seu café e caminhou para longe, e Claire se viu ali de pé, sorrindo como uma idiota. Ela não sabia quando tinha acontecido, mas alguma coisa tinha mudado em Shane — algo importante. Não foi uma grande mudança da maioria das perspectivas, mas ele parecia... mais responsável agora. Menos o preguiçoso rebelde, e mais alguém que gostava de ser conhecido dessa forma.

Progresso.

Ela bebeu o resto do café rápido e lavou as canecas na pia. Ela estava com seus pulsos mergulhados na água morna e sabão quando a voz de Shane veio por trás dela, chamando o seu nome. Ela olhou em volta e o viu de pé na soleira da porta, mantendo-a aberta. Ele parecia...

Estranho foi seu primeiro pensamento, mas no segundo seguinte, ela emendou com *amedrontado*. Ela não o tinha visto muitas vezes com medo.

— Shane? — Ela deixou tudo onde estava e pegou uma toalha para secar as mãos.

— É melhor você vir até aqui — ele disse. — Nós temos visitantes.



— Quem...? — Não era mesmo oito horas e alguém estava chamando? Tão estranho.

— Xerife Moses e Idiota Morrell — Shane disse. — Eles estão procurando por Michael. Ele nunca voltou para casa ontem à noite.

— Oh Deus — Claire arfou. — Ele está bem?

— Depende — ele disse. — Venha.

Ela jogou o pano no balcão e não se importou sobre onde ele aterrissou conforme ela o seguiu para fora, no corredor, e para a sala de visitas na frente, onde Hannah Moses e o prefeito de Morganville, Richard Morrell, estavam à espera. Hannah estava vestido o seu limpo uniforme azul da polícia, segurando o quepe debaixo do braço; ela era uma mulher Afro-Americana alta, com uma cicatriz no rosto que ela ganhou em combate no Afeganistão, e ela era uma das pessoas mais capazes e práticas que Claire conhecia. Richard Morrell estava vestindo um terno e gravata, mas a gravata estava frouxa e pareciam as roupas de ontem, desde as rugas as olheiras sob seus olhos. Ele e Hannah eram ambos jovens — abaixo dos trinta, pelo menos — e mesmo que Shane nunca tenha superado que Richard fosse irmão de Monica, Claire achava que ele era meio que uma pessoa do bem.

Ambos acenaram para Claire quando ela entrou na sala.

Michael não o fez. Ele estava sentado em uma das cadeiras com os cotovelos nos joelhos, curvado. Como Richard, ele não parecia como se tivesse trocado a calça jeans e camisa azul escura que ele estava usando ontem. Ele levantou a cabeça para olhar para Claire, em seguida, retornou a analisar o tapete.

— O que há de errado? — ela perguntou sem fôlego. Ela esperava que fosse algo a ver com Michael, mas ele não parecia estar em custódia exatamente. Além disso, as algemas eram mais o estilo de Shane.

Eve entrou logo atrás dela, ainda com um robe quimono de seda preta estampado; seu cabelo estava preso sob uma toalha como um turbante. Ela foi até Michael e tocou-lhe no ombro. Ele olhou para cima e sorriu fracamente, colocou a sua mão ainda mais pálida sobre a dela, e endireitou-se na cadeira.

Hannah limpou a garganta. — Eu preciso fazer algumas perguntas a vocês todos — ela disse. — Sobre um vampiro desaparecido.

Claire viu a reação de Shane, e imaginou que ela tivesse feito a mesma reação meio-culpada. Alguém deve ter visto ele bisbilhotando, ou os ouviu falar... mas eles não tinham se envolvido. Eles não tinham! *Ótimo, agora somos culpados, mesmo quando nós não fizemos nada.*



— Nós não sabemos nada sobre isso — Claire disse, antes que Hannah pudesse continuar. — Nós ouvimos por alto no supermercado, isso é tudo. A única coisa que sabemos é que seja lá quem é o vampiro, ele está desaparecido há duas semanas e os cheques não estão sendo assinados.

Richard Morrell franziu a testa. Assim como Hannah, só um pouco. — O supermercado?

— O... Food King? — Tarde demais, Claire percebeu que ela tinha ido inteiramente na direção errada. — Oh. Então... não é ele?

— Caso diferente — Hannah disse, — mas circunstâncias semelhantes como aconteceram. Nós estamos investigando o desaparecimento do Sr. Barrett, mas temos um problema mais urgente agora. Ele foi o quarto vampiro a desaparecer nas últimas três semanas, e agora há um quinto.

— É Naomi — Michael disse. — Ninguém a viu desde que ela nos visitou aqui. Nós somos as últimas pessoas que a viram. — Ele não disse *viva*, mas Claire entendeu o que ele quis dizer. Era possível que Naomi, como os outros quatro vampiros, tinham sido morto.

Não admirava que Hannah estivesse tensa, e Richard estivesse perdendo o sono. Vampiros mortos em Morganville eram um problema muito, muito sério — para os seres humanos.

— Eu preciso que cada um de vocês me diga onde estiveram desde então — Hannah disse, e tirou um bloco e uma caneta. — Eve. Vá primeiro.

Eve agarrou o seu robe fechado, apesar de estar firmemente amarrado, e seus olhos escuros se arregalaram. — Você acha que *eu*...

— Eu não acho nada, exceto que você precisa estabelecer os seus movimentos para que eu possa eliminá-la, rápido. Você sabe que se algo está acontecendo, Amelie virá com força sobre quem é o responsável. Vamos ter certeza de que você não esteja nessa lista.

— Mas eu não faria... nós não faríamos...

— Apenas diga a ela onde você esteve — Michael disse. — Eve. Vai ficar tudo bem. Eu prometo.

Mas olhando para ele, para a posição tensa de seu corpo e o olhar preocupado em seus olhos azuis... Claire não tinha tanta certeza.



CAPÍTULO 7

CLAIRE

O interrogatório — porque era o que isso era, não importava o que qualquer um dizia — levou cerca de uma hora. Um por um, Eve, Claire e Shane disseram a Hannah onde eles tinham estado e o que eles tinham feito, hora a hora, desde a última vez que eles viram Naomi aqui sentada na sala de estar.

Hannah tinha feito notas, mas o seu rosto tinha permanecido impassível; ela não deu nenhuma dica sobre o que ela pensava sobre a coisa toda, nenhuma. Ela fez mais perguntas a Eve do que a Shane ou Claire, e depois que ela saiu, Eve desabou no sofá, escondeu o rosto entre as mãos e disse: — Eles acham que fui eu.

— Não, eles não acham — Michael disse. Ele se sentou ao lado dela e colocou o seu braço ao redor dela. — É só que você estava muito zangada com ela.

— Eles suspeitam de todos nós — Shane disse. Sua voz estava monótona, sua expressão tão tensa que a sua mandíbula parecia bem definida. — Nós em particular, eu quero dizer. Mas depois de nós, todo mundo com pulsação. Talvez seja porque... — Ele fechou a boca com um piscar de olhos e arregalou os olhos, e Claire mordeu o lábio. Ele quase deixou escapar.

Como esperado, Michael disse: — Por que o quê?

— Por que eles estão nervosos — Claire falou rapidamente. Provavelmente muito rapidamente. — Sobre o casamento, quero dizer.

Michael olhou para ela, e de repente ela percebeu que ele sabia que ela estava mentindo. Por um lado, porque a pulsação dela estava muito rápida. Ele uma vez disse que ele sabia quando ela estava mentindo, e mesmo que ele estivesse brincando com ela, ele tinha um instinto para essas coisas. Um instinto assassino. — Algo está acontecendo com vocês dois, e não me diga que



eu estou imaginando — ele disse. — Primeiro Shane pareceu que ia morte de tanto medo...

— Cara, não foi assim tão ruim!

— ...e agora isso. Vocês sabem de algo. Vocês estão escondendo alguma coisa.

Até mesmo Eve estava olhando para Claire agora, não completamente pronta para acreditar, mas obviamente se perguntando. — Ela não faria isso — ela disse a Michael. — Faria, CB?

— Ela não está escondendo nada — Shane disse. Isso era um alívio, porque Shane era um mentiroso *muito* melhor. — Ela está apenas preocupada. Os vampiros estão agindo de forma estranha. Confie em mim, estar preocupado é um instinto de sobrevivência certo agora. Vá em frente, me diga que eu estou errado, Mikey.

Michael ficou em silêncio por um momento, depois balançou a cabeça. — Eu não posso — ele admitiu. — Algo está acontecendo lá, também. O quê, eu não sei; eles não me deixam por dentro. Mas seja o que for, eles ficaram unidos para isso. — Ele mexeu com a ponta do cinto de cetim de Eve. — Estou preocupado, pessoal. Eu estou preocupado com vocês. Estou preocupado com a gente.

Shane sentou-se na poltrona que Michael tinha desocupado, mas ele espelhava a postura do seu melhor amigo quase exatamente — cotovelos sobre os joelhos, inclinado para a frente. Intenso. — Ok, eu preciso saber de alguma coisa. É sério.

Michael ergueu as sobrancelhas e acenou com a cabeça.

— Eu preciso saber se você vai ficar com a gente se chegar a uma luta. Eu, Claire e Eve. Eu preciso que você diga isso agora, porque eu tenho a impressão de que isso vai ficar feio rapidamente. Eu não posso me preocupar se você vai ou não nos dar suporte.

Michael se levantou. Foi um movimento de vampiro, repentino e chocante, e num piscar de olhos, ele estava pairando sobre Shane, e ele segurou a camisa de Shane em seu punho, levantando-o para fora da cadeira. — Você tem que estar brincando comigo, Shane! Eu já alguma vez não lhe dei suporte? Eu lhe dei suporte quando você tentou me matar. Eu lhe dei suporte quando você estava trancado em uma jaula. Eu lhe dei suporte a cada momento. O que eu tenho que fazer para fazer você acreditar que eu estou do seu lado, ser um idiota como o seu pai? Bem, eu posso fazer isso. Talvez se eu bater em você algumas vezes você fique convencido.



Ele deixou Shane cair de volta para baixo em sua cadeira, e saiu com as costas rígidas. Furioso.

Shane estava sentado e atordoado com as mãos segurando o encosto para braços. Ele trocou um olhar com Eve, e ambos se levantaram ao mesmo tempo. — Não — Shane disse. — Eu causei isso. Me deixe corrigir.

Ele saiu depois de Michael. Eve mordeu o lábio e disse: — Bem, nós vamos ter metade da casa destruída ou o bromance deles vai chegar as relações sexuais. — Ela deu uma risada trêmula, que estava perigosamente perto da histeria. — Deus. O que está acontecendo? Claire...

Claire a abraçou. Foi instintivo, e isso era a coisa certa a se fazer; a tensão de Eve lentamente relaxou, e ela abraçou-a de volta ferozmente. — Vai ficar tudo bem — Claire disse muito calmamente. — Eu não sei como, mas vai. Apenas confie em mim. Por favor. Michael está certo, tem coisas que eu não posso te dizer, mas não iria ajudar se você soubesse. Você tem que confiar em mim.

Eve se afastou, olhou para ela e disse, simplesmente: — Eu sempre confio.

Era estranho, pensou Claire, enquanto os meninos eram cheios de drama sobre isso, e mesmo Eve sendo a Imperatriz do Drama de Morganville, era a que estava mais calma.

A casa não caiu, embora elas tenham ouvido vozes alteradas do andar de cima e algumas pancadas. Finalmente, Shane apareceu na porta da sala e disse: — Estamos bem.

Eve levantou o queixo e disse friamente: — Bem, é claro que estamos. Você é o único que duvidava. Como sempre.

Ai. *No entanto*, Claire pensou, *Shane devia ter esperado por isso*.

E ele admitiu com um aceno de cabeça. — Você não deveria estar se preparando? — ele perguntou. Eve olhou para o relógio no canto, fez um som de chiado em pânico, e passou correndo por ele, com o robe esvoaçando.

— Você não deveria? — Claire perguntou.

— Eu já tomei banho — ele disse. — Vou pegar as minhas coisas para me trocar lá. Eu não vou decorar porcarias com roupas extravagantes. E eu não vou decorar de jeito nenhum, a propósito.

Ela teve que rir. — Sim — ela disse. — Eu meio que sabia disso.



Shane tinha assumido as chaves do carro fúnebre de Eve pelo dia todo, para o transporte de todo o material, de modo que o resto da manhã foi ocupado com o carregamento, descarregamento e registro com os guardas na Praça da Fundadora, montando as mesas grandes, esvaziando o salão de baile (que ainda, para os olhos de Claire, tinha uma elegância funerária, mas que era principalmente por causa de todas as más experiências dela), colocando toalhas de mesa, fitas, flores...

Era muito trabalho, e Shane tinha razão: usar jeans normais e camiseta ajudou, porque teria sido duas vezes pior usando roupa formal.

Até o momento os atendentes do banco de sangue (humanos) chegaram com as suas tigelas de ponche, coolers e taças (cristal, porque os vampiros não bebiam de plástico se pudessem evitar), as mesas foram decoradas com toalha preta e fitas prata, e Shane tinha, com um grande risco, pendurado a bola de discoteca que Eve tinha exigido no majestoso lustre de cristal que pairava sobre o salão. A DJ – uma das amigas de Eve, aparentemente, embora Claire nunca tenha visto ela – chegou com a sua própria mesa, seu computador e um sistema de som enorme que ela montou perto da área aberta designada como a pista de dança.

Claire colocou os enfeites centrais das mesas e verificou a hora.

Faltava pouco.

Ela agarrou Shane e arrastou-o de onde ele estava brincando com o controle remoto que ligava e desligava o motor da bola de discoteca. – Vista-se – ela disse, e empurrou o cabide com as roupas dele em suas mãos. – Nós temos que estar prontos para cumprimentar as pessoas!

– Sim, isso vai ser super divertido! – ele disse com um entusiasmo absolutamente falso.

– Apenas vá logo!

Ele beijou-a rapidamente e desapareceu no banheiro dos homens. Claire pegou seu próprio vestido e sapatos dentro do banheiro feminino, que era muito bom, mas – de novo – mais ou menos como um funeral caseiro com todo o veludo suave e dourado. Vestida, ela examinou-se criticamente no espelho. Era um belo vestido branco com detalhes vermelhos, e os sapatos (Eve os tinha encontrado) eram incríveis. Claire afofou o cabelo com os dedos na altura dos ombros – mais vermelhos agora do que marrons graças novamente a Eve – e saiu para o salão. Shane, é claro, já estava lá, sentado em uma cadeira de encosto reto. Ele se levantou quando ela entrou.



— Você está linda — ele disse muito espontaneamente, o que aqueceu ela inteira.

— Você está fantástico também — ela disse com sinceridade. Ele havia vestido calças escuras e uma camiseta escura que quase escondida todos os hematomas e uma jaqueta muito bonita. Ele parecia... adulto.

A DJ iniciou uma canção, testando os níveis do volume, e interrompeu o momento completamente. Na verdade, quase quebrou o candelabro, considerando o volume. A DJ desligou de novo, mas não antes que os ouvidos de Claire estivessem ecoando como se ela estivesse em um clube. — Uau — ela disse. — Isso vai abalar. Provavelmente de todas as formas erradas.

E essa previsão era muito, muito correta.



Primeiro apareceu os amigos do ensino médio — ninguém conhecia Claire, mas Shane os cumprimentou com uma fácil familiaridade. Havia cerca de dez deles, e eles chegaram em conjunto, provavelmente por segurança; as meninas pareciam muito normais-entediantes para serem amigas de Eve, por isso, Claire assumiu que devia ser do círculo de amigos de Michael. Alguns trouxeram presentes, e Claire apontou-lhes a mesa criada para depositar presentes.

Miranda, a adolescente magra e psíquica, chegou dramaticamente sozinha, usando uma saia peculiar e descombinada e blusa que eram grandes demais para ela. Ela era (tecnicamente) amiga de Eve, embora ela fosse mais nova e ainda estivesse no colegial; como sempre, ela parecia estar andando em um estado de sonho, não realmente percebendo onde estava ou o que estava ao seu redor. Eve gostava de ser vista como estranha; Miranda era estranha de verdade. Nada como previsões futuras assustadoras para interromper a diversão.

Mas ela era uma coisinha esquisita, e Claire se sentia mal por ela. Ela parecia estar sempre sozinha.

— Ei, Mir — ela cumprimentou-a, e entregou-lhe um cravo branco.

Miranda olhou para ela como se ela não conseguisse entender para que era isso. — É comida? — ela perguntou.

Shane gesticulou com a boca sobre a cabeça de Miranda, *Por favor, diga que sim*, mas Claire fez uma careta para ele e disse: — Não, ela é apenas bonita. — Miranda assentiu com sabedoria e enfiou-a atrás da orelha, com a haste



longa apontando em um ângulo perigoso para qualquer um atrás dela. — Hum, tem comida ali, e ponche. Não corte o bolo, no entanto. É para Eve e Michael.

— Tudo bem — Miranda disse. Ela deu um par de passos no salão, em seguida, virou-se e olhou para Claire. — É muito ruim você estar de branco. Mas talvez saia quando você lavar.

Oh droga. Se apenas Miranda tivesse um senso de humor, Claire teria tido certeza de que ela estava apenas brincando com ela, mas conhecendo a menina, ela nunca brincava, ela pensou em várias interpretações e nenhuma delas era boa. A melhor que Claire conseguia pensar era que ela iria derramar o ponche sobre ela.

Infelizmente, o melhor cenário parecia nunca chegar.

— Relaxe — Shane disse. — Às vezes ela está errada. — Ele sabia o que Claire estava pensando, porque (ela assumiu) ele estava pensando nisso também.

— Não muitas vezes. — E nunca em coisas importantes, embora Claire honestamente não pudesse julgar se isso era, na mente de Miranda, *importante*. Difícil dizer. Ela tinha o caos como uma visão da vida, de modo que o que era importante para as pessoas normais não era necessariamente a mesma coisa para ela. E às vezes as coisas mais minúsculas eram as mais urgentes.

Claire não tinha tempo para remoer sobre isso, porque, em seguida, os primeiros vampiros chegaram, com uma educação fria e calculada. Claire entregou os cravos para as moças, que elas aceitaram com uma graça desdenhosa enquanto entravam, indo direto para os refrescos de sangue. Em seguida, veio um grupo precavido usando vestidos elegantes mal ajustados e ternos, todos destacando as suas pulseiras de Proteção. Estes não eram os rebeldes do subúrbio; estes eram os seres humanos com um interesse pessoal no status quo, e eles tinham um certo olhar penetrante para eles que fez o coração de Claire doer. Ela tentou usar a sua influência com Amelie — tanto quanto podia — para melhorar as coisas para eles, mas ela não podia contrariar vidas de opressão em um par de anos.

— Claire — Shane disse calmamente. Quando ela olhou ao redor, havia um vampiro de pé bem na frente dela, usando um casaco de cetim preto elaborado com enormes caudas longas que chegava aos seus calcanhares, um colete vermelho de brocado e uma camisa branca de babados...

Myrnin.

Ele parecia profundamente preocupado e muito desconfortável. — Minha querida, eu realmente sinto que eu preciso...



— Vá embora — ela disse. Não alto, mas ela falou sério. — Não fale comigo. Nunca mais.

— Mas...

Ela empurrou-o para trás com força. — *Nunca!* — Ela não gritou, embora ela tenha sentido vontade de gritar; a fúria que fervia dentro dela a fez tremer e ver vermelho. — Nunca chegue perto de mim ou Shane novamente!

Ele não poderia parecer mais com o coração partido, mas ela não se importava. Ela *não* se importava. Seus olhos se encheram de lágrimas, mas ela se convenceu de que eram lágrimas de raiva, não tristeza. Não decepção.

Myrnin curvou-se na cintura, à moda antiga e muito precisa, e disse: — Como você quiser, Claire. — Então ele virou-se para Shane e deu outra curvada, não tão profunda. — Lamento a necessidade das minhas ações. — Ele não esperou Shane dizer qualquer coisa, não que Shane fosse dizer, de qualquer maneira; ele estava ocupado observando Claire enquanto ela apressadamente limpava as lágrimas de seus olhos.

Myrnin se afastou. Ele parecia... pequeno, de alguma forma. E derrotado, embora ele tentasse manter a cabeça ereta. E mesmo que ela estivesse com raiva — ela estava — ainda doía vê-lo assim. E no fundo, ela sentia-se perdida em pensar que ela nunca iria vê-lo novamente. Nunca reviraria os olhos para as conversas insanas dele. Nunca veria aquelas pantufas de coelho estúpidas novamente.

Ele causou isso. Não eu.

Então, por que era tão horrível?

Ela não podia pensar nisso, porque mais pessoas estavam chegando, muito mais, e ela fez o que pôde para forçar sorrisos e dizer coisas educadas e distribuir cravos para as damas. Este influxo era uma mistura de habitantes locais e algumas pessoas tensas e cautelosas que ela tinha certeza de que estavam em Morganville, mas não eram daqui — residentes, talvez, que vieram para checar o evento. Shane reconhecia algumas, e ela o viu trocar algumas palavras rápidas com um casal.

Houve uma breve pausa nas chegadas, e Claire prendeu a respiração e olhou para a quantidade de cravo diminuindo. Mas por outro lado, o salão agora estava repleto de pessoas — mais de uma centena, com certeza. Bem lotado para esta cidade.

Mais vampiros desta vez, pelo menos vinte deles. Uma das mulheres aceitou uma flor com um sorriso charmoso e gracioso; outra ergueu o queixo e passou direito, recusando-se até mesmo a reconhecer a existência de Claire.



Que divertido.

— Eu acredito que isso seja para mim — disse uma voz baixa e amigável, e Claire virou a atenção de volta para a frente assim que Amelie arrancou o cravo de sua mão. — Perdoe Mathilde. Ela não tem sido a mesma desde a Revolução Francesa.

— Você veio — Claire gritou.

Amelie levantou uma sobrancelha em uma curva acentuada. — Por que eu não viria? Eu fui convidada. É educado estar presente.

— Eu pensei que você não fosse a favor disso.

— Seria hipocrisia da minha parte dizer que me agrada. Mas adapta aos meus propósitos eu estar aqui. — Amelie acenou uma despedida e começou a se mover.

Claire respirou fundo e perguntou: — Você pediu a Myrnin para matar Shane?

Amelie estava ali silenciosamente com o cravo branco virando em seus dedos frios e longos, em seguida, ela virou-se e segurou o cotovelo oferecido por Oliver quando ele entrou na sala, não parecendo ele mesmo em um terno que era quase tão bonito quanto o que Michael estava vestindo. — Ah. Aí está você. Devemos prosseguir?

— Eu suponho que devemos — ele disse. Ele não parecia feliz com isso.

Claire disse: — Espere! Você não respondeu...

Amelie se virou para Claire só por um momento, e disse: — O que eu faço por esta cidade, eu faço sem levar em conta os meus próprios sentimentos, muito menos os seus. Está claro? — Sua voz era fria e baixa, e muito clara, e então ela se foi, a rainha saindo para saudar os seus súditos.

Então, realmente não tinha sido escolha de Myrnin. Não admira que ele estava tão magoado; ele tinha sido ordenado, e ele obedeceu, e Claire tinha despejado a culpa nele (bem, ele era o culpado, ele poderia ter recusado!), mas Amelie era definitivamente a mestre de marionetes puxando as cordas. Mesmo que tenha sido dolorosa a traição de Myrnin, não a assustava tanto quanto agora.

Amelie tinha dito a ela há muito tempo que ela faria qualquer coisa, sacrificaria qualquer um, para a segurança de Morganville, mas ainda parecia traição.

Eve espiou pela porta e fez um gesto para Claire, que se aproximou. — Está todo mundo aqui? — ela perguntou. Ela parecia apavorada e animado ao mesmo tempo. — Está pronto?



— Pronto — Claire disse. — Todo mundo está esperando por vocês.

Eve respirou fundo, fechou os olhos e sussurrou algo para si mesma, em seguida, desapareceu por trás da fresta da porta novamente. Trinta segundos depois, ela pegou o braço de Michael.

Claire pensou que ela nunca tinha visto eles parecerem tão bem, especialmente juntos; o vestido vermelho, longo e dramático de Eve se agarrava ao seu corpo e a fazia parecer ainda mais alta, enquanto que Michael tinha colocado um ótimo terno. O seu cabelo loiro brilhava na luz, e contrastava perfeitamente com o preto de Eve.

Eles olharam um para o outro, e Eve deu um sorriso encantador e lento que Michael ecoou.

Claire deu um passo adiante e fixou o corpete de Eve, e então os dois apareceram na multidão cheia de gente murmurando e sussurrando. Todos os observava, e Claire se moveu de volta para apertar a mão de Shane com força. Era uma festa de Eve e Michael, mas de alguma forma, parecia um teste.

Ninguém falou com eles diretamente até eles caminharem por toda a sala, até que Myrnin se atravessou no caminho deles. Ele ficou em silêncio por alguns segundos, em seguida, pegou a mão de Eve. Ele ergueu-a aos lábios e se inclinou sobre ela, e Claire podia ouvi-lo dizer, mesmo estando perto da porta: — Parabéns a ambos, meus queridos. Que a felicidade de vocês dure para sempre.

— Eu vou beber a isso! — alguém disse, e uma grande quantidade de pessoas riu, e o feitiço foi quebrado. Pessoas se misturaram e se juntaram. Mais se aproximaram para apertar a mão de Michael e oferecer a Eve um abraço ou um sorriso.

La ficar tudo bem.

— Uau — Shane disse. Ele empurrou o queixo em direção à borda mais distante da multidão. — Ela não vai se juntar a isso. — Por *ela* ele quis dizer Amelie, que estava em um isolamento régio com Oliver. Eles estavam conversando, ignorando o que estava acontecendo no centro do salão. Parecia intenso. — Eu não gosto disso.

— Ela praticamente admitiu que ordenou — Claire não se atreveu a dizer mais, não em uma sala cheia de orelhas de vampiros, então ela tocou o tecido macio da gola alta dele, e ele concordou. — Eu não sei se podemos contar com a ajuda dela.

— Eu nunca achei — ele disse. — Ou de qualquer outra pessoa, exceto a sua, Eve e... — Ele hesitou, mas ele sorriu e terminou de qualquer maneira. —



Michael. Mais seguro assim, CB. Você se envolve na política desta cidade e você é arrastada com ela.

Richard Morrell chegou tarde, e trouxe a sua irmã. Monica Morrell pegou o último cravo que Claire tinha, fez uma careta e entregou-o ao seu irmão. — Barato — ela disse. — Eu deveria saber que eles não teriam orquídeas, mas eu esperava algo melhor do que isso. — Como se Claire não estivesse ali. — Ugh, eu aposto que eles nem sequer têm um bar aberto.

— Como exatamente isso é da sua conta se você não pode beber legalmente? — Richard perguntou. Ele parecia cansado e rígido, e Monica fez um beicinho. Ela usava um vestido azul cintilante decotado com fenda até a coxa que realçava as suas pernas longas, e provavelmente tinha custado mais do que Claire tinha guardado para o seu fundo da faculdade. — Você queria vir, e você prometeu que seria civilizada. Se você não for, você vai para casa. Sem argumentos.

— Oh, tente não soar muito com a mamãe, você não tem ovários — Monica disse. Ela deu a Claire um sorriso desagradável quando ela passou por eles, jogando o cravo no chão e esmagando-o sob os seus sapatos altos extravagantes. — Não deveríamos estar dançando? Conhecendo Eve, provavelmente vai ser aquele bizarro death metal e baladas emo de baixa qualidade, mas eu vim para dançar.

— Cale a boca e coloque o presente em cima da mesa, Monica — Richard disse. Ele entregou-lhe uma caixa muito bem embrulhada, que ela segurou distante do corpo como se tivesse baratas vivas. Claire apontou para ela a mesa de presentes, já cheia de presentes. Monica andou até lá e deixou-o cair na pilha, então deu um sorriso deslumbrante e uma jogada de cabelo ao homem mais próximo.

— Deus — Richard suspirou. — Eu peço desculpas, mas como vocês já sabem, não podemos esperar uma atitude diferente vindo dela.

— Em uma maneira estranha, isso é reconfortante — Shane disse. — É bom saber que algumas coisas nunca mudam. Pragas, a morte, os impostos e Monica.

— Eu acho que nós podemos parar de ser recepcionistas — Claire disse. — Acabou as flores. — Ela pegou a que Monica tinha pisado e jogou-a de volta na caixa, que ela empurrou debaixo de uma mesa próxima. — Eu preciso de um ponche.

— Posso acompanhá-la? — Richard perguntou, e lhe ofereceu o braço. Ela piscou e olhou para Shane, que deu de ombros.



— Eu ficaria honrada — ela disse.

Parecia estranho, ser conduzida ao redor pelo prefeito... As pessoas falavam com ele livremente, e deram olhares estranhos a ela; ela estava bem ciente de Shane se movendo atrás deles, e se perguntou se ela deveria ter feito isso, afinal. Morganville era um viveiro de fofocas. No próximo dia ela provavelmente descobriria que ela tinha abandonado o seu namorado para ficar com Richard, o que *nunca* iria acontecer; Richard era legal o suficiente, mas não quando comparado a Shane. Além disso, isso significava ter Monica como parente. Aterrorizante.

Richard levou-a para o ponche, a soltou e saiu para falar com os eleitores; Claire encheu duas taças e entregou uma para Shane, que tomou um longo gole, então estremeceu e tocou em sua garganta.

— Dói?

Ele assentiu. — Queima — ele disse. — Alguém batizou o ponche, para a sua informação. Talvez você devesse tomar água, tem gosto de Everclear.

— Eca. — Claire colocou a ponche para baixo sem provar e foi para a água engarrafada em vez disso. Mais seguro, de qualquer maneira; ela não tinha esquecido das palavras de Miranda sobre o seu vestido. Sua garganta estava seca, e a água parecia fresca e doce. Ela mordiscou um biscoito em forma de sino e olhou para o bolo, que parecia consideravelmente melhor do que os que os padeiros tinham empurrado para Eve dizendo que era trabalho profissional; ela estava, na verdade, meio que orgulhosa dele. — Devemos fazer algo sobre o ponche?

— Não tire toda a diversão das coisas — Shane disse. — Além disso, eu não vou arrastar essa coisa para a cozinha. — Ele estava certo — a tigela de ponche era enorme, e estava cheia. Não havia muito o que pudesse ser feito.

Ela ainda estava se preocupando com isso quando a briga começou, em algum lugar perto do meio do salão.

Onde Michael e Eve estavam.

O primeiro aviso foi um grito de alarme, em seguida, um grito de uma mulher, e a multidão entre Claire e tudo o que estava acontecendo cobriu a sua visão. Shane, que era mais alto, olhou naquela direção e disse: — Merda.

— O que foi?

— Fique aqui!

Ele foi embora, se empurrando através da multidão.



De jeito nenhum ela ia ficar para trás. Onde ele ia, ela ia. Claire se espremeu no meio dos humanos (deste lado do salão) e de repente estava na área aberta, que estava Eve, Michael, e Shane recém-chegado, e dois homens.

Os dois homens — parte do grupo que-não-era-bem-da-cidade que Claire tinha se perguntado de onde vinham anteriormente — encurralaram Michael. A luta já havia terminado; um caiu de costas no chão, e o salto alto afiado de Eve estava plantado no centro do seu peito, segurando-o para baixo (embora ele parecesse inconsciente, e não susceptíveis a causar problemas a ninguém). Quando Claire chegou e derrapou até parar, o segundo homem que Michael estava lutando apunhalou uma estaca que mirava o coração de Michael.

Michael facilmente tirou-a de sua mão e empurrou-o para trás. Seu atacante tropeçou no corpo abatido do seu parceiro, e Michael pairou sobre ele, bonito como um anjo vingador, praticamente brilhando nas luzes. Suas presas estavam para fora.

— Não se atreva a levantar a mão para Eve novamente! — ele disse, e se abaixou para pegar a gravata do homem. Com um único puxão sem esforço, Michael levantou-o de volta a seus pés e sacudiu-o como uma boneca de pano. — Você nem sequer olhe para ela!

Shane gritou: — Atrás de você! — E atacou assim que uma mulher se afastou dos espectadores com outra estaca apontando para as costas de Michael. Ele a derrubou, e a estaca saiu voando. Shane saltou para trás em posição vertical e pegou o pedaço de madeira afiada. — Ei! Desculpe, senhora, mas ninguém vai estacar ninguém nessa festa! Eu pendurei uma bola de discoteca!

Michael olhou para ele.

— Ei — Shane disse, e acenou com a cabeça na direção do homem que Michael estava pendurando. — Ele está ficando meio roxo. Eu acho que ele já entendeu.

Michael deixou-o cair. Suas presas desapareceram, e ele estendeu a mão para Eve. Ela deixou o seu próprio atacante caído e a pegou.

Claire deixou a segurança da multidão e foi se juntar a Shane. Os quatro deles estavam cercados.

— Alguém tem alguma coisa a dizer agora? — Shane disse. — Alguma porcaria sobre casamentos mistos? O chão está livre; fiquem à vontade!

Os vampiros, Claire percebeu, não tinham vindo correndo em defesa de Michael. Na verdade, eles estavam de pé em um amontoado ao lado do suprimento de sangue, bebendo em taças de cristal, parecendo completamente



alheios. Ela olhou em volta para Oliver, Amelie e Myrnin. Myrnin estava sentado em uma mesa, passando as unhas lentamente sobre o pano, desfiando-a.

Amelie e Oliver ainda estavam de pé na beira da multidão, observando.

— Tudo bem. — Uma mulher se empurrou através da multidão — uma moradora. Claire reconheceu. A senhora do balcão que se recusou a esperar por Eve na loja dos suprimentos da festa. Ela parecia ainda mais severa e menos divertida hoje, em seu vestido boxy azul claro e cabelo com spray. — Eu vou dizer uma coisa. Eu sei que você nos convidou aqui, e eu acho que foi corajoso, mas você sabe que isso é errado. Ele é um deles. Sem ofensa para *eles*, mas nós preferimos relacionamentos entre iguais.

— Por mais que eu odeie estar de acordo, ela está correta — um vampiro bem vestido falou lentamente enquanto tomava um gole de seu sangue com perfeita calma. — Um mestre não se casa com o gado. Isso é simplesmente perverso.

Monica Morrell abriu caminho através da multidão, oscilando em saltos que eram ainda mais altos e mais finos do que os de Eve. — Ei! Quem você está chamando de gado, aberração? — Seu irmão agarrou-a pelo ombro para puxá-la de volta, mas ela livrou-se dele. — Eu não sou a sua vaca.

— Eu não estava falando com você — o vampiro disse, e tirou a sujeira imaginária da sua lapela vermelha vinho. — Você parece ter esquecido o seu lugar. E se você não quer ser uma vaca, ser um porco talvez seja mais aceitável.

Isso despertou a risada afiada e sarcástica do vampiro como o barulho de uma taça quebrando.

— Porco? — Monica gritou, e tentou se livrar de Richard. — Me solte. Aquele idiota me chamou de porco! Eu não sou nada como ela, você sabe! — Ela empurrou o queixo para Eve. — Eu sou uma Morrell!

— Desculpe-me, então — o vampiro disse. — Você é, portanto, uma porca valiosa.

Monica se inclinou para a frente sobre os saltos altos, pegou a estaca caída do chão e ficou ao lado de Eve. A poucos passos de distância, mas bem perto, de qualquer maneira. — Eu tenho um protetor! — ela retrucou. — Olá? Me proteja agora!

— De quê? — A voz de Oliver ecoou pelo salão. — Insultos? Eu não sou obrigado a defender a sua dignidade. Desde que você tenha uma. Pare com isso, todos vocês. — *Ele* não teve que se empurrar através da multidão; as pessoas saíram do caminho dele.



Amelie, Claire percebeu, não veio com ele. Ela ficou onde estava, afastada e fria.

— Já chega. Olhe para você, brigando com crianças mimadas — Oliver disse. Ele nivelou o dedo para o vampiro de terno vermelho escuro. — *Você* vai ser respeitoso. E você. — O dedo voltou-se para apontar para Monica. — Você vai aprender a segurar a língua.

— Como um bom e pequeno animal de estimação? — ela perguntou acidamente. — *Oink*.

— Se você não quiser a minha Proteção, sintase livre para tirar a pulseira — Oliver disse, e olhou para ela com olhos ferozes. — Vá em frente, Monica. Veja como se sente ao ficar nua no frio.

Claire pensou por um segundo que ela iria realmente tirar. Monica levantou o seu pulso e passou um dedo sobre a pulseira de prata que ela usava, aquela com o selo de Oliver sobre nela...

...E então ela deu um passo para trás com a cabeça baixa. Richard empurrou-a para trás dele.

— Melhor — Oliver disse. Ele apontou para o vampiro novamente. — Mais alguma coisa vinda de você, Jean? — Ele pronunciou em francês, *Zhon*. Jean deu de ombros e bebeu o seu sangue. — Agora. Nós vamos nos comportar como pessoas civilizadas. — Ele estalou os dedos e apontou para os dois homens no chão. Dois dos sempre presentes guarda-costas de Amelie atravessaram o buraco que ele tinha feito no meio da multidão, os recolheu e os arrastou para fora. — Eu espero que ninguém aqui tenha outras surpresas planejadas porque se um de vocês *pensar* em prejudicar um ao outro, eu vou me juntar a eles. Este é um terreno neutro. Os infratores serão horrivelmente e violentamente ensinados sobre o erro das suas ações. Está claro?

Ninguém disse uma palavra. Nem mesmo Eve, o que era surpreendente.

E, em seguida, Amelie andou para a frente, movendo-se no meio da multidão separada como um iceberg atravessando mares escuros — brilhando com pontas cortantes.

Oliver virou-se quando ela se aproximou por trás dele, e Claire viu o olhar no rosto dele. Pavor carimbado rapidamente em uma máscara ainda inexpressiva.

— A Fundadora vai falar — ele disse, e deu um passo para trás para dar-lhe a palavra.

— Eu venho hoje a pedido de dois residentes de Morganville — Amelie disse. Ela ficou de pé no centro da sala, de frente para Michael e Eve, que



ainda tinham as mãos entrelaçadas firmemente. — Eu venho comunicar que esta união planejada não pode prosseguir.

— Mas — Eve sussurrou. — Mas eu pensei...

Amelie a deteve friamente. — Eu ouvi os fundamentos dos residentes humanos que queriam que isso prosseguisse. Ouvi outras pessoas que insistiam que fosse interrompido. Meu próprio povo está igualmente dividido, e igualmente persuasivo. — Seus olhos brilhavam como moedas de prata congeladas. — Eu vim para lhes dizer o que será feito no melhor interesse de Morganville, e minhas regras daqui. Não Oliver, não suas. Minhas. — Seus olhos estavam ficando brancos agora, e Claire sentiu a agitação de poder no salão, como correntes de eletricidade selvagens. — E eu digo que este não é o momento. Não para isso.

— Espere — Michael disse. — *Espere!* Você não pode...

— Eu posso — Amelie disse suavemente. — E eu vou. E eu devo. Nenhum casamento terá lugar, não entre humanos e vampiros. Não até que eu esteja disposta a deixar. — Seus olhos eram puramente brancos agora, e Claire sentiu uma intensidade de poder latejante. Não era dirigido a ela, ela percebeu, ou a Eve, ou qualquer ser humano... Era um poder vampiro, dirigido aos vampiros na sala.

Que estavam caindo de joelhos agora. Alguns voluntariamente, alguns de má vontade. Alguns permaneceram em seus pés por um tempo, mas eventualmente, eles cederam também.

Deixando apenas Oliver se balançando e resistindo a ela... e Michael, que estava se segurando em Eve por apoio.

— Não — Michael disse, com os dentes firmemente cerrados. — Não, esta é a minha vida. Minha.

— Sua vida sempre foi minha, criança de sangue. — Amelie estendeu a mão em direção a ele, e fechou o punho. — Se submeta.

Michael gritou, e seus olhos ficaram brancos. Assim como todo o seu rosto, branco como um morto. Claire deu um passo involuntário em direção a ele, horrorizada, mas Shane fez mais do que isso.

Ele andou até o lado de Michael e colocou o seu braço por baixo de Michael, apoiando o seu peso.

— Você vai me agradecer mais tarde, mano — ele disse, e voltou o seu olhar para Amelie. — Afaste-se. Agora.

Seus dentes estavam para fora. Amelie nunca pareceu mais estranha para Claire, ou mais bonita, ou terrivelmente perigosa. Ela era aterrorizante, e os



outros seres humanos de Morganville foram recuando agora, indo para a porta. Os vampiros estavam presos no lugar.

Claire moveu-se para ajudar a segurar Michael. Ela sentia a cabeça pesada com o poder zumbindo em torno dela, e ela sabia que isso devia estar matando Michael; a cor tinha saído dele agora. Ele poderia ter sido feito de mármore, e era assustador, muito assustador tocar em sua pele gelada...

Eve soltou Michael, deixando Claire e Shane para apoiá-lo, e andou na frente de Amelie.

Ela tirou o alfinete que estava em seu vestido vermelho e jogou-o nela. — Vá para o inferno e leve isso com você! — Ela gritou isso direito no rosto de Amelie. Eve era uma chama exótica de cor branca contra a fúria de Amelie.

E então ela *bateu na Fundadora no rosto*.

Amelie deu um passo para trás, atordoada, e o esmagamento de poder no salão vacilou.

Oliver pulou e agarrou Eve pela cintura, jogando-a para fora do caminho enquanto Amelie ia atrás dela. Ele agarrou a Fundadora e envolveu-a em seus braços, em seguida, gritou para Claire: — Tire-os daqui! Agora! Vá para casa, e depressa! Faça isso agora!

A fúria de Amelie saltou para os outros vampiros, e um por um, eles se atiraram aos seus pés, sibilando. Um jogou um copo de cristal de sangue em Eve, mas caiu em Claire em vez disso, salpicando em seu vestido branco.

Ela olhou para a sujeira com um suspiro assustado, e pensou: *Caramba, Miranda estava certa. Mais uma vez.*

— Ahh... talvez nós devemos ir embora — Shane disse. — Deixe os sapatos, Eve. Nós vamos correr agora.

— Eu amo estes sapatos!

— Mais do que o seu sistema circulatório?

Eve começou silenciosamente a tirar os saltos e recuar. Shane e Claire testaram mover Michael, fraco no mínimo, e se dirigiram para a porta. Eve atuou como a retaguarda, não que ela tivesse alguma coisa para lutar a não ser com os sapatos que ela pegou.

O vampiro do terno de veludo vermelho se dirigiu para ela com as presas para fora. Ela levantou os saltos, pronta para atacar, mas alguma coisa o agarrou primeiro e o atingiu, diretamente no lustre. Cristais quebraram, e a bola de discoteca girava descontroladamente jogando brilhos bêbados sobre a sala.



No outro extremo da sala, a DJ em fuga apertou um botão em seu sistema, e uma música tecno começou, tremendo no ar e batendo no corpo de Claire como chutes. Muito alta.

Myrnin, que tinha interceptado o ataque do vampiro, virou-se e olhou para eles.

Para Claire.

Seus lábios formaram palavras, mas Claire não conseguia ouvi-las. Ele fez um movimento de enxotar e sorriu para ela, um daqueles sorrisos sutis e meio loucos, e seu coração se partiu mais uma vez.

Ela balançou a cabeça, e Eve bateu a porta do salão de baile, cortando a onda de vampiros atrás deles. Ela colocou uma cadeira embaixo da maçaneta.

Eles correram para o elevador. Shane apertou o botão cerca de dezesseis vezes antes que as portas se abrissem, e ele arrastou Michael para dentro enquanto Claire segurava para Eve. — Eles estão quebrando! — Eve suspirou. — Essa cadeira não vai aguentar!

— Fecha, fecha, fecha! — Shane gritou com os botões, socando o botão para a garagem. Claire ouviu lascas de madeira e, em seguida, um estrondo quando a porta do salão foi quebrada pelas dobradiças.

Um vampiro apareceu na frente do elevador — um vampiro com cabelo escuro na altura dos ombros e casaco com caudas ridiculamente longas.

Myrnin, mais uma vez.

— Sinto muito — ele disse, e virou-se para enfrentar uma multidão de atacantes que se aproximavam. — Eu vou atrasá-los. Oh, bela festa, a propósito!

As portas se fecharam antes que Claire pudesse agradecer e o elevador deu uma guinada e começou a avançando lentamente para o seu caminho para baixo.

— Michael? — Shane balançou ele, ainda segurando-o na posição vertical com um braço sob os seus ombros. — Ei, cara, você está com a gente?

Michael acenou com a cabeça. Ele parecia melhor. Não bem, mas não como uma estátua pálida agora. Seus olhos estavam voltando a ser azuis novamente, lentamente. — Você me apoiou. — Ele pareceu surpreso.

— Sempre — Shane disse. — Pensei que você soubesse disso.

Eve colocou os braços ao redor do pescoço dele e o beijou nos lábios. Shane fez uma pequena manobra engraçada, tentando se esquivar enquanto não derrubava Michael de bunda no chão, mas ela foi breve. — Desculpe, mas eu tinha que fazer isso — ela disse. — Você é demais.



— Sim, bem, você não tinha que me marcar com batom — Shane disse, e limpou. — A minha garota está de pé bem ali.

— A sua garota não se importa — Claire disse. Ela ainda estava com medo, mas de alguma forma também feliz. Livre. Renascida. — Eu te beijaria, também, se eu estivesse mais perto.

— Eu não faria isso — Michael disse. — Eu não te amo dessa maneira.

— Não foi isso que você disse da última vez.

— Idiota. — Michael quase sorriu, mas desapareceu quando o movimento do elevador parou com um solavanco. — Chegamos. Fiquem alerta; não estamos salvos ainda.

Claire saiu, observando os ângulos, mas a garagem parecia deserta. Ela fez um gesto para os outros se apressarem atrás dela, o que eles fizeram rapidamente. Shane estava com as chaves do carro fúnebre, que ele jogou para ela, e Claire rapidamente destrancou. Eles carregaram Michael e Eve no interior, na área sombreada de vampiro, e ficaram na frente. — Tranque — Shane disse. Claire assentiu com a cabeça e bateu no controle assim que um vampiro de cara branca apareceu em sua janela e tentou abrir a porta. Ela gritou e pulou, mas pegou o volante e passou a marcha no carro fúnebre. *Muito rápido, muito rápido...* a coisa era como um navio de luxo, e ela teve que fazer vários movimentos para trás e para frente para deixá-lo livre das obstruções. O vampiro pulou em cima, e deu um soco no telhado.

— Vai, vai, vai! — Shane gritou, e Claire finalmente estava com a pista livre. Ela enfiou o pé no acelerador, e o carro fúnebre rugiu até a rampa, girou na curva e saiu em pleno sol.

O vampiro em cima ficou por um momento, e então as suas garras desapareceram. Ela ouviu-o deslizando em todo o comprimento do telhado, e viu-o cair para fora, de pé na terra, e correr para a sombra que tinha ficado para trás com a fumaça cinza. Claire gritou e estendeu o seu punho, e Shane bateu no punho dela.

— Emblema de mérito de condução em combate — ele disse. — Com o bônus dos vampiros em conjunto. Agora tudo o que você tem que fazer é nos levar para casa.

— Não. — Eve deslizou de volta para o divisor entre a frente e a traseira, e inclinou-se. — Michael e eu decidimos. Levem-nos para a igreja.

— O quê? — Claire e Shane falaram ao mesmo tempo, em um coro perfeito.



— Eles vão nos parar, se puderem. Temos que fazer isso agora, se nós vamos fazer isso — Eve disse. — Nós vamos nos casar. Agora.

Claire quase saiu da estrada. — Mas, espere, agora? Tipo, agora?

— Você não está falando sério — Shane disse. — Você não pode fazer isso agora.

— Por que não?

— Você está usando vermelho — Shane disse.

— Eu tenho sangue no meu vestido — Claire colocou.

— Você, idiota, cale a boca — Eve disse, dando a Shane um olhar de desprezo. — Claire, água fria no banheiro. Lá. Resolvido. — Ela fechou a divisória com uma batida.

Claire dirigiu em silêncio por um momento, e então disse: — É isso aí.

— É isso aí — Shane repetiu. — É.

Ela virou à direita, em direção à igreja.



Ninguém estava na igreja. Ninguém. Nem o Padre Joe, nem um paroquiano, nem uma equipe de limpeza. Ela estava deserta, e Claire bateu na porta do escritório e a encontrou vazia também. Ninguém na câmara de carência. Ela saiu para a capela central e levantou as mãos em sinal de rendição impotente quando Eve colocou os seus sapatos de salto alto, se balançando em um pé, e depois no outro.

— Você está brincando — Eve disse. — Ele foi embora?

— Ele estava na festa — Shane falou. Ele estava sentado com Michael em um banco. — Eu não tenho tanta certeza de que isso é uma boa ideia agora, Eve. Oliver disse...

— Eu sei o que Oliver disse. Droga, eu não vou aceitar outra ordem de outro vampiro nesta cidade, nunca! — Eve terminou de colocar os sapatos e ficou lá aparentando ser alta e forte. — Nós vamos esperar.

Shane olhou para Michael, em dúvida. — Eu não sei, cara...

— Nós esperamos — Michael disse. — Ela está certa. Olha, se você quiser levar Claire para casa...

— Não — Shane disse. — Eu não vou deixar vocês dois aqui sozinhos. Vamos ficar juntos.

— Eu ainda não vou beijar você — Michael disse.

— Provocador.



Michael começou a responder, mas o *boom* oco da porta da igreja o cortou. Ele e Shane ambos ficaram de pé — Michael mais rápido — e Claire olhou em volta por algo anti-vampiros que ela pudesse improvisar, mas nada disso era necessário, porque a passos largos para a capela estava o Padre Joe, seu cabelo vermelho flamejando na luz multicolorida a partir das janelas do alto. Ele andou mais devagar quando os viu, então suspirou e avançou na direção de onde eles estavam esperando.

Eve abriu a boca para dizer alguma coisa, mas ele levantou a mão. — Não — ele disse. — Eu tenho uma boa noção do motivo de vocês estarem aqui. E a resposta é não.

— O quê? Você não pode simplesmente dizer não! — Eve disse. — Por que você diria isso?

Padre Joe parou e se virou quando ele alcançou os degraus até o altar, e em vez de parecer um jovem perturbado, ele parecia se transformar em uma pessoa séria e controlada, nem dúvidas sobre o que estava prestes a fazer. Ele levantou ambas as mãos para ela se acalmar, e Eve se aquietou, não com muita boa vontade.

— Você não tem permissão da Fundadora — ele disse. — Sem a assinatura da Fundadora sobre a licença de casamento, não há casamentos realizados no interior desta igreja que seja legal aos olhos da cidade. Vocês não vão conseguir o que vocês estão tentando fazer, e pelo que eu vi naquele salão, vocês nunca vão ter a permissão. Você vai ter sorte se escapar de uma sentença de prisão, Eve.

— Ela poderia mudar de ideia — Claire disse.

— Ela não vai. Você a envergonhou, você a desafiou publicamente, e Eve a esbofeteou. Como é Amelie, ela pode perdoar, e ela pode tranquilamente mudar de opiniões. Você a convidou como a Fundadora de Morganville, e a Fundadora não poderia deixar de ir, não importa quais os sentimentos pessoais dela pudessem ser. Faça o que fizer aqui, não importa além daquela porta. Não para a Fundadora.

Houve um silêncio pesado enquanto Eve e Michael se entreolharam. Ele veio ficar ao lado dela, e seus dedos se entrelaçaram lentamente.

Michael olhou para o Padre Joe e disse: — Você faria de qualquer maneira?

Padre Joe inclinou a cabeça para um lado, observando os dois, e apertou as mãos na frente dele. Um lento sorriso aqueceu a sua expressão séria, e ele disse: — Aos olhos de Deus, vocês querem vir diante do altar para se casar?



— Sim, Padre — ele disse.

Padre Joe virou seu foco para Eve. — E você?

— Sim, Padre. Mais do que qualquer coisa.

— Eu vejo que vocês têm testemunhas — ele disse. Claire e Shane se moveram para ficar perto deles, e Claire percebeu que ela estava com falta de ar agora, e tremor. Ela podia ver que Eve estava tremendo também. Michael apertou a mão dela um pouco e sorriu para ela, e ela sorriu de volta. — Vocês estão com o anel?

Eve olhou para Michael em pânico, e ele parecia ter esquecido também, até que Shane disse: — Você não pode usar o anel de noivado deles? Quero dizer, só para a cerimônia?

— Eu posso — o Padre Joe concordou. — Geralmente as pessoas preferem cerimônias de anel duplo estes dias, mas só um vai funcionar também. Agora, eu pergunto novamente: Vocês têm certeza do que vocês estão prestes a fazer? O casamento não é uma cerimônia para ser feita levianamente.

— Temos certeza — Michael disse. — Por favor. Vá em frente.

A porta da capela fechou na outra extremidade.

Claire se virou, piscando para conter as lágrimas que estavam ameaçando se formar, e viu que um monte de gente tinha aparecido na parte de trás da igreja. Alguns estavam tirando os capuzes e os chapéus, mas não a pessoa da frente, vestida de branco com o seu cabelo pálido enrolado para cima, como uma coroa. Ela não se preocupava com a proteção de sol.

Amelie caminhava pelo corredor da igreja na direção deles, e atrás dela seguia Oliver, Myrnin, e meia dúzia de outros vampiros. Mais do que eles podiam lutar. Mais do que qualquer um poderia lutar.

Padre Joe congelou, observando-os. Michael e Eve se viraram para olhar, também, e, em seguida, Michael disse: — Vá em frente, Padre. Estamos prontos.

— Ninguém vai se casar aqui hoje — a voz fria de Amelie disse, soando com autoridade. — Você serve com o meu consentimento, Padre. Eu não quero desrespeitar a igreja ou a sua autonomia, mas eu já fiz o meu pronunciamento, e estes dois não têm permissão. Agora, por favor, vá embora. Eu tenho coisas a discutir com estes quatro.

Ele hesitou, olhando para os dois em pé na frente dele, e em seguida abaixou a cabeça. — Sinto muito. Ela não vai machucar vocês, não aqui. A igreja é um campo neutro. Vocês estão seguros dentro.



— Espera... — Eve estendeu a mão para ele, mas ele deu um passo para trás, subiu os degraus e ajoelhou-se para rezar no altar. Eve fechou os olhos e balançou, e apenas o braço de Michael ao redor dela a manteve em seus pés.

Todos se viraram para enfrentar os vampiros.

Amelie continuou na direção deles, mas fez um gesto silencioso que fez quase todos aqueles que seguem ela pararem e tomar assentos nos bancos da igreja. Apenas Oliver e Myrnin ficaram com ela pelo resto do caminho.

Quatro para três, mas isso nem era exatamente uma probabilidade. Michael poderia cuidar de si mesmo, talvez, mas Claire sabia que o resto deles tinha a chance de um coelho preso em uma cova dos lobos.

Amelie deixou um momento frio passar antes que ela dissesse: — Você simplesmente tem a intenção de desafiar os meus desejos, aparentemente.

— Queremos nos casar. Isso não é da conta de ninguém — Michael disse. Ele parecia perigosamente irritado. — Por que você está fazendo isso com a gente?

— Eu estou tentando manter a paz — ela disse. — E a paz não será mantida dessa forma. Vocês têm muitos anos para dar este passo; um pouco mais não fará diferença se o seu amor é tão forte como você alega. No entanto, mais alguns anos pode fazer toda a diferença em obter uma paz duradoura em Morganville.

— Você já teve cerca de cem anos para tentar fazer isso acontecer, e não aconteceu — Eve disse. — O que faz você pensar que mais alguns anos vai mudar alguma coisa?

Amelie analisou-a com uma intensidade remota e tão fria que fez Claire tremer. — Eu só fui fisicamente atingida por duas outras pessoas antes. Nenhuma delas ainda vive, e ambas eram vampiras. Eu sugiro que você me permita algum tempo para considerar como eu me sinto sobre você.

— Amelie — Claire disse, chamando a atenção da vampira; ela imediatamente desejou que não tivesse. Havia algo tenso e furioso lá dentro, completamente ao contrário de como Amelie normalmente aparentava. — Eu sei que Eve se arrepende disso. Mas você envergonhou *ela*, bem na frente de metade da cidade. Na frente das pessoas que ela conhece e tem que encarar todos os dias. Tudo o que ela quis fazer foi estar com a pessoa que ela amava. Você sabe como é isso.

Algo brilhou nos olhos cinzas de Amelie. Surpresa e mágoa, e quase imediatamente raiva. Ela não gostava de ser lembrada do amor que ela tinha



perdido, ou que os quatro seres humanos em pé na frente dela tinham visto ela em seu momento mais vulneráveis quando ela estava de luto.

— Sam não iria querer isso — Claire disse. Essa era a última e única carta que ela tinha. — Sam iria querer que você deixasse eles ficarem juntos. — Sam Glass tinha sido o avô de Michael, um vampiro que Claire tinha conhecido apenas um pouco, mas ele tinha sido o mais amável e mais carinhoso de todos eles.

E agora ele se foi, e Amelie — Amelie ainda estava magoadada lá no fundo.

O problema era que a dor poderia, às vezes, fazer as pessoas se tornarem frias e selvagens.

Como agora, Claire percebeu, quando o silêncio gelado se aprofundou. Quando Amelie voltou a falar, foi com uma voz tranquila e fatal. — Não invoque Samuel para mim — ela disse. — Nós *esperamos*.

— Você esperou até que a sua chance de ser feliz se foi — Claire disse, apesar de todos os seus instintos gritassem para ela calar a boca. — Você quer a mesma coisa para Eve e Michael? De verdade?

Amelie não disse nada desta vez, apenas olhou para ela. Era possível — remotamente — que ela estivesse pensando sobre isso.

Oliver limpou a garganta e disse: — Nós não temos tempo para os seus dramas, crianças. Nós temos coisas para fazer. Com urgência. — Essa última foi diretamente para Amelie, Claire percebeu, não em direção a eles, e Amelie se mexeu e olhou para ele, depois assentiu. — Myrnin vai escoltar vocês quatro para casa. Ele vai pegar o portal de lá.

— Não! — Claire gritou, mas Amelie já estava se virando e indo embora, assim como Oliver. A opinião dela não importava claramente. Ela olhou em silêncio para Shane, que balançou a cabeça e deu de ombros.

— Eu vou ser o mais educado possível — Myrnin disse. Ele parecia cauteloso e magoado, o que a deixou mais irritada; que direito ele tinha de se sentir magoado com tudo isso? Ele traiu totalmente a confiança dela. Ela não ia se sentir culpada por seguir o seu coração. — Vamos?

Amelie sinalizou para os vampiros irem atrás dela, e as portas se fecharam novamente atrás deles. No altar, o Padre Joe benzeu-se e desceu novamente para se juntar a eles.

— Bela forma de nos apoiar, Padre — Michael disse.

— Eu não posso estar no meio desse martírio — o Padre disse. — Não agora, e não aqui. Eu tenho um dever com os meus paroquianos, e eu não estou negando-lhes o sacramento do matrimônio; estou apenas adiando.



Voltem em uma semana, tragam as suas testemunhas e anéis, e eu vou fazer exatamente o que vocês desejam. Mas não hoje. Vocês precisam ir para casa com o seu acompanhante. — Ele inclinou a cabeça para Myrnin, que se inclinou para trás. De repente, a postura rígida do Padre Joe relaxou, e ele estendeu a mão para Michael, que relutantemente aceitou. — Sinto muito por isso. Eu sei o quanto vocês dois têm batalhado para superar as barreiras entre vocês. Eu não vou ser outra; eu prometo isso. Me deem uma semana, e eu darei a vocês o que vocês querem.

— Eu espero que sim — Michael disse. — Nós voltaremos.

— Vejo vocês depois. Vão em paz. Eu estarei orando por todos vocês.

Ele subiu os degraus e atravessou uma porta perto do altar.

Todos olharam um para o outro e, em seguida, Myrnin disse alegremente: — Eu devo dirigir?

— Não — eles disseram em uníssono, e saíram em direção ao carro funerário.



Depois de chegarem com Myrnin em casa, acabou sendo quase impossível se livrar dele.

Em parte foi por causa do que aconteceu quando eles *deixaram* ele entrar, ou tentaram. Michael e Eve entraram primeiro, em seguida, Shane, e Claire por último, com Myrnin bem atrás dela — e sem nenhuma ordem consciente dela, a porta da frente tentou bater direito em seu rosto.

Claire não tinha sequer tocado nela.

— Minha nossa — Myrnin disse, batendo a mão contra ela e, apesar da força de vampiro, ele foi empurrado alguns centímetros para trás antes de ele se equilibrar e abri-la. — Isso é interessante. — Ele passou por cima do solado, e a porta se fechou atrás dele com uma força desnecessária. Vidros balançaram nos lustres acima e nas janelas da sala de estar. A temperatura da casa caiu rapidamente como se eles estivessem em uma geladeira, e Claire viu sua respiração embaçar com o ar frio do corredor. Eve gritou de onde estava na sala de estar, e disse: — Porra, o ar condicionado quebrou! Está parecendo um necrotério aqui!

— Não estava um segundo atrás — Shane disse. Ele estava de pé no final do corredor, olhando para Claire e Myrnin. Suas sobranceiras estavam levantadas. — Claire?



— Eu estou bem — ela disse. Myrnin tinha esquecido dela. Ele estava pressionando as mãos contra as paredes de madeira, parecendo fascinado.

— Eu posso realmente sentir ela resistindo a mim! — ele disse. — Que maravilha. Eu sei que elas podem fazer essas coisas, mas ter ela realmente dirigida a mim, ela deve extrair energia do próprio ar. Esse é o motivo para a mudança da temperatura, eu imagino. Claire, você está fazendo isso?

— Não — ela retrucou, e se afastou. Ela provavelmente estava, em algum nível; a casa tinha crescido muito em sintonia com os seus humores, e ela queria que Myrnin fosse embora — bem, talvez ela não quisesse, porque se tivesse sido realmente uma emergência, a casa poderia tê-lo jogado completamente para fora. Ela só estava tentando fortemente desencorajá-lo.

— Sinceramente, acho que esta casa tem acumulado mais poder do que as outras casas da Fundadora ao longo dos anos — Myrnin disse. — É um efeito colateral dos portais, você sabe, e os processos alquímicos que usamos para lançar as bases, mas esta é a única casa que tem sido continuamente ocupada desde que foi construída. Até mesmo a Casa Day permaneceu vazia por vários anos na virada do século passado, depois que o negócio lamentável com os Langers... Bem. Em qualquer caso, esta casa tem conseguido algo como uma consciência independente. Uma alma, se você prefere. É fascinante!

Era verdade, e, normalmente, Claire teria diretamente falado sobre as teorias da física e alquimia que fariam algo como isso possível, mas agora, ela só queria que ele fosse embora. Profundamente. — Não tem nada que você tenha que fazer em outro lugar? — ela disse. — Porque você nos trouxe para casa. Bem. Agora vá embora.

Eve tinha voltado para ficar ao lado de Shane, de olhos arregalados. Ela tinha tirado os saltos altos, mas ela ainda parecia um fantasma exótico do início dos anos 1920, ainda de vermelho brilhante. — Uau — ela disse. — Eu nem sabia que você poderia colocar esse tom em sua voz, Claire. Você esqueceu, este é Myrnin, certo? Tipo, o seu chefe? O cara que salvou os nossos traseiros na festa?

— Obrigado, Eve — ele disse, e deu um sorriso muito caloroso. — Eu fiquei feliz em fazê-lo. — O sorriso ficou mais hesitante quando ele se dirigiu a Claire. — Eu sinto muito por quaisquer erros que eu cometi com você. Verdadeiramente, eu sinto. Não foi minha primeira escolha, acredite em mim. — Ele acenou para Shane. — E isso vale para você também.

— Erros? — Eve perguntou, mistificada. — Que erros? O que...



E então ela viu o hematoma em torno da gola alta de Shane. Agora era um hematoma enorme – roxo escuro, vermelho, azul nas bordas. Quase preto no centro. Deus. Você podia ver os contornos dos dedos de Myrnin. Claire viu a mente de Eve trabalhando, e então disse: – Você fez isso. Shane disse que tinha sido em uma luta, mas foi você. É por isso que ela está tão irritada.

Myrnin parecia ainda mais como um filhote de cachorro sendo chutado. – Eu sinto muito por minhas ações. Como eu disse. Eu não posso remover os machucados, mas felizmente ele está se recuperando totalmente.

Agora Michael se meteu, também. – Espere um minuto, o quê? Myrnin sufocou você?

– Cara, já chega. Já passou.

– Ele tentou matar você!

– Se eu realmente tivesse tentado – Myrnin disse amavelmente: – Eu tenho certeza de que eu teria tido êxito.

A coisa louca era que ele realmente pensava que iria ser só isso. Que Claire iria esquecer sobre isso – e ele tinha vindo atrás *dela*, ela percebeu, ela provavelmente já tinha feito exatamente isso. Ela havia lhe perdoado por todos os tipos de coisas malucas antes.

Mas este era um ataque calculado e frio contra Shane, e ele tinha feito ela dizer a ele onde encontrá-lo.

Não. Não era isso.

Myrnin estava feliz balbuciando, alheio ao clima deles quatro e da casa, cuja temperatura interna estava caindo tão rápido que Eve estava tremendo em seu vestido vermelho fino. – A coisa é, esta casa, esta *casa*! Ela está em desenvolvimento, como vocês veem. Está crescendo mais forte. Eu sempre suspeitei que havia algo de especial aqui, obviamente, ela o salvou uma vez, Michael e agora parece estar reagindo fortemente...

Michael tirou o casaco e colocou em volta dos ombros de Eve, abraçando-a. Os quatro deles estavam conscientes agora do que Myrnin tinha feito. E unindo as raivas deles.

E algo *mudou*.

As besteiras animadas de Myrnin terminaram em um grito quando o chão do corredor literalmente rolou debaixo de seus pés com um barulho de tábuas, e enviou-o cambaleando para a frente, em direção a Shane, Eve e Michael, que rapidamente saíram do caminho. Claire se agarrou a parede, mas ela sabia que este ataque não era dirigido a ela, ou aos seus amigos.



Apenas a Myrnin, que bamboleou no chão, lutando para ficar de pé, até que terminou em uma jogada repentina para cima que o jogou para o ar, lançando ele...

Para a parede onde o portal místico de Myrnin estava escondido.

Levava algum tempo para abrir a coisa — bem, normalmente — mas Myrnin tinha poderes que Claire nunca possuía nessa área, e na hora que os seus braços se estenderam para a parede, a parede derreteu em um redemoinho preto, e Myrnin caiu em uma linha reta através dele.

Ele tinha ido embora, com exceção do seu apelo aos gritos, — Claire, por favor, escute...

E então o portal se fechou, a névoa escura desapareceu, e era apenas uma parede novamente.

Claire se aproximou e colocou a mão sobre a superfície. A pintura, o gesso, as paredes. Nada de mágico neles, pelo menos não que ela pudesse detectar. — Casa — ela disse. Ela raramente a abordava diretamente; nenhum deles gostava de reconhecer que eles estavam vivendo dentro de algo que tinha consciência real, porque isso fazia a privacidade deles duvidosa, na melhor das hipóteses. — Eu preciso que você o mantenha fora. Bloqueie este portal. Não o deixe entrar através das portas também.

Ela sentiu um pulsar estranho e profundo subir através dos seus pés, e através da palma da sua mão, e, embora ela realmente não pudesse detectar uma alteração, ela sabia que tinha sido feito.

Myrnin foi bloqueado.

Seu celular tocou. Claire puxou do bolso do casaco e olhou para a tela, que mostrava uma foto de pantufas de coelhinho de Myrnin. Ela atendeu e disse: — Não tente atravessar de novo.

— Claire, me escute. Eu preciso falar com você em particular. Há algo muito estranho acontecendo, e eu preciso da sua entrada para entender exatamente o que...

— Eu me demiti — ela disse. — Eu pensei que nós estivéssemos claros sobre isso.

— A casa. Ouça-me, a casa poderia ser a sua salvação, em caso de emergência. Eu preciso que vocês fiquem naquela casa tanto quanto vocês puderem. Claire...

Ela desligou na cara dele. Myrnin nunca iria dizer a ela o que estava acontecendo, e não de uma forma que fizesse sentido; nem Amelie, obviamente. E Oliver parecia estar firmemente do lado oposto, também.



Ela não podia confiar em nenhum deles. Não mais.

Shane colocou os braços ao redor dela. — Sinto muito — ele disse. — Eu sei que isso dói.

— Você é o único com as contusões — ela disse, e virou-se para abraçá-lo de volta. — E você é o único que me interessa.

Michael limpou a garganta. — Desculpem quebrar o clima, mas podemos, por favor, falar sobre o que diabos está acontecendo?

Claire deu uma respiração profunda. — Eu acho que devemos.

Porque não importava o que Amelie queria, Claire não poderia proteger os seus amigos se eles não soubessem.



CAPÍTULO 8

CLAIRE

Traduzido por Fernanda

Ficar em casa era possível apenas por um dia ou dois antes que eles começassem a ficar sem suprimentos importantes de sobrevivência, como Coca-Cola, cachorros quentes e papel higiênico. Michael insistiu em correr em busca por suprimentos pela primeira vez, mas na segunda, Claire e Eve realizaram uma reunião sussurrada no andar de cima, e declararam que elas iriam por conta própria.

— De jeito nenhum — Michael disse. — Você ouviu o que Myrnin disse, e além disso, se Eve não era a garota mais popular em Morganville antes, ela está na lista negra agora. Eles vão te prender quando te virem, querida. Amelie não está nem um pouco feliz.

— Talvez ela deva ir em frente e me prender — Eve disse. — Porque eu *não* vou me esconder em casa pelo o resto da minha vida. Primeiro, eu preciso de um corte de cabelo. Segundo...

— Não existe um segundo — Shane interrompeu. — Vocês não vão, meninas. As coisas estão ficando estranhas lá fora.

— Quem disse?

— Eu — Michael disse. — O King Food está fechado e trancado. Eles acabaram de colocar uma placa de fora de funcionamento no Marjo's Diner também.

— O quê? — Shane desabafou. Marjo's era seu lugar favorito em Morganville, e ei, Claire era muito apaixonado por ele também. — Pode ser uma fábrica de baratas, mas tem estado por aí pelo quê, 50 anos? Sem nunca ter fechado?

— Bem, ele está fechado agora — Michael disse.

Shane balançou a cabeça. Ele estava sentado no sofá, o controle do jogo em suas mãos, mas ele tinha esquecido tudo sobre isso agora. Na tela da TV



os zumbis estavam dilacerando o seu avatar. — Isso é insano. Você sabe sobre o meu trabalho, certo?

— O que tem ele? — Claire perguntou.

— Demitido — ele disse. — Bem, dispensado, eles ligaram esta manhã. Eles vão fechar para reformas, ou assim eles disseram. Muito em breve, nós não vamos ter qualquer lugar aberto por aqui. O que está acontecendo com essa porcaria?

— E quanto ao Common Grounds? — Eve perguntou ansiosamente. — Quero dizer, Oliver me deixou tirar a semana de folga, mas...

— Ainda aberto — Michael confirmou. — Até agora, de qualquer maneira. Mas isso é apenas a ponta do iceberg. Este não é apenas um problema financeiro. Há mais do que isso. — Ele hesitou, então disse: — E mais vampiros desapareceram.

— Mais? Quantos mais?

— De acordo com os boatos desta manhã, pelo menos dez. Naomi não foi vista novamente. Nem os outros.

— Bem — Eve estava dizendo, — ainda *temos* que ir até a loja. E nós vamos, não qualquer um de vocês.

— Por quê? — Michael perguntou. Ele cruzou os braços, e estava franzindo a testa para ela, mas não de uma maneira irritada. Ele parecia preocupado.

Eve suspirou. Ela contou as coisas nos dedos. — Eu preciso de esmalte de unha, e nenhum de vocês pode diferenciar um laquê decente de um lixo com álcool. Próximo, Claire tem uma prescrição que ela precisa pegar na farmácia, o que nenhum de vocês realmente deveria fazer no nome dela, já que é pessoal. Por último, falando em pessoal, existem produtos femininos íntimos que eu prometo a vocês, nenhum de vocês, homem viris, gostariam de se envolver.

Shane realmente se encolheu. Michael parecia desconfortável.

Eve sorriu. — No caso de não ter ficado claro, eu estou falando de *tampões*.

— Sim, muito claro — Shane disse. — E, tudo bem, sim, talvez você devam ir. Considerando isso.

— Isso mesmo — Eve disse. Ela estava no modo Eve em Ação hoje, vestida de jeans preto, pesadas botas de combate e blusa apertada com um enorme crânio gótico desenhado nela. Grandes pulseiras de spike. Um colar de couro. Toda a sua maquiagem gótica estava firmemente no lugar, até o batom cor de azeviche e maquiagem dos olhos da cor de contusões. — Confie em mim. Nós cuidamos disso. Além disso, eu vou armada. — Ela abriu uma bolsa de couro pendurada em seu cinto de spikes, e tirou uma garrafa de nitrato de prata,



bem como uma estaca com revestimento de prata. — Nós vamos ficar bem. Entrar e sair em 30 minutos.

— Talvez eu devesse ir e apenas esperar no carro — Shane disse.

— Talvez você devesse parar de nos tratar como bonecas de porcelana frágeis — Eve atirou de volta, e virou a estaca habilmente em seus dedos. — O que você diz, CB?

Claire estava sorrindo, ela percebeu. Ao contrário de Eve, ela não estava vestida para agredir; ela estava vestindo calça jeans simples e uma blusa azul simples, mas ela tinha sua mochila, e dentro dela (ao invés de livros) haviam uma pequena e compacta besta, flechas, nitrato de prata e estacas.

Além disso, a carteira dela, é claro. Ela não estava pensando em roubar o lugar.

— Nós vamos ficar bem — Claire disse, e sustentou o olhar de Shane. — Confie em mim.

Ele balançou a cabeça, ainda franzindo a testa. — Eu não gosto disso.

— Sim, eu sei — ela disse. — Mas não podemos nos esconder pelo resto das nossas vidas. Esta é a nossa cidade também.



O caminho para a outra loja foi um pouco mais longo, mas Eve o animou com um death metal estridente e dirigiu com as janelas abertas, o que fez as pessoas não só virarem e olhar, mas encarar. Oh, Eve estava com um *estado de espírito*. Foi divertido.

Eve parou o carro fúnebre da frente da farmácia e o colocou na vaga. — Não saia — Claire gritou por cima da música. — Eu estarei de volta, ok?

— Cinco minutos! — Eve gritou de volta. — Cinco minutos e eu vou chutar traseiros. Isso não é uma metáfora!

Claire fez um sinal de OK com os dedos, porque era impossível gritar alto o suficiente para ser ouvida conforme Eve intensificou a música; ela escapou da vibração do carro fúnebre, atravessou o espaço vazio, e no silêncio relativo do Drogas de Goode (conhecido localmente, ela tinha aprendido com Shane, como Boas Drogas², porque o farmacêutico era conhecido por vender algumas coisas não-muito-dentro-da-lei por baixo dos panos de tempos em

² **Goode's**: Se assemelha a Goods, que significa bons/boas. Drugs pode ser traduzido com remédios e também como drogas, daí o jogo de palavras.



tempos). O grande grave do carro fúnebre sacudia o vidro, mas além disso, parecia deserto.

Claire caminhou passando pelas prateleiras de medicamentos para resfriados, analgésicos, antissépticos bucais, e talcos para pés, para chegar ao balcão da farmácia na parte de trás. Não havia ninguém à vista na janela, de modo que ela tocou a campainha. Ela deu um aviso claro e metálico no ar.

Silêncio.

— Olá? — Claire disse, e depois mais alto, inclinando-se sobre o balcão, — Olá? Alguém?

Ela avistou alguém exatamente no canto de sua visão, e se virou para olhar. Lá, de pé atrás do balcão, no final de uma longa série de prateleiras, estava um homem. Não o Sr. Rooney, que administrava a farmácia; não o vampiro que Claire tinha visto lá algumas vezes, que provavelmente era o dono do lugar. Não, esse era...

Este era o homem que ela tinha visto fora do Common Grounds. O quieto e indefinível.

— Olá? — ela perguntou, olhando diretamente para ele. — Você trabalha aqui? — Ela se inclinou mais sobre o balcão, tentando conseguir um ângulo mais claro, mas quando ela piscou...

...Ele se foi.

— Sr. Rooney? — Ela gritou dessa vez. — Sr. Rooney, há alguém atrás do balcão! Eu não acho que ele deveria estar lá! Sr. Rooney, você está bem? — Nada. Claire sentiu sua boca secar e as palmas das mãos ficarem suadas. Ela tirou o seu celular do bolso e discou 911. — Alô, eu estou na Goode's Drugs, e eu acho que há algo errado, o farmacêutico não está aqui, e eu vi alguém na parte de trás. Sim. Vou esperar.

O operador de emergência disse-lhe que um carro estava a caminho; em Morganville isso não seria uma longa espera de jeito nenhum. Claire considerou voltar para fora para esperar no carro fúnebre com Eve, e de fato foi recuando para trás da janela de serviço quando o Sr. Rooney de repente apareceu *do nada* atrás dela e disse: — Posso ajudá-la?

Claire gritou, pulou e quase perdeu o equilíbrio quando ela bateu em uma prateleira. Ela firmou-se e disse: — Onde você estava?

— Eu? — Rooney franziu a testa, seu rosto gentil de velhinho ficando grosseiro. — Fui colocar o lixo para fora. Por que você se importa com o que eu estava fazendo, senhorita? O que você quer?



— Minha prescrição — Claire disse. Ela manteve a sua respiração sob controle enquanto o Sr. Rooney digitava alguns números em um teclado numérico da porta e passou para a parte traseira. Ele apareceu na janela de serviços um segundo depois.

— Identidade — ele disse e vasculhou através de uma caixa de plástico, enquanto ela tirava da bolsa. — Danvers, Claire. Sim, aqui mesmo. Vinte e sete e cinquenta. — Ele olhou a identidade dela, franzindo a testa. — Você é um pouco jovem para tomar essas pílulas de controle de natalidade, não é?

— Eu não acho que isso seja da sua conta — Claire disse corando. — Você não dá sermão para os *caras* de dezessete anos de idade que compram preservativos, não é?

— Isso é diferente — ele disse.

— Não, na verdade não é. — Claire colocou o dinheiro no balcão — o valor exato — e pegou a bolsa. Ela quase foi embora, mas, em seguida, virou-se para dizer: — eu chamei a polícia. Havia alguém aí atrás do seu balcão.

— Não há ninguém aqui atrás — Rooney disse.

— Olhem em volta. Tem sim!

— Eu estou dizendo a você que não tem ninguém — ele disse bruscamente. — Você vai dizer a sua amiga lá fora para diminuir esse barulho ou eu vou mandar a polícia atrás de *vocês*!

Ele observou-a ir. Claire olhou para trás uma vez, assim que a porta se fechou, e viu o rosto daquele homem novamente.

Desta vez, ele estava na própria loja. Ela não tinha ideia de como ele poderia ter chegado lá fora; ele estava de pé ao lado da antiga fonte de água, e a porta eletrônica definitivamente não tinha aberto e fechado.

Ela teve uma impressão em uma fração de segundo de algo que não podia estar certo, algo que ela não poderia nem mesmo processar, antes que o rosto entrasse em foco.

E então a porta se fechou.

Ela abriu-a de novo, mas ele tinha sumido.

— O quê? — Rooney estalou. — Dentro ou fora, senhorita. Dentro ou fora! Ela a deixou se fechar.

Claire caminhou de volta para o carro fúnebre, pensando duramente; uma sirene se aproximou, um carro de polícia de Morganville se direcionou ao estacionamento e deslizou até parar atrás do carro de Eve, o bloqueando.



Eve diminuiu o volume da música. — Oh merda — ela disse, e olhou para Claire enquanto se aproximava. — Eu acho que o vovô mal-humorado ficou um pouco irritado.

— Não é para você — Claire disse. — Eu liguei.

— O que...

Ela não teve tempo de dizer a ela porque um policial de Morganville tinha saído do veículo e estava andando para mais perto. Ele não era alguém que ela reconhecia, mas por outro lado, ela estava feliz por não ser íntima do Departamento de Polícia de Morganville. — Você ligou para o 911? — o policial perguntou.

— Sim senhor. Pode ter sido um erro. O Sr. Rooney está lá agora, mas eu juro, havia alguém atrás do balcão antes de ele chegar lá. Um estranho. Eu pensei que poderia ser um assalto.

— Você pode descrever esse estranho?

— Não há necessidade de se preocupar com isso — o Sr. Rooney disse; ele saiu de sua loja e estava na varanda em seu jaleco branco. Ele estava com o seu rosto de avô novamente, e um sorriso caloroso. — A menina ficou confusa, só isso. Não há ninguém além de mim por trás desse balcão. — Seu sorriso diminuiu só um pouco. — Na verdade, ela ficou tão confusa que ela esqueceu de me pagar por essas pílulas que ela está.

Claire piscou. — Eu não...

O policial se virou para ela. — É verdade? — Antes que ela pudesse responder, ele arrancou o saco de sua mão e olhou para ele. — Não tem recibo. Você não pagou por isso?

— Eu paguei! Em dinheiro!

O Sr. Rooney estava balançando a cabeça tristemente. — Não, eu sinto muito, mas isso não é verdade. Ela não pagou. Ela correu aqui para fora direto para o carro de sua amiga. Eu acho que ela estava planejando escapar enquanto você estava falando comigo.

Ele fez soar como se Claire tivesse dado um alarme falso só para roubar os comprimidos. — Não, isso *não é verdade!* Paguei-lhe por isso! Vinte e sete e cinquenta! E havia alguém na loja, atrás do balcão. Eu o vi!

— Você pode descrevê-lo?

Ela lutou para se lembrar. Normal, normal, normal. Não importava o quanto ela tentava encontrar algo detalhado, tudo isso desapareceu e tornou-se... cinza. Ele só não era *memorável*. — Ele tinha uma altura mediana — ela disse. — E... tinha cabelos loiros. Pele clara, eu acho. Talvez os olhos azuis.



— Mediano, loiro, pele clara, olhos azuis — o policial resumiu. — Senhorita, isso descreve um monte de homens em Morganville, inclusive eu, você percebe isso?

— Eu sei.

— O que ele estava vestindo?

E isso, Claire percebeu, era um branco total. Roupas, obviamente, mas ela não podia se lembrar da cor da camisa, ou calças, ou padrões. Nada.

O policial leu o seu rosto e balançou a cabeça. — Pague o homem pelas pílulas, senhorita.

— Mas...

— Pague a ele ou nós resolveremos isto no departamento. — Ele foi educado, mas severo lá no fundo, e Claire cerrou os dentes e pegou a sua carteira novamente. Vinte e sete e cinquenta. Ela tinha trinta dólares de troco, e o Sr. Rooney dobrou o dinheiro e o colocou no bolso. — Eu vou lhe dar o seu troco da próxima vez — ele disse. — Eu tenho certeza que foi apenas um simples mal-entendido, policial. Sem problemas.

— Tudo bem. — O policial tocou a aba do chapéu. — Vocês todos tenham um dia agradável. — Ele deu a Claire um olhar demorado, como se ela fosse a vilã do dia, e voltou para a sua viatura.

Claire olhou para o Sr. Rooney. Ele estava sorrindo, e ele se virou e entrou em sua loja antes de o policial se afastou. Ela não se atreveu a seguir.

— Rooney pegou você, hein? — Eve estava sorrindo, mas seus olhos estavam duros. — Não se preocupe, CB. Ele tenta abalar as meninas o tempo todo se elas estão recebendo o controle de natalidade. Algum tipo de coisa pessoal com ele. Você teve sorte de apenas ter sido cobrada duas vezes. Ele colocou meninas na cadeia por isso antes, alegando que roubaram dele. — Ela parecia falar por experiência própria. — Ele é um bundão de classe A, acredite em mim. E se houvesse qualquer outro lugar...

Mas como de costume, em Morganville, não havia.

Claire não havia mais se importado com o seu estranho de aparência mediana, mas conforme ela começou a entrar no carro, ela o viu novamente. O policial tinha saído e já estava na metade do quarteirão, Rooney estava em sua loja alegremente contando os seus ganhos ilícitos, e aquele homem, aquele *estranho*, estava parado na esquina do prédio, observando-a.

Claire fez uma pausa e olhou para trás.

Ele saiu de vista.

De novo não.



Claire pulou para fora e saiu correndo, puxando o seu celular enquanto corria. Ela não tinha a intenção de segui-lo; ela só queria chegar perto o suficiente para tirar uma foto dele. Então ela podia provar sobre o que ela estava falando. Evidência em fotos.

— Claire, *espere!* — Eve chamou atrás dela. Ela amaldiçoou, e Claire a ouviu sair do carro, mas ela não diminuiu. Ela não pôde. Ela já tinha visto o quão rápido esta... esta *coisa* podia se mover. Ela já não pensava nisso como um homem, ela percebeu; havia algo fundamentalmente errado com isso. Não era um vampiro, ou ela não achava que era, mas era... outra coisa.

Talvez algo pior.

Ela derrapou até parar enquanto dobrava a esquina com os olhos arregalados porque por trás do edifício havia um amplo e vazio campo. Um quarteirão de distância, pelo menos, havia algumas casas degradadas se transformando em um cinza fosco pelo sol implacável.

Mas nenhum sinal do seu misterioso estranho. Nenhum mesmo.

— Claire! Não saia correndo desse jeito! — Eve gritou atrás dela. Ela derrapou até parar, correndo para Claire, em seguida, agarrou-a e sacudiu-a. — O que *diabos?* Eu não vou dizer a Shane que você está...

— Ele se foi — Claire disse. Ela se livrou do aperto de Eve e olhou ao redor, realmente *procurou*. Havia algumas poças no chão da chuva recentes, e uma grade de drenagem. Talvez ele tivesse ido por ela? Mas estava muito enferrujada, e teria feito um inferno de ruído se ele tivesse movido.

Ela não tinha ouvido nenhum som.

— Ele? Que ele? Ele quem?

— O... — Não importava. Claire balançou a cabeça. — Não importa.

— Sim, bom. Vamos, idiota, ficar passando o tempo em lugares desertos por aqui é uma forma privilegiada para conseguir ser morta. Eu não te ensinei nada? — Eve a empurrou ao redor do prédio novo, e de volta para o carro fúnebre. — Eu prometi aos meninos que estaria de volta em trinta minutos. Temos que nos mover.

Claire entrou no banco do passageiro e colocou o cinto. Conforme Eve fazia o círculo pesado e gigante que era necessário para virar o carro fúnebre ao redor, Claire olhou para a borda do edifício onde ela tinha visto pela última vez o seu misterioso visitante.

E lá estava ele, saindo do nada, olhando para ela. O Sr. Normal.

— Pare! — Claire gritou. Ela abriu a porta, mas em vez de persegui-lo desta vez, ela pegou o celular e tirou uma foto. Eve pisou no freio, gritando



inarticuladamente, mas antes que pudesse começar a protestar, Claire já tinha batido a porta novamente. — Vai!

— Escolha uma opção, semáforo! — Eve disse, e acelerou novamente. — Eu tenho medo de perguntar, mas o que foi isso?

Claire abriu o seu álbum de foto no celular. Lá, capturado em um tumulto de luz digitalizada, estava a parede de tijolos ásperos da Goode's Drugs, e uma figura escura. Exceto que parecia quase... translúcida. E não havia detalhes, apenas sombras. É uma *câmera ruim*, ela pensou, mas não era isso, não completamente.

Seu visitante estava lá, e não estava. O gato de Schrödinger, ganhando vida — nem morto nem vivo, nem existente nem desaparecido.

— Eve — Claire disse, e mostrou-lhe o celular. — O que você vê?

Eve deu uma olhada rápida para a imagem, em seguida, voltou a dirigir o carro fúnebre. — O lado do edifício — ela disse. — O quê?

— Nada mais?

— Olha, este não é o momento para jogar um jogo de objetos escondidos. — Eve olhou novamente, e balançou a cabeça. — Nada.

— Nem mesmo uma sombra?

— Não!

Claire apagou o seu celular e recostou-se na cadeira, pensando furiosamente. *Por que eu posso vê-lo quando Eve não pode?* Não era apenas Eve. O Sr. Rooney *poderia* ter mentido, mas ele poderia apenas ter sido incapaz de detectar o estranho também.

Muito, muito estranho.



A outra mercearia do outro lado da cidade era como o King Food, só que com menos variedade. Eles estavam, pelo menos, ainda abastecidos. Claire e Eve recuperaram seus itens necessários, e depois Eve desapareceu em direção ao corredor de doces enquanto Claire recolheu ingredientes do chili. Shane não tinha pedido por eles, mas ele iria provavelmente, logo quando elas voltassem para casa.

Ela estava pegando alho quando viu o seu misterioso estranho novamente através das janelas, fora da loja. Desta vez, ele não estava olhando para ela.



Ele estava conversando com outra pessoa, mas ela não podia ver quem era. Bem, *pelo menos alguém nesta cidade pode realmente vê-lo*, Claire pensou, e colocou o alho em sua cesta conforme ela caminhou lentamente em um ângulo para frente, tentando ver quem o amigo do Sr. Sombra poderia ser.

Era Oliver.

Claire instintivamente deu um passo para trás, em seguida, rapidamente virou as costas e começou a olhar uma seleção de tortas.

Quando ela arriscou outro olhar por cima do ombro, os dois não estavam falando mais. Oliver estava ali de pé, encarando o espaço, e enquanto ela observava, o estranho se inclinou para frente, tocou as pontas dos dedos na testa larga e pálida de Oliver...

E Oliver não se mexeu. Não piscou.

Alguma coisa estava errada.

Claire encontrou uma exibição de espelhos de mão e agarrou um, que ela inclinou-o para ver o que estava acontecendo do lado de fora da loja. Por um segundo, ela pensou que tinha levado muito tempo, mas, em seguida, ela mirou o seu espelho no lugar certo, e viu que o estranho estava indo embora, em direção ao canto do edifício.

Oliver estava seguindo.

É Oliver. *Ele pode cuidar de si mesmo*. Mas ela não conseguia esquecer a visão dos dedos do estranho tocando a testa de Oliver, e a total ausência de reação de Oliver. Não havia nenhuma maneira de aquilo ser normal.

Claire olhou em volta para Eve, mas ela não estava em nenhum lugar visível, ainda perdida no corredor de doces. Claire despejou a sua cesta de coisas e pegou o seu celular enquanto se dirigia para a porta. Eve atendeu no primeiro toque. — Não grite — Claire disse primeiramente. Ela sentia falta de ar, e seu coração estava batendo forte. — Eu vou lá fora.

— O Quê? Não, você não vai! Onde você está?

— Do lado de fora — Claire disse enquanto entrava pelas portas e saía para as chicotadas do vento de inverno. Poças de água no chão tremiam no chão com as rajadas, suas bordas com gelo. O ar estava pesado e úmido: mais chuva a caminho provavelmente. — Eu não vou sair da vista das janelas da frente, eu prometo.

— Jesus, CB, você está me matando aqui. Tudo bem, eu não vou pegar nenhum doce. Apenas volte para *dentro*!



Ela podia ver Oliver na borda do edifício, em direção ao norte. Claire se apressou naquela direção, continuando com o celular. — Eu estou seguindo Oliver — ela disse. — Algo está errado.

— Uma razão ainda *melhor* para trazer a sua bunda aqui para dentro — Eve disse. — Ok, eu estou aqui. Eu posso ver você. — Ela parecia mais calma. Claire olhou, e viu Eve de pé pressionada contra o vidro com o carrinho de compras recheado em uma mão e o seu celular no ouvido.

— Eu só vou até a esquina — Claire disse. — Eu estou tentando ver se eles entram em um carro. — Estava nublado, mas a maioria dos vampiros não saíam para um passeio sem proteção contra a luz, e Oliver era mais cauteloso do que a maioria — ainda que ele não estivesse usando chapéu. O grande casaco preto parecia grande o suficiente para puxar sobre a sua cabeça, apesar de tudo.

Claire chegou à esquina a tempo de ver o estranho se curvar e arrancar uma grade de drenagem, que inclinou-se com um gemido metálico enferrujado. Oliver não parou. Ele caminhou direto para o buraco aberto e caiu. Desapareceu.

Ela esperava que o estranho fosse isso, mas em vez disso, ele deixou a grelha de drenagem se fechar, parou em cima dela, e...

E então ele se virou e olhou para ela. Sua pele era cinza, e ele parecia morto, não pálido como os vampiros, mas com um tom escorregadio e decadente como algo apodrecendo nas sombras. Seus olhos não eram olhos. Sua boca, que abriu, não era uma boca.

Ela não sabia o que era. Seu cérebro se recusou a definir um padrão.

E então a criatura *derreteu* e fluiu em uma corrente líquida para o ralo.

Claire engasgou com os olhos arregalados, e sentiu-se enjoada, *realmente* enjoada. Ela não sabia porquê; era errado, com certeza, mas não tão errado como muitas coisas que ela tinha visto em Morganville. Algo dentro dela estava gritando, como se tivesse visto algo totalmente diferente do que ela *pensou* que tinha visto.

A voz metálica de Eve estava saindo do celular. Claire levantou-o de volta para a sua orelha, movendo-se lentamente. Ela ainda não tinha certeza se ela precisava se sentar ou não. Nada parecia certo agora. Nada. Ela fechou os olhos e poderia quase, quase ver...

Ver o que?

— Eu estou bem — ela sussurrou. — Eu estou...

Claire sentiu o mundo se inclinar e escurecer, e com um sentimento distante de surpresa, ela percebeu que ela ia cair.



Não doeu nada.



Ela acordou com a cabeça aninhada no colo de Eve, e um círculo de espectadores meio interessados em torno dela. Eve estava abanando o seu rosto com um pedaço de papel dobrado, e assim que os olhos de Claire abriram, ela gritou de alívio. — Oh, graças a Deus — ela disse. — Você me deu a *merda* de um susto! O que aconteceu? Alguém bateu em você?

— Não. — Claire sentiu-se profundamente estranha, como se o seu cérebro estivesse funcionando a um quarto da velocidade. — Eu caí. — Mas *por quê?* — Eu tropecei. — Isso fazia mais sentido do que qualquer outra coisa. Ela tinha visto... algo. Ela simplesmente não podia imaginar o que era, porque seu cérebro se recusava a sequer tentar. Cinza. Algo cinza.

Eve foi puxando-a para seus pés. — Chega de merda de detetive — ela disse. — Nós estamos indo para casa.

— Mas...

— Sem mais. Você entra no carro. Eu vou comprar as nossas coisas e *já estou voltando*. Eu não vou tirar os meus olhos de você. Você *não se mova*. — Eve parecia realmente assustada. Claire achava que ela deveria estar com medo também, mas algo nela tinha simplesmente... desligado. Queimado.

Ela sentiu que era *tão errado*.

Eve a colocou no carro fúnebre e trancou as portas, abaixou-se e murmurou, *Não se mexa!* antes de correr de volta para dentro para pegar suas duas cestas e correr para um caixa.

Claire se apoiou contra o vidro da janela fria e discou em seu celular. O número de Myrnin. Ele não atendeu. Ela sentia-se estranhamente com falta de ar, como se estivesse se afogando em terra seca.

— Por favor — ela sussurrou. Ela tinha estado com raiva de Myrnin, ela lembrou-se, mas nada disso importava agora. — Por favor me responda. Eu preciso de você.

— Claire? — Essa não era a voz de Myrnin, e tecnicamente, o celular ainda estava tocando. — Claire, é Frank. O que está errado?

— Eu vi alguma coisa.

— Você não parece bem. O que era?

— Eu não sei. — Ela estava tão cansada agora. Tão cansada. — Eu vi algo que não deveria.



— Você quer dizer que não deveria estar aqui?

— Sim. Não. Não deveria de forma alguma. — Ela se esforçou para dar sentido às coisas. O dia parecia tão cinzento e enevoadado. Chuva. A chuva tinha começado novamente. Ela podia ver as janelas da frente brilhantes da loja, ver Eve lá pagando suas compras, mas nenhuma delas tinha qualquer significado real. Essa parte sua tinha... sumido. Queimado. — Frank, diga a Myrnin... diga a ele que Oliver... eu acho que Oliver está...

— Está o que? Claire? Onde você está? Você está no carro funerário? No estacionamento? Eu tenho uma câmera de vigilância que pode ver você. — Frank Collins estava preocupado. Isso a fez sorrir um pouco, porque isso era apenas errado, também. Ele não existia. Ele era um cérebro em um frasco, vendo através dos olhos mecânicos, ouvindo através dos ouvidos mecânicos, e ele *estava preocupado*.

— Câmeras — ela disse. — Você pode reproduzi-las de volta?

— Voltar para o quê?

— Antes de eu cair. Você pode ver o que eu vi?

— Aguento aí.

O celular de Myrnin parou de tocar, e seu correio de voz atendeu, mas era a sua voz alegre dizendo às pessoas para deixar uma mensagem. Ela estava falando para si mesma. Isso pareceu estranho.

Frank tinha ido embora.

— Frank?

— Bem aqui — a voz disse, desta vez dos alto-falantes estéreo do carro fúnebre. Claire deixou cair o celular no colo; sentindo ele muito pesado para segurar. — Eu vejo você saindo da loja. Você está seguindo Oliver.

— Apenas Oliver?

— Sim, só ele.

— Você não vê mais ninguém?

— Não. Oliver anda ao virar a esquina. Ele cai em um bueiro. Você cai. O que eu estou perdendo?

— Eu não sei — Claire disse honestamente. — Só que você está.

— Eu estou reproduzindo a gravação através de filtros. Eu vou voltar para você. — Com um clique, Frank desconectou o celular e o aparelho de som do carro.

Claire ouviu uma batidinha hesitante da chuva no teto, mas a batidinha se tornou um esmurrar, em seguida, um rugido. Gotas prateadas de água cobriam as vitrines das lojas.



Ela se sentia muito sozinha. Flutuante.

A porta do lado do motorista se abriu de repente, e Eve jogou sacos de supermercado para ela, saltou para dentro, e bateu atrás dela. Ela estava encharcada e tremendo. — Porra, isso foi *congelante*! — Ela virou a chave e ligou o carro fúnebre, então olhou para Claire. — Você está bem?

Claire sorriu um pouco e fez um símbolo de OK com os dedos. Ela não estava, mas Eve não poderia ajudar.

A chuva assobiou e gritou, e Eve dirigiu lentamente através do aguaceiro. Ao redor delas, Morganville tinha se transformado em um mundo alienígena. Nenhum dos marcos parecia certo. As ruas estavam correndo em rios. O que as luzes mostravam eram irreconhecíveis e aguamentos, borrados fora do reconhecimento.

Como Eve descobriu a rua e as trouxe para casa, Claire não tinha ideia.

— Droga — Eve disse quando ela estacionou o carro fúnebre. — Eu acho que nós vamos ter que correr. Você pode fazer isso?

Claire assentiu. Ela se sentia distante e flutuante, mas não fraca. Apenas não parecia haver qualquer urgência para qualquer coisa agora. Ou qualquer emoção. Se Eve dissesse a ela para correr, ela correria, mas seria apenas o movimento físico.

Ela pegou um dos sacos de supermercado, abriu a porta e saiu para a chuva.

Estava incrivelmente frio, atacando-a como chicotadas de água, e Claire estava ali com o rosto virado para o aguaceiro. Era... calmante.

Em seguida, seus olhos se abriram, e as imagens atravessaram o seu cérebro em um fluxo incompreensível e vívido, e Claire *gritou*. Ela não podia evitar. Qualquer parede que seu cérebro tinha construído entre ela e que ela tinha visto, caiu duramente, e adrenalina inundou o seu corpo de volta, reanimando o seu coração.

Eve foi correndo para a porta da frente; O grito de Claire tinha sido perdido em um rugido do trovão acima.

No clarão do relâmpago, Claire viu um vulto cinzento que estava ao lado do carro. Ele era um homem, e não era.

De modo nenhum.

Ela correu para a casa.

Eve já estava lá dentro, sacudindo a água, quando Claire pulou até a porta, bateu-a e trancou-a com as mãos trêmulas. De alguma forma, ela segurou



os mantimentos, mas ela não tinha ideia de como. Seus dentes batiam de frio, e ela escorria água em córregos de prata no tapete já encharcado.

— Deus, nós duas estamos encharcadas — Eve disse. — Rapazes? Ei, pessoal, estamos de volta! — Ela se dirigiu pelo corredor, parou para olhar para o relógio, e suspirou. — Oh, Deus. Estamos 30 minutos atrasadas. Quer apostar que Shane exagerou? Sim, aqui está o bilhete, eles estão lá fora se dirigindo para a loja. Bom trabalho, rapazes, agora vocês vão ficar encharcados também. Ei, ele tem ligado para o seu celular? Oh, maldição, Michael esteve tentando ligar para o meu. Vou avisá-lo que estamos em casa. Espere aqui... eu vou pegar uma toalha para você. — Eve se dirigiu para as escadas com o celular no ouvido. — Michael? Sim, relaxe, a emergência acabou. Estamos em casa. Claire desmaiou na loja. Eu acho que ela está com pouco açúcar no sangue, ela parece realmente cansada. Vou dar alguns doces e ver se ela se sente melhor... — Sua voz sumiu quando ela desapareceu em direção ao banheiro.

Não vá, Claire queria dizer. Ela conseguiu resmungar algo, mas Eve já tinha ido embora.

Claire deixou cair as compras e cambaleou até a sala. Parecia que a água estava se transformando em gelo em sua pele, e o frio foi aumentando mais e mais...

Eu tenho que dizer a Amelie o que eu vi. O que eu sei.

A voz indistinta de Eve ainda estava falando lá em cima. A casa parecia quente ao seu redor, como se estivesse lutando para fazê-la se sentir melhor. Sentir-se mais segura.

Mas ela não estava segura, e Claire sabia disso. Ninguém estava a salvo.

Ela virou-se, e o homem cinza estava bem aqui.

Seu corpo ameaçava desabar novamente, e Claire se apoiou contra a parede. Ele só estava ali de pé, olhando para ela com olhos que não eram olhos. Ela não conseguia pensar em nada agora, exceto em estar se afogando, se afogando sozinha.

— Shhh — ele disse, e sua voz soava como a chuva lá fora. Água que sai das torneiras. — Shhh. Agora acabou. — Ele inclinou a cabeça para o lado, como se o seu pescoço não tivesse ossos. — Curioso que você me vê. Eu não estou pronto para ser visto. Porquê?

— Eu não sei. — Ela queria chorar, gritar, correr, mas nenhum deles era possível agora. — Eu não sei porque eu posso ver você. — Ela engoliu em seco



e disse: — Quem é você? — Porque, mesmo agora, ela não podia afastar as perguntas. — *O que você é?*

Aquele rosto que não era um rosto sorriu. Foi a coisa mais horrível que ela já tinha visto. — Magnus — ele disse. — Eu sou o fim.

Em seguida, ele estendeu a mão e envolveu aquelas mãos frias e úmidas em torno de seu pescoço, e ela sentiu a energia da casa gritar e correr ao redor dela, mas era como se ela não pudesse evitar, não desta vez.

— Shhh — ele disse de novo. No último instante, Claire pensou, *Oh não, Shane, eu sinto muito. Eu sinto muito que as pessoas continuem te deixando. Eu amo você....*

Magnus estalou o pescoço dela, e tudo se transformou em uma constelação branca. Isso doeu.

Mas doeu por apenas um momento, e então o mundo reduziu a um pontinho de luz brilhante, correndo para longe dela. Deixando-a para trás.

E então ele se foi, e ela se foi.



CAPÍTULO 9

AMELIE

— Como no último relatório — o prefeito Morrell disse, — agora há pelo menos vinte vampiros desaparecidos. Todos simplesmente desapareceram no curso de suas atividades normais, e a maioria desapareceu durante o dia. — Ele estava no meu escritório, parecendo exausto e preocupado, como ele bem deveria; eu havia deixado claro que o sono era um luxo que nenhum de nós poderia ter agora. Com estava a sua chefe de polícia, Hannah Moses, que parecia quase tão cansada quanto, mas muito menos despenteada.

— Aqui está o relatório sobre o que sabemos — Moses disse, e passou-me um maço de papéis. — Informações detalhadas sobre onde e quando cada um desapareceu pelo que nós podemos rastrear. Alguns desapareceram bem em público, mas ninguém parece ter visto nada. O que diabos está acontecendo, Fundadora?

Eu fiquei olhando para os papéis, mas a tinta formava padrões sem sentido. Era tudo sem sentido agora. Tudo inútil. Eu tinha esperado muito tempo, me permiti ser influenciada por sentimentos e argumentos. Eu tinha negado os meus próprios instintos.

E agora já era tarde demais.

Em vez de responder a ela, eu apertei o botão do intercomunicador para alertar a minha assistente do lado de fora da porta. — Bizzie, chame Oliver — eu disse. — Chame-o agora. Eu vou esperar.

— Senhora — Bizzie disse, eficiente como sempre. Houve um pequeno prolongamento, e então ela disse: — Ele não atende o telefone, Fundadora.

— Continue tentando.

Não Oliver. Não, provavelmente ele estava simplesmente fora de contato por outra razão. Eu tinha que acreditar que sim, pelo menos. Perder Oliver agora seria... catastrófico.



Moses estava repetindo a pergunta dela, mais estridentemente. Eu ergui a cabeça e encontrei os olhos dela, e ela ficou em silêncio. Assim como Morrell.

Eu levantei-me e apertei as minhas mãos atrás das minhas costas enquanto eu caminhava para as janelas. As cortinas estavam fechadas por causa do dia, mas agora eu as abri. Não havia luz. A chuva estava caindo, a chuva torrencial que lavaria o mundo.

A culpa era minha.

Eu olhei para fora para a chuva fria e prata e disse: — O que vocês sabem sobre as nossas origens?

No reflexo do vidro eu os vi trocar um olhar e, em seguida, Morrell disse: — As origens de Morganville?

Não foi isso o que eu quis dizer, mas serviria. — Você nunca se perguntou por que eu fundei esta cidade aqui, no deserto? Tão longe do conforto das cidades, rios, lagos, *água*? No sol escaldante, quando o sol é tão tóxico para os vampiros mais jovens? — Eu não esperei pela resposta deles; é claro que eles se perguntavam. Todo mundo se perguntava, e apenas três de nós que viviam agora sabiam da resposta: Oliver, Myrnn e eu. — Eu escolhi este lugar porque as chuvas vinham tão raramente, e quando elas chegavam, a terra absorvia a água tão rapidamente. Não há lagos. Não há rios. Nem mesmo riachos.

— Eu... acho que não entendi — ele disse.

— Não. Não, você não entendeu. — Eu dei uma respiração e deixei-a lentamente ir para fora, uma lembrança da necessidade de ar. Sangue de vampiro não corria nas veias como o sangue humano faziam; ele deslizava, fresco e sereno, não perturbado por surtos de emoção. Eu sentia falta, às vezes. — Nós temos inimigos. E os inimigos são uma espécie de vampiro, aqueles que precisam de água para viver. Na língua antiga ambos somos chamamos de *draug*, vampiro; o meu povo governou a terra, e eles governaram o mar, e nós nunca, nunca ficamos em paz. Eu nos trouxe aqui para ficarmos seguros. Agora, os *draugs* do mar nos encontraram. Eles estão aqui. Eles estão nos destruindo como uma matilha de lobos circulando. Nós temos apenas uma opção se quisermos sobreviver.

Eu me virei das janelas e os encarei, estes dois mais sobrecarregados pela responsabilidade pela segurança dos seres humanos de Morganville. — Os vampiros devem correr — eu disse a eles. — Para longe e rápido. Nós não podemos esperar, e não podemos resgatar aqueles que já foram tomados. Temos que sair, porque não temos como lutar contra os *draugs* do mar. Nós



fizemos isso uma vez, em uma guerra que abalou o mundo. E eles nos destruíram.

Eu vi uma centelha de luz de ganância aparecer nos olhos de Hannah Moses, rapidamente escondida; foi melhor escondida no prefeito de Morrell, mas ainda reconhecível. *Liberdade*, eles estavam pensando. E eles estavam certos nisso, mas não da maneira que eles imaginavam. — Então... vocês estão deixando Morganville — Morrell repetiu lentamente. — Todos vocês. Quando?

— O mais cedo possível — eu disse a ele. — Nós permanecemos muito tempo já. — Eu atravessei de volta para a mesa e pressionei novamente o botão do intercomunicador. — Oliver?

— Nada, senhora — Bizzie disse. — O telefone dele toca, mas vai para o correio de voz. Eu verifiquei no Common Grounds e na casa dele. Não há nenhum sinal dele em qualquer lugar.

Eu senti o universo balançar em torno de mim, e me afundei lentamente em minha cadeira. Eu senti gosto de sal e cinzas. Oliver nunca iria deixar o telefone desligado, não agora. Ele nunca iria deixar de atender. Ele nunca iria ficar fora de alcance, não por vontade própria.

Ele se foi. Outra possibilidade tirada de mim, um outro pedaço do meu mundo removido. Os *draugs* iriam levar tudo de mim pedaço por pedaço até que não houvesse mais nada além desses humanos, olhando para mim com o brilho fatal de esperança em seus olhos.

Eu estava sozinha agora. Vulnerável.

— Senhora? — Eu tinha deixado o intercomunicador ligado. — Senhora?

— Myrnin — eu disse. — Encontre Myrnin. Diga a ele para não deixar o laboratório. Diga a ele para pegar o que ele precisa e juntar para se preparar para partirmos. Bizzie, em sua mesa você vai encontrar uma pasta preta. Tire o selo e siga as instruções. Em nenhuma circunstância você vai sair da sua mesa até que seja feito. Você entendeu?

— Sim, senhora. — Ela parecia curiosa, mas não abalada. Ainda não. O intercomunicador desligou.

Estava acabado, então. Eu tinha soltado o freio, e agora o trem iria correr implacavelmente, não importava o que pudesse acontecer.

Eu tinha quase esquecido de Morrell e Moses, mas eles ainda estavam ali, me observando. Eu odiava-os nesse momento por sua humanidade, seus pulsos, a sua segurança. Pela esperança neles. Pela forma que os seus dedos se entrelaçaram, uma promessa secreta de amor que eles achavam que ninguém podia ver.



Muitas perdas agora. Muitas.

— O que você precisa que a gente faça? — Richard Morrell disse. Quatro de sua família exerceram essa função, e de muitas maneiras, ele foi o melhor deles. Sua família tinha raízes podres, mas contra todas as probabilidades, ele tinha produzido este ramo forte e saudável.

E Hannah Moses... uma longa história de sua família aqui também, um orgulho. Ela tinha ido embora para lutar uma guerra distante, e voltou para nós. Ela tinha força, coragem, lealdade e esperteza.

Eu estou de luto por isso.

Eu dei uma respiração superficial, apenas o suficiente para encher os meus pulmões para falar. — Eu preciso que vocês falem com os seres humanos de Morganville — eu disse. — Tragam eles amanhã na Praça da Fundadora ao crepúsculo. Eu vou dar-lhes a liberdade, em seguida, vamos embora.

Eu não podia olhar para eles agora. Em vez disso, eu me concentrei nos papéis que Hannah tinha me dado, os relatórios sem sentido, o mundo que já tinha ido embora.

Eles murmuravam as suas despedidas, e eu não olhei para cima para vê-los ir embora.

Eu ouvi a porta fechar, e eu estava sozinha.

Muito, muito sozinha.



CAPÍTULO 10

CLAIRE

Traduzido por Fernanda

O mundo tinha desaparecido, mas havia algo segurando-a. Parecia como uma corda, uma corda fina e invisível; ela balançava contra isso como um balão em uma corda, perdida em um céu noturno. *Eu estou morta.* O pensamento veio a ela, mas ela realmente não sabia mais o que isso significava. Se você estivesse morto, você não deveria *saber* que você estava morto. Você simplesmente estava, ou não estava, como o gato de Schröding.

Eu sou o gato na caixa, com veneno. O gato pode estar vivo. O gato pode estar morto. Você não sabe dizer até que você abre a caixa. Indeterminação.

Engraçado como a física não vai embora quando você é assassinado.

Claire pensou que ela não deveria estar sentindo nada, mas ela se sentia... aquecida. Embalada, como se estivesse nos braços de alguém. Segura.

A completa escuridão estava levantando um pouco, para um cinza escuro, e, em seguida, para uma pálida sombra. Havia coisas na sombra que embaçaram, ficaram nítidas, tornaram-se reais enquanto ela se concentrava. Era como assistir a uma antiga televisão em preto-e-branco, só que ela estava na televisão.

Ela estava em pé na sala de estar da Glass House, e, simultaneamente, ela estava deitada no chão, com a cabeça virada para o lado, as mãos estendidas para os lados. Seu cabelo estava cobrindo o seu rosto. Seus olhos estavam abertos.

Essa era a antiga Claire. A antiga Claire estava deitada morta.

A Nova Claire estava de pé sobre ela, sentindo-se um pouco estranha sobre a coisa toda, mas não... não triste. Sem medo. Apenas *interessada*. O gato na caixa, ela pensou. *Eu sou as duas coisas ao mesmo tempo. Myrnin estaria fascinado.*



Agora ela estava ouvindo alguma coisa. Um zumbido fraco, como a eletricidade... não, uma vibração. Claire concentrou-se nela, e percebeu que era uma voz.

Era a voz de Eve, tornando-se audível enquanto descia as escadas. Abafada, porque ela estava esfregando a cabeça com uma toalha. — ... realmente derramando lá fora — ela dizia. A voz de Eve soava diferente de antes, mas ainda reconhecível. Ele tocou e ecoou aqui neste não-lugar habitado por Claire. — Eu acho que não vai diminuir tão cedo. Os meninos devem estar de volta em alguns minutos, eles não tinham ido muito longe. — Ela chegou ao final das escadas e deixou a toalha deslizar para baixo para pendurar no pescoço. Ela estava carregando uma outra cuidadosamente dobrada. — Claire? Você está na cozinha? Me arranje uma Coca-Cola!

Eve começou a caminhar naquela direção, e Claire pensou, *eu sinto muito*. Isso ia ser difícil. Muito difícil.

A princípio ela pensou que Eve estava indo diretamente em direção a ela; O corpo de Claire estava por trás do sofá, visível apenas em um ângulo. Mas havia uma trilha fina de água corrente das roupas encharcadas da Antiga Claire, como uma corrente em miniatura, e Eve deslizou até ela, se equilibrou, e, quando ela se curvou para limpá-la, foi justamente no ângulo certo para ver o pé de Claire.

Eve colocou-se lentamente na posição vertical. — CB? — Ela soou tranquila e sem fôlego. — Oh Deus, você desmaiou novamente. Eu *sabia* que deveria tê-la levado para o hospital. Droga, droga, droga... — Ela se atrapalhou com bolsa em cima da mesa e tirou uma barra de chocolate. — Eu tenho açúcar, é apenas falta de açúcar no sangue; você vai ficar bem....

Eve empurrou uma cadeira de lado e ajoelhou-se ao lado da Antiga Claire com a barra de chocolate. Ela começou a movê-la, e conforme ela o fez, a cabeça de Claire rolou um pouco — errado, tudo errado.

Eve viu os olhos abertos. Seus olhos abertos e em branco.

Ela congelou. — Claire?

A Nova Claire se abaixou, no nível de Eve. *Eu estou aqui*, ela disse. *Não tenha medo*.

Eve não podia ouvi-la de jeito nenhum, e seu olhar permaneceu fixo no corpo da Antiga Claire. Horrorizado. Incrédulo. — Claire? — Dessa vez saiu baixo e patético, tremendo de terror. Eve sentiu seu pulso. — Claire! — Desta vez era um grito, um grito completo e terrível.



Pare, Claire disse, mas não era bom; ela não ia ser capaz de dizer a Eve que estava tudo bem. Não estava, na verdade; Aquele *era* o seu corpo deitado lá. Ela tinha morrido. Não, ela tinha sido assassinada silenciosamente, sem uma testemunha. E agora ela teve que assistir, impotente enquanto Eve percebia tudo isso.

Eve engasgou, pálida como um papel sob a maquiagem gótica e, em seguida, firmou-se. Ela endireitou o corpo de Claire, abriu a boca e soprou em seu corpo. Claire assistiu seu antigo peito inflar, então desinflar. Eve febrilmente contou as costelas e colocou a palma da mão sobre o peito de Claire, com a outra mão por cima, e começou a empurrar, cinco movimentos bruscos, duros. Em seguida, outra respiração. Em seguida, mais cinco bombeios. Respiração.

Pare, disse Claire. *Eve, por favor! Pare!*

Ela não podia fazer Eve ouvi-la. Não podia fazê-la entender que era inútil.

— Claire! Claire, volte! Sua *vadia*, volte! — Eve estava soluçando agora, tremendo com o esforço. Isso não estava fazendo nenhum bem, mas ela continuou tentando. E tentando.

Houve um som de chocalho no salão. Chaves na fechadura.

Claire se levantou e afastou nessa direção, inconscientemente, se movendo ao redor de Eve mesmo que isso realmente não importasse mais. *Por que eu não ando pelo chão?* ela perguntou-se, mas mesmo enquanto ela o fez, parecia que o chão havia suavizado sob os seus pés, e ela percebeu que *poderia* andar através do chão, se ela quisesse. Ou pelo teto. A única coisa que a impedia era o ponto de vista da Antiga Claire.

As trancas cederam, e a porta se abriu, e Michael e Shane vieram para dentro. Shane fechou a porta e trancou-a, sacudindo a água para fora de seu casaco e jogando para trás o capuz.

Ela queria congelá-lo desse jeito, neste um momento, onde tudo ainda estava bem para ele. Onde ele estava sorrindo um pouco, e chamando seu nome, porque ele esperava que ela estivesse lá para ele.

Então, da sala de estar, Eve gritou: — Ajude-me! — Havia um pânico torturado em sua voz, e o único instante de paz e vida normal havia se despedaçado, ido embora.

Michael e Shane pularam para a frente, através do corpo sem substância da Nova Claire. Shane não se deteve. Michael vacilou, deu meia volta e, em seguida, continuou a correr.

Ela não queria ver isso. Ela não viu.



Mas a Nova Claire, a Claire Fantasma, A Única Claire... realmente não podia virar as costas para isso, tampouco. Ela deslizou para a sala, vendo como Michael caiu de joelhos ao lado de Eve com os lábios se partindo com horror.

Shane derrapou até parar, o rosto completamente imóvel e em branco.

Eve se recostou, soluçando inarticuladamente agora. Michael a moveu para fora do caminho e colocou a palma da mão sobre o coração de Claire, em seguida, tocou-lhe o pescoço.

Então, depois de um segundo longo e difícil, ele estendeu a mão e fechou os olhos abertos e em branco, e agarrou Eve enquanto ela tentava se mover para a frente novamente. — Não — ele sussurrou. — Não. Isso não é bom. Eve, ela se foi. *Ela se foi.*

Eve lutou com ele por alguns segundos e, em seguida, entrou em colapso em seus braços. Michael balançou ela, e, em seguida, olhou para cima. Havia lágrimas rolando pelo seu rosto, e Claire não achava que já o tinha visto parecer tão... humano.

Ele estendeu a mão em direção a Shane para ajudá-lo, para segurá-lo, Claire não tinha certeza, e ela não achava que Michael tinha também.

Ela flutuou mais para perto de Shane. Mais perto. *Eu ainda estou com você*, ela disse. *Eu não vou embora.*

Ele não estava se movendo de forma alguma. Era como se Shane tivesse desligado, como se ele tivesse ido quando ela se foi. Ela olhou em volta, de alguma forma, esperando ver o *outro* Shane aqui, onde ela estava, mas não era assim.

O que quer que estivesse morrendo em Shane, não viria para cá.

— O pescoço dela está quebrado. — Ele disse isto quietamente, em uma voz terrível e ainda monótona. — Ela não caiu apenas. Alguém a matou. — Ele estava olhando para o corpo de Claire com tanta intensidade, mas seus olhos pareciam escuros e mortos. — Eu sei quem fez isso.

Michael baixou lentamente a mão. — O quê?

— Eu sei quem a matou — Shane disse.

Ele não sabia. Ele nunca tinha visto Magnus, pelo que Claire sabia... O que ele poderia estar pensando?

Não havia lágrimas para Shane. Não houve colapso. Ele não era nada além de gelo e aço. Ela nunca o tinha visto assim, nem mesmo quando ele esteve no seu momento pior e mais violento. Isto era... vazio, e ainda assim cheio de algo que ela não conseguia entender.



— Shane, o que você está... — Michael beijou a testa de Eve e levantou-se lentamente. Ele enxugou as lágrimas do rosto. — Você está em choque.

— Sim — Shane disse. Ele ainda tinha aquela indiferença distante e terrível em sua voz. — Sim, provavelmente. É provavelmente melhor do que o que vem depois.

— Mano...

Shane desviou o olhar do corpo de Claire e olhou Michael nos olhos.

E Michael *deu um passo para atrás*.

— Não fique no meu caminho — ele disse. — Eu vou te matar. Eu vou matar qualquer um que fica entre mim e ele.

Eve tropeçou em seus pés, agarrando-se ao braço de Michael. — Ela está morta, Shane! Deus, isso não é sobre...

— Eu falo sério — ele disse. — Não a movam até que eu volte. E não fiquem no meu caminho.

Shane, o que você está fazendo? Claire gritou. Ela tentou se mover através dele, mas se ele sentiu um calafrio, ele não registrou. Ele estava muito frio por dentro para que se importasse. *Pare! Não vá!*

Ele foi até a cozinha, abriu uma porta do armário, e pegou um de suas bolsas-prontas preta que Eve mantinha abastecida para todas as emergências relacionadas a presas. Claire deslizou atrás dele, sofrendo por ele, querendo detê-lo, mas não havia nada que ela pudesse fazer conforme ela o assistia abrir a bolsa, preparando as garrafas de água de nitrato de prata, as estacas, as bestas.

Michael o seguiu, a uma distância cuidadosa. — Shane, pelo menos me diga para onde você está indo. Por favor, mano. Por favor.

Shane fechou a bolsa, colocou a correia no ombro e olhou para ele. Aqueles olhos escuros — eles eram o abismo da escuridão total. — Eu já volto — ele disse. — Não deixe que eles a levem embora.

Ele se dirigiu para a porta da frente. Michael chegou até o corredor, e Eve se juntou a ele; ele colocou os braços em torno dela, mas ambos estavam olhando para Shane. Ele olhou para trás uma vez, mas não disse mais nada enquanto saía.

Claire tentou segui-lo. A porta fechada não importa realmente, e ela passou através da madeira com bastante facilidade; uma partícula grossa flutuava pela sua visão, desorientadamente real, mas então ela se deparou com uma barreira. Não era sólida, era mais como... de plástico. Ela a empurrou, e ela se esticou.



Em seguida, ela quebrou enquanto ela empurrava mais forte, e ela moveu um pouco além do limite.

Havia uma cortina prateada de chuva lá fora, e Shane tinha mergulhado fora para ela, com o capuz, correndo. Ela queria segui-lo, mas quanto mais ela se afastava da porta, mais tênue ela se sentia. Esticada. Esmorecida.

Isto era o que Michael queria dizer sobre não ser capaz de sair da casa, ela pensou. Quando ela conheceu Michael, ele tinha sido um fantasma, invisível durante o dia, físico durante a noite.

Salvo pela casa.

É a casa, ela pensou. *Eu sou como o que Michael era. Eu tenho que ficar dentro de casa.*

Foi mais difícil ir para dentro novamente, como se ela tivesse sido pega em alguma maré baixa invisível, mas Claire conseguiu lutar através da barreira novamente, em seguida, passar pela porta e voltar para o corredor.

Estava tão quieto. Michael ainda estava de pé ali, olhando, e por um momento ela pensou que ele poderia realmente vê-la... mas ele estava apenas olhando para a distância com um olhar vazio total.

— Para onde ele iria? — ele perguntou. — Eu não entendo o que...

Eve entendeu. Ela estava limpando o rosto com uma toalha agora, mas os seus olhos estavam vermelhos e as lágrimas pareciam continuar chegando. — Ele vai encontrar Myrnin — ele disse. — Shane acha que ele fez isso. Porque foi ele quem veio atrás deles em primeiro lugar.

Michael olhou para ela, depois de volta para a porta fechada. — Deus — ele sussurrou. — Ele pode estar certo.

Não, Claire pensou, horrorizada. *Ah não.*

Shane mataria Myrnin, ou Myrnin mataria Shane, e tudo seria por nada. *Nada.*

Claire estava no centro da sala de estar em preto-e-branco, um fantasma em uma paisagem fantasmagórica, e gritou. O grito saiu do próprio núcleo dela, um pesadelo sangrento e horrível de um grito, cheio de angústia e desespero.

Eve e Michael não pareciam ouvi-la. Nem mesmo depois disso.

Claire caiu no chão, completamente drenada.

Não, ela pensou. *Por favor, não.*



CAPÍTULO 11

SHANE

Claire tinha ido embora, e a pior parte era que eu não podia *sentir*. Eu fiquei ali olhando para ela no chão enquanto a forma pacífica de Michael tinha ajeitado o corpo dela e fechado os seus olhos, o rosto pálido silencioso e as mãos macias e flácidas que nunca iriam me tocar de novo, e eu deveria ter me sentido dilacerado. Eu deveria ter chorado, como Eve. Inferno, até mesmo como *Michael*.

Mas eu não consegui. Eu não podia sentir.

Bem, não *isso*. O que eu *podia* sentir era uma pressão sombria e esmagadora, e uma coisa pura e viva...

Raiva.

Eu podia ver as marcas em sua garganta, fracas mas lá. As marcas de dedos, assim como aquelas em torno do meu próprio pescoço. Eu tinha sobrevivido porque ela tinha estado lá para me salvar.

Mas desta vez, eu não tinha estado lá por ela. Ninguém tinha. Ele tinha vindo aqui, esperado por ela, agarrado-a e esmagado o pescoço dela.

Pelo menos ele não tinha sufocado ela até a morte. Pelo menos ele tinha poupado a ela isso.

Havia apenas três vampiros com fácil acesso à nossa casa: Michael estava fora, porque ele tinha estado no carro comigo. Amelie... eu não conseguia imaginar Amelie sujando as suas próprias mãos pálidas e fortes. Não, era quem nos tinha traído.

Myrnin.

Eu precisava fazer as coisas que esperavam que eu fizesse — chegar lá ao lado de Claire, abraçá-la, chorar, soltar toda a terrível pressão dentro de mim... mas ainda não. Ainda não.

Não, primeiro... primeiro eu tinha que ter certeza de que alguém pagaria por isso.



Eu não pensaria em mais nada enquanto eu pegasse a bolsa de vampiros, desse uma olhada nela e saísse da casa. Enquanto a chuva fria me atingia, eu meio que esperava que outra coisa me atingisse também — o impacto real do que eu tinha acabado de ver.

Mas a pressão dentro de mim lotava tudo exceto a dor dura e desesperada de vingar ela.

Eu corri. Eu não podia ver muito bem através da chuva, e fiz algumas voltas erradas, mas pelo tempo que o aguaceiro começou a diminuir, eu me situei e me dirigi para a Casa Day a poucos quarteirões de distância. A água nas ruas estava correndo no nível do meio-fio, cada rua era um rio; lixo e detritos estavam rolando junto com o dilúvio. Estes eram o tipo de ravina que matavam pessoas nesta parte do país; se você é pego em um riacho lá fora no deserto, você pode ser levado por milhas, o corpo dilacerado por uma torrente que desapareceria na areia uma hora mais tarde.

Mas não aqui. Não nessa cidade. Aqui, você só pega os seus sapatos e encharca as suas calças enquanto você atravessa as correntes.

A Casa Day apareceu através da chuva ainda caindo com um tipo estranho de déjà vu; a Casa Day e a Glass House pareciam quase exatamente iguais, exceto que a Vovó Day mantinha a dela em um melhor estado, e havia luzes douradas calorosas que brilhavam nas janelas.

Claire gosta — *gostava* — da velha. Eu olhei para a varanda da frente deserta por um momento, depois me virei e corri para o beco altamente cercado entre a Casa Day e o seu vizinho mais próximo. Sem luzes aqui, e com a escuridão não natural da tempestade, eu me senti mais claustrofóbico do que o habitual. A chuva o tinha lavado, mas não a sensação de que alguém, alguma *coisa*, estava observando. Esperando para atacar.

Eu não me importei. Deixe-o atacar. Porra, eu mal podia *esperar*.

Se Myrnin estava me observando, ele me deixou fazer todo o caminho até o barraco. Claire entrava de alguma maneira em que não envolvia a porta da frente acorrentada, mas eu não me incomodei em procurar por isso. Um chute pesado quebrou a coisa diretamente em suas dobradiças podres.

Eu abri o zíper da bolsa e encontrei uma lanterna pesada de aço, que eu liguei. Ela iluminou o lugar, e eu chutei um par de caixas de lado para descobrir a escada que levava para baixo. Os primeiros degraus tinham poeira, mas, em seguida, se tornavam concretos elegantes de mármore polido, e o túnel se alargava enquanto eu descia.



Havia luzes acesas no laboratório, e eu desliguei a lanterna na hora em que eu estava no meio do caminho. Eu não me incomodei em ser furtivo. Isso não importava; se Myrnin estava aqui, e *Deus*, eu esperava que ele estivesse, então ele saberia que eu estava vindo.

Ele estava fazendo as malas.

Havia um baú enorme e velho, e ele estava vasculhando os livros — descartando alguns, mantendo outros. O lugar estava uma bagunça, pior do que geralmente era; Claire estaria — *teria estado* — fora de si com a mania de limpeza.

Myrnin estava ali de pé sem prestar atenção em mim enquanto ele fazia uma careta para os títulos e lombadas de seus preciosos livros, mas ele sabia que eu estava lá.

— A que devo esta inesperada, bem, eu não posso chamar de prazerosa, eu suponho... — Ele continuou falando, mas era apenas um som. Eu não ouvi o significado.

— Nós a encontramos — eu o interrompi. — Onde você a deixou. — Eu deixei cair a bolsa nos meus pés. Eu estava pingando por todo o chão, fazendo um pequeno lago de água da chuva em torno de mim; a sacola de lona estava encharcada também. Não importava. Eu abri o zíper e tirei uma besta.

Ele poderia ter se movido. Poderia ter tentado atacar ou correr, ou se defender.

Ele não o fez. Ele apenas ficou lá, o chefe triste, louco e maníaco de Claire com seu rosto pálido e bonito e os olhos lunáticos e as malditas pantufas de coelho idiotas que sempre tinha feito ela sorrir...

Ela nunca iria sorrir novamente.

...E eu levantei a besta. Ela já estava engatilhada e carregada, a ponta de prata da flecha era especial, com farpas que furava tanto de modo que não seria fácil tirar.

Eu queria que isso machucasse.

Ele ainda não se mexeu. Seus olhos escuros tinham ficado amplos, seu corpo muito parado. Vampiros poderiam fazer isso, ficar tão silenciosos que você acharia que eles eram estátuas. Uma das coisas muito assustadoras que eu odiava neles.

— Diga-me porque — eu disse. Minha voz soou inexpressiva e dura, mas não soava como a minha realmente. Não o eu que Claire tinha conhecido, mas por outro lado, eu não era essa pessoa agora. Eu nunca seria ela novamente. — Foi Amelie? Ela lhe disse para limpar as pontas soltas?



— Do que você está falando? — Myrnin perguntou, e colocou para baixo o livro que ele estava segurando. Isso foi estúpido, porque ele poderia ter sido capaz de usá-lo para bloquear a flecha que estava prestes a disparar através de seu coração morto, mas ei, eu não me importava. — Shane, o que aconteceu?

Ele parecia sincero. Ele soava... preocupado.

Meu dedo apertou o gatilho. Eu não erraria, não desta vez. Eu a colocaria direito em seu peito, em seu coração, e ele ia morrer aqui mesmo, em agonia, da forma como ele deveria morrer pelo que ele tinha feito.

Só que não havia medo em seu rosto agora, o medo real, e ele disse, baixinho: — Aconteceu alguma coisa com Claire?

O grito rasgou para fora de mim, e não soava nada humano. Ele estava cheio de raiva e fúria, e todas as coisas que eu tinha empurrado lá no fundo, bloqueado e congelado.

Eu conhecia esse som muito bem. Era o mesmo grito que eu ouvi quando eu tinha visto a minha casa queimar com Alyssa ainda dentro. O mesmo que eu tinha ecoado no banheiro sujo do motel onde eu encontrei a minha mãe.

Myrnin deve conhecer, também. Seus olhos se encheram de lágrimas e ele disse: — Não. Não.

E, de repente, eu soube que ele não tinha feito isso.

Eu odiava saber disso. Eu queria matá-lo, e eu queria matá-lo de qualquer jeito, porque eu precisava fazer *algo* e isso era fácil, ele tinha sido tão próximo de Claire, e eu precisava... precisava...

Precisava fazê-lo sofrer como eu estava sofrendo.

Ele rodeou a mesa com os dois braços, com cabeça para baixo, e cantarolou muito suavemente, *não não não não* enquanto se balançava para trás e para frente.

Eu esperei até que ele olhou para cima novamente e viu que eu ainda estava mirando a besta em direção a ele.

— Atire! — ele gritou para mim. Foi chocante e repentino, e soou selvagem e obscuro. — Vá em frente! Que diferença isso faz? — Ele bateu as mãos nas pilhas de livros oscilando em torno dele, fazendo-as voar. Ele agarrou um e rasgou ele todo, sobrando apenas pedaços, os papéis em volta dele como pássaros morrendo. — Vá em frente, faça isso! Vai fazer nós dois nos sentirmos melhor!

Eu quase fiz. Meu dedo pressionou no gatilho, e eu senti a tensão; outro pequeno aumento e eu poderia tê-lo matado.

Em vez disso, eu abaixei a besta. — Não foi você — eu disse.



— Não. Meu Deus, não. — Ele recolheu um punhado de páginas rasgadas e esmagou-as em sua mão, como se ele tivesse que agarrar alguma coisa. — Eu não.

— E então quem? — A raiva se foi de dentro de mim, e isso era ruim; ele deixou um vácuo, e Claire tinha me ensinado bastante sobre a ciência para eu saber que um vácuo tinha que ser preenchido. Eu sabia o que viria no lugar da raiva, e eu não quero isso. Eu não quero sentir isso, nunca mais. Quanto mais tempo eu conseguisse evitar, menos morta ela vai estar. — Amelie enviou mais alguém para nos matar?

— Como é que ela...

— Pescoço quebrado — eu disse. Quando eu disse, o mundo girou em torno de mim, e eu pensei que eu teria que me sentar, mas eu consegui ficar em pé. *Não com Claire deitada lá tão frágil e indefesa no chão...* — Alguém quebrou o pescoço dela.

E só assim, me atingiu.

A tristeza e choque caíram sobre mim como uma pedra de concreto, quebrando os meus joelhos. Eu ouvi o barulho da besta caindo no chão de pedra. Eu sei que cair dói — concretamente — mas a dor de dentro era tão grande que eu nem sequer conseguia me preocupar com isso.

Eu passei os dois braços ao redor do meu corpo, para tentar segurá-lo, mas eu não podia. Eu não pude.

Eu sabia que ele estava se aproximando. Eu sabia que eu deveria pegar uma estaca, ficar pronto para qualquer coisa, mas uma parte morta e sombria de mim não se importava se ele terminasse o trabalho. Eu queria que ele me matasse dias atrás, então eu não teria que saber disso, ver isso, sentir isso.

Seus olhos tinham ficado abertos, e então em branco, e Deus, *eu não tinha sequer me atrevido a tocá-la.*

Eu fui embora.

A mão de Myrnin tocou o meu ombro. Eu estava distantemente ciente de que ele estava dizendo algo, mas eu não conseguia me concentrar. Eu não queria ouvir todos as suas falas superficiais, a sua simpatia, a *sua* dor. Ela era minha, e ela se foi.

Doeu mais do que qualquer dor que eu já tinha sentido. Nem mesmo perder a minha irmã tinha sido assim tão doloroso. Nem mesmo a minha mãe.

Eu não conseguia entender porquê o meu coração ainda estava batendo.



— Shane — Myrnin estava dizendo. Ele balançou o meu ombro com força suficiente para romper as contínuas ondas de agonia que eu sentia. — *Shane!* Ouça-me, é importante!

Eu engasguei tentando dar uma respiração, depois outra. Minhas entranhas doíam como se eu tivesse feito uma dúzia de rodadas no ringue, e tivesse sido atacado nas doze. Eu senti como se eu estivesse sangrando por dentro. Sangrando por fora.

Nada era importante agora que ela se foi.

— Shane! — Ele me agarrou pelos *dois* ombros, agachou-se, e me sacudiu com força suficiente para bater os meus dentes. Seus olhos escuros estavam feridos e desesperados, com uma tonalidade de vermelho brilhante das pontas até os centros. — Maldito seja, menino, *escute!* Onde? *Onde* foi que ela morreu?

Como tudo tinha mudado rápido. Abrindo a porta da frente, eu ainda estava inteiro, ainda vivo, ainda são. Dez passos depois, eu estava... — Em casa — eu disse. Isso saiu como um sussurro áspero e sofrido. — Ela está em casa.

— Deus me defenda, *seu idiota!* — Myrnin saltou para os seus pés, e me arrastou com ele. Literalmente arrastou. Eu tropecei para os meus pés depois de ser puxado como um brinquedo por um par de metros, e tive que correr para acompanhar quando ele se lançou para a frente, chutando os livros e cadeiras para fora do seu caminho com uma força demolidora. Ele tomou o caminho mais rápido para onde ele estava indo, o que significava quebrar uma mesa de laboratório inteira no chão e jogá-la do outro lado da sala para esmagar contra a parede oposta.

Nós paramos em frente de uma porta definida na parede. Ela estava trancada. Myrnin olhou para o cadeado por apenas um segundo, em seguida, estendeu a mão e arrancou.

Em seguida, ele quebrou toda a porta por suas dobradiças.

A escuridão além era um portal. Eu sabia disso, e eu sabia que poderia ir diretamente para a nossa casa. Claire tinha caído bem na frente dele, provavelmente, tentando encontrá-lo.

Oh Deus, eu não poderia deixar de repetir isso em minha mente... ela percebendo o perigo, correndo para o portal, sendo pega antes que ela pudesse passar por ele...

Morrendo.

Myrnin ficou imóvel, e concentrado. Houve uma onda de cor ao longo do escuro, mas rapidamente desapareceu. Ele tentou de novo, e de novo.

Nada aconteceu.



— Você acha que pode salvá-la — eu disse. Eu me sentia entorpecido e pesado com tristeza, derrotado com ela. E eu sabia que só iria piorar. — Você não pode. Ela se foi, Myrnin.

— A *casa*, seu idiota, a casa a salvou. Ela já fez isso antes, e com os quatro de vocês que vivem dentro dela, ela cresceu mais poderosa do que nunca... ela *deve* ter tentado!

Michael. A casa tinha salvado Michael uma vez. Eu senti uma esperança louca, selvagem e dolorosa, como um raio de luz solar que atingia os olhos de quem nunca tinha visto os dias, mas desapareceu quase que imediatamente. Foi queimada. — O corpo de Michael desapareceu — eu disse. — Quando a casa o salvou, seu corpo desapareceu, ele me disse isso. O dela ainda está lá. Se a casa tentou, não funcionou. — E eu saberia. Eu teria sentido algo se ela ainda estivesse lá, presa. Eu saberia, porque o que isso diria de mim, se eu não pudesse sentir?

Myrnin não estava escutando. Ele estava murmurando baixinho, algo em uma língua que eu não conhecia, mas pelo som que ele fazia, ele estava xingando como um marinheiro bêbado, enquanto olhava mortalmente para o portal preto. Então ele mudou para o Inglês. — Tudo bem — ele disse. — Mate-me, então, sua pilha infiel de madeira serrada e pregos. Mate-me se você tiver que me matar, mas eu vou atravessar.

Eu pensei que ele estivesse falando comigo, mas ele não estava. Ele estava conversando com a Glass House.

Ele pulou para a frente para o portal escuro. Até eu sabia que não era uma boa ideia; Claire tinha sido muito clara sobre isso. Ele atingiu a escuridão, e foi devorado como um tanque de tinta. Ondas de cor se espalhou e desbotaram.

Nada mais.

Eu encarei, esperando, mas eu não vi nada. Talvez ele estivesse apenas... ido embora. Morto. Talvez nós todos vamos morrer hoje. Eu realmente não via qualquer inconveniente nisso, exceto que eu parecia ser o único deixado para trás. Sempre.

Isso simplesmente não podia continuar acontecendo. Não podia.

Eu fui inteligente o suficiente para voltar, pegar o meu kit de vampiro e depois saltar cegamente no escuro. Eu tinha uma coisa em minha mente quando eu fiz isso.

Por favor, deixe-me ver Claire mais uma vez.

Porque isso era tudo o que eu queria agora, antes do fim.



CAPÍTULO 12

CLAIRE

O portal de repente inchou para fora da parede como um balão preto e Claire ouviu o grito assustado de Eve quando ela viu o que aconteceu.

Ela sentiu a porta se abrindo como uma pressão estranha soprando através da casa; o mundo inteiro parecia tremer como se fosse uma lagoa em uma rocha que tinha sido abandonada, e então houve um som agudo de rachaduras, como um sino quebrando ao meio.

E Myrnin veio caindo para fora do portal.

Ele perdeu o equilíbrio e caiu, aterrissando bem próximo ao corpo da Antiga Claire. Ele se levantou e congelou, olhando diretamente para aquele rosto silencioso e parado. A Nova Claire, flutuando por perto, viu o olhar que veio até ele, e percebeu algo que ela nunca realmente, verdadeiramente se deixou perceber antes.

Myrnin se preocupava com ela. Realmente, realmente se importava. Isso não era o tipo de expressão que alguém tinha pela morte de uma pessoa que não era importante, que era substituível, apenas mais um corpo quente em um jaleco. Isso era tristeza genuína.

Foi de partir o coração, só um pouco.

Myrnin tinha acabado de se levantar quando *Shane* veio arremessado, pálido e revestido com uma camada de geada; ele entrou em colapso em um amontoado ofegante e trêmulo. Eve gritou e foi até ele.

Michael estava ocupado observando Myrnin, cauteloso e pronto para qualquer coisa. Havia um brilho vermelho em seus olhos, um aviso predatório.

— Shane? — Michael perguntou, sem tirar os olhos do outro vampiro. — Você está bem, mano?

Shane não lhe respondeu. Eve estendeu a mão para ajudá-lo, mas ele evitou suas mãos e rastejou — *rastejou* — até o corpo vazio da Antiga Claire.



Ele se sentou e com cuidado, com tanto cuidado, levantou-a em seus braços. Quando a cabeça dela virou em um ângulo horrível, ele engasgou e a rodeou, segurando-a contra ele.

Balançando lentamente para trás e para frente.

Não, Claire disse. *Não, não. Estou aqui; por favor, não faça isso, por favor, não fique tão mal.* Ela tentou tocá-lo, mas suas mãos atravessaram. Ele parecia tão terrivelmente perdido e desesperado agora, e ela não sabia como ajudá-lo.

Deixe-me ir! ela gritou para a casa, e espancou inutilmente as paredes. Seus punhos passaram diretamente através delas também. *Deus, por favor, deixe-me ir até ele!*

Eve engasgou e se afastou com as mãos enrolando em punhos. Ela estava lutando para não chorar novamente.

Mas Myrnin — Myrnin estava olhando para o espaço, nem um pouco concentrado em Shane. Ele virou-se em um círculo lento com a mão estendida.

Claire se aproximou, e estendeu a própria mão para a frente. A dele passou direto pela dela.

Ele se manteve em movimento. Procurando.

Ele não podia senti-la, tampouco.

Frustrada, Claire moveu seu corpo incorpóreo para a frente, diretamente no meio do corpo de Myrnin. Estranho não descreve isso; ela podia ver *dentro* dele, as camadas de carne e ossos e músculos, as veias pálidas esquisitas, um coração que parecia cinzento e ainda...

Ela estava muito assustada para ficar lá, e rapidamente se afastou. Se ela tivesse sido capaz de estremecer, ela teria feito isso.

Mas funcionou. Myrnin parou de se mexer e ficou muito, muito parado. Ele fechou os olhos. — Claire?

A boca de Michael abriu e fechou, e o clarão vermelho desapareceu de seus olhos. Parecia que alguém tinha dado um soco no seu rosto — chocado demais para reagir imediatamente. E, em seguida, uma nova expressão apoderou-se dele. Uma nova tensão.

— Oh Deus — ele arfou. — Eu acho que não, mas o corpo dela ainda está aqui. Por que ele ainda estaria aqui se ela...?

— Shhh — Myrnin disse. — Claire, se você pode me ouvir, faça isso de novo.

Ela não gostou, mas qualquer chance de comunicação era melhor do que nada. Ela moveu-se para a frente e ficou lá, tentando não pensar sobre todas



as entranhas de Myrnin que ela estava habitando. Ela conseguiu manter-se lá por quase um minuto inteiro antes do instinto levá-la para longe. Se afastar dele era um alívio total.

E não deu certo.

Myrnin ficou onde estava, à espera, tenso, até que ele finalmente relaxou. Ela nunca tinha visto ele parecer assim... devastado. — Eu pensei... eu pensei por um momento que era ela, mas ela deve estar aqui. Ela deve estar! Talvez ela seja mais fraca do que eu pensava, talvez se eu tivesse alguns instrumentos para ampliar...

— Vá embora — Shane disse, sua voz abafada e sem vida. — Saia.

— Mas é possível que ela ainda...

Shane finalmente olhou para cima, e, oh, *Deus*, a dor entorpecida em seu rosto, a perda, a solidão. — Ela está morta — ele disse. — Agora vá embora. Pare de fingir que você pode corrigir isso. Você não pode.

Myrnin parecia não saber o que dizer agora. Ele continuou girando, buscando, e parecia frenético agora. — Mas eu sei que ela deve estar aqui. Ela não é de desistir, você não vê? Ela iria se segurar, não importa o custo. Você acredita nisso, não é? Ela é forte, a nossa Claire. Muito forte.

A cabeça de Michael inclinou lentamente, e ele respirou fundo, então se afastou enquanto ele pegava o seu celular. Claire o seguiu, à deriva em seu rastro enquanto ele se movia para ficar no meio da sala de estar. Ele discou e esperou enquanto olhava fixamente pela janela para a chuva que caía. — Amelie — ele disse. — É Michael. Alguma coisa, algo ruim aconteceu. Com Claire. — Sua voz falhou, e por um momento, ele segurou o telefone contra o peito dele. Então ele o levantou novamente e continuou. — Ela está morta — ele disse. — Shane... eu não sei, ele está muito fora de si. — Ele ouviu, em seguida, deixou-se cair no sofá. — O que quer dizer, *ir embora*? Eu não posso ir embora. Você ouviu o que eu disse? Claire está morta! Ela está morta no nosso chão!

Silêncio. Michael ouviu e finalmente disse: — Não. — Ele foi simples e direto e, em seguida, ele desligou a chamada e ficou lá, ainda olhando para a tela em branco.

Então ele ligou para o 911. — Houve um assassinato — ele disse. — Na 716 Lot Street. Glass House. Por favor, envie alguém. Precisamos... precisamos de ajuda.

Em seguida, ele deixou cair o seu celular no tapete, colocando o seu rosto em suas mãos e sentando em um silêncio amargo.





A própria Hannah Moses veio, com um detetive da polícia que Claire não reconheceu; uma ambulância veio também, mas os paramédicos esperavam dentro da ambulância enquanto a polícia tirava fotos, fazia medições, e conversava com Michael, Eve e Shane. Shane não a soltou até que Hannah se agachou e falou com ele em uma voz baixa e calmante. Ela sabia como era o horror, Claire percebeu. Ela tinha passado por isso, talvez durante a guerra, ou até mesmo aqui em Morganville.

De qualquer forma, ela fez Shane colocar o corpo de Claire para baixo novamente, e levou-o para a sala de estar para se sentar. Alguém fez o café, e ela pressionou uma caneca quente na mão de Shane. Ele não bebia. Ele não parecia notar que ela estava lá.

— Eu deveria voltar pra lá — ele disse. — Eu não deveria deixá-la sozinha. — Ele tentou se levantar, mas Hannah conseguiu acalmá-lo novamente. — Não foi Myrnin quem fez isso. Eu pensei que tinha sido ele, mas não foi. Outra pessoa veio aqui, em nossa casa.

Myrnin, Claire percebeu, estava sendo levado, sob protesto, por dois homens de ternos pretos e óculos de sol. Guardas de Amelie. Ela deve ter os enviado. — Espere! — ele estava gritando, cavando em seus calcanhares enquanto gritava para Shane. — Espere... ouça... ela está aqui. Eu sei que ela deve estar. Eu posso ajudar... Claire, se você puder me ouvir, não se desespere. Eu vou ajudar! Eu vou encontrar uma maneira!

— Tirem-no daqui! — Hannah disse bruscamente, e os guarda-costas fisicamente pegaram Myrnin — e o levaram, ainda gritando e lutando. O ruído se desvaneceu, e a casa parecia terrivelmente quieta agora. Michael e Eve estavam em outro lugar — na cozinha, Claire percebeu; ela podia sentir onde as pessoas estavam na casa como se fosse uma parte dela mesma. *Uau. Eu sou como Frank, só que ao invés de ser um cérebro em um frasco, eu sou uma alma em uma casa.* Flutuante e presa.

Assim como Michael tinha sido. Só que Michael não conseguia senti-la, e nem qualquer um dos outros. Mesmo que ele tenha estado preso aqui, a sentença de prisão dela era muito, muito pior.

Hannah estava conversando com Shane em voz baixa e calmante, mas ele não estava respondendo. Ele parecia estar preso novamente naquele lugar



escuro e sem luz, sem qualquer esperança ou ajuda, e não havia nada que Claire poderia fazer para fazê-lo entender.

Ela não podia simplesmente vê-lo sofrer; era horrível demais. Ela afastou-se, atravessou a porta da cozinha e encontrou Michael e Eve sentados na mesa da cozinha, debruçados sobre o vapor das xícaras de algum tipo de bebida quente. Sem sombra de cor para as coisas, e — ela percebeu — sem um sentido de cheiro, ela não podia realmente dizer se era café ou um chá muito escuro.

Qual é, Michael, ela pensou, e estendeu a mão para passá-la através do seu corpo, uma e outra vez. *Vamos lá, você sabe que eu estou aqui; você tem que saber! Isso aconteceu com você uma vez!*

Como se tivesse ouvido os pensamentos de Claire, Eve disse: — Você não acha... que o que Myrnin disse, você não acha que a casa poderia ter, você sabe, a salvado? Como ela te salvou?

Michael não olhou para cima. — Eu sou um Glass — ele disse. — Ela não é. Eu não acho que ela poderia fazer isso por ela, mas mesmo se pudesse, você sente alguma coisa? Qualquer sinal de que ela ainda está aqui?

— Como o quê?

— Pontos frios — ele disse. — Nós sentíamos pontos frios onde ela estava. E você conhece Claire; ela não estaria apenas parada. Ela estaria na frente dos nossos rostos, nos dizendo que ela está aqui.

Ele estava certo. Claire estava, de fato, saltando dentro e fora de seu corpo, gritando no alto de seus pulmões durante todo esse discurso. Michael não sentia.

Nem um pouco.

— Talvez ela não seja apenas, você sabe, tão forte quanto você era — Eve disse. — Mas se ela está realmente ainda aqui...

Ele estendeu a mão por cima da mesa e pegou a dela. Ele apertou. — Querida, ela se foi. Sinto muito.

Eve deu uma respiração profunda e descontrolada em um suspiro, e disse miseravelmente: — Mas eu estava *aqui*. Eu estava lá em cima pegando toalhas. Eu usei o banheiro e eu sequei o cabelo e eu... Michael, eu estava aqui quando aconteceu — Ela pegou a sua caneca e tomou um gole da bebida; líquido derramou desajeitadamente sobre a mesa quando ela a abaixou. — Não pode terminar assim. Eu não posso lidar. Eu realmente não posso.

Michael olhou para ela e disse baixinho: — Se você não pode, como você acha que Shane se sente?



Eve balançou a cabeça. Seus olhos estavam cheios de lágrimas de novo.
— O que nós vamos fazer?

— Eu não sei. — Ele olhou para ela por um segundo, então pareceu chegar a uma decisão. — Eve, Amelie disse para eu ir para a Praça da Fundadora amanhã à noite, e para trazer todos vocês comigo. Era uma ordem, não um pedido.

— Mas...

— Os vampiros vão embora — ele disse. — Todos eles. Ela vai entregar o controle de Morganville para os seres humanos.

— Espera... o quê? — Eve limpou os olhos com as costas da mão. — O que você está falando? Ela não pode... os vampiros não podem simplesmente ir embora. Isso é insano!

— Eu estou dizendo a você o que ela disse. Os vampiros estão indo embora, e eles não vão voltar.

— Por quê?

Ele balançou a cabeça. — Eu não sei, mas seja lá o que for, é pior do que Bishop, e isso vai... ficar pior possível.

Eve finalmente ligou os pontos. — E... se os vampiros estão indo embora, e quanto a você?

Ele esperou o tempo de uma respiração, então balançou a cabeça. — Eles não vão me deixar levá-la conosco — ele disse. — Então eu vou ficar.

— Mas você ficará sozinho se você ficar, quero dizer, todos eles vão?

— Todos, menos eu. Isso significa nenhum banco de sangue, nenhuma ajuda, e nada além de uma cidade cheia de humanos irritados. Eu vou ser o único vampiro restante que eles podem querer matar. — Michael tentou sorrir. — Mas eu não vou deixar você, Eve. Aconteça o que acontecer. Especialmente não depois... eu não posso te perder.

Ela deslizou para fora de sua cadeira e foi até o seu colo, e ele embalou-a perto, e era realmente doce, triste e privado, e Claire se sentiu uma pervertida, de repente.

Ela se afastou. Olhar para o seu próprio corpo era horrível; ela se sentia mais e mais vazia enquanto os minutos se passavam e os policiais tiravam mais fotos. Eles estavam se preparando para levá-la para fora, ela viu; havia paramédicos esperando com uma maca. *Bom, ela pensou. Talvez quando o corpo dela fosse embora, eu pudesse fazê-los sentir que eu estou aqui.*

— Você não pode — uma voz disse. Era uma voz fraca, suave e sem traços característicos, e parecia sair do ar em torno dela. Claire olhou ao redor da



sala. O detetive da polícia estava lá, e os paramédicos entediados e esperando. Seu próprio cadáver. Ninguém mais. — Você não pode fazê-los sentir você. Você é muito fraca, e por mais que ela goste de você, a casa não está ligada a você por laços de sangue.

— E quem é você? — Claire perguntou.

Ela viu uma ondulação com o canto do olho, como o calor fora de um pavimento no verão, e virou-se naquela direção quando um corpo se formou no ar.

Ele era um homem pequeno e pouco definido, a apenas um pouco mais alto do que ela, com o cabelo de cor clara e um rosto redondo. Ele estava usando um colete antiquado e uma camisa branca de gola alta, assim como em filmes de faroeste antigos. Algum tipo de banqueiro ou algo assim.

— Eu sou Hiram Glass — ele disse. — E esta é a minha casa.

— *Sua* casa.

Ele deu de ombros e cruzou os braços. — Bem, meus ossos estão enterrados no alicerce e meu sangue estava misturado com a argamassa. Sim, minha casa. E a casa da minha família. Você não deveria estar aqui. É Claire, não é?

— Eu... sim. — Ela ainda não foi capaz de processar toda a ideia de que havia um homem morto no porão. — O que você quer dizer, eu sou muito fraca?

Ele sorriu levemente. — Você tem coragem, mas você não é uma Glass. Michael te trouxe para dentro, e você faz parte da família, mas não de sangue. A casa gosta de você, e ela tentou salvá-la, mas ela não pôde fazer muito. Não vai ser como Michael. Ele teve uma chance na vida, mesmo depois da morte, porque ele poderia puxar a ligação dele comigo. Você não tem uma.

— Ele nunca disse nada sobre você — Claire disse. Ela teria se lembrado se Michael tivesse realmente mencionado um fantasma ancestral aparecendo durante as suas horas de folga.

— Bem, ele não poderia. — O fantasma deu de ombros. — Já que eu nunca falei com ele. Não havia necessidade. Ele estava se saindo muito bem. Não como você, gritando e acordando os mortos, se você me perdoa a expressão. Agora, você só fique quieta. Você não será capaz de conseguir a atenção deles, só a minha, e eu lhe asseguro, você não quer mais a minha atenção. Você é uma intrusa aqui.

Houve uma pitada sombria na última parte. As bordas de sua imagem ondularam, e Claire percebeu que ele estava prestes a ir embora. — Espere! —



Ela flutuou mais para perto dele. — Espere, por favor, e quanto a essa noite? Michael disse que ele era mais fraco durante o dia, mais forte à noite. Forte o suficiente para realmente ter um corpo real. Eu posso...

Ele estava balançando a cabeça agora. — Ser vista de carne e osso ali? — Ele apontou para o corpo dela, que estava sendo levantado e colocado na maca. Claire tinha tentado não perceber isso. Ela se sentiu um pouco enjoada, pelo menos mentalmente, ela não poderia estar nauseada sem ter um estômago. — Você não é uma Glass. A casa pode ter salvado você, mas isso é tudo o que ela pode fazer, sem a minha cooperação. Você não tem nenhuma maneira de se manifestar, noite ou dia. Isto é o que você tem, ou nunca vai ter. Seja grata que eu permito que você fique. *Quieta.*

E mesmo que ela gritasse para ele esperar mais uma vez, Hiram Glass tremeu como vidro vibrando, e desapareceu em uma ondulação de tons de cinza.

Eu estou presa, Claire percebeu com um crescente horror. *Presa sozinha. Apenas... observando.*

Um fantasma de verdade.

Ela não podia imaginar como isso poderia ficar pior.



CAPÍTULO 13

CLAIRE

No momento em que o sol começou a se pôr, todos os estranhos tinham ido embora da casa. Estava Michael, Shane e Eve; e Claire, que pairava silenciosamente nas proximidades — invisível e eternamente separada.

Era melhor que eu tivesse morrido, ela pensou miseravelmente. Ela nunca se sentiu mais sozinha. Mais completamente inútil.

— Temos que ligar — Shane finalmente disse em uma voz tão incolor e cinza como Claire se sentia. Ela se virou para olhá-lo segurando o seu celular em ambas as mãos, enquanto olhava para a tela. — Temos que dizer aos pais dela.

Ele não discou, não imediatamente. Ele apenas ficou lá enquanto ele não conseguia se lembrar de como mexer no celular.

— Talvez Hannah pudesse ligar para eles — Eve disse. — Talvez devêssemos deixá-la lidar com isso, quero dizer, a polícia, eles sabem...

— É minha responsabilidade. — Quem falou foi Michael, que se levantou e pegou o celular das mãos de Shane. — Eu que deixei ela ficar aqui. Eu que disse a eles que eu manteria ela segura. — Ele soava rouco, mas firme, e antes que Shane pudesse se opor, ele abriu a agenda e pressionou uma tecla. Shane se curvou. Claire não sabia dizer se ele se sentia aliviado, ou apenas derrotado.

Mas Michael franziu a testa, verificou o telefone e discou novamente. Em seguida, uma terceira vez. — Não está chamando — ele disse. — Eu estou recebendo uma mensagem de que as redes estão ocupadas. Espere aí. Eu vou ligar para Oliver. — Ele ligou, então desligou. — Rede ocupada.

Eve ficou de pé e pegou o velho telefone fixo da casa, grande e pesado, embutido na parede. Claire podia ouvir os tons discordantes de onde ela caiu a poucos passos de distância. — Este está fora, também — Eve disse. — O que está acontecendo?



— Verifique a internet — Michael disse, e Eve subiu as escadas. Ela se foi apenas por um momento antes de descer novamente.

— Está fora — ela disse. — Sem conexão. Eles nos cortaram.

— Eles? — Shane perguntou sem entender. — Eles quem?

Michael pegou o seu próprio celular e tentou ligar, então balançou a cabeça. — Não é só o de vocês... é o meu também e o sistema de vampiro. Celulares, telefones fixos e internet, tudo está fora.

— Por que eles fariam isso?

— Eu acho que eles estão se preparando para deixar Morganville e eles não querem que ninguém esteja fazendo planos para causar problema — Michael disse. Ele deixou cair o seu celular inútil sobre a mesa. — Provavelmente é errado eu me sentir aliviado agora.

Todos eles congelaram quando bateram na porta da frente. Depois de uma troca silenciosa de olhares, Michael foi atender, e Claire foi com ele apenas para ter algo para fazer.

Fora da porta estava um policial vampiro, usando uma grande capa de chuva, e seu boné de polícia protegido por um gorro de chuva. Ainda estava um dilúvio, Claire observou. O pátio exterior era um mar de água barrenta. — Você precisa trazer os seus inquilinos para a reunião amanhã à noite, Sr. Glass — ele disse. — Nós estamos indo de casa em casa para lembrar a todos, e nós vamos verificar todos os edifícios amanhã para garantir o pleno cumprimento. Todo mundo na Praça da Fundadora no crepúsculo de amanhã.

— E se nós não quisermos ir? — Michael perguntou. — A nossa amiga morreu hoje.

O policial deu-lhe um longo olhar, e disse: — Ninguém vai ficar de fora. Sinto muito pela sua perda, mas se vocês não aparecerem, vamos buscá-los. Ordens da Fundadora.

Ele bateu a frente de seu chapéu com um dedo em uma saudação abreviada, e afastou-se, indo para a próxima casa.

— Isso não é bom — Michael murmurou. — Nada bom.

Claire teve que concordar com ele; ela não queria que eles saíssem de casa. Especialmente, ela não queria que eles deixassem ela sozinha. E se eles nunca mais voltassem? E se ela ficasse presa aqui sozinha com apenas Hiram Glass como companhia para sempre? Isso parecia egoísta, mas ela estava apavorada com o próprio pensamento.

Michael fechou a porta e trancou-a, e ficou ali por um momento com a cabeça baixa. Em seguida, ele sussurrou muito calmamente: — Claire, se você



está aqui, por favor, nos diga. Por favor. Deus, eu espero que você esteja, porque eu estou com medo. Estou com medo por todos nós.

Michael estava com medo. Deus.

Isso a deixou ainda mais em pânico.

Pense, ela ordenou a si mesma. Claramente, ela não poderia esperar qualquer ajuda do fantasma chefe da Glass House, que era na verdade uma espécie de idiota; ela ia ter que encontrar uma maneira de sair dessa sozinha. Enquanto pensava sobre isso, ela flutuou de volta pelo corredor até a sala de estar, passando o sofá onde Shane e Eve estavam sentados juntos, em silêncio, de mãos dadas... e, em seguida, para o local onde o corpo dela tinha caído. *Vamos*, ela disse a si mesma. *Pense*.

Ela sentiu uma onda quente de poder condensar em torno dela, como um abraço insubstancial. A casa. Hiram tinha dito que a casa gostava dela; claramente, a casa e Hiram tinham opiniões diferentes. Ele estava tentando lhe dizer alguma coisa.

Ela empurrou-a um pouco, empurrando-a contra a parede.

O *portal*.

Não, eu não posso fazer isso. É impossível.

Mas e se fosse, qual seria o problema de tentar?

Claire focou na parede em branco – na pintura texturizada na cor cinza, em cada falha e imperfeição.

Vamos. Vamos...

Ela sentiu um lampejo de poder, quase uma sensação de sobressalto, e então o portal respondeu.

E quando ele gradualmente foi aberto, ela sorriu, só um pouco, mesmo que ninguém pudesse realmente vê-lo.

Ela olhou em volta. Eve estava de costas, e Michael ainda estava na outra sala. Shane estava caído no sofá de frente para a TV em silêncio. Ninguém estava olhando para o portal, que era muito ruim, porque pelo menos eles saberiam que algo estava estranho.

Isso pode não funcionar, ela disse a si mesma. *Você pode não sobreviver a isso.*

Mas de verdade... isso importava? Ela já tinha morrido, pelos que a amava sabiam.

Se a física dos portais tinha sido complicada antes, ela ficaria anos tentando solucionar como a energia potencial de uma alma morta poderia viajar através de buracos na madeira. *Bem, se não funcionar, isso vai me manter ocupada com cálculos pelo tempo que eu viver.*



E então Claire, a fantasma de uma menina morta, pisou através do portal e ficou perdida no escuro.



Ela abriu os olhos, e ela estava no laboratório de Myrnin. Ele estava deserto e estava um lixo... Alguém tinha espalhados livros em todos os lugares, rasgado alguns e uma mesa de laboratório inteira havia sido jogado do outro lado da sala, quebrada no tampo de mármore em pedaços.

Então, bastante normal também.

— Frank! — ela disse. Ela sentia-se mais fina aqui, quase desaparecendo, e percebeu que ela ainda estava ligada à casa através do portal. Se o portal falhasse...

... ela desapareceria junto com ele.

— Frank Collins! Você pode me ouvir?

Ela sentiu um zumbido repentino de energia, e a imagem de Frank se formou na frente dela, um pixel de escala de cinza de cada vez. Ele piscou. — Alguém aí?

Oh. Ele não podia vê-la. Ótimo. — Frank, você pode me ouvir? — ela gritou para ele, tão alto quanto pôde, e a imagem de Frank piscou como se a interferência tivesse interrompido ela por um momento.

— Jesus, Claire, fale baixo — ele disse. — Onde você está?

— Bem aqui! — Ela estava tão feliz de estar se comunicando que sentiu vontade de beijá-lo — só que isso não iria ser muito legal por vários motivos. — Eu estou bem aqui, na frente de você. Eu sou meio que uma...

— Morta? — ele perguntou. — Eu ouvi a conversa. Acho que dizer que eu sinto muito parece um pouco redundante já que na verdade você está falando comigo.

— Eu preciso da sua ajuda.

— Não há nada que eu possa fazer por você, docinho. Morto é morto, embora eu tenha que admitir, é uma grande conquista você estar audível.

— Não é para mim — Claire disse. — Há uma reunião na Praça da Fundadora amanhã à noite. Por quê?

— Eu não posso dizer — Frank Collins disse. Sua imagem cintilou novamente. — Se mova para trás; você está estragando a minha projeção.

Ela flutuou para trás, só um pouco. — Não posso dizer, ou não vai dizer?

— O que eu acabei de dizer?



— Então mandaram você não falar sobre isso. — Ele não respondeu, o que ela supôs que era uma resposta suficiente. — Frank... Amelie uma vez me disse que se ela decidisse que o experimento com Morganville tivesse acabado, ela iria acabar com todo mundo. É disso que estamos falando? — Mais silêncio. Ela sentia-se mais fina e mais desbotada, como se pedaços de sua foram lentamente estivessem fluindo para dentro da escuridão. — Frank! Ela vai destruir a cidade?

— Ela vai libertar os seres humanos, e os vampiros vão deixar a cidade — ele disse. — O lado positivo: Myrnin vai me desligar, e eu vou poder morrer da maneira certa, finalmente. Inconveniente: bem, há sempre um lado negativo.

Conversar com Frank era como andar em círculos. — Onde está Myrnin?

Ele deu de ombros. — Ele deu o fora daqui para ver *você*. E não voltou.

— Não finja que você não sabe. Eu sei que você tem vigilância em toda parte.

Frank ergueu as sobrancelhas e deu um sorriso torto. — Está certo. Ele está na Praça da Fundadora, com a Chefona. Eu não tenho olhos dentro do escritório dela, mas escoltaram ele para lá e ele não saiu.

Isso... não era bom. Myrnin era a única esperança de verdade que ela tinha. — Frank, quando você vê-lo, eu preciso que você diga a ele que eu ainda estou aqui. Esperando. Que ele não está errado. Você entendeu? Ele disse que ele poderia conseguir me ajudar. Diga a ele que eu realmente, realmente preciso dele agora. — Ela engoliu em seco. — Você pode falar com Shane? Diga a ele... diga a ele que eu ainda estou em casa?

Ele balançou a cabeça. — Não é possível, querida. Eu faria se eu pudesse, mas o sistema de comunicação está fodido no momento. Eles puxaram os fusíveis da fonte, as conexões foram cortadas. Eu não posso ativar o alto-falante do celular dele a menos que ele venha aqui. Eu estou limitado também.

Ela estava ficando muito fina e esticada; ela podia sentir o puxão da Glass House ficando mais tênue. Se ele quebrasse, ela desapareceria como uma nuvem de fumaça no vento.

— Frank! Por favor, você tem que me ajudar!

Ele balançou a cabeça lentamente. — Você não pensou em tudo — ele disse. — Eu acho que é compreensível, considerando todas as coisas; tem sido um grande dia para você. Suponha que Myrnin receba a mensagem de que você ainda está por perto. Suponha que ele venha e trabalhe em algum tipo de magia louca e faça contato com você. Você ainda está presa. A única maneira que Michael ficou livre daquele lugar foi se transformando em um



vampiro. — Sua imagem ondulou através do ar, não muito focada nela. — Você está pronta para ser uma vampira, Claire? Uma completa aberração sugadora de sangue? Porque eu tenho que dizer, foi a pior maldita coisa que já me aconteceu, em uma vida inteira de coisas ruins. E eu não quero isso para você. Ou para o meu filho. Melhor ele te perder agora. Melhor do que ele conseguir falsas esperanças.

— Mas... — Ela realmente, *realmente* não poderia ficar. Claire começou a derivar de volta para o portal, já preocupada que o cabo de ligação dela com a Glass House estivesse tão fino. Ou que Frank apenas pudesse decidir cortá-la por si mesmo batendo a porta. — Não tem que ser assim...

— Eu acredito que tem. Pense nisso — ele disse quando ela caiu para trás na escuridão. — Faça a coisa certa.

— Mas, por favor, diga a Myrnin; diga a alguém!

Ele balançou a cabeça novamente. — É melhor assim, Claire. Confie em mim. Somente... se deixe ir.

Claire saiu do portal e para dentro da monocromática sala de estar da Glass House, e a energia correu de volta para ela. Ela sentiu um imenso alívio, seguido por medo, porque ela não tinha percebido o quão fraca ela deixou-se ficar, quase desvanecendo.

Se Frank iria ajudá-la ou não... isso era uma incógnita. Ele mesmo provavelmente nem sabia.

Ou seja, a sua última esperança era instável, na melhor das hipóteses.



Anoiteceu. Eve fez sanduíches, que os três moradores comeram em silêncio — ou melhor, Michael e Eve comeram. Shane só pegou o seu e, em seguida, deixou a mesa sem uma palavra. Michael e Eve o observaram ir, silenciosamente perguntando um ao outro o que fazer e, em seguida, Michael disse: — É melhor deixá-lo ir.

Claire não tinha tanta certeza de que era a coisa certa.

Ela flutuou para o andar de cima — fácil, já que tudo o que ela tinha a fazer era se concentrar em subir, e de repente ela estava passando entre os andares e vendo toda a madeira velha e a fiação, fezes de ratos e aranhas escondidas nas paredes, e eca, essa não era a melhor viagem. Ela ficou aliviada ao flutuar no corredor do andar de cima em silêncio. *Precisamos de um*



exterminador, ela pensou, mas isso realmente não era o maior problema de nenhum deles no momento.

A porta de Shane estava aberta, e ele não estava lá dentro. Ela olhou para dentro, verificando o outro lado da cama, e até mesmo dentro do guarda-roupa, mas a menos que ele estivesse escondido sob a pilha inclinada de lavanderia, ele não tinha vindo aqui em busca de solidão.

O banheiro estava vazio. Ela não se incomodou em ir ao quarto de Eve ou Michael; ela sabia onde ele estava depois que ela pensou por um segundo.

Ela flutuou através da porta fechada do seu próprio quarto, o do final do corredor, e viu-se em pé na quietude do crepúsculo. Lá fora, o sol estava se pondo; este lado da casa já estava de frente para a noite, e o céu além da janela era um azul profundo e escuro.

Shane estava sentado no chão, com as costas contra a porta do quarto, no escuro. Seus joelhos estavam encostados no seu peito, e a sua cabeça estava para trás, descansando contra a madeira dura. De alguma forma, ela esperava que ele estivesse chorando, mas ele não estava, nem mesmo silenciosamente; ele estava sentado, com os olhos abertos e secos, olhando para a escuridão. Ela não tinha feito a sua cama, ela percebeu; ainda estava bagunçada, os lençóis e cobertores torcidos desde a última vez que ela saiu debaixo deles. Era estúpido se envergonhar disso agora, ou da roupa jogada no canto, ou da camisola que ela tinha deixado atirada no chão quando ela tinha começado a se vestir.

— Shane? — ela disse. Ela não tentou gritar; ela sabia que não iria levá-la em lugar algum, exceto irritar Hiram Glass novamente. — Eu sinto muito. Eu gostaria de poder fazer alguma coisa para que você saiba que eu estou aqui. Eu não quero deixá-lo assim; foi estúpido e...

Ela congelou, porque sua cabeça virou, e ele estava olhando diretamente para ela. Alegria passou através dela, mas então se tornou em tristeza quando ela percebeu que ele não estava olhando para ela, mas através dela.

Para a camisola no chão.

Ele levantou-se e a agarrou. Por alguma razão bizarra, ela esperava que ele fosse dobrá-la, talvez colocá-la na cama, mas em vez disso, ele voltou para a porta, sentou-se exatamente no mesmo lugar, e segurou a camisola com as duas mãos.

Colocou-a no rosto e deu um suspiro profundo e trêmulo. — Ajude-me. Por favor. Não posso mais fazer isso. Eu não posso. Deus, Claire, por favor. — Ela nunca ouviu Shane falar assim antes. Ele soava... devastado. Pior do que



quando o seu pai tinha morrido, pior do que quando ele descobriu que uso Myrnin tinha feito com Frank em seu laboratório.

Não soava nem um pouco com Shane.

Ela se acomodou ao lado dele, desejando que ela pudesse tocá-lo, abraçá-lo, consertar tudo isso.

Finalmente, Shane suspirou, como se ele tivesse tomado alguma decisão, e tirou algo do bolso do casaco. Ela não viu o que era, não no começo; era apenas uma forma angular no escuro.

E então, quando ele levantou o olhar para a coisa, a forma se transformou em uma arma. Uma pistola semiautomática.

— Shane, de onde você tirou uma arma? — ela deixou escapar, e eu percebi que essa não era a questão; deveria ser do pai dele que, provavelmente, fornecia a ele um arsenal dos velhos tempos. Ele sempre teve uma surpreendente quantidade de armas, mas ela nunca tinha visto essa arma antes.

O problema não era onde ele tinha conseguido a arma.

O problema era que Shane estava sentado no escuro, com uma arma e segurando a camisola dela no peito.

— Não! — Ela deu um salto, tanto quanto um fantasma insubstancial podia, e encarou-o de frente. — Não, me escute, Shane Collins, você não pode fazer isso. Você não pode. Você me escutou? Este não é você. Você é um lutador!

Ele estava olhando para a arma, virando para capturar a luz fraca como se fosse uma joia bonita. Não havia uma expressão particular em seu rosto, mas ela podia sentir o sofrimento dentro dele. Isso era real. Tão real quanto podia ser. Ele não estava tentando conseguir atenção e simpatia; isso não era um grito de socorro.

Era de desespero.

— Estou cansado — ele murmurou. — Estou cansado de lutar. E eu quero vê-la novamente.

Parecia que ele estava respondendo a ela. Ela sabia que ele não estava, mas ela não podia parar de tentar. Toda a sua forma insubstancial estava vibrando com terror e pânico. — Eu sei; eu sei quem você é. Você lutou por todos nós, por tanto tempo, e você continua nos perdendo; eu sei. Mas você não pode fazer isso. Eu ainda estou aqui, Shane. Eu ainda estou aqui por você e eu sempre estarei aqui, por favor....



— Você não está — ele disse. Desta vez, não havia absolutamente nenhuma dúvida de que ele estava respondendo a ela, embora ele não soubesse que estava, era como se ele estivesse falando para si mesmo.

Ele pensou que ele estava *imaginando ela*.

— Você não está aqui, e você nunca vai estar aqui de novo — ele estava dizendo com aquela voz monótona e vazia. Ele verificou o pente de balas do revólver, ativou o dispositivo com um clique metálico forte, e depois recostou-se calmamente enquanto o segurava na mão. — Você está apenas na minha cabeça.

— Eu não estou. — Ela se ajoelhou diante dele e se concentrou em fazer ele sentir a sua presença. Acreditar nela. — Eu estou aqui, Shane. Eu estou presa em casa. Por favor, me diga que você pode me ouvir.

— É uma mentira. Só porque Myrnin disse isso não torna realidade.

— Não, é verdade, e enquanto houver uma possibilidade de eu estar aqui, de eu poder voltar, você não pode fazer isso, entendeu? Você não pode.

— Claire. — Uma curva muito fraca de um sorriso tocou seus lábios e seus olhos brilhavam, não com felicidade, ela percebeu, mas com lágrimas. — Você está na minha cabeça, você realmente está. E no meu coração. E eu sinto muito.

Ele levantou a arma.

— Não! — ela gritou para ele, e se arremessou contra ele, dentro dele. — Não, Shane, não!

Ela sentiu uma onda de ondulação de energia branca e quente através dela, sentindo o mesmo estalo de luz de quando tinha terminado a sua vida, e de repente...

De repente, ela estava sentada no colo de Shane, segurando em sua mão com as dela, forçando a arma para cima e para longe de sua cabeça.

O pôr de sol. Era pôr do sol, e ela tinha... por um momento... se tornado real novamente.

Shane gritou, e sua mão se abriu. Ele deixou a arma cair, que saltou a distância sobre o tapete, e por um segundo paralisante, ele apenas olhou para ela.

Ela soltou o braço dele, e ele lentamente o abaixou, ainda encarando.

E então seus braços foram ao redor dela.

Ou tentou.

Eles passaram direito através dela.

Ela estava desaparecendo novamente.



— Não... — Ele tentou agarrar ela. — Claire! Claire!

— Eu ainda estou aqui — ela gritou. Saiu como um sussurro fino de som, mas ela sabia que ele ouviu; ela viu o brilho de vida e esperança em seus olhos. — Não desista!

Ele estendeu a mão novamente, e ela estendeu também. Seus dedos se encontraram. Os dela pareciam um esboço fraco de fumaça. — Deus — ele respirou. — Você está aqui. O maluco estava certo; você está aqui. Claire, se você pode me ouvir, eu vou te trazer de volta. Nós vamos trazer você de volta. Eu juro.

Ele se levantou e percebeu que ainda estava segurando a camisola. Ele beijou o tecido e colocou na cama, deslizando a mão onde ela dormia, e então pegou a arma onde ela havia caído no chão.

Ele puxou o pente e tirou a bala. Então ele abriu a gaveta de cima de sua cômoda, moveu algumas coisas e colocou lá dentro três coisas — a arma, o pente e a bala.

Ele fechou a gaveta e disse: — Você viu tudo isso, não é? Desculpe. Sinto muito. Eu apenas... Claire, se você pode me ouvir, você pode fazer alguma coisa? Fazer barulho?

Ela se concentrou. Talvez fosse o fato do sol estar baixo que tinha mudado as coisas, mas fazendo muito esforço ela conseguiu balançar um pequeno gato chinês que estava em sua cômoda, uma coisa ridícula amarela com uma cauda falsa de penas que Eve tinha comprado em uma venda de garagem. Ele tombou e rolou.

Shane virou naquela direção, e seu sorriso feroz brilhou como uma lâmina. — Droga — ele disse. — Você realmente está aqui. Eu não inventei isso.

Ela flutuou para mais perto dele, perto o suficiente para que se ela tivesse sido de carne e osso, eles teriam estado abraçados.

E ele estremeceu. O sorriso não vacilou. — Oh Deus, Claire, eu gostaria de poder te abraçar. Deus. Olha, eu só... isso tudo foi demais, com meu pai e minha mãe e minha irmã. Eu senti que eu apenas...

— Eu sei — ela disse. Ela queria mais do que qualquer coisa ser sólida novamente, para abraçá-lo e beijá-lo e dar-lhe a esperança de que ele tanto precisava. — Você pode me ouvir?

— Eu acho que sim. É como se eu estivesse imaginando você. Não todas as palavras, exatamente, mas eu ouço. — Ele riu trêmulo. — Michael conseguia, mas eu acho que ele teve prática, certo? Você está aprendendo ainda.



— Você não pode viver por mim — ela disse, e eu falei sério. — É importante, Shane. Você não pode viver só por mim, e você não pode morrer porque você me perdeu. Eu preciso que você seja mais forte do que isso. Você entendeu?

Ele ficou em silêncio por um momento, e ela não tinha certeza de que ela tinha conseguido falar isso. Havia uma expressão estranha em seus olhos, e seu sorriso havia desaparecido.

— Eu sei — ele finalmente disse. — Sinto muito. Eu cansei de ser forte, Claire. Eu não quero ficar sozinho.

— Você não está sozinho. Michael e Eve estão aqui também.

Ele balançou a cabeça e respirou fundo. — E você está aqui — ele disse. — De alguma forma. Você está aqui.

— Eu não vou te deixar.

— Então isso é o suficiente. Nós vamos trazer você de volta. — Ele ficou em silêncio por um instante, então disse: — Você não vai dizer a eles o que eu tentei fazer, vai?

— Não, a menos que você tente novamente.

— Eu não vou — ele disse. Ele olhou para baixo, assim como ele teria feito se pudesse ver realmente ela pressionada perto. — Você está bem aqui, não é?

— Sim.

Seus braços levantaram lentamente e ficaram em torno de onde seu corpo teria estado, segurando-a.

Segurando o ar.

— Então eu não vou te soltar — ele disse.

E, apesar de tudo o que tinha acontecido nas últimas 24 horas, isso pareceu... pacífico.



Convencer Michael e Eve de sua existência era mais difícil do que Claire esperava.

— Oh, qual é, cara, você era um fantasma quando eu me mudei para cá!
— Shane disse. Eles estavam lá embaixo na sala empoeirada, com Claire flutuante e invisível no canto (que, a propósito, realmente precisava de um aspirador). — Totalmente ausente durante o dia. E você não acredita que eu acabei de ver ela?



— Shane... — Eve deu um passo adiante com as mãos estendidas, um olhar aflito, mas determinado. — Querido, você realmente tem que entender que você está sob muito estresse...

— Oh, você não acabou de me chamar de querido. Eve, sou eu. Shane. Você me chama de um monte de coisas, mas querido? Pare com isso. — Ele virou-se em direção a Michael novamente, que tinha os braços cruzados e a cabeça baixa. — Sério, você pode apenas acreditar em mim? Porque é verdade. Eu posso ouvi-la!

— Eu não consigo ouvi-la. E é depois do sol. Se ela foi salva pela casa, porque ela não está aqui?

Shane deu uma respiração profunda e calmante. — Ela está — ele disse. — Claire, me ajude, aqui. Diga alguma coisa. Faça alguma coisa.

— Eles não podem me ouvir — ela disse. Ela tinha tentado tudo, mas o poder que ela tinha usado ao pôr do sol tinha sido temporário; ela não poderia fazê-los compreender, e mesmo com toda a sua concentração, ela não podia tocar em objetos físicos mais, muito menos derrubar algo. — Eu não tenho energia suficiente, eu acho. Mas você pode me ouvir, e isso é que é importante. Continue acreditando, Shane. Por favor.

Michael estava falando sobre ela. — Olha, cara, eu quero acreditar em você. Eu quero. Eu ficaria feliz se houvesse mais alguma coisa dela, até mesmo um fantasma... mas ela não está aqui. É a minha casa. Eu sei.

— Uma merda! — Claire gritou, e Shane riu.

— Ela acabou de falar uma merda — ele disse, então Eve e Michael ambos deram a ele olhares preocupados. — É verdade. Ela falou.

— Estou realmente assustado com você, docinho — Eve disse lentamente. — Sério, você não pode ouvi-la. Você não pode.

— Porque ela está morta? Não me chame de docinho ou baby ou querido, ou rosquinhas de marshmallow com cobertura de chocolate, ou qualquer palavra código para louco, porque eu não estou inventando isso! — Shane gritou dessa vez. — Ela me parou de... — Ele fez uma pausa, naturalmente se corrigiu, e disse: — Ela derrubou aquele maldito gato amarelo do quarto dela. Eu pedi para ela fazer e ela fez.

— Talvez você devesse descansar um pouco — Michael disse.

— Talvez você devesse parar de me tratar como se eu tivesse danos cerebrais! Olha, pela primeira vez, apenas confie em mim. Você sabe o quanto me faz querer vomitar ao dizer isso, mas Myrnin estava certo. A casa salvou



ela, só que ela não é tão forte quanto você era, ou a conexão não é, ou algo assim. Eu sei que ela está aqui.

Michael olhou para ele, uma carranca se formou em sua testa, e quando Eve começou a dizer algo, ele estendeu a mão e silenciou-a com uma mão em seu braço. — Espere — ele disse. — Que horas foi isso?

— Eu posso ouvi-la agora, cara.

— Quando você a viu. Quando ela derrubou o gato.

Shane pensou nisso por um momento, então disse: — No pôr do sol. Por aí. Já estava escuro no quarto dela.

— Pôr do sol — Michael repetiu. — Você tem certeza.

Shane deu de ombros. — Eu não estava exatamente olhando o relógio, mas sim, acho que sim.

— O quê? — Eve perguntou. Ela afundou-se em uma das cadeiras desbotadas da sala e olhou para ele com uma mistura de medo e esperança. — O que foi?

— O pôr do sol era quando eu me manifestava na forma física — Michael disse. — Talvez, se ele estiver certo, é quando Claire pode aparecer. Um pouco. Shane, você tem certeza...

— Se você me perguntar se eu estou imaginando isso de novo, eu vou te dar um soco, Homem Morto Andando.

Michael ergueu as sobrancelhas e olhou para Eve. — Ele não parece um louco.

— É... — ela esclareceu, — mais louco. Ele soa como se ele estivesse de volta ao normal, que é uma referência de louco.

— Falando a menina gótica vestida de luto — Shane disse. — Sério, quem compra um véu de renda preta? Você mantém isso por perto para ocasiões especiais como baile e aniversários de crianças?

Claire sentiu uma risada borbulhando. Isso... isso era o que ela queria. Vida. Uma vida normal, mesmo que ela não estivesse ligada a forma que ela tinha sido.

Isso era próximo. Eu vou voltar. Eu tenho que voltar.

Eve penteou para trás uma rede transparente que estava sobre o seu rosto. — Desculpe-me, mas a minha melhor amiga acabou de morrer, aqui mesmo, em nossa casa! E você está zombando de mim?

— Ela não se foi, Eve. E essa é uma indicação de moda ridícula, até mesmo para você.



Michael não estava sendo desviado, Claire percebeu. Ele ainda estava observando Shane, e mesmo que ele acreditasse, ele ainda estava desconfiado. — Você disse que ela parou você. De fazer o quê?

A linguagem corporal de Shane mudou. Seus ombros retos e curvados foram para a frente um pouco, como se ele estivesse se protegendo de um ataque. — Nada.

Michael sabia; Claire percebeu. Ele conhecia Shane há muito tempo; ele tinha visto ele atingir o fundo do poço mesmo antes de Claire ter conhecido o garoto. Ele tinha estado lá quando Shane tinha sido arrastado para fora de sua casa em chamas, gritando por sua irmã.

Se alguém podia adivinhar o que Shane estava prestes a fazer, era Michael, e pela sua expressão, Shane sabia disso também.

— Você não vai fazer nada de novo, não é? — Michael perguntou. — Porque se você for, venha falar comigo. Por favor.

Shane acenou com a cabeça, uma pequena sacudida.

— O quê? — Eve perguntou, transtornada.

Shane mudou de assunto rápido. — Claire? Olha, você pode tentar novamente? Veja se você pode fazer algum barulho. Qualquer coisa.

Era quase meia-noite, e Claire estava cansada de tentar, mas ela se concentrou mais uma vez, e empurrou o vaso empoeirado em cima da mesa ainda mais empoeirada.

Ele balançou, só um pouco.

Apenas o suficiente para fazer um suave som de atrito.

Eve gritou e pulou para fora de sua cadeira, olhando para o vaso; ela tinha estado mais próxima dele. — Vocês ouviram isso? — ela perguntou. Ela pegou o vaso e depois o colocou de volta para baixo. — Ele se moveu. Eu ouvi!

— Eve, relaxe — Michael disse. — Se ela o moveu, não foi muito. Isso significa que ela é realmente fraca, se isso é o melhor que ela pode fazer à noite.

— E? — Shane perguntou. Ele deu um passo para a frente. — O quê?

Michael balançou a cabeça. Ele pegou o vaso, passou os dedos sobre a superfície empoeirada e colocou-o de volta para baixo. — Claire, se você pode me ouvir, faça novamente. Experimente.

Ela concentrou-se tão forte que parecia que ela poderia entrar em colapso em um pequeno ponto branco, como uma estrela morrendo, e o vaso tremia e balançava. Não era muito, mas era o suficiente.



Michael o segurou, e sorriu. Um sorriso verdadeiro e ardente de alívio. Ele fechou os olhos por alguns segundos, em seguida, abriu-os e disse: — Obrigado.

— Eu estava certa, não estava? — Eve de repente gritou e saltou como uma líder de torcida, acenando com as mãos no ar. O véu de luto preto flutuava no ar atrás dela como uma nuvem. — Sim! Sim! Sim!

— Espera aí, você estava certa? Eu estive gritando com vocês durante meia hora enquanto vocês me davam olhares tristes e aconselhamento! — Shane gritou de volta, mas ele estava sorrindo agora. Ele correu até Michael e abraçou-o ferozmente, então até Eve, pegando-a no ar quando ela gritou de alegria. Ele girou ela ao redor. — Ela está aqui. Ela realmente está aqui!

Claire queria se jogar no sofá, mas sendo insubstancial, se jogar era meio que teórico. Ela se acomodou pairando perto dele, e moveu-se rapidamente quando Shane se atirou preguiçoso em alívio e desleixo sobre as almofadas. Ele cobriu o rosto com as mãos por um momento. Quando ele olhou para cima novamente, seus olhos estavam cheios de lágrimas. — Ela está aqui — ele disse de novo, mais suavemente. — Obrigado Deus.

— Claire? Faça de novo, com o vaso — Eve disse. Ela se ajoelhou e olhou fixamente para ele. — Vá em frente, faça!

Ela alcançou profundamente novamente, mas não havia nada restante, não de verdade... e então ela sentiu um fio tênue, um sussurro de poder. *É claro.* A casa tinha poder, uma grande quantidade dele. Ela pode não ser uma Glass, mas isso era algo — e tinha salvado ela. E se ela tivesse cuidado, talvez ela pudesse desviar um pouco...

Ela poderia realmente ver o poder atravessar as paredes e vigas agora, uma gaiola estreita de luz. Lá, bem no meio, tinha uma linha pulsante particularmente brilhante como... bem, como um vaso sanguíneo.

Ela tocou-o e levou um choque, um pequeno, não do tipo que doía, mas uma sensação de estabilidade e calor.

Em seguida, seus dedos afundaram no fluxo de poder, e o vaso voou para fora da mesa, bateu na parede e quebrou em pedaços, e Eve suspirou e caiu para trás, olhando. Ela se levantou e fez uma dança da vitória. — Isso! Isso, essa é a minha garota!

Claire sentiu uma onda de poder, e quando ela olhou para trás, Hiram Glass estava atrás dela. — Pare — ele disse. — Tire as mãos disso. Agora.



Ela o fez, e a remoção repentina da onda de energia a deixou se sentindo ainda mais fraca e menos real do que antes. Claire sentiu toda a sua alegria derreter, mesmo enquanto a sua família da Glass House estava comemorando.

Hiram estava *com raiva*.

— Sua criatura estúpida — ele sibilou. — Nunca mais toque na minha alma novamente. Você entendeu? Você não é uma Glass. Você não pertence aqui, não importa o que a casa pense. Ela é uma besta burra. Um animal de estimação. Ela não tem inteligência. Eu digo quem vive e morre, não a casa, e eu não escolho lhe ajudar.

— Sinto muito — ela disse. Ela esperava que Shane não pudesse ouvi-la agora ou ouvir o medo em sua voz. Havia algo terrível em Hiram agora, algo frio, sombrio e violento. — Eu não tive a intenção...

Hiram deu a ela um sorriso seco e cruel. — Você não vai durar — ele disse. — Você já está começando a sentir isso. Você é como uma pós-imagem do sol — um fantasma, queimando por um momento, mas depois de alguns minutos indo embora. A casa pode ter salvo você temporariamente, mas você é apenas uma memória sem a minha ajuda. E memórias desaparecem, Claire. Elas desaparecem.

Não, isso não podia ser verdade. Não podia. Ela olhou para Shane, rindo, batendo o punho no de Michael. Eve estava girando em delírio, pegando Michael em seus braços e o beijando.

Isso não poderia ser temporário. Simplesmente não podia.

Hiram deu outro pequeno sorriso amargo quando ela disse isso, encolheu os ombros e deslizou para o nada.

Ele nem sequer se preocupou em convencê-la.

Isso, mais do que qualquer outra coisa, fez ela ter a certeza dolorosa de que ele não estava mentindo.



Ninguém dormiu. Claire não podia mover objetos mais, não importava o quanto tentasse, e o esforço a tinha esgotado — mas fantasmas, aparentemente, não precisavam de inconsciência como os seres humanos. Ela ficou acordado, à deriva, observando enquanto os seus amigos gritavam de alegria, cada um com uma cerveja em comemoração.

— Isso é estranho — Shane disse, bebendo uma enquanto Michael tirava a tampa da sua própria. — Quero dizer, sério. Ela morreu hoje. Devemos...



— Ela não está morta — Michael disse. — E nós vamos trazê-la de volta. Você me convenceu, cara. — Ele ergueu a mão, e Shane bateu a palma na mão erguida. — Mas precisamos de Myrnin. Ele é o único que disse que poderia conseguir.

— Eu tenho o número do celular dele — Eve ofereceu. — Claire me deu. Podemos ligar?

— Os telefones estão fora de área — Michael lembrou. Ela parecia transtornada. — Eu vou ter que ir buscá-lo.

— E quanto a coisa do portal? Você pode atravessá-lo, espere. — Eve virou-se para Shane, franzindo a testa. — *Você* passou por ele, não foi? Como você fez isso?

Shane deu de ombros. — Não sei exatamente. Eu não tenho certeza se eu poderia fazer novamente.

— Ok, Michael?

Ele balançou a cabeça. — Eu não tenho a coisa certa, eu acho. Eu tentei. Mesmo que eu consiga abrir, só fica preto. Parabéns, cabeçudo; você consegue fazer algo que eu não consigo.

— Eu vou adicionar à lista — Shane disse arrogantemente. — Então, você quer que eu tente?

— Não vai adiantar de nada — Claire disse. Ela tinha que se concentrar mais do que antes, e ela não tinha certeza de que Shane tinha a ouvido, então ela repetiu. Ele se sacudiu e olhou para o ar vazio, nem remotamente perto de onde ela estava flutuando. — Myrnin não está lá. Amelie levou ele para a Praça da Fundadora.

— Diga isso de novo — Shane disse. — Algo sobre Myrnin?

Ela se recompôs e tentou novamente. Foi ficando mais difícil. Talvez fosse apenas porque Hiram tinha a assustado tanto, mas ela achava que não. — Myrnin na Praça da Fundadora — ela disse novamente e claramente. Ela olhou para a estrutura de poder ardente que corria pelas paredes da Glass House com desejo de verdade, mas ela não se atreveu a tentar tocá-las novamente. Hiram saberia.

— Praça da Fundadora. — Shane tinha fechado os olhos para ouvir, e agora ele os abriu e olhou para Michael. — Claire disse que ele está na Praça da Fundadora.

Michael inclinou a garrafa e bebeu cerca de metade em três goles longos, em seguida, colocou-a para baixo. — Eu não posso ir pelo caminho mais fácil — ele disse. — Eu tenho que ir pessoalmente, pegá-lo e trazê-lo de volta.



— Mas, e se ele não vier? — Eve disse com os olhos arregalados, quando ela ansiosamente virou a cerveja não bebida em suas mãos. — Michael, e se Amelie não deixar você voltar, também? Não vá. Eu tenho um mau pressentimento.

— Eu vou voltar — ele prometeu a ela. — Como eu poderia deixar você? — Ele a beijou, longamente e docemente. Ele a deixou sem fôlego, com salpicos de cor subindo em seu rosto pálido.

— Talvez devêssemos ir junto — Shane disse. — Força dos números, cara. Michael sorriu para Eve e balançou a cabeça. — Depois que ela bateu na cara da Fundadora? Não é uma boa ideia. Vocês dois não são vampiros. Eu vou sozinho, e eu volto com Myrnin.

Ele foi até a cozinha, onde pegou as suas chaves, e então ele olhou em volta e disse: — Claire? Você está aqui?

Ela tentou fazer a coisa de entrar dentro dele, mas claramente, ela não era poderosa o suficiente agora para fazer isso. Mesmo se movendo através dele não funcionou.

— Eu não quis dizer a eles, mas, se eu não voltar, Claire, você tem que encontrar uma maneira de ficar com Shane. De alguma forma. Entendeu? E de cuidar de Eve. Eu preciso que você me prometa.

Ele não estava confiante agora, não como ele estava quando estava na frente dos outros. Ele sabia que era perigoso, ir lá fora. Mortalmente perigoso.

— Eu vou — ela disse. Ele ainda não podia ouvi-la. Mesmo que não fosse uma boa ideia, ela estendeu a mão e tocou na linha de energia da casa, absorvendo a energia. Ela ouviu a voz dela realmente soar e ecoar aqui no mundo em preto-e-branco quando ela disse: — Eu vou fazer tudo que eu puder, Michael. Eu amo você. Cuidado.

Ele a ouviu. Ela viu o alívio banhá-lo, e ele sorriu, e então ele se foi.

Claire soltou as ripas de madeira pulsantes de poder, e imediatamente se sentia exausta. Fina. *Murcha*.

Ela viu um flash de cor — cor neste mundo-preto-e-branco — e saltou no ar para conseguir ver.

Apoiando-se contra a porta da cozinha fechada, isolando-a de Shane e Eve, estava Hiram. A cor veio do colete vermelho de brocado que ele usava, e o brilho do ouro de uma corrente do relógio. Ele parecia quase real, quase mais real do que os seus amigos vivendo em seu mundo preto-e-branco.

— Eu avisei — ele disse. — Eu avisei para não tocar nisso de novo.

— Michael precisava me ouvir.



— Ele está correndo para uma missão de tolos, e se ele morrer lá fora, eu não posso salvá-lo novamente — Hiram disse. — Isso é culpa sua, menina. Ele está determinado a salvar algo que não é mais real.

— Eu sou real! — ela retrucou. — Mais real do que você.

Ele olhou para si mesmo, todo glorioso e multicolorido, e Claire se sentiu estúpida por dizer isso. Claro que ele era mais real, ou, pelo menos, tinha mais poder. — Eu já disse antes: a casa gosta de você. Não significa que eu tenho que gostar de você. É tudo instinto. Eu sou o cérebro, Claire. E eu decidi que é perigoso. Você continua cometendo erros estúpidos, tocando coisas que você não está autorizada a manusear. Você é uma criança em uma sala cheia de vidro.

— Você quer dizer que eu sou perigosa para você? — ela perguntou.

Hiram sorriu, mas era uma coisa terrivelmente fria. — Eu deveria ter rasgado você e jogado para fora quando você cruzou pela primeira vez.

Claire recuou instintivamente. Havia algo real nele, mesmo que ele fosse um fantasma assim como ela. Hiram tinha poder. Mais do que ela pensava. O que ele disse? Algo sobre seus ossos no alicerce e o seu sangue na argamassa... eca. Mas isso o deixaria muito forte, ela imaginou. E muito territorial. Ele era parte da casa, mas a casa ainda era outra coisa, com a sua própria vontade. A casa a tinha salvo, e Hiram não concordava.

Perigoso.

Ele estava flutuando em sua direção, mesmo que ele não estivesse parecendo se mover. Claire hesitou por um segundo, e quando ela o fez, ele correu para ela. Ela tinha certeza absoluta de que, se ele a tocasse, a pegasse com aquelas mãos fortes, ele iria rasgá-la em pedaços.

Claire gritou e caiu diretamente através do chão. Era tudo o que ela podia pensar... e de repente ela estava caindo através da madeira, da tubulação suja, um rato totalmente assustado, um número horripilante de baratas, e dentro do porão sinistro e escuro, que, com as luzes apagadas, era *super-horrível* e arrepiante.

Era também perigoso. Ela ouviu a risada suave e sem corpo de Hiram. — Eu estou no *alicerce*, menina. Você acha que pode lutar melhor comigo aqui em baixo?

Claire não estava realmente certa de que ela poderia lutar, mas ele estava absolutamente certo: este era o último lugar que ela queria tentar. Em vez disso, ela se empurrou para cima, rápido, passando rapidamente através do chão, através da sala de estar, de novo no segundo andar, e...



... Na sala secreta, que era no mesmo nível do sótão. Este era o refúgio de Amelie, de quando a casa tinha sido originalmente construída (Hiram, ela imaginou, havia estado ali também). Ali sempre tinha sido o refúgio especial de Claire quando as coisas ficavam intensas, e agora ela hesitou ali, tremendo, à espera de Hiram vir gritando através das paredes atrás dela.

Mas ele não veio. Ela escutou, ela estendeu os seus sentidos novos e muito estranhos (essa coisa de estar-morta dava um trabalho), e ela não sentiu... nada. Era como se este quarto existisse em uma casa completamente diferente. Ele ainda parecia diferente... e, ela percebeu com um choque repentino, ela definitivamente tinha a sensação de que ele era diferente, porque as luzes estavam acesas, e ela podia ver o veludo vermelho e empoeirado do sofá, a madeira marrom e o vidro colorido das lâmpadas da Tiffany parecido com joias.

Cor.

Quando ela fechou os olhos, ela podia sentir Hiram, mas ele estava fora do quarto. Ele bateu no chão e saltou, e agora ele estava circulando ao redor como um tubarão, à procura de um caminho para entrar.

De alguma forma, a influência de Amelie fez deste um refúgio não só no nível físico, mas a este nível também.

Ela estava segura, desde que ela ficasse ali.

Não só isso, mas ela realmente podia ver a si mesma, como uma imagem transparente muito fraca, e quando ela tentou sentar no sofá, ela realmente sentiu a gravidade.

Isso estava tão perto do real como se ela tivesse sido o dia todo, ao que parecia, e ela enrolou-se no veludo que quase podia sentir e fechou os olhos.

Michael voltaria, ela disse a si mesma. *Logo. E Myrmin vai estar com ele.*

Ela ia sair dessa.

Ela *tinha* que sair dessa.



Claire não dormiu exatamente, mas a quietude e paz macia do quarto a deixou... à deriva. Quando ela ouviu o estalo da fechadura na porta, porém, ela ficou ereta no sofá em terror.

Hiram tinha conseguido um jeito de entrar.



Só que... não era ele. Não era Hiram. Ela ouviu passos na escada e, em seguida, Shane estava ali no quarto dizendo: — Claire? — Ele parecia ansioso. — Claire, você está aqui?

— Sim — ela disse.

Sua cabeça girou ao redor e seus olhos se arregalaram. *Ele me ouviu. Não, ele me viu!*

— Claire — Shane disse, e o alívio em sua voz era intenso. Ele hesitou por um segundo, em seguida, apontou para ela. — Não se mova. — Ele caminhou pesadamente enquanto descia as escadas e gritou: — Encontrei-a! Ela está aqui!

— Okay! — Eve gritou de volta. — Hum, você quer que eu vá agora, ou...?

— Não — ele disse. — Não agora.

— Eu vou tomar um banho então.

Eve, Claire pensou com um sorriso, sempre tomava banho quando ela estava nervosa e preocupada. Ela provavelmente estava muito preocupada com Michael.

Shane fechou a porta do quarto e disse: — Lá se vai a água quente. — Ele subiu os degraus e olhou para o sofá, para ela. — Eu posso ver você — ele disse.

— De verdade? Eu estou sólida? — Ela olhou para si mesma. Ela não estava, não de verdade, pelo menos para os seus próprios olhos. Mais era como um verdadeiro fantasma — estava lá, mas não estava.

Shane estendeu a mão devagar e tocou em seu braço, e onde ele tocou... onde ele tocou, parecia real. A sensação era real. — Sim — ele disse. Soou muito suave, e não muito estável. — Sólido. — Ele sentou-se no sofá e, antes que ela pudesse sequer pensar em se mover, ele agarrou-a e abraçou-a. Quando ele a tocou, onde seu corpo foi pressionado contra o seu, tudo parecia certo de novo, como se ele estivesse ancorando-a de volta ao mundo. Ele a beijou, e foi tão correto quanto, todas as sensações, todos os gostos, a sensação aveludada quente dos seus lábios... tão incrível.

Ela não sabia exatamente como tinha acontecido, mas ele estava estirado no sofá, e ela estava deitada em cima dele, e era tão delicioso, doce e maravilhoso. Seus dedos acariciaram através de seu cabelo, e eles desceram para alisar o seu rosto.

— Você me torna real — ela disse, maravilhada. — É você.

Ele não disse nada. Não com palavras. Foi tudo apenas um borrão depois disso, belo, estranho e perfeito, e ela não queria largar, nunca.

Mas quando ela finalmente abriu os olhos de novo e olhou, ela percebeu que havia algo errado. Shane estava dormindo ao seu lado, enrolado apertado



contra ela, mas ele estava... desbotado. As cores de sua pele, seu cabelo, elas eram pálidas agora. Quase tão preto-e-branco como tinham sido no térreo, fora deste quarto.

E ela estava mais brilhante. Mais viva.

Ela tomou isso dele.

Claire se levantou e se afastou do sofá. Shane murmurou e estendeu a mão para ela, mas ela ficou onde estava, a uma distância de braço. — Eu não posso — ela sussurrou. — É o quarto, é o quarto de Amelie; ele está fazendo algo com a gente...

— Ele está fazendo você se tornar real — ele disse. — Está tudo bem.

— Não, não, não está. Você está desaparecendo, Shane. E eu não posso fazer isso.

Ela parecia de verdade agora, e se sentia de verdade, mas não a esse custo. Nunca.

— Claire... — Shane tentou se levantar, mas ele estava fraco, e ele quase caiu. Ele afundou-se no sofá, parecendo pálido. — Uau. Tontura.

— Você tem que ir embora — ela disse. — Você tem que me deixar aqui. Eu vou ficar bem até Myrnin vir. Por favor, Shane. Você não pode ficar.

— Eu vou — ele disse. — Mas só se você me der um último beijo.

Ela não queria, mas não podia se parar, tampouco. Ele se levantou, se equilibrou e caminhou em direção a ela. Ela recuou, mas a parede atrás dela a parou; se ela atravessasse a parede, Hiram estaria lá, esperando.

Shane a beijou. Ele foi caloroso, encantador e cheio de promessas, e então ele deu um passo para trás, sorrindo.

Mas ele parecia ainda mais desbotado.

— Vá — ela sussurrou. — Vá agora, Shane. Por favor. Eu amo você, e você tem que ir.

Ele pegou a sua calça jeans e vestiu ela, agarrou a sua camisa e vestiu-a também. — Eu não vou perder você — ele disse. — Eu estou falando sério. Eu não vou.

Ela sorriu para ele, e o observou ir.

Em seguida, ela se esticou no sofá de veludo, no fantasma do calor dele, e apenas por um tempo, ela fechou os olhos e sonhou.



CAPÍTULO 14

MICHAEL

A coisa que a maioria das pessoas esquece, quando elas começam a falar sobre ser um vampiro, é que eles são solitários. Eles *deveriam* ser solitários. Os vampiros são predadores. Eles são mais como tigres perambulando em territórios do que lobos, que caçam juntos em um grupo cooperativo. Tigres não formam bandos. Eles estão sozinhos, e eles deveriam estar.

Morganville sempre pareceu forçado e artificial para mim quando eu era um ser humano respirando, mas agora... agora eu percebi o quão forçado e artificial era no lado noturno da equação também. Tendo tantos vampiros tão próximos, e perto de suas presas naturais e ao mesmo tempo circundando tudo com regras e comportamentos sociais... Eu não acho que qualquer um dos seres humanos, nem mesmo aqueles que eram mais próximos de nós, suspeitavam do quão difícil realmente era.

Eu tinha me adaptado melhor do que a maioria, porque eu comecei a minha vida sobrenatural como um fantasma, preso em minha própria casa. Eu havia me tornado um vampiro apenas por necessidade, porque era a única maneira de recuperar a minha liberdade, até mesmo uma parte dela. E por esse tempo, eu tinha me acostumado a ter os batimentos cardíacos e as vidas dos meus amigos em volta de mim.

Eu tinha me adaptado a Eve estar tão perto, tão viva, tão *disposta*. Na maioria das vezes, pelo menos.

Mas não era fácil. Nunca foi. Ainda assim, eu pensei que eu soubesse no que eu estava me metendo. Eu pensei que tudo isso fosse uma existência estável e gerenciável. Morganville, onde os vampiros haviam se forçado a serem civilizados.

Mas quando eu cheguei à Praça da Fundadora, eu comecei a perceber que era tudo mentira.



Tudo.

Havia vampiros presentes — sempre havia — e eles estavam fechando suas lojas. Muitas delas eram abertas durante toda a noite, atendendo aventureiras hard-core com pulsos, e os sem, mas todos os edifícios eu vi fechados. Os vampiros estavam bloqueando as portas, carregando objetos de valor e dinheiro, e se preparando para o desligamento ordenado de toda a nossa cidade.

Eu parei uma vampira que eu conhecia ligeiramente — Breana — e disse: — Nenhum ser humano por perto?

Ela me deu um olhar, como se eu fosse deficiente mental. — Não — ela disse. — Claro que não. Eles estão confinados em suas casas até nós irmos embora. — Ela estendeu a mão e agarrou um portão de metal sanfonado e puxou-o para baixo enquanto o portão dava um grito de metal. Ele bateu na calçada derramando pedaços de ferrugem laranja, e ela o prendeu no lugar com um cadeado grande. — Você já conseguiu o seu assento? Não? Vá para o escritório de Amelie. A assistente está dando passes. Você vai precisar de um para a evacuação. — Breana colocou as chaves no bolso e foi embora carregando uma maleta de metal, provavelmente contendo todos os itens mais valiosos de sua loja de joias. Vampiros tendem a viajar leves, e investir em uma riqueza tangível, algo facilmente negociável.

As luzes da sua loja estavam apagadas, mas eu ainda podia ler a placa que ela colocou na janela.

FECHADO PERMANENTEMENTE.

Eu fui para o escritório de Amelie. Eu disse a Shane que eu levaria Myrnin, mas eu sabia que isso ia ser um desafio... um dos grandes. Um desafio de exatamente onde eu me encaixava em Morganville, e com Amelie, e eu iria tomar cada pitada hereditária de respeito que eu tinha por ser o neto de Samuel Glass, e o último filho de uma das primeiras famílias humanas na cidade, para forçá-la até mesmo a abrir a porta.

Minhas chances de ser capaz de realmente levar Myrnin para casa comigo? Pequenas. Assim como eram as minhas chances de ser capaz de eu mesmo ir embora. Mas eu tinha que tentar, por Shane, e por todos nós. Nós precisávamos de Claire. Eu não tinha percebido o quanto ela mantinha todos nós juntos até que eu a tinha visto deitada, imóvel e pálida... até que ela se foi, e eu senti tudo o que tínhamos colapsando. Shane não sairia dessa, não sem esperança.



Claire era sua esperança. Eu acho que de alguma forma ela era a minha também, e de Eve; era ela que sempre fazia as coisas calmamente, mesmo quando o resto de nós pensava que as coisas eram impossíveis.

E foi isso que a matou, alguma parte do meu cérebro insistia em me dizer. Eu nem sequer sei porquê alguém a queria morta; Shane e Eve tinham peças do quebra-cabeça, mas não o suficiente.

Eu precisava saber disso até mais do que eu precisava levar Myrnn.

Entrar para ver a Fundadora normalmente não era grande coisa para mim; eu tinha um passe da família Glass, afinal. Mas hoje, eu podia ver que não ia ser fácil, ou rápido. Havia um monte de vampiros no corredor, todos com uma linguagem corporal tensa e feroz que falava mais do que rosnar e mostrar os dentes para a necessidade de fazer valer os seus limites territoriais. Juntar tantos assim era uma má ideia.

De jeito algum eu conseguiria forçar o caminho. Havia talvez trinta vampiros que enchiam o espaço, e cada um deles tinha pelo menos cem anos a mais do que eu. Eles também não tinham muita paciência, uma vez que eles provavelmente sobreviveram séculos em virtude de serem ricos, poderosos e implacáveis.

Demorou uma hora para a fila seguir em frente até que eu pudesse realmente ver a porta aberta do escritório da Fundadora. O corredor era longo, com tapetes felpudos e retratos brilhantes nas paredes, mas só agora eu percebi que eu podia sentir o cheiro de desespero no ar.

Dois vampiros antes de mim na fila entraram em uma competição de gritos sobre qual deles era o mais próximo de algum trono esquecido. Eu não me importei. Eu estava imaginando Eve e Shane em casa, e o que poderia acontecer se o assassino de Claire voltasse.

Eu agarrei um dos dois — o mais alto, usando um terno de negócios antigo — e o empurrei para dentro. — Desculpe — eu disse para a surpresa do menor. — Isso vai mais rápido se vocês não medirem as suas árvores genealógicas. Apenas calem a boca.

Ele me deu um olhar clássico *Você sabe quem eu sou?*, e estava à beira de abrir a boca para me dizer — não que eu me importasse — quando de repente a própria Fundadora estava de pé na porta de frente por causa de nós dois.

Amelie não se parecia com a Fundadora que eu tinha crescido. Ela sempre parecia fria, perfeita e da realeza, e embora eu já tenha visto ela emocionada de vez em quando, eu nunca pensei nela como fraca.



Agora, ela parecia... frágil. E tensa o suficiente para quebrar. E ela tinha perdido a frieza.

Ela deu ao outro vampiro um olhar que totalmente o silenciou, e apontou para mim. — Venha comigo — ela disse, e desapareceu. Eu apertei o Príncipe Tanto Faz antes que ele pudesse protestar por ter sido menosprezado, e vi o outro, o mais alto Príncipe Tanto Faz pegar uma folha de papel das mãos da assistente de Amelie, Bizzie. Ele tinha um número impresso em negrito na parte superior.

— Agora — Bizzie estava lhe dizendo, — este é o seu assento e número do carro. Você vai levar apenas o que você vê na folha. Nada mais. Você não pode levar animais de estimação, animais ou humano. Nem lanches pessoais serão permitidos...

Eu não ouvi o resto, porque Amelie tinha entrado em seu escritório particular, e eu tinha seguido rapidamente.

— Feche a porta — ela disse quando eu hesitei. Eu fechei, e ouvi um bloqueio se fechar automaticamente. — Sente-se.

— Eu vim buscar Myrnin — eu disse. — Eu preciso dele.

Ela nem sequer olhou na minha direção enquanto caminhava para as janelas e olhava para fora na noite. Havia menos luzes do que o habitual. Até a lua estava escura, escondida atrás das nuvens. Algumas gotas intermitentes de chuva atingiam o vidro como balas de metralhadora, impulsionadas por uma rajada de vento.

— Você não pode levá-lo — ela disse. — Eu coloquei ele para trabalhar em coisas importantes. Coisas sérias.

— Amelie...

— Não — ela disse, muito calmamente. — Não ouse utilizar a minha amizade com a sua família, ou o meu apreço pessoal pelo seu avô, ou até mesmo por você. Sentimentalismo nos trouxe até aqui, nos deixou complacentes e estúpidos. Não mais.

— Amelie, o que aconteceu? Apenas me diga. Explique.

— Eu não vou mais me explicar, Michael. — Ela virou-se, e havia algo em seu rosto, seus olhos, sua linguagem corporal, que me fez dar um longo passo para trás. — Eu permiti que você me visse para que eu pudesse deixar isso bem claro. Você não pode optar por permanecer com a garota que você ama. Você não pode optar por ficar com os seus amigos. Esse tempo já passou, para todos nós. Você vai seguir as suas instruções de evacuação e esperar lá embaixo, ou eu vou pedir aos meus guardas para levá-lo para um quarto e trancá-lo.



Eu esperava — bem, um monte de coisas, mas eu nunca realmente imaginei que ela iria tão longe.

— O que matou Claire? — eu perguntei. Não quem a matou — eu já estava percebendo que era irrelevante.

— O inevitável — ela disse. — Ela sabia demais, ao que parece, mais do que ele podia permitir. E se ele atuou tão abertamente, até mesmo as preparações que eu fiz não vão salvar a todos nós. Alguns serão perdidos. Alguns vão ser tolos e se tornarem vítimas prontas. Mas não você, Michael. Você já tem sido tolo o suficiente de vir aqui sozinho.

— Eu não vou deixar Eve para trás — eu disse. — Eu amo ela. Eu apenas não vou...

Ela se afastou de mim para se virar para a porta exterior. Eu não tinha ouvido nada, mas ela deve ter ouvido; ela apertou um botão em sua mesa, e o bloqueio destrancou.

Myrnin entrou.

Ele pareceu... bem, diferente. São, para variar. As pupilas de seus olhos estavam arregaladas e dilatadas, e eu me perguntei se ela o tinha drogado, ou ele tinha feito isso a si mesmo. Ambos poderiam ser verdade. Ele fechou a porta sem ser solicitado e ficou ali com as mãos cruzadas atrás das costas, como um colegial reportando-se ao professor. — Está feito — ele disse. — Frank foi programado com todas as sequências necessárias. Ele vai iniciar e se desligar uma vez que for confirmado. Em seguida, a contagem regressiva será iniciada. Está tudo pronto para começar ao anoitecer de amanhã.

Anoitecer de amanhã. Tinham dito que todos os residentes humanos de Morganville tinham que estar presentes na Praça da Fundadora. — Contagem para o quê? — eu perguntei. Se Myrnin tinha definido Frank para algum tipo de modo de suicídio, era terrível. Realmente terrível.

Amelie e Myrnin ignoraram ele. — Eu preciso de você para me ajudar a rastrear os últimos movimentos de Oliver — ela disse. — Eu percebo que não há maneira de controlar Magnus diretamente, mas sabemos que Oliver desapareceu dentro de um curto espaço de tempo. Talvez existam indícios para ser visto, mesmo agora.

Myrnin franziu a testa e balançou desconfortavelmente para trás e para frente. — Você quer ir atrás dele? É... não é sábio.

— Eu não pretendo realizar um resgate — ela disse. — Eu não posso. Oliver está perdido, assim como o resto. Mas se nós soubermos onde os *draugs* estão



reunindo aqueles que eles tomaram, podemos isolá-los. Talvez possamos contê-los e ganhar algum tempo.

— Improvável. Você sabe o quão facilmente eles poderiam...

— Eu sei — ela interrompeu, e acenou para ele. — Sem mais conversa. Vá.

Myrnin colocou uma mão em seu peito e curvou-se, só um pouco. Quando ele o fez, ele lançou um olhar para mim. Este olhar era como uma faca afiada. Amelie virou as costas para a janela, e quando Myrnin se endireitou, sua boca gesticulou duas palavras para mim.

Me siga.

Eu o deixei ir embora, e ouvi o clique da fechadura fechar atrás dele. Amelie esperou, silenciosa como uma sepultura, até que eu disse: — Você diz que eu não tenho uma escolha, mas eu tenho. Eu posso cooperar ou ser arrastado. Certo?

— Sim — ela disse. — Eu lamento que essas sejam as únicas opções que eu possa oferecer. Deixe os seres humanos para trás agora, Michael; amanhã vai ser mais difícil. Você entendeu?

— Você realmente consegue fazer isso facilmente. Somente... acabar com as coisas.

— Sim — ela disse. Ela parecia cansada agora, e triste. — Infelizmente, eu posso. E eu vou. Assim como você. Então, o que vai ser? Desça as escadas voluntariamente ou com um guarda para uma sala trancada? Você não pode sair. Eu garanto isso.

— Então eu vou por mim mesmo — eu disse. — Mas isso não acabou. Confie em mim.

Ela não se preocupou em dizer o quão era inútil dizer isso. Ela simplesmente apertou o botão em sua mesa, e me dispensou. Eu não tinha dúvida de que ela tinha pessoas me observando, prontas para atacar, mas Myrnin tinha sido definitivo.

E isso significava que Myrnin tinha um plano. Um plano louco, com certeza, mas agora, eu pegaria qualquer coisa.

Eu saí do escritório e fui para o corredor, em seguida, olhei para a direita. Nada apareceu nessa direção. Estava inteiramente vazio e calmo.

À esquerda havia um grupo de vampiros, todos esperando impacientemente em volta da mesa de Bizzie.

E atrás deles, eu vi Myrnin de pé no final do corredor. Ele esperou até que eu o avistei, em seguida, foi na direção oposta dos elevadores.



Eu passei pelos vampiros em espera, a maioria me mandando olhares venenosos ou presas brilhantes. Eu consegui não ser mordido de alguma forma. Quando eu alcancei um espaço relativamente livre, eu me movi mais rápido. Myrnin não tinha diminuído o passo, e já que eu não me atrevia a correr, eu não podia exatamente acompanhar.

Eu olhei para trás. Dois dos melhores e mais perspicazes capangas de Amelie tinham saído de uma porta apenas cerca de quatro metros atrás de mim, e eles estavam me seguindo. Eu virei a esquina, indo para o lado errado, sabendo que eles chegariam em mim em segundos.

Eu corri, rapidamente, e as paredes borraram em torno de mim. Eu não podia ver Myrnin à frente, era apenas um corredor sem fim...

...e então algo me fez tropeçar, e eu estava caindo.

Até que uma mão me agarrou pelo braço no ar e me puxou, e no próximo microssegundo uma porta bateu, e eu estava no chão sendo empurrado para baixo por uma mão fria apertada sobre a minha boca.

Myrnin. Eu revirei os olhos para olhar ao redor, e pelo que eu pude ver vagamente, eu achei que estávamos em algum tipo de armário da limpeza. Ele era pequeno, apertado, e fedia a produtos de limpeza.

Ele olhou para mim depois de cerca de cinco segundos, e disse: — Temos menos de um minuto até que nos encontrem. Claire está viva?

— Eu pensei que você tinha dito...

— Eu estava esperançoso, mas você não estaria aqui se não tivesse visto a prova — ele disse. — E agora temos 45 segundos.

— Eu preciso de você — eu disse. — Ela precisa de você. Venha comigo.

— Eu não posso — Myrnin disse. — É impossível. Ela nunca vai permitir que eu saia. — Ele enfiou a mão no bolso do seu colete, deixou cair um punhado de bilhetes de cinema velhos, um embrulho de chiclete e algo que parecia um pedaço antigo de doces no chão. — Onde ele está... oh, que perca de tempo... espera... — Ele bateu nos bolsos. Eu pensei em lembrá-lo de sua própria contagem regressiva, mas honestamente, não faria bem algum. Myrnin, Claire dizia, tinha um padrão louco de tempo, não do relógio regular.

Ele encontrou uma folha de papel dobrada no bolso do paletó, olhou para ela, e entregou-a para mim. — Aqui — ele disse. — Vou precisar dessas coisas. Leve para mim, antes do amanhecer. Oh, e eu vou precisar do corpo dela.

Eu estava tentando ler a sua lista, mas isso me parou. Eu olhei para cima. — O quê?



— O corpo — ele repetiu. — O cadáver. Os restos mortais. A casca mortal. *O corpo dela*, idiota, leve para a casa, e agora nós estamos sem tempo, pelo amor dos céus, vá!

— Ir para onde? — Eu queria saber como Claire lidava com esta conversa louca, a insanidade súbita, as exigências — e então Myrnin me girou, colocou a mão no centro das minhas costas e me empurrou. Com força.

Eu tropecei para frente e levantei os meus braços, porque eu ia bater na parede em branco...

...E, em seguida, a parede desapareceu em um poço preto, uma confusão de cor, e o resto da minha queda passou por um vazio congelante e, em seguida, para dentro de um vento frio, aglomerado de chuva no meu rosto e o impacto das minhas mãos raspando na calçada.

Eu estava fora em uma parede de tijolos, em uma parte da cidade que eu não reconheci à primeira vista, até que eu encontrei as luzes distantes da Praça da Fundadora e vi a placa escurecida do Marjo's Diner, não mais aberto 24h.

Eu estava a meio caminho do outro lado da cidade, na direção completamente errada de casa... mas o lado certo da cidade para o único necrotério de Morganville, administrado por um vampiro estranho e severo chamado Sr. Ransom.

Eu estava perto de um poste de rua solitário piscando, e eu peguei o pedaço de papel e inclinei-o para capturar a luz. Era uma lista. Uma lista louca.

E a primeira coisa que tinha era CLAIRE — CORPO.

Ele é louco, eu disse a mim mesmo. Todos nós sabíamos disso, até mesmo Claire; Myrnin era menos louco quando estava em seu melhor dia, e eu não tinha certeza se este era o seu melhor dia. Ele estava medicado, com certeza. Isso pode ser uma coisa boa, é claro. Amelie não iria querer que ele estivesse disperso, então ela iria garantir que ele estivesse implacavelmente focado. Nesse caso, a lista louca que eu estava segurando podia realmente fazer sentido, em algum universo que Myrnin e Claire habitavam e que o resto de nós não.

Eu realmente não tinha escolha. Ele tinha me dado ordens, e uma lista, e se eu queria salvar Claire, ou ter alguma chance disso, eu precisava me mover.

No mínimo, Amelie ia ter um trabalhão para me encontrar.

E isso me fez sorrir, antes de eu sair correndo em direção ao necrotério.



O necrotério estava deserto quando eu quebrei a porta aberta e entrei. Ransom já tinha abandonado o local. Eu verifiquei os quartos de exibição, mas eles estavam todos vazios de caixões e corpos; eu suponho que ele realmente tinha a decência de se certificar de que todos os outros falecidos tinham sido enterrados.

Pelo menos, eu esperava que isso era o que ele tinha feito com eles.

Eu encontrei Claire fechada em um saco em uma geladeira grande no andar de baixo. Gelo tinha se formado nas dobras do saco, e o fecho estava duro, mas eu abri o zíper o suficiente para ver o seu rosto pálido e parado. Não estava apenas pálido mais. Estava um azul-branco e fantasmagórico, e as marcas no pescoço dela tinham ficado pretas.

Eu fechei e me perguntei o que eu ia fazer. Ela tinha morrido há horas, e eu sabia o suficiente sobre os mortos para entender que ela, provavelmente, estava rígida.

Eu honestamente não tinha certeza de que eu poderia tirá-la. Havia algo terrivelmente errado em ao menos tentar, mas Myrnin tinha sido insistente.

Vire homem, Mikey, eu disse a mim mesmo. Shane teria feito isso.

Eu tinha que fazer isso por ele.

Eu deslizei os meus braços sob os seus ombros e coxas e a levantei. Ela não era pesada, e ela também não estava rígida. De modo nenhum. Eu quase caí enquanto ela caía em meus braços, e tive que abraçá-la junto ao meu peito para equilibrá-la.

Eu não podia deixá-la no saco. Só parecia tão errado.

Eu tirei o zíper do plástico totalmente. Ela ainda estava vestindo as roupas que ela tinha morrido, o que era um alívio. Eu fui pegá-la novamente, com cuidado, como uma menina dormindo em vez de um corpo morto, e apoiei-a contra mim.

– Claire? – eu disse, de alguma forma ridícula esperando que ela abrisse os olhos e falasse comigo, porque ela parecia... quase viva. Sua cor estava errada, e ela estava fria, mas ainda assim... e era provavelmente melhor que ela não tenha respondido, porque isso teria sido muito estranho, mesmo para um vampiro enfrentar.

Levei-a para fora da geladeira, através da sala de laboratório, subi as escadas, e fui para fora pela porta da frente quebrada. Lá fora ainda estava chovendo, e com pequenas convulsões de ar, como se o céu estivesse tremendo



de frio. Eu baixei a cabeça sobre ela, de alguma forma não querendo que ela se molhasse e corri para casa.

Eu só consegui chegar até o fim do quarteirão antes que uma viatura policial virasse a esquina, e suas luzes azuis e vermelhas de repente apareceram e brilharam. Ela parou no meio-fio, e uma luz brilhante focou em mim.

— Espere aí — uma voz familiar gritou. Eu olhava contra a luz, e estava redirecionada para os meus pés em vez dos meus olhos.

Hannah Moses fechou a porta do carro e caminhou em minha direção, colocando seu cassete em seu cinto. — Michael Glass — ela disse. — Você planeja me explicar porquê você está roubando uma garota morta do necrotério?

— Para dizer a verdade — eu disse, — eu nem sei exatamente porquê eu estou fazendo isso.

Ela estava olhando para mim, não, ela estava olhando para Claire, com linhas sombrias de tristeza em seu rosto ao redor da cicatriz proeminente. — Nunca pensei que eu fosse vê-la morta — ela disse. — Eu honestamente nunca pensei.

— O problema é, ela não pode ter ido embora.

Suas sobrancelhas subiram, em seguida, caíram. — A casa.

— Você sabe?

— Eu tenho parentes na Casa Day, Michael. E eu passei um tempo lá. Há algo não muito certo sobre essas coisas. Fantasma. Eu ouvi eles crescerem.

— Eu acho que Claire ainda está lá — eu disse. — E nós vamos recuperá-la.

— Só vocês.

— Myrnin — eu disse. — E eu, sim. E Eve, e Shane. Então você tem que me deixar ir. Você tem que me deixar tentar.

Ela parecia cansada, e a tristeza não era toda para Claire. Ela parecia... derrotada. — Toda a cidade vai morrer — ela disse. — Você sabia disso? É a nossa casa, e está sendo desmontada em torno de nós. Que diferença faz uma garota contra tudo isso?

— Eu não sei. Talvez nada. Mas ela importa, Chefe. Ela importa para nós.

Hannah ficou em silêncio novamente, por um longo momento, e então ela suspirou e disse: — Coloque-a na parte de trás e vá com ela. Eu vou te levar para casa.

— Uh, eu não deveria exatamente estar fazendo isso...



— Amelie deu ordens para pegá-lo se eu o visse, dar um choque em você e arrastá-lo de volta à Praça da Fundadora por quaisquer meios necessários — ela me disse. — Eu não deveria estar fazendo isso, tampouco. Mas eu estou cansada de fazer o que as pessoas me dizem.

— Eu também — eu disse. — Obrigado.

Ela dirigia rápido, mas com cuidado. Nós passamos alguns carros da polícia, e ela me disse para me abaixar, mas ninguém tentou nos parar. Por que eles tentariam? Ela era chefe da polícia, e, pelo que eles sabiam, a parte traseira do carro estava vazia. Um vampiro fugitivo não deveria escapar em um carro da polícia.

O corpo de Claire parecia frouxo e relaxado onde repousava sobre os meus joelhos. Eu estava segurando o seu pescoço e cabeça parados. Passando pelos flashes de postes — onde ainda estavam funcionando — ela não parecia muito pacífica, apenas... vazia. Ela ainda tinha aquele olhar frágil, aquele formato bonito de seu rosto, mas tudo o que formava Claire estava desaparecido agora. Ela poderia ter sido qualquer pessoa.

— Eles vão estar checando a sua casa — Hannah disse. — Eu vou estacionar, bater na porta da frente e falar com Shane. Eles vão me ver fazendo isso. Você pegue ela e vá por trás. — Ela colocou o seu chapéu com um plástico e me olhou no espelho retrovisor. — Fique fora de vista das janelas quando você estiver lá. Amelie vai verificar a casa assim que ela perceber que você não está em qualquer um dos outros lugares. Vou tentar avisá-lo se eu puder.

— Obrigado — eu disse.

Ela encolheu os ombros. — Amanhã eu estou fora do emprego — ela disse. — Posso muito bem sair dando os dedos para os poderosos que vinham nos matando.

Eu pensei em perguntar o que ela quis dizer com isso, mas, em seguida, ela estava fora do carro, e minha porta dos fundos estava aberta só um pouquinho, e eu tive que entrar em movimento, rápido, com Claire equilibrada em meus braços. Ainda bem que eu era um vampiro. Correndo com o peso de uma segunda pessoa, enquanto me agachava, mantendo-me nas sombras, não era um trabalho para um ser humano.

Eu cheguei até a porta traseira e entrei. Eu podia ouvir Hannah dizendo algo, e então a porta da frente se fechou enquanto eu tranquei a traseira atrás de mim.



Eu parei por um momento. Eve e Shane estavam conversando no corredor, e eu percebi que não havia uma forma fácil de fazer isso: seria um choque.

Melhor, eu pensei, acabar logo com isso.

Eu esperava que Eve gritasse quando eu saí com o corpo de Claire em meus braços, mas ela apenas olhou para mim com os olhos arregalados e estranhos, e então ela se virou e olhou para Shane com os lábios separados.

Ele congelou, e eu vi a cor sair do seu rosto. Ele se segurou colocando uma mão contra a parede, e deixou escapar: — O que diabos você está fazendo?

Eu não podia dizer a ele, porque eu não sabia. — Baixe as cortinas — eu disse a Eve. — Vá. Todas elas. Não podemos deixar ninguém me ver.

— Onde está Myrnin?

— Ele está vindo — eu disse, e esperava como o inferno que eu estivesse certo. — Ajude-me a colocá-la no sofá da sala de estar.

Shane correu adiante, jogando os travesseiros e controladores de jogos no chão, e então ele respirou fundo e ajudou a ajeitar as pernas dela enquanto eu a colocava para baixo. — Por que você fez isso? — Ele parecia abalado. Eu teria ficado surpreso se ele não estivesse, honestamente. — Eles levaram ela embora.

— Myrnin me deu uma lista. Isso estava nela. — Eu peguei uma das mantas que Eve mantinha pendurada na parte de trás do sofá e coloquei sobre Claire, em seguida, puxei-a cuidadosamente para cima para esconder o seu rosto. — Apenas deixe-a onde ela está. Eu tenho que ir pegar o resto do que ele escreveu. Eu estarei de volta.

— Espere! — Shane agarrou o meu braço quando eu comecei a me dirigir para a porta de trás novamente. — Os caras de Amelie vieram aqui. Revistaram o lugar procurando por você.

— Bom. Então eles não vão olhar aqui novamente por um tempo.

Eve estava de pé ao lado. Ela não tinha dito uma palavra até agora. — Michael, eles nos disseram que tínhamos que ligar quando você voltasse. Se não ligarmos, eles disseram... — Ela lançou um olhar para Shane. — Eles disseram que ia voltar e matar todos nós. Eu acho que eles estavam falando sério.

— Eles pareciam muito sérios sobre o caos — Shane disse. — Dane-se. Vá, Mike. Se eles querem tentar, eles vão começar uma briga. Eu não estou pronto para desistir, não enquanto tiver uma chance de recuperá-la.

Eu balancei a cabeça. — Você já viu ela de novo?



— Sim — ele disse, e limpou a garganta. — Ela está bem. — Shane não estava, eu percebi. Ele parecia... realmente cansado. Olheiras escuras sob os seus olhos, uma cor doentia em sua pele.

— Espero que sim — eu disse. *Espero*. Eu tinha pensado em Claire como a esperança de Shane, e lá estava eu, levando cadáveres na esperança de que Myrnnin — um lunático profissional — aparecesse e fizesse algum tipo de magia estranha e trouxesse a minha amiga de volta à vida. Essa era, considerando todas as coisas, uma boa definição de esperança, também. — Cuide delas. Eu estarei de volta.

— Espere. Me dê metade da lista. Eu posso ajudar. — Shane tinha um verdadeiro entusiasmo nele agora — um propósito. Eu sabia que era perigoso. Mas por outro lado, pela conversa com Amelie em seu escritório, ser um vampiro não era mais nenhuma proteção contra os perigos da noite, tampouco.

Eu dobrei o papel ao meio, rasguei-o e entreguei a sua parte. — Três itens aí — eu disse. — Uma hora. Entendido?

— Entendi — ele disse. — Cuidado, mano.

— Você também — eu disse.

— Espere — Eve disse, e deu um passo adiante. — Sério, vocês dois não vão para o meio da noite e me deixar aqui com... — Ela não olhou diretamente para o corpo de Claire, deitada e coberta no sofá. Em vez disso, ela respirou fundo e mergulhou corajosamente adiante. — Com a possibilidade de esses idiotas vampiros voltarem para nos matar...

Ela estava certa sobre isso. — Não — eu disse. — Você vai com Shane. Ninguém deveria ficar aqui sozinho.

— Claire vai ficar sozinha — Shane disse. Ele puxou uma sacola de lona verde azeitona debaixo de um armário do outro lado da sala e abriu o zíper, e verificou o conteúdo. — Eu espero que ela entenda porquê temos que fazer isso. — Ele olhou para cima. — Fique forte, Claire. Vamos estar de volta para você. Eu prometo.

— Eu gostaria de ir com você — Eve disse para mim, em um sussurro perto.

— Eu sei. — Eu peguei as mãos dela e beijei-as, em seguida, seus lábios. Ela sempre poderia me enfeitiçar dessa forma, apenas com um beijo, todas as vezes, e foi difícil romper o sabor de framboesas e chocolate, e o delicioso sabor doce e picante que era só de Eve. — Eu vou me mover rapidamente, e a pé.



Você e Shane peguem o carro fúnebre. Nos encontramos aqui daqui a uma hora. Se vocês se atrasarem, eu vou encontrá-los.

Ela sorriu, e uma covinha se formou em sua bochecha. Eu queria beijá-la, mas não havia tempo. Especialmente não havia tempo para todas as partes que eu queria beijar.

— Tenha cuidado — ela me disse. — Eu vou casar com você, você sabe.

— Eu sei. — Eu cedi à tentação e beijei o seu nariz. — Eu também.



Eu esperei para ter certeza de que a casa estava trancada e Shane e Eve estavam em segurança no tanque preto do carro fúnebre antes que eu saísse correndo. Minha parte da lista de Myrnin eram coisas necessárias do seu laboratório, e eu estava mais do que qualificado para estar nessa parte da cidade pós-escuridão — e Myrnin estava propenso a configurar pequenas armadilhas para os visitantes também. Melhor eu do que os meus amigos.

A Casa Day ao lado do beco estava com todas as suas luzes incandescentes, e eu fiz uma pausa antes de entrar para olhar para o canto da janela do segundo andar. As cortinas de renda se separaram, e o rosto velho e marcado da Vovó Day olhou para mim. Ela saudou-me e levantou uma espingarda. Eu acenei de volta.

Tivemos um entendimento, eu e a Vovó. Eu me perguntava se a sua neta, Lisa, estava de volta; se ela estivesse, ela estaria fortemente armada também. As Days sabiam que as coisas estavam mudando, e não para melhor.

Bom. Isso significava que havia uma boa chance de elas não serem vítimas.

Eu corri pelo resto do caminho, driblando as poças de água estagnadas — a chuva tinha cessado, pelo menos por um tempo — e as latas de lixo enquanto eu corria. O beco estreitou no final, focalizando diretamente para o barraco que se escondia na entrada do laboratório de Myrnin.

Alguém tinha proveitosamente deixado a porta aberta, e eu nem sequer tive que abrandar quando eu saltei as escadas, aterrissei no chão de pedra e levei um momento olhando a confusão que estava na minha frente.

Caralho. Alguém tinha definitivamente tido um acesso de raiva, ou uma luta. Conhecendo Myrnin, eu apostaria na primeira coisa.

Empurrei os livros para fora do caminho — havia um *monte* de livros — e ouvi o barulho de vidro em algum lugar embaixo da pilha. Eu sabia o que eu



estava procurando, mas era sempre uma incógnita onde ele teria colocado desde a última vez que eu o tinha visitado. Myrnin gostava de redecorar. Vigorosamente.

A aranha Bob ainda estava indo bem, parada em sua teia no tanque de peixes perto da poltrona de couro surrada de Myrnin; ela tinha crescido a quase o tamanho de uma tarântula agora. Eu fiquei imaginando com o que Myrnin a alimentava, mas essa não era a minha preocupação, não hoje. Eu me debrucei no tanque, enquanto oito olhos redondos me observavam, e abri o armário químico que Claire tinha insistido para ser instalado para as coisas que podiam realmente queimar a pele ou causar uma morte horrível.

No interior, as garrafas estavam todas intactas, e ordenadamente marcadas com a letra cuidadosa de Claire. Parei por um segundo para olhar para isso, porque era como se ela estivesse aqui, de pé comigo; mas isso era ilusão, não um fato. A verdadeira Claire estava presa na casa, assim como eu tinha estado uma vez.

Isso era apenas... uma pós-imagem. Um pensamento desejado.

Eu olhei para a lista e peguei duas garrafas. Claire tinha deixado um saco de compras no canto, e eu comecei a enchê-lo. Os produtos químicos eram apenas parte do que Myrnin queria; ele também precisava de uma peça de equipamento que parecia algum tipo de desfibrilador. Ele havia desenhado um esboço com a sua mão desleixada, mas estranhamente precisa, e eu o levantei enquanto olhava para cada máquina científica à vista.

Lá, na quinta mesa, havia uma compatível para a que ele tinha desenhado. Eu agarrei-a.

A última coisa, porém, não estava à vista, e eu passei muito tempo, minutos frustrantes abrindo armários e tirando as porcarias para tentar encontrá-la. Uma bolsa de couro preta como um kit antiquado de médico.

Não estava em nenhum lugar.

— Eu ia perguntar se você estava procurando por algo, mas parece que é bastante óbvio — uma voz grave disse atrás de mim. Eu não tinha sentido ninguém se aproximar, mas eu conhecia essa voz, muito bem, e não havia ninguém para *sentir* por trás dela.

Apenas uma imagem, plana e em tons de cinza, do pai de Shane.

Eu tentava não demonstrar muito em torno de Shane, mas eu odiava o pai dele. *Odiava* ele, mais do que qualquer ser humano, criatura ou qualquer outra coisa do planeta. Não era por causa de uma única coisa, embora ele tenha feito coisas horríveis comigo; eu poderia superar isso, por mais ruim que



fosse. Não, era pelo que ele tinha feito Shane passar, dia após dia, por toda a sua vida. Já era ruim o suficiente quando ele era apenas um bêbado malvado, empurrando o seu filho para ser um valentão como ele; tinha ficado dez mil vezes pior depois que a irmã de Shane e sua mãe tinham morrido, e a obsessão de Frank de destruir os vampiros de Morganville tinha tomado qualquer bondade que havia restado dentro dele.

Shane tinha uma grande tendência violenta dentro dele, mas honestamente, eu sempre estive surpreso de ele ter qualquer outra coisa *além* da tendência violenta, depois do que ele passou.

Por causa do seu pai.

Então, sem se virar, eu disse: — Vai se foder, Frank, antes que eu encontre a sua jarra e esmague o seu cérebro como um tomate cozido.

— Ah, que fofo. Quem cresceu e virou machinho? Não combina com você, Glass. Você é do tipo músico sensível, lembra? — A zombaria amarga em sua voz era tão sutil como uma pedra na cabeça.

Uma coisa sobre mim — eu *sou* um músico, mas eu cresci em Morganville, e aqui, os tipos sensíveis não duram muito tempo, a menos que eles tenham ação por baixo. Então, eu nunca fui o bobalhão e fraco que o pai de Shane sempre achou que eu fosse. Shane sabia disso, mas o seu pai sempre quis que ele fizesse amizade com os caras *de verdade*.

Honestamente, quebrar o cérebro dele iria resolver tantos problemas agora, para todos nós, porque a ideia de Frank Collins continuar por aí enquanto Claire estava morta em nossa casa... isso realmente cheirava a ironia.

Eu me virei e disse: — Bolsa de couro preta. Cadê?

Collins tinha atualizado a sua imagem um pouco; ele parecia mais jovem, e o fez parecer mais durão ao mesmo tempo. Triste. — Sinta-se livre para olhar ao redor — ele disse.

— Myrnin precisa dela.

— Você acha que consegue me dobrar, Cachinhos Dourados? Ele não me pediu permissão exatamente antes de me colocar na Frankes máquina dele. Eu não faço as vontades dele.

Eu ficava abrindo armários e puxando gavetas. O tempo estava passando, e eu sabia muito bem que eu ainda tinha que voltar para a casa antes do prazo final com Shane e Eve. Se a equipe de procura de Amelie aparecesse aqui, eu estaria ferrado.

— Quente — Frank disse. — Oooh, não, errado, mais frio.

— Cale a boca.



– Diga-me uma coisa e eu vou.

– Ou eu poderia puxar os seus fios, isso funcionaria também.

– O que você acha que aconteceria se eu dissesse a Shane sobre você e Claire?

Eu congelei. Era como se um tijolo tivesse me atingido na cabeça, e por alguns segundos, eu não pude nem mesmo formular uma resposta... e então eu tive que empurrar para trás o respingo vermelho de raiva que me inundou.

Eu me virei para olhar para ele. Certo de que os meus olhos estavam brilhando, um vermelho brilhante de raiva. – *Seu mentiroso fodido.*

Ele riu. – Oh, qual é, Michael. Ela é uma garota bonita; ela está vivendo em sua casa... Você está me dizendo que você nunca pensou nisso? Você acha que Shane acreditaria nisso? Se eu dissesse a ele?

Isso era uma mentira, uma mentira total e completa, mas ele estava certo sobre uma coisa: eu tinha pensado nisso. Não depois de Shane ter começado a se apaixonar por ela, mas antes, um pouco. Só um pouco.

Uma coisa sobre Frank, ele sempre soube como ver as rachaduras em sua armadura, e justamente onde bater. Minha amizade com Shane seria sempre forte, e seria sempre frágil também; ele não confiava em vampiros, mas ele confiava em mim, e todo aquele barulho em sua cabeça tornava mais difícil do que deveria ser.

Qualquer palavra sobre Claire e eu... iria me dispersar novamente.

– O que você quer, Frank? – Eu fechei uma gaveta e abri outra. Porra, eu estava ficando com fome, estimulado por toda a raiva que ele estava me causando. Eu tinha uma garrafa esportiva em casa cheia do tipo O que eu ia tomar, mas isso era uma distração, sentir essa necessidade nervosa em um momento como este. Eu me perguntava onde Myrnin mantinha os seus lanches. Mas por outro lado, conhecendo a atitude geralmente loucas de Myrnin, eu não deveria experimentar qualquer coisa do refrigerador dele de qualquer maneira.

– Eu quero que você pare Amelie – Frank disse.

Isso me fez virar. Todo o assédio moral se foi agora, toda a porcaria, e *este* era o verdadeiro Frank Collins. Aquele que ainda tinha uma característica de – bem, eu não diria humanidade exatamente – *honra* restante nele.

– Impedi-la de fazer o quê, exatamente?

– Destruir esta cidade e todo mundo dela.

– Não os vampiros – eu disse. – E ela disse que iria entregar o poder para os seres humanos.



Frank riu, uma confusão de ruído eletrônico dos alto-falantes de todo o laboratório. — Você realmente acredita que ela faria isso? Mesmo no final? Ela é uma das pessoas que mata você para salvar você. Vampiros vão começar a sair. Os seres humanos começam a morrer, todos juntos, bem na Praça da Fundadora, assim como os cientistas livram-se humanamente de animais de laboratório quando acaba com o experimento. E sou eu que vou puxar o conector.

Parte de mim insistiu que ele estava mentindo, mais uma vez, porque era a coisa de Frank. Ele mentia. Ele intimidava. Ele manipulava as pessoas para fazer o que ele queria.

Mas a outra parte me avisou que ele *podia* estar dizendo a verdade. Eu tinha ouvido Amelie e Myrnin conversando. O que eu tinha acabado de saber dele coincidia com o que eu soube dos dois, embora eles tivessem deixado de fora a parte dos seres humanos morrerem.

É claro.

— Diga-me onde a bolsa está — eu disse.

— Só se você me disser que vai parar essa coisa.

Abri outra gaveta e bati duramente na madeira lascada. — Não seja idiota, é claro que eu vou parar. Você realmente acha que eu deixaria Amelie fazer uma coisa dessas?

— Talvez. Os vampiros são todos obcecados por autopreservação.

— Tudo bem, então engula o seguinte: eu vou ficar aqui. Eu não vou com os outros. Assim, ela teria que me matar também. — Eu joguei uma pilha de livros para fora do caminho e descobri outro conjunto de gavetas construídas na parte inferior da mesa do laboratório que eu estava procurando.

E dentro havia uma bolsa empoeirada de couro preta. Exatamente como a que eu estava procurando.

Puxei-a para fora e a abri. Equipamento médico. Coisas que eu não reconhecia, mas parecia que era o que Myrnin queria.

— Eu disse que estava ficando quente — Frank disse.

— Fim de jogo, Frank. — Eu fechei as gavetas com uma batida de novo e peguei a bolsa junto com o saco de compras de produtos químicos. — Você perdeu.

Sua voz saiu do alto-falante do meu celular enquanto eu subia os degraus, indo embora. — Nós temos um acordo?

— Não — eu disse. — Eu não faço acordos com você.



Mas isso não significava que eu não iria parar o massacre. Se ele não estivesse mentindo sobre isso também.

Frank disse: — E se eu lhe disser que Claire ainda está viva em sua casa?

E conhecendo Frank Collins, ele tinha guardado isso como sua última moeda de troca.

Eu segurei o celular e disse, muito claramente: — Eu já sei, seu merda. E vamos recuperá-la sem qualquer ajuda sua.

Houve silêncio por um segundo, e em seguida, Frank disse: — Você sabe de uma coisa, garoto? Eu realmente espero que você possa. Mas o problema é, mesmo se você conseguir... tudo vai morrer. Porque eu vou matar vocês. Eu não tenho escolha.

Nós vamos ver sobre isso.

Mas, depois de Claire.



Eu fui para casa em uma hora e três minutos, abri a porta traseira e corri para dentro para colocar as minhas coisas em cima da mesa.

A casa estava em silêncio, exceto pelo tique-taque do relógio na sala. O corpo de Claire ainda estava imóvel no sofá, coberto com a manta tricotada de Eve.

Eu fui para a frente e cuidadosamente verifiquei a janela. Nenhum sinal do carro fúnebre na frente.

Eles estavam atrasados. Mais atrasados do que eu, e eu estava *atrasado*.

Eu esperei que o relógio passasse, cada segundo deixando os meus nervos mais tensos. *Droga, Shane, se você se meteu... Se Eve...* Eu não consegui terminar os pensamentos; meu cérebro me puxando para longe deles como uma mão em um fogão quente.

E se Frank não estivesse mentindo sobre a reunião na Praça da Fundadora? E se Amelie estava destinada a acabar com o experimento de Morganville em um momento de glória? Eu não conseguia entender isso, mas tudo se encaixava. Ela estava com medo de alguma coisa, muito medo. E as pessoas assustadas fazem coisas insanas.

Dez minutos se passaram, então quinze, e eu não podia esperar mais. O carro funerário não seria difícil de detectar. Se eles precisassem de ajuda, cada minuto contaria.



Saí da forma que eu entrei, pela parte de trás, e peguei atalhos através dos jardins dos vizinhos até que eu tive certeza que era seguro ir pra a rua.

Eu estava a dois quarteirões da Lot Street, passando as portas fechadas e trancadas da Variety Liquor, quando a chuva começou a cair novamente. Eu não tinha colocado um casaco, mas isso não importava. Eu me mantive em movimento.

À frente, alguém deu um passo para fora da escuridão assobiando, e eu vi um borrão de água, dentes, algo *errado*, muito errado, e então havia alguma coisa na minha cabeça, me afogando vivo. Eu senti frio.

A coisa de frente para mim parecia um homem, mas estava todo errado, também. Assim como o seu terrível sorriso enquanto ele sussurrava: — Venha comigo. — E eu não tinha escolha a não ser segui-lo no escuro.

Para o frio.

Me afogando.

No escuro.



CAPÍTULO 15

EVE

Traduzido por Fernanda

-Droga — Shane disse. Ele estava dizendo isso por cerca de cinco minutos direto, como uma espécie de mantra. — Dê-me a chave. *Droga!*

Eu me abaixei e entreguei-lhe a ferramenta da caixa na parte traseira do carro fúnebre. Mesmo a força de Shane estava tendo problemas com os parafusos do pneu.

O pneu careca.

Então, não é culpa minha.

— Sabe, *Droga!*, se você realmente trocasse essas coisas antes que a mola começasse a aparecer...

— Cale-se agora — eu disse a ele. — Realmente não é o momento para me dar uma palestra sobre os meus hábitos de manutenção de carro. Apenas troque.

— Sim, já estou fazendo isso — ele disse. — Droga. Estamos atrasados já. Michael vai pirar.

— Ei, bom, porque se ele aparecer, nós podemos ter esse problema solucionado em trinta segundos — eu disse.

Shane me lançou um olhar por debaixo de seu cabelo encharcado da chuva, que estava jogado em torno de seu rosto. Ele precisava fazer a barba, eu pensei. E de um tranquilizante. — Eu não preciso de ajuda — ele retrucou. Ele se levantou e bateu na chave, e o parafuso virou com um guincho metálico horrível. Agora que ele tinha virado, ele foi capaz de tirá-lo e começar o próximo.

A este ritmo, nós ficaríamos trinta minutos na chuva congelante. Esperando como patinhos para qualquer vampiro passar com sede de plasma.



Ou pior, o que quer que fosse pior esta semana em Morganville. Uma coisa era certa: não era seguro estar fora com um pneu furado após escurecer, mesmo no melhor dia de todos da cidade. Que este com certeza não era.

Eu estava tentando ser a velha Eve. Eu realmente estava; Eu até entretive Shane um par de vezes com piadas, mas não parecia a mesma coisa. Eu continuava vendo flashes na minha frente, vívido como clicks de uma câmera, de como Claire tinha parecido deitada lá no chão, com os olhos abertos, a cabeça virada para o lado.

De como eu soube, mesmo antes de eu tocá-la, que ela tinha ido embora.

Nada era o mesmo agora. A chuva estava toda errada em Morganville; ela *nunca* derramou deste jeito, especialmente não nesta época do ano. As ruas estavam alagadas, mais uma vez, e mesmo sob a jaqueta com capuz que eu estava usando, eu me sentia gelada e molhada. E muitas lojas estavam fechadas, e não apenas fechadas para a noite, *fechadas*, com janelas cobertas e avisos nas portas.

Parecia que toda a população tinha de repente decidido que Morganville não era mais segura.

O que, *dã*.

Eu tremi de novo e bati os meus pés, o que foi uma má ideia. Eu enviei salpicos de água gelada até as minhas pernas.

Shane tinha evoluído de *droga* na cadeia alimentar do xingamento enquanto ele lutava com o terceiro parafuso. Pisar na chave não estava ajudando, mas ele estava fazendo isso com tanto entusiasmo que eu não teria ficado surpresa ao ouvir um osso se quebrar. Finalmente, o parafuso rangeu mais, e Shane caiu de joelhos novamente para desapertá-lo.

Três tinham ido, faltavam três, e nós realmente estávamos *muito* atrasados. Michael estaria lá fora, procurando por nós, mas nessa chuva, seria difícil para ele.

Um raio rasgou o céu ao meio, e um par de quarteirões para baixo eu vi alguém nos observando. O flash me deu apenas impressões — uma forma humana, pálida, nada de especial. Mas qualquer um que estivesse de braços cruzados por aí *neste* tempo merecia alarme especial.

— Acelere — eu disse a Shane. — É sério. Vá mais rápido.

— Ei, princesa, não me faça quebrar uma unha.

— Eu não estou brincando.

Ele olhou para mim, balançou o cabelo para fora de seus olhos, e disse:
— Sim, eu sei. Eu estou me movendo. Deixe o pneu pronto.



Eu não gostei da ideia de deixá-lo sozinho para ir para a parte traseira do carro funerário e arrastar o estepe do seu compartimento, mas eu realmente não tinha muita escolha; isso iria acelerar as coisas, e eu tinha acabado de reclamar com ele enquanto contava os segundos. Eu esperei até o próximo flash irregular de um raio.

O canto onde eu tinha visto o homem de pé estava vazio. Boas notícias? Provavelmente não.

Levou trinta segundos para destravar o compartimento, pegar o estepe e transportá-lo para fora. Shane ainda estava desaparafusando o último parafuso quando eu o rolei. Ele levantou o pneu livre e passou para mim, em seguida, pegou o estepe e o encaixou com uma velocidade que a equipe de pit-stop da NAS-CAR teria invejado. — Cinco minutos — ele gritou.

— Menos seria melhor!

— Apenas tome conta das nossas costas.

Eu estava, mesmo quando eu joguei o pneu liso na parte de trás do carro fúnebre. A rua parecia deserta. Nós tivemos sorte por termos sido capazes de empurrar o carro para baixo de um poste que realmente funcionava para trocar o pneu, mas que também nos deixou tão óbvios como a última bisteca de porco no bufê tudo-o-que-você-puder-comer. Eu tinha recebido o dever de vigiar a bolsa de lona preciosa de Shane, e agora eu agarrei as minhas duas armas favoritas — uma estaca de prata, e a minha espada de esgrima levemente melhorada, que tinha um revestimento de prata sobre ela também. Os bolsos do meu casaco tinham duas garrafas de pressão cheias de nitrato de prata.

— Problemas? — ele me perguntou sem olhar para cima enquanto apertava os parafusos. Ele estava trabalhando rápido. — Mais quatro minutos.

— Eu não sei — eu disse a ele. — É que apenas está realmente exposto aqui fora.

— Sim. — Ele apertou o segundo parafuso e passou para o terceiro. — Acredite em mim, eu estou sentindo isso.

Um relâmpago golpeou novamente, tão brilhante que praticamente fez meus globos oculares chiarem. Perto, muito perto na verdade. Ele deve ter atingido um poste de luz a cerca de um quarteirão; eu vi algo incendiar em faíscas quentes azuis.

Nosso poste da rua desligou com um pequeno chiado.

— Merda — Shane disse. — Não consigo ver nada! Lanterna!

Peguei uma na parte de trás, mas isso significava deixar uma das minhas duas armas. Eu ponderei, em seguida, deixei a estaca no banco. A lanterna



funcionava, pelo menos, e eu a foquei para que ele pudesse continuar no parafuso três.

Lá pelo parafuso cinco, eu estava me sentindo muito bem. Estávamos quase de volta à estrada. Sim, estávamos — maldição — meia hora atrasados, mas pelo menos estávamos inteiros...

Eu senti algo roçar perto de mim.

O vento estava soprando, e a chuva estava se debatendo, e a sensação era tão sutil que eu não deveria ter sido capaz de senti-la através do caos geral em torno de nós, mas havia algo sobre aquele toque. Algo muito ruim.

Eu me virei, jogando a luz em todas as direções, mas eu não vi nada.

— Desculpe — eu disse, e voltei para a direção do carro, e Shane, que estava — com o contrário do significado das palavras — esperando pacientemente que eu parasse de pirar.

Só que ele não estava esperando.

Ele estava de pé. A luz atingiu o seu rosto, e ele estava pálido, mortalmente pálido, os seus olhos castanhos estavam quase totalmente preenchidos pela pupila.

Eu gritei e dei um passo para trás, e a luz escorregou e iluminou alguém parado atrás dele.

Minha mente fritou, assim como a iluminação da rua, como se ele não pudesse funcionar, não pudesse processar, não pudesse lidar. Era como uma sombra, mas...

— Ei! — Eu me sacudi, principalmente para me recusar a olhar para quem quer que estava por trás de Shane. — Shane, saia do caminho. O que diabos você está fazendo?

Ele só olhou para mim. Era como se ele tivesse ido embora, como Claire tinha ido embora, só que ele ainda estava parado lá.

Então ele se virou e começou a caminhar para longe. Ele passou a sombra, que ondulava preta como uma poça de petróleo em pé, e eu senti algo horrível e frio bem dentro de mim.

O que quer que essa coisa era, ele tinha Shane, e agora ele iria me levar também.

O inferno que iria.

Eu gritei, fechei os olhos, e me lancei.

Foi uma *estocada* perfeita, o movimento de esgrima de uma vida — a extensão reta da lâmina, o peso equilibrado, cada pedacinho do meu alcance avançou no aço revestido de prata da espada.



E pegou a coisa bem no centro.

O problema era que eu não *sentia* como se eu tivesse perfurado algo *real*. Era mais como se eu tivesse acertado um balão, um cheio com gelatina e água. A entrada foi muito fácil, muito errada, e eu virei a minha cabeça para cima para ver a coisa — porque era malditamente certo que não era um homem, e não era um vampiro — desmoronando para dentro de si mesmo.

O que quer que estivesse lá dentro, espirrou no chão molhado um segundo antes de a pele vazia de óleo fina e negra entrar em colapso.

Eu gritei e me movi para trás, balançando a espada livre daquela nojeira. Não havia nenhum sinal de sangue por lá, ou qualquer coisa que eu podia ver sob a luz fraca da lanterna caída.

A coisa preta estava escorrendo para longe na água.

Shane tinha caído de cara na rua, como se ele tivesse acabado de ser completamente desligado. Eu andei a uma boa distância da pele morta conforme eu corri para ele e agarrei o seu braço. — Shane! Shane! — Deus, flashbacks, eu não podia perdê-lo também. Eu não podia...

E eu não o perdi, porque no instante seguinte ele tossiu, cuspidando água e rolando de pé. Ele quase caiu novamente, então eu o firmei. — O que *diabos* foi isso? — Ele vomitou, e saiu água demais dele. Era como se ele estivesse se afogando, o que ele não poderia estar, poderia? De jeito nenhum.

— Eu não sei o que foi isso — eu disse. — Mas eu gostei tanto quando eu gosto de câncer. Vamos, *temos* que sair daqui!

Shane definitivamente não discutiu. Eu arrastei a pele nojenta para o lado, bem longe de nós, usando apenas a ponta da minha espada. Isso era mais repugnante do que seu evento normal de indução de vômito. Sério, eu preferiria beijar Monica, ou lambe um vaso sanitário, do que ter que fazer isso de novo.

Shane apertou o quinto parafuso e deu o aperto no sexto em menos de um minuto, liberou o macaco, e colocou o carro de volta na calçada rapidamente. Ele pegou todas as ferramentas, as jogou na mala e gritou: — Vá! — E eu não esperei uma segunda ordem. Eu estava dentro e ligando o carro fúnebre antes que a porta dele estivesse fechada.

E agora eu podia ouvir alguma coisa. Soava como — alguém cantando? Confusa, eu mexi no aparelho de som, mas estava desligado. Nada saindo dele.

Eu percebi, conforme eu acelerava, que Shane estava *tentando sair do carro*. Santo Moisés flutuante, isso era — insano. Eu o agarrei pelos cabelos e puxei,



com força, e ele gritou, fechou a porta novamente e se virou para olhar para mim. — O que foi?

— Você estava *indo embora*! — eu gritei de volta. Ele parecia totalmente perdido por um segundo, em seguida, balançou a cabeça como se tivesse acabado de perceber alguma coisa. — Deus, o que está acontecendo? Porque, mesmo para Morganville, isso é totalmente ferrado!

Shane, sempre prático, alcançou para dentro do porta-luvas, tirou alguns tecidos, e rasgou-os em tiras. — Você pode ouvir? A música?

Eu balancei a cabeça. Eu podia, e isso estava me fazendo suar. Difícil de manter as minhas mãos no volante e o meu pé no acelerador. Eu estava me sentindo cada vez mais — relaxada. Distraída.

— Aqui — Shane disse. Ele estava enfiando os pedaços enrolados de tecido em seus ouvidos, e entregando-me alguns. Eu realmente não queria isso, mas eu peguei um e o coloquei na orelha esquerda.

Eu me senti melhor imediatamente. Mais focada. E muito, muito mais assustada. Eu peguei a outro tecido e coloquei na minha orelha direita, eu pisei no acelerador e *ultrapassei* o sinal vermelho em alta velocidade. Cobre-me pela multa, Morganville, porque eu sabia que parar agora era uma ideia louca.

Shane estava respirando mais facilmente agora também, mas ele parecia pálido e de olhos arregalados. Nós não falamos — bem, considerando que tínhamos acabado de atolar os nossos ouvidos, a conversa provavelmente não teria sido produtiva também. Eu dirigi rápido demais para a chuva pesada, mas as ruas pareciam desertas, e de qualquer maneira, eu estava pirando demais para diminuir.

A Lot Street apareceu de repente, e eu desviei em uma curva à esquerda, lançando Shane para a porta do passageiro (mas não, felizmente, fora dela). Quando eu deslizei o carro fúnebre para parar em frente à casa, olhamos um para o outro, e Shane apontou de mim para a bolsa na parte traseira, em seguida, para o próprio peito e para os itens espalhados no banco de trás. Eu balancei a cabeça e fiz uma contagem silenciosa até três.

Eu fechei a parte traseira, agarrei a bolsa de armas, joguei a estaca dentro e corri até o portão atravessando o caminho. Eu peguei as minhas chaves enquanto eu corria, as deixei do lado de fora e prontas. A porta se abriu exatamente quando Shane pisou nos degraus atrás de mim, carregando sua carga, e nós corremos para dentro, batemos a porta e a trancamos com força.

Ficamos ali respirando com dificuldade por alguns segundos; em seguida, Shane puxou o tecido de suas orelhas e virou-se. Quando eu tirei o meu, eu o



ouvi gritar em busca de Michael, enquanto ele carregava seus itens em direção à sala de estar.

Havia uma maleta de médico preta e duas garrafas de líquido paradas lá, e pegadas úmidas no tapete — mas nenhum Michael. — Michael! — eu gritei nas escadas, somando à voz de Shane enquanto verificava a cozinha. — Michael, estamos de volta...

Sem resposta. Eu tentei não olhar diretamente para a forma parada de Claire enquanto eu me dirigia para a cozinha. Eu encontrei Shane quando ele saiu.

— Nada — ele disse. — Ele não está aqui.

— Ele saiu atrás de nós.

— Sim.

— Bem, nós deveríamos...

— Nada — Shane disse. — Não devemos fazer nada além de esperar. Eve, lá fora está realmente uma loucura. Ele vai ter que voltar por conta própria. Olha, ele vai ficar bem; você conhece Michael. Ele é forte.

Eu balancei a cabeça, mas eu senti falta de ar. Nós estávamos mais do que trinta minutos atrasados. Mesmo que ele tivesse ido lá fora, certamente ele deveria estar de volta em breve.

Mas ele não estava. Os minutos se passaram como se tivessem engraxados e rápidos demais, e com cada um, meu pânico ficava um pouco mais forte. Eu continuava querendo mexer com o meu celular, mas não havia nenhum sentido; as linhas ainda estavam fora do ar. As estações de televisão estavam escuras. O que eu poderia pegar no rádio seriam sinais fantasmagóricos de fora da cidade, nada local.

Fazia uma hora, quando Shane disse, muito calmamente: — Eu acho que temos que assumir que algo aconteceu.

Eu estava tentando fortemente não enlouquecer. — Então, o que vamos fazer? — eu perguntei. — Por favor. Conte-me. Não podemos pedir ajuda. É muito perigoso ir lá fora. *O que diabos vamos fazer?* Jesus, Claire está... Claire está bem ali no sofá. O que vamos fazer, Shane? — Essa última frase saiu com angústia e verdadeiro terror, e Shane me agarrou e nos segurou juntos por ambas as nossas vidas. Ele estava com medo também. Realmente com medo.

Houve uma batida na porta dos fundos.

Nós nos separamos com um salto como se tivéssemos sido pegos fazendo algo totalmente ilegal, e eu senti uma onda de alívio tão intensa que era como



ser absorvido em uma banheira com água quente. — Michael — eu disse, e corri para deixá-lo entrar.

A racionalidade me pegou um passo depois, assim como com Shane, que disse: — Michael tem chaves.

Eu atingi a parede da realidade de cara, e derrapei até parar.

Shane desceu a cortina. Eu vi os seus ombros endurecerem, em seguida, caírem. Ele abriu a porta e deu um passo para o lado.

E Myrnin entrou, todo vestido com seu casaco de couro rodopiante e chapéu dramático. A chuva caía de ambos como uma fonte em miniatura quando ele balançou a si mesmo, em seguida, tirou tudo. Apesar de toda essa cobertura, ele ainda parecia meio afogado. — Nós não temos muito tempo — ele disse. — Eles estão procurando por mim. Você conseguiu tudo?

— Eu não sei — Shane disse. — Está aqui dentro.

Ele liderou o caminho de volta e indicou as coisas empilhadas sobre a mesa de jantar. Myrnin o empurrou para fora do caminho e, com gestos rápidos e capazes, abriu a maleta de médico e tirou todos os tipos de tubos, agulhas, algum tipo de bomba... e fez um pequeno *ahá!* quando ele pegou uma máquina cheia de ferramentas e coberta com latão. Ele conectou a extremidade de um tubo nela, e a outra para dentro da bomba.

Eu assistia enquanto ele montava um dispositivo inexplicavelmente complicado na nossa mesa de jantar, misturou produtos químicos em um tubo de ensaio e derramou o resultado em um funil na máquina de latão.

Ela ligou com um zumbido quase imperceptível.

— Onde está Michael? — Myrnin perguntou, enquanto montava uma agulha na extremidade de um dos tubos. — Ele deveria estar aqui. Vou precisar da ajuda dele.

— Ele... — Shane limpou a garganta, e não olhou para mim. — Ele não voltou. Nós não sabemos onde ele está.

As mãos de Myrnin ficaram imóveis por um segundo, e então ele acenou com a cabeça. — Muito bem — ele disse. — Eu tenho uma conexão de sangue com Claire, mas nenhuma com a casa; isso vai ser mais complicado sem isso. Vocês dois são residentes, então vocês têm *alguma* conexão. Vou precisar de frascos do sangue de vocês. — Ele pegou as seringas e as tiras de borracha, que ele amarrou em cada um de nós. — É melhor se vocês mesmo se furarem.

Eu segurei a agulha tampada — ao menos ele estava usando uma seringa moderna — e o torniquete e olhei para ele. — Como é? O *quê?*



— Aparentemente eu não me fiz entender — ele disse, falando da forma que os vampiros fazem quando pensam que você está bêbado, é estúpido, ou apenas profundamente digno de um tapa. — Se eu não tiver o sangue de alguém em sintonia com esta casa, então tudo isso é um trabalho inútil e perda de tempo. Então, por favor, pare de seguir a sua agenda habitual e extremamente inútil de ficar tagarelando perguntas e *coloque a agulha em seu braço!*

— Você está drogado? — eu soltei espontaneamente, porque a luz tinha batido em seus olhos, e eles pareceram seriamente estranhos, de uma forma medicinalmente induzida.

Myrnin piscou. — Amelie achou melhor eu me acalmar — ele disse. — Por causa da minha angústia. — Seu olhar correu em direção ao corpo de Claire no sofá, e de repente eu *entendi*. É claro que ele estava angustiado — abalado demais para trabalhar. Então, Amelie tinha lhe dado comprimidos e felicidade.

Adorável.

Eu queria chamar a atenção de Shane e conseguir alguma solidariedade com isso, mas ele tinha calmamente e sem alarde, deixado cair o seu casaco, arregaçado as mangas e estava amarrando um torniquete no braço.

— Aqui — eu disse. — Deixe eu te ajudar.

— Consegui — ele disse, e apertou a pulseira de borracha com os dentes de uma maneira que me fez pensar se essa era realmente a primeira vez que ele tentava. Provavelmente não. Shane tinha feito algumas coisas ruins lá fora na estrada com o seu pai. — Deixe-me fazer o seu.

Eu não queria — *cara*, eu realmente não queria — mas eu tirei o meu casaco, sentei em uma cadeira, e estremeci quando ele rolou a minha manga, apertou o torniquete e me disse para abrir e fechar o meu punho. Eu tenho boas veias — não uma grande vantagem na Cidade de Vampiros — e levou apenas cerca de meio minuto para ele encontrar uma, deslizar a agulha e encher o tubo. — Só um? — ele perguntou a Myrnin, sem olhar para cima.

— Dois seria melhor — Myrnin disse. — Três seria extremamente bom.

Shane silenciosamente tirou o tubo carmesim da seringa e colocou outro no lugar. Doeu, e ele tocou a minha mão em um pedido silencioso de desculpas enquanto o sangue borbulhava. Ele foi melhor no terceiro frasco e, depois tínhamos terminados.

Myrnin estendeu a mão para a bolsa e encontrou um par de lenços umedecidos antissépticos e bolas de algodão. Shane finalizou comigo e sentou-



se ao meu lado. Seu braço estava ficando vermelha do torniquete, e isso devia doer, mas ele não pareceu se importar. Eu podia ver as veias saltando para fora na curva do seu cotovelo a centímetros de distância.

— Precisa que eu...

— Não — ele me interrompeu, o que foi um alívio, porque eu estava ainda mais nauseada sobre colocar agulhas em pessoas do que eu estava sobre vê-las entrarem na minha própria pele. Ele descansou o seu antebraço na mesa com a palma para cima, e fez a coisa toda com a mão esquerda, incluindo a mudança de tubos, o que foi... assustadoramente impressionante, na verdade.

Ele sorriu um pouco, enquanto ele estava fazendo isso.

— O quê? — eu perguntei. — Você está me assustando agora.

— Claire — ele disse. — Ela teve que vir comigo para o banco de sangue para que eu não surtasse e saísse. E aqui estou eu, tirando o meu próprio sangue e entregando-o a um vampiro. Ela apreciaria a loucura.

Myrnin estava nos esperando impacientemente, e quando Shane entregou-lhe o sangue, ele nos deu um aceno rápido, rasgou as membranas de plástico das extremidades dos tubos, e os derramou um por um em sua pequena e estranha máquina.

A casa ficou com um cheiro absolutamente horrível que queimou os meus olhos e me fez tossir. E Shane também.

Então Myrnin pegou uma seringa e frascos e — sem se preocupar com um torniquete — tirou um pouco de sangue mais pálido do que o normal de suas próprias veias. Ele colocou dois frascos dele na máquina, mas manteve o terceiro na seringa, que ele tampou e colocou no bolso.

— Certo — Myrnin disse. — Coloquem ela sentada.

Shane me deu um olhar confuso.

— Não ela, *ela*! Idiota. Deixe para lá. — Myrnin andou até o sofá, puxou a manta, e... parou. Só por um segundo. Ele estava de costas para nós, então eu não podia ver a expressão dele, mas eu realmente não precisava para entender o que ele estava sentindo. Eu sentia a mesma coisa toda vez que eu somente olhava para o corpo dela — a escuridão horrível presa dentro, medo e ansiedade e dor e horror tudo junto.

Ele pegou Claire e moveu seu corpo inerte em uma posição sentada no sofá. Sua cabeça tentou rolar para o lado, e ele cuidadosamente e gentilmente a ajustou. Então ele pegou um dos tubos, o que ele tinha deixado montado na agulha, e habilmente inseriu em seu antebraço, como uma intravenosa. Ele



apertou um botão na máquina sobre a mesa e um líquido esverdeado doentio começou a fluir através dos tubos, e em seu braço.

Nada aconteceu.

— Tudo bem — ele disse. — O que eu estou prestes a tentar é... perigoso. Muito perigoso, não só para mim e para vocês dois, mas também para Claire. Se o espírito dela tem estado preso pela casa, é como se a casa fosse um filtro, mas a pressão sobre o seu espírito permanece, tentando puxá-la livre e para... o que quer que venha além disso. Temos que quebrar o filtro, pegar o espírito dela enquanto ele voa e puxá-la de volta para o seu corpo. Não vai ser fácil.

— Mas... — Eu lambi os meus lábios e arrisquei uma olhada rápida no corpo silencioso de Claire. Deus, ela parecia *tão pálida*. — O pescoço. E o pescoço dela?

— O que tem ele?

— Está *quebrado*.

— Ah, isso — Myrnin disse. — Sim. Bem, eu posso consertar. Você não vai gostar como isso ocorrerá, mas eu não acho que nós temos muita escolha. — Ele pegou a seringa do bolso e ergueu-a. O sangue pálido e aguado brilhava com a luz. — Isso vai curar o dano físico, e também irá fortalecer os laços entre nós dois. Vai permitir que eu tente puxá-la de volta.

— Espere, espere um segundo — Shane disse. — Você está colocando o *seu* sangue na Claire? Não é assim que você transforma alguém em vampiro?

— Sim. — Myrnin destampou a agulha. — É exatamente como eu faria um vampiro. O processo é o mesmo; para aqueles que atravessam e morrem só o seu criador vampiro pode trazê-los de volta pela linha, de volta aos seus corpos. Isso vai me deixar tentar fazer o mesmo com Claire.

Shane saltou de sua cadeira e agarrou o braço de Myrnin conforme ele posicionava a agulha sobre o pescoço de Claire, exatamente onde ela tinha duas fracas cicatrizes desaparecendo, onde Myrnin tinha uma vez mordido ela. — Não! Você *não* vai transformar ela em...

Myrnin empurrou-o, e Shane caiu. Foi um empurrão suave para um vampiro. Ele nem sequer bateu em uma parede. — Você quer ela de volta ou não? — Myrnin quase cuspiu em cima dele. — Se há alguma chance de recuperá-la, *qualquer* chance, você não tentaria?

— Não!

— Oh, você prefere que ela esteja morta para sempre?



Shane ficou branco como giz agora, como se ele estivesse levando o estilo de vida gótico. Ele não tentou se levantar. Era como se ele não tivesse força de repente.

Ele não respondeu.

— Foi o que eu pensei — Myrnin disse, e mergulhou a ponta da agulha no pescoço de Claire. Eu esperava um tremor, mas é claro que ela não se moveu, não reagiu em nada. Eu assisti o sangue pálido pressionar em seu pescoço.

Sem reação. Nenhuma mesmo.

Myrnin se ajoelhou e colocou as mãos na testa dela. — Eve — ele disse em uma voz cuidadosa, calma e controlada. — Por favor, pressione o botão na parte lateral da máquina agora.

— Não — Shane sussurrou. Ele estava olhando para um pesadelo, eu percebi. Ele amava Claire, e ele queria ela de volta, mas a ideia de tê-la de volta como uma vampira... isso iria cortá-lo em pedaços, exatamente no seu coração.

Ele fechou os olhos.

Eu estendi a mão e apertei o botão.



CAPÍTULO 16

CLAIRE

Claire podia sentir Hiram lá fora, testando as paredes, procurando fraquezas. Parecia exatamente como se ela estivesse em um tanque de tubarões com paredes de vidro, enquanto o tubarão-branco rondava em torno esperando para o almoço. A casa em si a estava protegendo — ela sabia disso — mas ela estava em conflito. Hiram estava lá primeiro, afinal. E Hiram, pelo menos *achava* que estava no comando.

Eu não posso ficar aqui, ela pensou. Ela não tinha ideia de quanto tempo tinha passado. Este quarto era estranho desse jeito; ele parecia paralisado, como se o tempo realmente não o afetasse... ou passasse muito mais lentamente do que em outros locais. Isso era possível, é claro; a física quântica permitia a possibilidade de que o tempo fosse variável, mas isso era geralmente a nível subatômico, não no mundo visível... situação interessante, no entanto. Talvez tivesse algo a ver com a forma como os portais trabalhavam, também a nível subatômico.

E eu estou me distraindo com a física. Bem, algumas pessoas recitavam placar de baseball ou falas de filmes; física era um hobby perfeitamente válido. Além disso, se ela ficasse realmente desesperada, ela podia recitar a tabela periódica.

Eu não posso passar o resto da minha eternidade — sentada na minha bunda fantasmagórica aqui. Sozinha.

Mas ela não se atreveria a tentar sair, tampouco.

Uma onda de força bruta de repente atravessou a casa. Era tão forte que parecia quebrar tudo em pedaços irregulares, brilhantes e giratórios — os móveis, o quarto, a *casa*. Tudo voou para a distância em uma explosão confusa e súbita, virando, caindo e subindo tudo de uma vez.

E então ela sentiu a atração.

Não era como ela tinha sentido quando tinha atravessado o portal — aquilo tinha sido um tipo de atração também, mas era como se ela tivesse sido ancorada e tivesse que desvencilhar a si mesma para se afastar. Isto parecia mais como se ela estivesse sendo *pressionada*, e um vácuo imenso estivesse arrastando-a para longe e para dentro do desconhecido.



Claire gritou e se debateu, tentando se agarrar a alguma coisa, qualquer coisa, mas estava tudo quebrado, todo era margens cortantes e confusão...

E então algo agarrou-a por mãos poderosas.

Hiram Glass.

Ele ainda estava quase completamente inteiro, mas havia pedaços saindo dele, pedaços se separando e voando para a escuridão. — Você! — ele gritou, e mostrou os dentes para ela, bem no seu rosto. — Sua vândala! Você destruiu tudo!

— Não, eu não... — Ele não estava escutando. Aquela boca abriu, impossivelmente larga, e Claire sabia que ele ia mordê-la e rasgá-la na metade antes que a escuridão pudesse levá-la...

Com a força do desespero e pânico, Claire o empurrou, tão forte quanto pôde.

E interrompeu o seu agarre.

Hiram parecia comicamente surpreso quando suas mãos escorregaram livremente, e ele girou para dentro do vazio negro, gritando enquanto ele se partia em pedaços minúsculos e brilhantes.

Ele se foi.

Eu vou ser a próxima, Claire pensou. Ela estava estranhamente calma. De jeito algum ela conseguiria resistir a essa atração. Era como um buraco negro, e ela estava de pé sobre um horizonte de eventos.

Claire.

Era um sussurro no furacão que rugia em torno dela, mas ela reconheceu o som. *Myrnin*. Era a voz de *Myrnin*.

— Aqui! — ela gritou, enquanto o vazio a puxava para longe. — *Myrnin*, me ajude! Socorro!

Os pedaços girando da realidade ao redor dela pareceram abrandar. Ela se viu refletida em um lado de um fragmento irregular e, em seguida, virou-se e viu o rosto de *Myrnin* nele. Ele parecia preocupado, e havia linhas de esforço em torno de sua boca que ela nunca tinha visto antes.

Ele estendeu a mão para ela, mas era como se ele estivesse preso atrás do vidro; a mão dele bateu contra o vidro, e depois o caco se virou novamente, e ela o perdeu.

Claire girou. Lá, em outro pedaço, ela o viu novamente, estendendo a mão.

Pegue, ele estava tentando dizer a ela. Não era uma voz — era outra coisa, uma espécie de sussurro se movendo dentro dela, como o sangue em suas veias. Só que ela não tinha mais sangue, ou veias. Isso estava saindo da sua própria essência, a única coisa que tinha sobrevivido do seu corpo.

Sua alma.



Pegue a minha mão.

Ela não pôde. Ele estava do outro lado daquele vidro, e os pedaços estavam se movendo, e ela estava sendo arrastada polegada por polegada na escuridão.

Então ela viu Shane em um dos cacos brilhantes. Ele estava de costas, apoiado, olhando para fora do fragmento de realidade, e ele parecia tão dolorosamente sozinho.

Pegue a minha mão, Claire – pegue agora! O sussurro de Myrnin parecia desesperado agora. Angustiado. Isso foi doloroso também.

Ela manteve o olhar no rosto de Shane, mas ela se lançou para a mão de Myrnin quando outro pedaço de realidade passou por ela.

Seus dedos romperam a superfície fria, gelada, e a tocou.

E a realidade voltou junta. Ela ainda podia ver as rachaduras, ouvir o barulho terrível da escuridão além dela, mas a mão de Myrnin prendeu e se fechou em torno de seu pulso em um agarre inquebrável, e ela caiu, e caiu, e caiu...

E respirou.

Uma respiração de verdade.

Isso doía.



Seu primeiro pensamento foi *isso não pode estar acontecendo*, e a segunda foi apagada por uma onda de dor tão intensa que ela queria vomitar, mas não conseguiu. Ela não conseguia se mexer. A dor estava em seu pescoço, e ela lembrou da terrível pressão, da escuridão, do momento em que tudo tinha...

Eu estou respirando, ela pensou. *Como eu posso estar respirando? Eu posso sentir o meu coração batendo. Eu posso sentir...*

Eu posso sentir.

A dor estava sumindo agora, mas havia algo mais, algo quase pior... algo se movendo através de suas veias, como um veneno gelado. Como a morte, mas mais lento. Cruel.

Ela sentiu mãos geladas em sua testa, e a voz de Myrnin estava dentro de sua cabeça, *dentro*.

Você tem que escolher, ele disse a ela. *Se você quer viver como você vivia antes, você deve lutar. Isso é escolha sua. Eu trouxe você de volta, mas agora você deve escolher.*

Ela estava confusa e assustada, e sofrendo. *Escolher o quê?*

A vida humana, ele disse. *Ou as infinitas possibilidades que eu tenho para oferecer. Mas você não pode mudar de ideia quando você fizer essa escolha.*



Ter Myrnin em sua cabeça era como estar no buraco de coelho de Alice. Ele parecia são o suficiente, mas no fundo apressado de imagens e sentimentos havia uma paisagem tremulante totalmente louca de muita cor, muita dor, muito amor, muita fome, muito tudo. Isso era o que Myrnin era.

E ele a assustou, e a encantou, e isso fez ela querer chorar.

O gelo em suas veias tinha algo maravilhoso, porque parecia pacífico. Como um silêncio. Não era como a morte, mas como algo com a morte nele, e um pouco de vida. Ele tinha a clareza feroz e distinta da eternidade.

Seu coração estava lutando para continuar batendo contra ela, e a luta doía. A vida doía. Tudo relacionado a isso trazia dor, até mesmo as melhores coisas.

Então se deixe ir, Myrnin sussurrou. Eu vou pegar você. Mas entenda — você tem que deixar tudo quando você cair. Até mesmo ele.

Shane.

Havia algo sobre a batida irregular do seu coração que lembrou Claire dele — do jeito que ele lutava, todos os dias, contra alguma coisa, mesmo que fosse apenas contra si mesmo. Do jeito que ele ainda ficava parado e pacífico quando eles estavam deitados juntos na cama, à beira do sono. Do gosto de seu beijo e a forma que ele sorria para ela, e a forma que ele tinha desafiado ela para *viver*.

Havia uma sobrevivência racional e fria no gelo que atravessava o seu corpo, e um final de dor, mas Myrnin a tinha lembrado de outra coisa também: que na dor estava a vida, e a vida podia ser bela, com todas as suas cicatrizes e imperfeições.

Não era apenas Shane que estava puxando-a de volta. Era Eve, e Michael, e seus pais; era Richard e Hannah e tantos outros, até mesmo Monica, porque no final, elas compartilhavam essa experiência da *vida*. De arriscar tudo, todos os dias, a cada respiração.

E ela não estava pronta para desistir disso. Havia muito mais para aprender.

Ela faria isso, no final, por si mesma. Por seu próprio futuro incerto e distante.

O frio se intensificou, e ela lutou para rejeitá-lo, lutou com tanta força que ela pensou que deveria estar chorando, mas seu corpo era uma prisão, e ela não conseguia movê-lo... e, em seguida, ela deu outra respiração hesitante, e outra, e o gelo recuou, se aqueceu, derreteu e foi embora.

Myrnin sussurrou dizendo, *boa garota*, e ela sentiu a sua tristeza e perda, mas depois tudo acabou, como as teias de aranha de um sonho varridos por uma brisa da manhã.

E ela abriu os olhos e disse: — Uau.



Quando as primeiras palavras saíram, era um sussurro fraco e não muito inspirador, mas Eve gritou e colocou as palmas sobre a boca, e Shane se lançou para cima como se alguém o tivesse puxado do chão.

E Myrnin deu um passo para trás, cambaleou e caiu.

Shane hesitou, olhando para ele, depois completou a sua corrida para pegar Claire e puxá-la em seus braços. — Uau — ela repetiu, e piscou. — Shane. — Todo o seu vocabulário tinha sido reduzido a palavras isoladas. — Eve.

Eve soprou-lhe beijos frenéticos, em seguida, foi se inclinar sobre Myrnin, que estava deitado no chão com os olhos bem abertos. — Ei — ela disse. — Hum... você está bem? — Ela cutucou ele hesitantemente com a ponta dos dedos, e ele fez um daqueles movimentos rápidos de vampiros para se apossar de seu braço. Eve tentou puxar de volta, mas Claire sabia que não era provável que isso acontecesse.

— Eve — Claire sussurrou. Shane estava segurando-a como se ela fosse quebrar, e também como se ele nunca tivesse a intenção de soltá-la, mas ela empurrou fracamente o seu ombro e virou o seu queixo em direção ao que estava acontecendo. — Eve!

Shane suspirou e a soltou. — Não se mova — ele ordenou, e se virou para os dois. Eve estava agachada agora, tentando erguer os dedos frios de sua pele. — Vamos lá, cara. Solte ela.

Myrnin abriu a boca, e suas presas saíram. Shane se moveu rápido, plantou o seu joelho no peito do vampiro e ajudou Eve em sua luta frenética para ficar livre. Juntos, eles foram capazes de erguer os dedos o suficiente para soltar o agarre, e ela tropeçou para trás, esfregando o que certamente se tornaria uma contusão monstruosa.

— Vá pegar sangue. Eu acho que Michael tem algum escondido na geladeira — Shane disse. Myrnin estava tentando agarrá-lo também, mas Shane bateu nele, com cuidado para manter o seu peso sobre Myrnin para segurá-lo no lugar. Claire percebeu que os olhos de seu chefe tinham ficado vermelhos. Vermelho muito escuro. — É melhor trazer duas bolsas.

Eve correu para a cozinha e voltou com duas garrafas esportivas, ambas etiquetadas com o nome de Michael. — Aqui. — Ela passou a primeira, e Shane empurrou o canudo na boca aberta de Myrnin e apertou enquanto um fino líquido vermelho entrava nela.

Myrnin congelou, engoliu em seco, e abriu a boca novamente. Shane enfiou o canudo flexível mais para dentro. — Beba — ele disse. — Eu não vou te soltar até você conseguir formar palavras.

Não demorou muito para Myrnin drenar a primeira garrafa, e chegar na metade da segunda, mas então seus olhos desbotaram em um marrom lamacento, e ele parecia mais ele mesmo. — Desculpe — ele conseguiu dizer, e



Shane grunhiu evasivamente. Sua expressão mudou quando ele tomou outro gole da garrafa. — Eca. Isso é AB? Eu odeio AB! Você não tem mais nada?

— Cale-se e beba — Shane disse. — Nós não somos a maldito banco de sangue. — Ele hesitou, em seguida, mudou de posição e se levantou, dando espaço para Myrnin se levantar por conta própria. — E obrigado. Por ela.

— Foi escolha dela — Myrnin disse. Ele olhou sobre Shane enquanto se levantava e capturou o olhar de Claire. Ele estava com um flash novamente de tristeza e saudade, decepção, orgulho... tudo complicado, tudo em chamadas através de uma mente que ela só podia vagamente entender. — Ela que conseguiu. — Ele suspirou, e seus ombros se curvaram. — Estou cansado. E há muito o que fazer. Sinto muito; eu não posso ficar. Supostamente, os homens de Amelie vão estar me procurando. Eles podem muito bem vir aqui à procura. Se eles vierem, não mintam; digam que não sabem para onde eu estou indo, porque é a verdade. Eu honestamente não sei mesmo.

— Espere — Claire disse. Ela realmente não podia se mover, ainda não; seu corpo ainda estava doendo e lutando para chegar a um acordo com estar vivo novamente. Ela supôs que o sangue de Myrnin tinha feito muitas coisas — muito reparo, fez todo o trabalho novamente em preparação para transformá-la em vampira. Havia uma agulha em seu braço, e no momento em que ela se deu conta disso, Myrnin apertou um interruptor da máquina em cima da mesa, sibilando e soprando à distância, e os equipamentos que estavam girando foram abrandados, depois parados.

Ele deslizou a agulha para fora do braço dela. Claire sentiu uma onda de calor, em seguida, frio, náuseas, então tontura, mas ela quase que imediatamente se sentiu melhor. Seu coração se estabilizou de sua batida frenética.

— Espere — ela disse novamente, com mais força. Myrnin não parou enquanto enrolava a tubulação e empurrava as coisas em uma bolsa de couro preta. — Myrnin. Obrigada. Obrigada por me deixar ir. — Porque isso tinha sido tanto a vontade dele quanto a dela, ela percebeu — ele deixou ela fazer a escolha, já que ele sabia que ela iria querer isso. Nem todos os vampiros teriam feito isso. Ou poderiam.

Ele balançou a cabeça bruscamente, seus cabelos longos cobrindo o seu rosto. Ele pegou a garrafa esportiva e a esvaziou, fez um som de desgosto profundo em sua garganta, e disse: — Tem gosto de framboesas. Eu odeio framboesas. Coisas nojentas. — Ele agarrou a sua bolsa fechada. — Mantenham ela calma e quieta por um tempo. A cura está feita, mas o corpo dela está em choque. Ela vai sentir frio. Deem água a ela agora, alimento daqui a uma hora, mas não muito de cada um. — Ele conseguiu se virar e sorrir, mas havia algo incerto em seu sorriso. — Eu tenho que fora.



— Você tem que *ir* — Eve disse. Isso era para ser uma piada, mas não pareceu uma. — Desculpe. Existe alguma coisa que possamos fazer para...?

— Não — ele disse. — Fiquem aqui. Aconteça o que acontecer, vocês não devem ir para fora outra vez, mesmo à luz do dia.

— Espere. Michael não voltou, ele deveria ter voltado. Você pode procurar por ele? Por favor?

Myrnin olhou para Eve por alguns longos segundos, em seguida, pegou as mãos dela e seriamente disse: — Se ele não voltou para você, você deve aceitar que ele nunca mais voltará. O que há lá fora, agora é a morte para os vampiros, tanto quanto para os seres humanos, mais ainda para nós, porque somos os alvos. Michael assumiu um risco terrível. Ele sabia disso.

No passado. Myrnin estava falando de Michael no tempo passado. Claire sentiu Shane afundar-se ao lado dela, e seu braço quente foi em torno dela para abraçá-la. Ele estendeu a manta sobre os dois.

— Ele não pode ter ido embora — Claire disse. — Não agora. Não quando eu... — *Não quando eu voltei.*

Eve parecia totalmente aterrorizada enquanto segurava o olhar de Myrnin. — Por favor — ela disse novamente. — Ele não pode ter ido embora. Por favor, traga-o de volta!

Ele beijou-lhe as mãos, primeiro uma, depois a outra, e se afastou. — Todos nós estamos tentando fazer o nosso melhor — ele disse. — E eu não vou esquecê-lo.

Isso, pensou Claire, estava muito longe de ser uma promessa.

Eve parecia abalada, mas ela não chorou. Ela se levantou e observou enquanto Myrnin caminhou até a parede em branco da sala de estar, abria um portal e entrava. Claire esperava que ele olhasse para trás.

Mas ele não o fez.

— Eve — Claire disse. Sua voz soava mais forte, e sua amiga virou a cabeça, só um pouco, em sua direção. — Por favor. Venha sentar.

Eve o fez finalmente, encolhendo-se no sofá do outro lado de Claire e colocando os braços em volta dela. Os três ficaram sob o cobertor, aconchegando-se perto, enquanto o frio se acumulava dentro da casa, e a chuva batia nas janelas.

— Algo está estranho — Eve disse. — As coisas parecem diferentes. Não é você, mas... isso. A casa.

Ela estava certa, Claire percebeu. Ela não tinha sentido as emoções da casa, ou ansiedades; ela não respondeu quando ela estendeu a mão para ela.

Era apenas tijolos, argamassa e madeira agora.

Myrnin tinha destruído a Glass House para libertá-la.





O primeiro indício de que algo estranho estava acontecendo com ela foi depois que ela consumiu a comida e a água que Myrnin tinha determinado, e se levantou para fora do sofá sozinha. Shane estava pairando em torno dela, obviamente preocupado que ela fosse cair a qualquer momento, mas ela se sentia... bem. Estável. Ainda melhor do que isso, na verdade.

— Sério, você deve se sentar — ele disse a ela. — Uma hora atrás você estava...

— Morta — Claire disse, e esfregou as costas de seu pescoço. Algo estalou lá, mas não de uma maneira ruim. Era mais como uma forma de alívio de tensão. Ela balançou a cabeça experimentalmente. Tudo continuava unido. — Eu sei. E eu sinto muito, Shane. Eu sei o quão difícil foi para você. Eu vi. — Ele sabia que ela estava falando sobre a arma, sobre aquele momento de desespero quando ele se sentou de costas para a porta, quando parecia que ele não tinha mais nada. — Não se atreva a fazer isso de novo. Me prometa.

— Eu não vou — ele disse, e colocou os braços ao redor dela. Parecia tão bom para ela, tão real, quente e perfeito, como se eles fossem feitos para se encaixar. — Nunca me deixe novamente, então.

Ela beijou a pele suave e quente debaixo de sua orelha e sussurrou: — Você tem que fazer a mesma promessa, você sabe.

— Eu faço — ele sussurrou de volta, e abraçou-a com força suficiente para tirar a sua recém-recuperada respiração. — O que vamos fazer em relação a Michael?

— Eu não sei. — Ela estava miseravelmente consciente de que para Myrnin, e provavelmente para todo o resto dos vampiros, que se você estava desaparecido agora, você era dado como morto; isso significava que Naomi, Oliver, Michael, e todo o resto não voltaria mesmo se eles ainda estivessem vivos, não se o resgate fosse depender de Amelie. — É pior do que isso. Eu não tenho certeza, mas eu acho que... eu acho que Amelie não está realmente planejando nos libertar quando os vampiros forem embora.

Ele a empurrou a uma distância do comprimento de um braço. — Do que você está falando?

Claire engoliu em seco, e disse: — Eu acho que ela vai nos matar. Todos nós. Eu acho que ela vai tirar os vampiros para fora daqui, e destruir toda a cidade para ter a maldita certeza de que os seus inimigos morram aqui também.

Eve disse entorpecida: — Bombardear o lugar a partir da órbita. É o único jeito de garantir.



Essa fala do filme antigo geralmente fazia todos eles sorrirem, mas não agora. Não dessa vez.

Porque desta vez, era realmente *verdade*.

Shane soltou Claire e passou as mãos pelo cabelo desgrenhado em um gesto distraído e ansioso. — Eles não podem fazer isso. Myrnin... porque ele te trouxe de volta se você fosse apenas morrer de novo? Por que ele faria isso?

Claire odiava dizer isso, mas ela sabia a resposta lá no fundo. — Porque ele sente algo por mim, e ele queria me dar uma chance de viver. Como ele. Com ele. Mas eu recusei.

Shane virou-se e olhou para ela, uma expressão vazia em seu rosto que se transformou rapidamente em... outra coisa. Claire estava feliz por Myrnin ter ido enquanto ainda podia. — Ótimo — ele disse. — Eu sabia.

— Não é desse jeito. Ele... — Ela balançou a cabeça em frustração. — Não é como se ele estivesse apaixonado por mim ou qualquer coisa; é mais complicado do que isso. Eu nem acho que ele entenda exatamente.

— Sim, ele só ama a sua mente — Shane disse, e bateu a palma da mão para baixo em cima da mesa de jantar.

Uma das garrafas vazia, mas ainda manchada de sangue, caiu da borda da mesa.

Claire andou, pelo menos dois metros de distância, mas sem sequer pensar nisso, ela deu um passo para a frente, estendeu a mão, e...

...e de repente ela estava segurando a garrafa, e ela caiu apenas cerca de cinco centímetros.

Ela atravessou dois metros e pegou algo com uma coordenação perfeita em menos de um segundo.

O que diabos...?

Shane e Eve começaram a balbuciar para ela. Ela ergueu a outra mão, pedindo silêncio, colocou o frasco para baixo, e derrubou-o da mesa de novo. Ela esperou enquanto ele caía, então fez um esforço para pegá-lo antes de atingir o chão.

E então ele estava em sua mão, a três centímetros do chão.

Ninguém poderia ter pego isso.

Ninguém *humano*.

Mas ela era humana — ela tinha sangue correndo por suas veias, seu coração estava batendo, ela estava respirando... e ela se sentia mais viva do que ela conseguia se lembrar.

Shane lambeu os lábios e disse: — É o sangue.

— O quê?

— O sangue de vampiro. É como as coisas que me deram para beber quando eu estava na academia lutando, teve um efeito sobre você. Faz você



ficar mais rápida e mais forte, pelo menos por um tempo. Mas quando acabar, você vai ficar devastada. Eu sei o que você está pensando, Claire, e não é uma boa ideia. De modo nenhum.

— O quê? — Eve perguntou ansiosamente. — O que você está pensando? Por que, não é bom? Por favor, não faça nada não bom, foi um dia realmente terrível, Claire, e honestamente, eu não acho que eu possa aguentar mais um trauma no momento. — Sua voz estava tremendo, e ela parecia pálida como giz. — A menos que seja sobre Michael. Se é sobre Michael, é uma ideia muito boa.

— Eu posso tentar encontrá-lo — Claire disse. — Olha, que escolha temos? Amelie não está à procura de Michael, ou de qualquer um deles. Ela vai fazer as malas e correr enquanto muitos do seu pessoal são deixados. Se nós apenas esperarmos aqui, vamos ser presas fáceis para o grande apocalipse de Morganville de qualquer maneira. Talvez eu possa descobrir onde eles estão, e eu possa pegar Michael e Oliver, e Oliver possa parar isso. Ele preferiria lutar do que se arrepender. Ele pode convencer Amelie.

— Isso é verdade — Eve disse. — Ele não é realmente do tipo desistente. — Ela piscou para conter as lágrimas e agarrou a mão de Claire, a garrafa e tudo. — Você realmente acha que pode encontrar Michael?

— Espere um segundo. Pense nisso — Shane disse. — Eve, aquela coisa que quase nos pegou, é provavelmente o que pegou Michael, se os vampiros estão tão assustados. Você quer que Claire vá pessoalmente atrás dele?

— Eu não vou — Claire disse. Ela já tinha feito isso, e não tinha terminado bem. — Tudo o que eu vou fazer é tentar descobrir onde eles estão mantendo os que foram levados. Então quando eu souber onde eles estão, podemos chamar ajuda. Eu posso ligar...

Shane estava balançando a cabeça. — Os telefones estão inativos. Inferno, pelo que eu sei, ela está abatendo os pombos-correios também. Não tem como nós encontrarmos você se as coisas correrem mal, Claire, e eu não posso, eu não vou deixar você correr esse risco.

Ela colocou as mãos no rosto. Ele parecia tão sério agora, e ela sofria por ele, realmente, mas de jeito algum ela conseguiria se esconder aqui. Esconder iria fazer todos eles serem mortos.

Às vezes, você tinha que arriscar tudo, e ela sabia disso, além de qualquer sombra de dúvida, agora era esse momento.

— Você vai, porque você me ama — ela disse a ele, e o beijou. Foi um beijo roubado suave e doce, e fez ela querer chorar ao pensar em deixá-lo. — Shane, eu vou voltar. Esteja pronto quando eu voltar, porque isso vai se tornar perigoso.



Ele fechou os olhos e pressionou a sua testa na dela por longos segundos e depois recuou.

— Você não vai deixar ela ir de verdade! — Eve disse. — Myrnin deu a loucura a você? Porque *não é seguro!*

— Eu sei. — Ele soltou a mão de Claire. — E ela não vai sozinha. Eu vou com ela.

Bem, Claire não poderia dizer honestamente que ela não esperava por isso, mas ela temia isso. — Você não pode — ela disse. — Shane, eu vou a pé.

— Mais uma razão para eu ir. Ei, não se preocupe. Eu vou levar as armas pesadas.

Ela não queria que ele fosse com ela. Por uma boa razão — ela estava com medo de perdê-lo, e ela sabia, *sabia*, que o que estava lá fora esperando era capaz de... qualquer coisa. Ele sobreviveu a experiências terríveis, ela sabia disso, mas isso — isso era diferente.

Ela também sabia que de jeito algum ele aceitaria um não como resposta. De jeito algum mesmo. Ele iria sozinho se ela tentasse deixá-lo, o que só iria colocá-lo em perigo ainda maior.

Finalmente, ela balançou a cabeça e suspirou. — Então vá pegar as suas coisas e se apresse. Nós provavelmente não temos muito tempo antes que o sangue de Myrnin desapareça.

— Espere — ele disse a ela. — É sério. Não se mexa até eu voltar.

Claire assentiu. Ela pensou em escapulir enquanto ele estava de costas, mas isso não faria bem nenhum. Ele voltou em menos de um minuto, de qualquer maneira, usando um casaco com os bolsos carregados.

Ele entregou-lhe um conjunto de tampões para ouvidos azuis e macios. — Pra que é isso? — Ela olhou para eles, confusa, enquanto ele empurrava um em seus próprios ouvidos.

— Confie em mim — ele disse. — Você pode precisar deles.

Ela os empurrou dentro. Eles fizeram o som do seu próprio coração ficar incrivelmente alto, mas bloqueava as vozes muito bem; ela teve que ler os lábios dele para descobrir o que ele tinha dito, *estou pronto para ir*.

— Eve, daqui a pouco estamos de volta — ela disse para ela. — Tranque as portas!

Eve assentiu com a cabeça. Ela parecia estressada e ansiosa, mas estava com a sua espada de esgrima longa em uma mão, e uma estaca de prata na outra. *Eu vou ficar bem*, ela disse, ou Claire achou que ela tinha dito, de qualquer maneira.

Claire correu para ela e a abraçou com força. Ela beijou-a na bochecha e disse: — Amo você, Eve.



— Eu também te amo — Eve disse. Claire ouviu, bem baixinho, através das barreiras do som abafado.

Então ela e Shane partiram para a escuridão de uma Morganville que ela não conhecia mais.



Havia coisas lá fora, e Claire percebeu porquê Shane tinha lhe dado os tampões de ouvido no momento em que ela chegou na área em torno do Common Grounds; havia um som no ar, algo como uma canção. Ela não podia ouvir muito, mas a deixou distraída, ansiosa, e isso a fez querer tirar os tampões para ouvir.

Ela não tirou, só porque quando ela estendeu a mão até eles, Shane agarrou a mão dela e segurou na ele, balançando a cabeça.

Certo. O que quer que estas coisas aqui fora sejam, o som é uma armadilha.

Shane arrastou-a para as sombras ao lado do toldo do Common Grounds, que estava fechado; no brilho vermelho e verde do desenho de uma xícara de café em néon na janela, Claire viu uma figura humana de pé na esquina da rua, sob uma luz trêmula.

Entre as cintilações, ela pensou que fosse a escuridão, mas na luz, ela viu um homem. Pálido, indefinido e anônimo.

Ela o conhecia, e prendeu a respiração bruscamente quando ela recuou contra a força quente e estável de Shane. Seus braços foram ao redor dela.

Magnus. Esse era o homem que a tinha matado.

Ele ficou na esquina por alguns longos momentos, em seguida, virou-se e afastou-se para a escuridão, rumo ao sul. Claire agarrou a mão de Shane com força e levou-o para fora das sombras. Ele a puxou para ela parar novamente. *Espere, ele gesticulou com a boca. O que foi?*

Vamos seguir ele!

Shane balançou a cabeça. *Perigoso.*

Claro que era. Mas ela sabia, *sabia* que Magnus era a chave para tudo isso. Ele a matou por uma razão; ela simplesmente não entendia completamente qual era.

Ela arrastou Shane insistentemente para o canto. Eles agacharam na parede de tijolos, e Claire espiou ao redor para ver onde ele estava.

Magnus parou justamente quando ela olhou. Ele estava de pé sobre uma grade de ferro enferrujada no concreto da calçada — um bueiro direto para os esgotos. Claire teve um flash de memória, de uma grade assim como aquela — onde ela tinha visto isso?

Atrás da Goode's Drugs. Quando ela tinha seguido Magnus pela primeira vez.



Magnus pareceu... desmoronar. Não havia outra palavra para isso; ele se partiu em pingos de gotas de chuva, e em um segundo, talvez dois, ele tinha desaparecido.

Como se ele fosse feito de água. Era doentio e errado por tantas razões, e isso a fez se sentir tonta e quente, apesar da chuva fria caindo sobre o capuz de seu casaco.

Foi assim que ele tinha se afastado dela por trás da farmácia, e no supermercado; ele tinha apenas deslizado no ralo, e deixado-a lá confusa, procurando em todos os lugares errados. A ideia de que ele tinha estado lá em baixo, olhando para ela, observando-a — fez todo o caminho da sua coluna estremecer.

Ele sabia que eu o vi, Claire pensou. Ele não podia arriscar que eu soubesse para onde ele tinha ido. Então, ele me matou ao invés de arriscar.

Não havia sinal de ninguém — ou nada — na rua. Claire engoliu em seco para forçar a náusea para baixo, em seguida, puxou Shane para a frente, para ficar ao lado da grade.

Ela apontou para ele.

Ele deu-lhe um olhar estranho.

Ela apontou novamente, estendeu a mão, e a agarrou. Era muito pesado para ela levantar, mesmo que ela tenha puxado até os seus músculos tremerem e contraírem.

Shane balançou a cabeça, sacudindo água, e inclinou-se para colocar força na grade também. Com a sua ajuda, ela conseguiu virar num ângulo de quarenta e cinco graus.

A água da enchente nas ruas estava rugindo nos esgotos e aberturas de drenagem, e aqui não era diferente; era uma cachoeira que descia em um poço negro.

Shane pegou uma lanterna do bolso e ligou-a, e iluminou a escuridão.

Era como uma visão do inferno, se o inferno fosse feito de água; correntes marrons e espessas corriam abaixo deles, carregando pedaços de lixo, emaranhados de metal, galhos, os detritos de tudo o que tinha sido levado das ruas. Ela avistou ratos nadando por suas vidas. Eles foram arrastados a uma velocidade assustadora.

Shane colocou a mão no ombro dela e balançou a cabeça novamente. Era muito perigoso; ele estava certo. Entrar em um bueiro era suicídio nesta chuva; eles seriam levados, esmagados contra uma grade e afogados, na melhor das hipóteses.

Além disso, aparentemente, Magnus poderia transformar-se em algum tipo de líquido. Como ela poderia controlar isso?



Pense. Certamente, com toda essa chuva, Magnus não estava realmente vivendo nos esgotos; talvez tenha sido a sua versão de uma rodovia. Mas, obviamente, ele estava confortável na água...

A música estava começando de novo, alta e doce nas bordas de sua consciência, e ela inconscientemente estendeu a mão para os seus tampões de ouvido, então se conteve.

A música.

Como as velhas histórias de sereias da mitologia grega.

Cantar, para atrair as pessoas para a morte.

Tudo o que ela tinha que fazer era seguir o som.

Shane empurrou a grade para baixo e abriu as mãos num gesto interrogativo.

Ela agarrou o seu braço, e o rebocou adiante, através da chuva, no sentido que a criatura que a tinha matado queria que a sua presa fosse. Em direção a música.

Eles tinham duas vantagens, ela imaginou; uma, eles estavam pelo menos parcialmente protegidos contra o som daquela música. E duas, eles estavam indo sabendo os riscos.

O canto parecia mais forte enquanto eles caminhavam ao sul, em uma das áreas menos povoadas da cidade; havia casas abandonadas aqui, e edifícios antigos fechados que tinham sido uma vez lojas. Havia ainda algumas casas sendo habitadas. Um nó grosso de pavor se formou no peito de Claire quando ela viu que algumas luzes estavam ligadas sobre as portas abertas, como se os habitantes tivessem simplesmente saído fora e deixado as casas como estavam.

Ela avistou uma mulher na frente da sua casa na chuva. Sem nenhum casaco. Ela estava usando slippers que molhavam na corrente gelada passando pela calçada, e sua roupa estava colada contra o seu corpo. Claire apontou, e ela e Shane correram para alcançá-la.

A mulher — uma vampira? — não pareceu notá-los. Ela estava olhando para frente, e seu rosto molhado estava em branco enquanto ela lutava para continuar, um passo de cada vez. Ela estava tremendo com o frio em sua roupa fina.

Shane agarrou-a e puxou-a para ela parar. Ela tentou se puxar para longe, mas não por estar com medo por ter sido abordada em uma rua escura; estava mais para impaciência, como se ele fosse um obstáculo e ela tinha que superar para chegar onde ela precisava estar.

Depois de alguns segundos de luta silenciosa, a mulher de repente se virou para ele e arranhou as unhas no rosto dele. Definitivamente uma vampira: seus olhos estavam vermelhos e as suas presas brilharam afiadas na



penumbra. Shane a soltou enquanto abaixava a cabeça, e ela tropeçou para frente, andando no mesmo ritmo implacável.

Não tem como parar ela, Shane disse. *Quer que eu...* Ele fingiu nocautear alguém. Claire balançou a cabeça. Ela odiava ter que fazer isso, mas a mulher estava levando eles para onde eles precisavam ir.

Eles seguiram atrás a uma distância cuidadosa, mas não parecia ter alguma razão para eles se preocuparem em serem vistos; ninguém mais estava por perto e certamente a mulher não se importava se eles estavam atrás dela, contanto que eles não entrassem em seu caminho.

Ela reduziu a velocidade e virou-se finalmente, e arrastou os pés na água enquanto subia em direção a um grande edifício antigo com janelas molhadas e opacas. Shane direcionou a lanterna em direção ao nome sobre a porta.

PISCINA PÚBLICA DE MORGANVILLE.

Seja lá o que isso fosse, ele estava fechado há anos; o edifício parecia velho e caindo aos pedaços, e a pintura tinha descascado do tijolo e deixado aparentar sujo e podre. A grande porta branca tinha sido bloqueada, Claire percebeu, mas o ferrolho estava quebrado agora, e a fechadura enferrujada estava nas escadas.

A mulher foi até a porta, a abriu e desapareceu dentro. Perto assim, a música estava entrando através dos tampões de ouvido, fazendo Claire se sentir doente e instável, precisando tirar o isolamento acústico e *ouvir*, realmente *ouvir*. A mensagem era importante, e ela quase podia entender...

Shane estendeu a mão para o dele, e ela agarrou a mão dele e balançou a cabeça. Ele respirou fundo e acenou com a cabeça e, juntos, subiram os degraus até a porta branca.

Pronto? Ela murmurou para ele, e recebeu um lampejo de um sorriso em resposta.

Na verdade, não, ele disse. *Mas vamos fazer isso.*

Ela tinha vontade de se mover rapidamente, mas se conteve; Shane não podia se mover a uma velocidade de vampiro, e o deixar para trás, aqui, não era sequer uma opção. Não com aquele som pressionando, arrastando e perfurando diretamente através da insonorização agora, cavando em seu cérebro. *Mais perto*, ele estava cantando. *Venha e descanse. Venha e descanse.*

Ela não queria descansar, mas ela não podia se parar de avançar, lentamente com a mão de Shane agarrada apertadamente na dela.

O lugar que ela entrou era escuro e cheirava a mofo. O tapete era antigo e sujo, e em cima, o teto tinha rachado e dividido. A pintura tinha descascado em cachos elaborados, como fitas, e ela se abaixou para evitá-las. Havia uma mesa velha, e um cartaz de papelão enrugado que dizia, quando Shane colocou a lanterna sobre ele, MEMBROS ASSINEM NA FOLHA. A prancheta ainda



estava lá, pendurada em uma corrente de prata, mas os papéis estavam muito longe.

O lugar inteiro cheirava a umidade e podridão.

Mais perto, a música sussurrava. Paz e quietude. Mais perto.

Havia um corredor além do hall de entrada, e ele brilhava com luzes de fadas e reflexos.

Shane puxou a mão dela, balançando a cabeça freneticamente. Ele apontou para a porta que conduzia de volta para fora, para o ar mais limpo da noite.

Mas ela tinha que ver. Só para ter certeza.

Claire deu um passo para a frente pelo corredor, ainda segurando a mão dele. Ela tentou não tocar nas paredes que eram pretas com mofo. O tapete tinha desaparecido agora, e havia duas portas fora do salão, uma com VESTIÁRIO DOS HOMENS, outra VESTIÁRIO DAS MULHERES. A textura do piso foi alterada para azulejos, que era lisa e escorregadia.

O corredor se abriu em um espaço gigante de concreto aberto com um rendilhado de ferro enferrujado sobre suas cabeças. O piso era ladrilhos brancos quebrados, e nas paredes havia mais azulejo, em padrões que Claire tinha certeza que costumavam ser bonitos, antes de descolorirem com o tempo e estarem cheios dos sempre presentes mofos.

No centro, havia uma grande piscina, e ela estava cheia de água cintilante azul-verde, iluminada por baixo. Ela brilhava como uma joia, e era bela e fascinante, e a música vinha de lá, bem dali...

A mulher que eles tinham seguido estava na piscina. Na parte rasa, mas andando para a frente.

E ela continuava andando enquanto a água atingia os seus quadris, em seguida, sua cintura, até o peito, o pescoço...

... E ela desapareceu.

Ela não voltou.

Na parte mais funda da piscina, Claire viu...

...corpos.

Claire pulou para a frente e correu para a borda da piscina. Shane tentou impedi-la, mas ela não podia deixá-lo, não agora, *não agora!*

Havia corpos na piscina. Parados lá rigidamente a pelo menos dois metros abaixo da superfície. Eles estavam ancorados no fundo, ela pensou, porque ela podia ver os braços flutuando. Um cabelo longo de mulher derivava preguiçosamente na água, ocultando o seu rosto, mas quando ele flutuou para fora do caminho, Claire a reconheceu.

Naomi.



A vampira estava quieta e silenciosa, com os olhos arregalados. Ela parecia morta.

Oliver estava lá embaixo, ancorado nas proximidades.

E lá estava *Michael*. Bem ali, olhando para ela.

E ele piscou.

Ele estava vivo. Eles estavam todos vivos.

Ela queria gritar. Shane estava arrastando-a freneticamente para trás para longe da borda, e ela percebeu que, mesmo enquanto ela estava ajustando à realidade horrível do que ela estava vendo, ela estava pensando em dar mais um passo, apenas um, e afundar-se na água quente e parada, tão calma e pacífica...

Ele virou ela para o outro lado e gritou em seu rosto: — Claire, nós temos que ir!

Ele agarrou a mão dela e puxou-a em direção ao corredor.

Depois parou.

Porque havia um homem pálido ali de pé, olhando para eles. Claire piscou, e ele não estava mais lá, era uma coisa preta, mas ela podia ver seu disfarce humano ao mesmo tempo, como uma pele esticada sobre a realidade.

Magnus.

— Você não deveria estar aqui — ele disse. — Eu matei você, menina.

Shane pegou as estacas revestidas de prata do bolso. Ele passou uma para Claire, em seguida, tirou o que parecia uma... garrafa esportiva. Uma delas tinha uma tampa, e ele a tirou, mirou e esguichou um jato prateado que espirrou na coisa que estava no caminho deles.

Magnus gritou, e foi como o som da música, só que um milhão de vezes pior, e Shane largou a garrafa e a estaca e cambaleou, em seguida, ficou apoiado em um joelho. Claire se aproximou; aquilo martelava para ela em ondas de som implacáveis, mas ela podia ver que o nitrato de prata tinha machucado a coisa, queimado alguns de seus disfarces de pele humana, e derretido uma parte dele em uma massa borbulhante e fervente que deslizou em uma corrente preta para os azulejos.

Claire deu um aperto mais firme na estaca de prata, convocou toda a velocidade e força que Myrnin tinha concedido a ela, e correu para a frente em um borrão.

Ela enterrou a estaca de prata, onde, em um ser humano, estaria um coração. Era como empurrar em uma gelatina, nada como estacar um vampiro. Nojento. Ela podia sentir a lama fria em seus dedos.

A boca de Magnus abriu, revelando filas afiadas de dentes, e ele se lançou sobre ela. Ela gritou e rolou para longe, ainda com a velocidade de vampiro, e Magnus arrancou a estaca e atirou-a para longe. A ferida tinha deixado outro



vazamento de líquido borbulhante preto, mas ele não tinha sido derrotado. Nem um pouco.

Shane cambaleou, agarrou a mão dela e correu para a porta que ele tinha deixado sem vigilância. Linhas pretas de lodo estavam vindo do outro lado do azulejo em direção a eles, e Claire teve a sensação terrível e repugnante de que se eles pisassem nela, eles nunca se libertariam. A nojeira em seus dedos parecia que estava os apertando, deixando eles brancos, e ela sentiu alfinetadas horríveis por toda a pele que esteve em contato. Ela arrastou a mão contra seu jeans enquanto corria.

Havia mais deles no hall de entrada, sombras pretas oleosas com rostos humanos falsos, e eles eram todos Magnus. Shane jogou o resto da garrafa neles, e Claire pegou uma faca com revestimento de prata de seu cinto. Ela cortou aquele que veio até ele, e ouviu aquele grito novamente, uma pressão raivosa de bate-estaca como se todo o oceano estivesse descendo sobre eles... mas a criatura caiu, espirrando fragmentos negros prateados que rolaram sem rumo sobre o chão, e Claire agarrou o braço de Shane e arrastou-o para a frente para o ar claro de fora. Ele estava atordoado e fraco, com o brilho cintilante do lado da rua, ela viu que o seu nariz estava sangrando, e seus olhos estavam vermelhos.

Ela estava sangrando também, ela percebeu, pelo nariz e mão. Era como se ela tivesse sido picada por uma água-viva. O machucado estava coberto com pequenas gotas de sangue.

Ele estava me mordendo, ela pensou, e estremeceu de repulsa.

— Vamos lá! — ela gritou, e Shane tossiu, inclinou-se e vomitou uma corrente de água.

Mas eles não tinham nem entrado na piscina.

Magnus estava na porta, e seus olhos eram brancos prateados, como o luar sobre a água, e ele estava sorrindo para eles.

Eles não iam conseguir.

Claire gritou novamente, em pura frustração agonizante, e sem sequer pensar nisso, ela agarrou Shane e atirou-o por cima do ombro.

Isso não deveria ter sido possível, de forma alguma; ele era muito maior e mais pesado do que ela, mas ela se sentia como se as suas veias estivessem em chamas, e ela queria lutar, *agora*, lutar contra essa coisa que a tinha machucado e vindo atrás de Shane, Michael e Oliver e sua *cidade*.

Mas ela também sabia que ela não poderia fazer isso. Shane iria morrer.

Então ela equilibrou o seu peso, se equilibrou em seus pés, e correu por sua vida, e pela dele.

Demorou quatro longos quarteirões para a adrenalina e todo o impulso de sangue que Myrnin tinha dado a ela ser completamente desligado. Ela



começou a ofegar e cambalear, e depois caiu com força, e Shane caiu com ela. Todo o seu corpo parecia que estava caindo aos pedaços. Shane tinha avisado a ela que ela iria desabar, mas ela não estava desabando; isso estava mais para ser rasgada e colada de volta novamente, e *Deus*, isso doía.

Shane tinha ficado de joelhos, parecendo pálido e fora de si, mas a chuva em seu rosto parecia trazê-lo de volta. Ele encontrou os olhos de Claire e estendeu a mão, e ela aceitou.

Corra, ele gesticulou com a boca, e ela balançou a cabeça. Ela não tinha certeza se podia, mas ele estava certo.

Era a única esperança de verdade.



Eles estavam correndo o mais rápido possível passando pelo Common Grounds quando Magnus — ou o seu clone — saiu de trás do edifício e apareceu na frente deles. Claire gritou e conseguiu desviar dele, torcendo para fora do caminho de sua mão estendida; Shane correu direto para ele. Ele conseguiu pegá-lo; levantando o seu ombro e colidindo com a criatura. Ele caiu para trás. O que quer que isso seja, não era completamente gelatinoso; havia algum tipo de força estranha dentro dele, e isso o fazia vulnerável a um ataque físico. Ele cambaleou alguns metros, e Shane deu uma perfeita virada, agarrou Claire, e puxou-a para uma corrida contra a morte.

Mas adiante, Claire podia ver mais deles, mais daqueles disfarces humanos naquela forma nada comum, e atrás deles... algo monstruoso. Eles estavam vindo para fora dos pingos de chuva, pingos de torneiras... pelo menos quatro deles, com mais logo atrás.

Ela diminuiu a velocidade e trocou um olhar rápido e em pânico com Shane.

Eles não iam conseguir.

Ele colocou o seu braço ao redor dela, mas ela se sacudiu e ficou com costas-contra-costas com ele. Eles circularam, observando enquanto os predadores cercaram eles. Claire não tinha certeza do que esperar na Piscina Popular de Morganville, mas o que quer que fosse, ela sabia que era horrível. Morte em vida.

Os tampões aumentaram o som irritante e rápido de sua respiração, sua própria trilha sonora de filme de terror, junto com a rápida batida de seu coração. Ela sentia gosto de sangue; seu nariz ainda estava pingando, e sempre estava tocando aquela música alta e clara, uma música perfeita para tentar puxá-la de volta.



Ela ouviu o motor rugindo logo no último segundo antes do capô do carro fúnebre atravessar a fila de criaturas se aproximando da frente. Uma saltou e rolou; os outros três bateram com muita força, e espirraram um líquido preto e grosso sobre o para-brisa, capô e grade.

O carro funerário derrapou para o lado, e Claire viu o rosto branco e chocado de Eve no lado do motorista. Eve gritou algo para eles, mas não importava qual era a mensagem; Shane já estava deslizando sobre o capô para a porta do passageiro, e Claire correu logo atrás dele.

Algo pegou-a pelo capuz de seu casaco.

Ela virou-se, puxou a faca de prata e cortou cegamente. Um deles gritou aquele terrível grito quando foi ferido, e ela conseguiu se mover para a frente. Shane a encontrou no meio do caminho e arrastou-a para a porta aberta, empurrando-a para dentro, e gritou: — Vá! — para Eve quando fechou a porta com uma batida.

Ela acelerou.

Claire sentiu uma pressão borbulhante horrível em seus pulmões, e tossiu. Água deslizou para fora com um gosto nojento de mofo. Ela inclinou-se e tossiu até os seus pulmões doerem.

Shane bateu nas costas dela, não que isso realmente tivesse ajudado, e colocou os braços ao redor dela quando ela ficou novamente na posição vertical. Eve parecia seriamente apavorada. Claire disse: — Como você sabia? — Mas Eve apontou para os seus ouvidos. Claire viu um flash de azul.

Tampões.

Ela não se virou em direção à casa; em vez disso, ela seguiu direto para a Câmara Municipal, onde parecia que metade dos carros de Morganville estavam estacionados. Havia um pânico em grande escala em curso, Claire viu: famílias carregando malas, correndo em direção ao prédio, policiais fora orientando o trânsito.

Caos.

Eve puxou os tampões de ouvido quando estacionou, e Claire e Shane fizeram o mesmo. Todos começaram a falar ao mesmo tempo, mas Eve gritou para os dois. — Os policiais chegaram em casa! — ela disse. — Todo mundo de Walnut Street to Garden tinha que dar o fora e vir aqui. Sem exceções. Achei que seria melhor ir à procura de vocês. Oh Deus, essas coisas — eu bati nelas. E eles viraram respingos. Nojento. Eu estava usando os tampões de ouvido porque, você sabe, da última vez, a música... Vocês acharam Michael? — Eve estava pulando de assunto em assunto como uma louca viciada em metanfetamina, mas não era drogas controlando ela, era apenas pânico. — Por favor, me digam que vocês encontraram!



Shane disse: — Descobrimos onde eles mantêm ele. — Isso foi tudo o que ele disse, e provavelmente era uma coisa muito boa; Eve se iluminou com um sorriso. — Precisamos de reforços antes de podermos sequer pensar em tirá-lo.

— Mas ele está vivo?

— Sim — Claire disse. Ela não podia sorrir de volta; ela simplesmente não conseguia. O que ela tinha visto era... tristemente horrível. — Sim, ele está vivo. Assim como Oliver, e Naomi, e um monte de outros. Eu tenho que ir atrás de Amelie. Ela tem que cair em si.

— Bem, você precisa fazer isso rápido porque ela já começou a mover os vampiros para fora da cidade — Eve disse. — Eu vi os ônibus saindo. Eles têm janelas escurecidas, como aquelas do tipo de estrelas do rock. Provavelmente torneiras com sangue quente e frio, e eu me arrepiei toda só por dizer isso. Eu acho que esses são os passageiros de primeira classe. Eu soube pela Hannah Moses que alguns estavam sendo colocados em caminhões de semirreboque também. Eu acho que poderia explicar a invasão súbita da Wal-Mart.

— Wal-Mart? — Shane repetiu.

— Eu acho que eles pegaram qualquer caminhão que puderam conseguir. Wal-Mart, caminhões de alimentos, caminhões de correio... Parece um daqueles filmes de desastre com as pessoas rastejando uns sobre os outros para chegar no último helicóptero. — Eve tinha perdido o seu sorriso, e ela parecia... adulta. E de repente sombria. — Eu acho que esta cidade já deu, pessoal. Parece que ela está morrendo ao nosso redor.

Parecia desse jeito para Claire também. — Você vai nos levar para a Praça da Fundadora? — ela perguntou. — Por favor? Não é seguro tentar chegar lá a pé, não mais. Eu sei que eles lhe disseram para vir aqui, mas...

— Claro — Eve disse. — Como se eu sempre seguisse as regras de alguém. Ei, experimente os cintos de segurança. Ouvi dizer que salvam vidas e essas porcarias. Podemos precisar fazer uma condução defensiva.

Ela virou a chave, e o motor fez um som de trituração horrível. Eve franziu o cenho e tentou ligá-lo novamente. Soava horrível, e ele definitivamente não soava como um motor deveria soar.

— Droga — ela disse, e desafivelou o cinto enquanto saía. Shane se juntou a ela no capô, mas em vez de levantá-lo, ambos ficaram ali, olhando.

Claire saiu para dar uma olhada também. — O que foi?

A grade dianteira do carro fúnebre parecia *derretida*. Havia uma substância viscosa preta e lamacenta escorrendo para fora dele, e quando Eve estendeu a mão para abrir o capô, Shane a parou. — Não — ele disse. — Não toque nessa coisa. Pegue as luvas, eu deixei na bolsa na parte traseira.

Quando ela pegou elas, Shane colocou as luvas pesadas e grossas, respirou fundo, e estendeu a mão por trás da grade para retirar a trava. Ela



abriu com um som pegajoso e molhado, e quando ele levantou o capô, havia uma fina camada de grude que veio com ele.

O motor estava sujo com a coisa, e ela estava *borbulhando*. Ela parecia, Claire pensou, nojenta, como um cruzamento entre lodo e algas, e exalava um cheiro úmido e de desintegração.

— Oh meu Deus — Eve disse. Isso saiu abafado, já que ela estava apertando o seu nariz fechado e recuando. — Oh meu Deus, o coitadinho do meu baby, o que é isso?

Shane fechou o capô e tirou as luvas. Elas estavam manchadas com a mesma coisa, e ele a chutou para debaixo do carro fúnebre. — Seja o que for, você não vai conseguir nos levar em qualquer lugar — ele disse. — Então o que vamos fazer?

— Encontrar outro carro — Claire disse, e justamente naquele momento, ela avistou um parando. Ele estava balançando com a música pop em um volume ensurdecador, que foi interrompido abruptamente quando a motorista puxou a chave e saiu.

Monica Morrell não parecia que estava pensando em sair da cidade. Na verdade, ela parecia que tinha acabado de voltar de um clube, e quando ela caminhou até a calçada, os saltos agulha bateram em um ritmo impaciente, Claire tinha que lhe dar pontos por seu estilo. Todo mundo tinha um olhar de refugiado mal sucedido, mas não Monica. Ela estava com um vestido curto reluzente e apertado, que exibia as suas longas pernas bronzeadas, curvas e decote. Até mesmo o seu cabelo escuro e longo voava com o vento como uma supermodelo.

Ela abrandou quando viu eles, e revirou os olhos. — Oh, perfeito — ela disse. — Vocês. — Claire se perguntou se ela tinha ouvido falar que ela tinha morrido; Obviamente não, porque Monica ignorou a presença dela. Ou imensamente não se importava de forma alguma.

Monica tentou passar por eles, mas Eve entrou diretamente em seu caminho. — Vadia, por favor! — Monica tentou empurrá-la, mas Shane chegou bem na hora; ele tirou Eve do caminho, e a palma de Mônica atingiu o peito dele em vez disso. — Oh. Bem, olá, delicioso. — Ela piscou os olhos para ele. — À procura de algo um pouco menos pastoso e de tamanho juvenil?

— Chaves — ele disse, e olhou para a mão dela em seu peito. — Você está me tocando, Monica. Isso é uma coisa ruim.

— Chaves — ela repetiu e, lentamente, recuou. — O que você quer dizer com chaves?

— Tipo, me dê. Agora. — Shane tinha aquele olhar — severo, e sem papo furado. — Não temos tempo para o seu drama, Monica. Ninguém tem.



Ela ficou séria. Ela parecia muito estranha, Claire pensou. — Meu irmão me disse para não sair — ela disse. — Ele não estava errado, não é? Alguma coisa está acontecendo. Eles fecharam o clube e todos nós fomos expulsos. — Shane balançou a cabeça lentamente, e Monica voltou a sua atenção para Claire. — Por que você precisa das minhas chaves, exatamente?

— Para chegar até Amelie — Claire disse. — Precisamos de uma carona. O de Eve está quebrado.

— Isso é verdade — Eve disse. — Estou de luto.

— É sério? Como alguém poderia perceber isso? — Monica jogou as chaves do carro na mão dela e deu-lhes um sorriso brilhante. — Vou dizer uma coisa, perdedores: eu dirijo. Ninguém toca no meu baby além de mim. Além disso, se eu estou parcialmente segura aqui com o meu irmão, eu vou estar muito mais segura com a Fundadora.

Claire tinha dúvidas disso, realmente, mas ela não iria dizer isso a Monica.

Eve, pela primeira vez, não arrumou briga, e nem Shane. Ela ficou na parte de trás, atrás de Monica. Claire rapidamente fez pedra, papel e tesoura com Shane para chegarem a uma decisão, e Claire perdeu. Ela estava na frente, com Monica, e Shane amontoado na parte de trás, junto com uma bolsa de lona com coisas que ele tinha pego da parte de trás do carro fúnebre.

— É sério — Shane disse enquanto eles se organizavam dentro e Monica girou a chave. — Você vive em uma cidade cheia de *vampiros*. Um conversível realmente é a melhor opção?

— Eu não sabia que você se importava — Monica disse, e a música pop começou. Era do iPod de Mônica, Claire imaginou, e ela aparentemente era uma grande fã da Britney Spears.

“Toxic.”

Isso era realmente e estranhamente apropriado.



CAPÍTULO 17

CLAIRE



No momento em que eles estavam a meio caminho da Praça da Fundadora, Claire tinha desejado que o banco do carona tivesse vindo com uma espingarda, porque Monica estava matando ela lentamente, com a sua tagarelice incessante. Isso era engraçado, porque Monica normalmente não era faladora, pelo menos não com eles, mas parecia que o seu circuito de calar a boca tinha fritado.

— ...eu fui na DeeDee para pegar o meu vestido novo, e estava fechada. Nem mesmo um bilhete na janela. Eu estava com tanta raiva! Na verdade, eu tive que usar essa coisa... — Monica puxou o tecido do que ela estava vestindo quase com nojo. Claire não viu como isso foi realmente possível, já que ele se encaixava como se fosse uma pele. — ...que todos os caras já tinham visto cerca de uma dúzia de vezes agora, sem mencionar que Janis Taylor estava lá e usando um vestido novo, que era de prostituta, e eu sei que ela estava falando que eu estava reciclando um look...

Shane, lá de trás, disse: — Eu estou realmente tentando ficar fora de brigas aleatórias, Monica, mas eu juro por Deus que se você não calar a boca eu vou voltar para a Etapa Zero do meu programa de doze passos. Nós não damos a mínima para o seu vestido ou o seu clube ou Janis Taylor. Michael está em apuros.

Monica enviou-lhe um olhar duro pelo espelho retrovisor e disse: — E quando é que um de vocês, perdedores, não se metem em problema, de qualquer forma? Não que Michael seja um total desperdício de genética; eu vou dar esse crédito. Então... o que está acontecendo? Vocês sempre parecem saber.

Claire disse: — Há algo novo na cidade, e é ruim. Pegando vampiros, humanos e... — O que aquilo estava fazendo, exatamente? Ela não sabia, mas



o que quer que fosse, não havia dúvida de que era pura maldade. — Amelie está com medo o suficiente para calar a cidade e correr.

— Calar a cidade? — Os lábios brilhantes de Monica pressionaram juntos. — Você está brincando comigo? Eu tive muito trabalho para viver aqui. Eu tenho *raízes*.

— E eu aqui pensando que você tinha parado de tingir o seu cabelo — Shane disse. Monica mostrou o dedo do meio para ele.

— Essa não deveria ser a fala de Eve? — ela retrucou. — Ou a Princesa Gótica finalmente aprendeu a calar a boca?

Eve se inclinou para frente. Quando Claire olhou para ela, ela sentia-se um pouco chocada pela expressão séria e imóvel de sua amiga. — Eu aprendi um monte de coisas, Monica — ela disse, apenas alto o suficiente para ser ouvida sobre o rugido do vento e da música. — Michael está desaparecido. Ele pode estar morrendo. Eu não estou no humor para a sua merda agora. Se você ficar no meu caminho, eu vou cortar você, porque você não é nada além de uma lombada no meu caminho para salvá-lo. Está claro?

Os lábios de Monica se separaram, e ela olhou para a frente por alguns segundos de silêncio antes de dizer: — Claro. — Isso foi tudo. Ela trocou o carro para uma velocidade superior, e o motor roncou com força. — Eu sei que você não vai acreditar, mas eu me importo. Ele não é ruim, o seu namorado. E nós temos uma drástica escassez de gostosos nesta cidade. Não podemos realmente nos dar ao luxo de desperdiçar um.

Eve se acalmou voltando ao seu assento sem dizer uma palavra. Ela olhou para o lado, para as ruas escuras, e as casas e lojas vazias.

Essa era Morganville.

Shane disse: — Vai chover de novo. Você deveria colocar o teto.

— Eu tenho que desacelerar para fazer isso — Monica disse. — Você quer isto?

— Tem razão. Eu não me importo de me molhar se você não se importar.

— Oh, eu me importo, gostosão; Você acha que tudo isso não dá trabalho? — Ela indicou, bem, a si mesma todinha.

— Gostosão? — Claire disse, sufocando uma risada súbita e inadequada, porque ela já sabia como o rosto de Shane deveria estar sem ter que se virar. — Você tem algum instinto de sobrevivência, afinal?

Monica sorriu, um daqueles sorrisos malvados e cruéis que sempre anunciava problemas. — O que você acha? — Ela quase ronronou, e balançou os seus longos cabelos para trás sobre os seus ombros, onde balançava como



uma bandeira ao vento. — Eu ainda estou viva. E eu ainda sou fabulosa. Ao contrário, bem, de todo mundo deste carro. — Seu sorriso desapareceu, e ela reduziu a marcha. — Companhia.

O conversível virou em uma curva com força com os pneus cantando, e à frente Claire viu o brilho das luzes piscando do carro da polícia. Eles tinham bloqueado a rua — e provavelmente todo o acesso à Praça da Fundadora.

— Olha, eu fiz a minha parte, mas eu não vou atravessar obstáculos por vocês — Mônica disse, e abrandou o conversível a um estrondo leve.

— Tente outro caminho.

— Não seja estúpida, eles estão todos bloqueados. Se você quiser entrar, você vai ter que ser furtiva, e confie em mim, o meu baby de quatro rodas vermelho e brilhante é muitas coisas, mas furtivo ele não é.

Isso era verdade, e Monica não era exatamente sutil, tampouco. Claire assentiu a contragosto. Monica puxou o conversível para o meio-fio, e os três desafivelaram os cintos e saíram.

— Aqui — Monica disse, e estendeu a mão sob o seu assento do lado do motorista. Ela tirou algum tipo de designer de bolsa — Claire não tinha ideia de como distinguir uma da outra — e abriu-a e tirou...

...um revólver. Não era um automático, como o que Shane tinha pego enquanto estava sentado no chão do quarto... este era um revólver clássico.

Por um segundo selvagem, Claire pensou que Monica podia realmente matá-la; ela não teria estado tão surpresa na verdade. Havia um prazer cruel e preguiçoso nos olhos de Monica enquanto ela segurava a arma, e uma sobrelance elevada...

...e então ela a girou e empurrou a parte traseira dela em direção a Claire.

Shane interrompeu isso, franziu a testa e disse: — Ok, como é que você está carregando essa 38 por aí?

— Estamos no Texas — Monica disse. — Eu tenho direitos. Ah, e verifique as balas. — Ela apertou um botão no painel com um dedo fino com uma unha perfeitamente bem cuidada, e verificou o seu cabelo levado pelo vento enquanto a capota de lona preta começava a levantar-se com um grunhido. — *Ciao*, perdedores.

Ela deu a volta e apertou o acelerador.

Shane abriu o cilindro da arma e deu um assobio. — Ok, interessante... ponta oca, cheia de prata. Força total, nenhum problema. Meu pai tinha algumas dessas.

— Será que elas funcionam? — Eve perguntou.



Ele estalou o cilindro de volta com um movimento do pulso, e colocou a pequena arma no bolso de seu casaco. — Claro que sim, elas funcionam. Mas é melhor ter certeza quando for atirar, porque isso vai matar no que você for atirar, seja humano ou vampiro.

— Será que mata aquelas... coisas? — Eve perguntou.

— É só um palpite, mas provavelmente não. O calibre é 38, o que significa que tem uma menor velocidade de disparo, mas grande o suficiente para atravessar um daqueles sacos de pele de um lado para o outro sem tropeçar no meio do caminho. Eu não tenho certeza de quanto dano vai fazer com eles, na verdade. A sua faca funcionou melhor. E a sua espada. — Ele bateu no seu bolso. — Mas se qualquer vampiro quiser nos pegar, isso vai ser um bom impedimento.

Ela assentiu e levanto a alça da bolsa de equipamento. — Então vamos.

— Espere — Claire disse. — Precisamos de um plano. Não podemos simplesmente ir direto até a fila de policiais e dizer: *Olá, nos deixe entrar, por favor. Estamos fortemente armados e desesperados!*

— Por que não? — Claire realmente não gostava do brilho nos olhos de Eve, ou a linguagem corporal severa dela. — Amelie não se importa de deixar Michael e fugir. Ela vai deixar ele para morrer, certo? Bem, se ela precisa de um lembrete para lembrar porquê isso é uma *péssima ideia*, eu estou feliz em ser a advertência dela.

— Respire, Eve. Vamos fazer isso de forma inteligente, ok? Há uma grande quantidade de músculo entre nós e Amelie, e alguns policiais humanos não sabem o que está acontecendo. Precisamos encontrar uma maneira que não envolve danos corporais graves.

— Tudo bem — Eve disse. — Vamos tentar do seu jeito. Uma vez. — Ela olhou para Shane, e recebeu um aceno pequeno e relutante dele. — Se não faremos do nosso jeito. Do jeito de Morganville.

Talvez as orelhas dela estivessem super sensíveis agora, cortesia da troca de sangue de Myrnin ou do medo persistente da música estridente e sedutora, mas Claire ouviu algo na distância. Um estrondo. Soou como um monte de carros ou caminhões, e ele estava se aproximando.

Vozes também. Gritos.

Ela virou-se, tentando encontrar a direção, e percebeu que estava vindo da esquina, do mesmo caminho que Monica tinha ido em sua fuga.

Não era Monica.



O que veio virando a esquina era uma grande parede de picapes, carros, caminhonetes de entrega... todos os tipos de veículos. E dentro deles estava uma multidão de pessoas, talvez cem ou mais.

— Ah — Shane disse, — talvez devêssemos....?

Os olhos de Claire fixaram em um homem que estava de pé na plataforma de uma das picapes liderando. Ele estava de frente para a polícia. Levou um segundo, mas ela o reconheceu — o homem da loja de câmeras, aquele com a tatuagem de estaca.

— Merda — Shane disse. — O Capitão Óbvio.

— O quê? O Capitão Óbvio está morto! — Eve disse.

— Vida longa ao Capitão Óbvio. Ele é o substituto dele. Foi ele que estava fazendo as pessoas assinarem o contrato.

— As tatuagens — Claire disse. — O símbolo de resistência. Ele está conduzindo a agressão.

— Sim. Não sei se este é um bom momento, mas ele decidiu seguir em frente — Shane disse. — Como eu disse, talvez devêssemos ficar para trás, Claire... Claire!

Ele esticou a mão para ela, mas ela ainda tinha pelo menos algum resíduo da velocidade de vampiro, e foi o suficiente para pular fora do meio-fio, correr em um ângulo em direção aos caminhões, e saltar na plataforma que mantinha o Capitão Óbvio. Shane estava correndo atrás dela, assim como Eve, mas a sua atenção estava fixada no homem do caminhão, que estava voltando-se para ela como se pretendesse empurrá-la de volta.

Ela ergueu a mão com a palma para cima, e disse: — Espere. Eu só quero conversar.

O Capitão Óbvio, o novo líder da resistência humana de Morganville, riu. Ele tinha uma faca. Estava mantida ao seu lado, mas ela viu a borda reluzente em um poste de rua. — O pequeno animal doméstico de Amelie quer conversar? O quão estúpidos você acha que nós somos?

— Eu sei que você não acredita em mim, mas acredite nisso: não é o momento certo para revidar. Mesmo se você ganhar, você perde. Você não vai ter uma revolução. Você não vai ter uma cidade. Você não vai estar vivo!

— Eu estou disposto a morrer para libertar as pessoas — ele disse. — Você está? — Ele levantou a faca. O que estava em seus olhos era um pouco de loucura, e muita seriedade.



— Você sabe o que está lá fora? — Claire perguntou, e apontou em direção à periferia da cidade. Em direção ao pesadelo. — Porque é pior do que Amelie. Muito, muito pior. Eu já vi.

— Se isso assusta os vampiros, eu estou a favor deles — ele disse.

— Está levando os seres humanos também — Claire disse. — E você precisa ajudar eles, não perder o seu tempo com isso. Se você quer lutar, lute contra o que realmente vai matar essa cidade. — Ela apontou novamente. — Está lá fora, na Piscina Pública de Morganville. Coloquem tampões e peguem armas revestidas de prata, e se você ouvir a música, não desista. Você vai ser morto se você desistir.

— Em que diabos você está tentando me fazer acreditar, garota? Você realmente acha que eu vou acreditar nisso?

Ela balançou a cabeça. — Você está desperdiçando o seu tempo aqui. Tudo o que você vai fazer é machucar o seu pessoal para nada. Dê a volta. Se você quer uma luta, a piscina é onde você vai encontrar!

Ele hesitou, franzindo a testa, e por um segundo ela pensou que ele poderia realmente acreditar nela... e então ele disse sem rodeios: — Saia ou se machuque. Sua escolha.

Ele não ia a ouvir, não ela. Não importa o que ela dissesse. Claire pisou na parte traseira da plataforma aberta do caminhão, e pulou para baixo a medida que ele avançava, parecendo querer muito enterrar a faca nela.

Shane a pegou, agarrou a mão dela e arrastou-a para o lado antes de a multidão gritando os envolver e passar por cima deles. — Bem — ele disse, — eu acho que nós descobrimos como entrar. Nós só vamos esperar até que eles comecem a brigar, mas confiem em mim, esses primatas não têm muita capacidade de resistência ou eles estariam na academia comigo antes. Duvido que Vovó Kent vá causar muito dano. — Ele apontou para uma senhora de cabelos grisalhos curvada em um xale, carregando o que parecia ser uma ferramenta de jardinagem. — É como Plants Versus Zombies, e eu não estou torcendo para os zumbis, estranho.

Eve saiu do meio-fio e se juntou a eles, levantando a bolsa de equipamentos pesados. — Então vamos — ela disse. — Chega de papo.

E isso, vindo de Eve, era um sinal do quão sério isto tinha se tornado.



A multidão atacou a fila de policiais, e não foi — como Shane tinha imaginado — muita uma luta, na verdade. Os policiais dispararam nos motores dos caminhões, e quando a multidão invadiu, eles foram recebidos por armas de choques não-letais e algum tipo de armas com balas de borracha. Parecia doloroso, mas Claire não parou para assistir, porque Shane levou-os a um ponto vulnerável na fila de policiais, e eles se abaixaram e engatinharam debaixo de um dos SUVs, saindo do outro lado atrás das filas.

Então era só correr para a praça da cidade.

Evitar vampiros foi fácil porque não havia nenhum. Nenhum fora nas ruas ou quando eles escalaram a grade forjada de ferro fechada do lado de fora das calçadas graciosas da Praça da Fundadora. Todos os comércios da praça estavam fechados e escuros. Até mesmo os postes pareciam fracos, como se estivessem em um modo de economia de energia.

Ainda havia luzes acesas no grande edifício principal, com suas colunas de mármore gigantes e degraus deslumbrantes, e eles se direcionaram para esse caminho.

— Tudo bem — Claire disse quando eles pararam nas sombras das árvores, olhando para ele. — Deixe eu falar, por favor. E tente não provocar qualquer briga, a menos que não tenha jeito.

— Quem, eu? — Shane disse, com um toque amargo em seu sorriso. — Eu sou um amante, não um lutador.

— Eu acho que nenhum dos dois é exatamente exclusivo mutuamente — Claire disse. — Promete?

— Prometo não bater em ninguém que não precise — Shane disse. — Isso é o melhor que você vai tirar de mim hoje. Tem sido duro o suficiente.

Eve disse em voz baixa: — Se alguém me disser que nós não vamos resgatar Michael então *eu vou* bater neles. Estou falando sério.

— Eu sei — Claire disse. — E eu não quero conter vocês, mas quanto menos confronto, melhor. Amelie está no limite agora. Não vamos forçar muito. Precisamos dela.

— Precisamos dela para quê? — uma voz fria e tranquila disse atrás deles.

Claire virou, assim como os seus amigos, e lá, de pé nas sombras a menos de cinco metros de distância, estava Amelie.

Ela não estava usando sua comitiva habitual de guardas, ou puxa-sacos; ela não estava nem mesmo usando um dos seus habituais ternos claros retrôs dos anos sessenta. Ela estava usando um par simples de calças jeans e uma



camisa preta, e seu cabelo dourado macio estava para baixo e amarrado para trás em um rabo de cavalo.

Ela parecia ainda mais jovem do que Claire.

— Você estava procurando por mim — Amelie disse. — Parabéns pela iniciativa; você me achou.

— O que você está fazendo aqui? — Claire gritou; ela não esperava por isso, e não estava preparada. Shane estava ocupado vasculhando a escuridão por vampiros se aproximando; Amelie basicamente nunca ia a qualquer lugar sem algum tipo de superproteção, e isso era... simplesmente estranho.

Amelie não estava ouvindo ela de qualquer maneira. Ela estava olhando para longe. — Você consegue ouvir? — ela perguntou em voz baixa. — A música. O tempo todo, eles estão cantando para nós. — Shane e Claire trocaram olhares, e ele silenciosamente estendeu os tampões em direção Amelie. Ela voltou ao foco, e sorriu. Era um sorriso triste e amargo. — Isso não é nem higiênico nem útil, mas eu agradeço o gesto. Não podemos resistir ao chamado quando se tornar alto o suficiente; eu vi vampiros perfurarem os seus tímpanos para tentar lutar contra isso, mas é o som apenas parcialmente. A outra parte canta dentro de nós, e não podemos nos livrar disso tão facilmente.

— Amelie, nós os encontramos. Nós sabemos onde eles estão. Onde eles estão mantendo os que levaram. — Claire esperou uma excitação... bem, algo. Alguma pitada de real *interesse*.

Mas Amelie apenas voltou a olhar para a distância, com aquela expressão calma e neutra em seu rosto. — Nós sempre podemos encontrá-los, Claire. Essa não é a questão. Quando os números deles são grandes o suficiente, eles cantam e nós somos chamados. Sempre começa devagar, com apenas um ou dois, mas eles crescem em número quanto mais eles se alimentam. Logo, a chamada deles será tão forte que ninguém pode resistir se eles permanecerem aqui. Nem mesmo os seres humanos. Eles nos preferem, porque nós duramos mais tempo, mas os seres humanos são comidas para eles também.

— Então é isso? — Shane disse, e deu um passo adiante. A atenção de Amelie trocou para ele, embora ela não tenha se movido. — Você só vai desistir? Deixar eles tomarem esta cidade? Nos tomares? E quanto a Michael? E quanto a Oliver e os outros? Você só... vai embora?

— Não — ela disse. — Não, eu vou *correr*, garoto, e se você tem um cérebro em sua cabeça grossa, você vai correr também. Fique aqui, e eles terão vocês. Eu já lutei com os *draugs* antes. Os vampiros lutam com eles há séculos, e perderam, e perderam, com a propagação dos *draugs* como uma doença. Eles



vivem nos mares, nos rios, nos riachos, nos lagos. Porque você acha que nos mudamos para cá, onde há tão pouca chance para eles sobreviverem? — Acima, as nuvens espessas deram um estrondo de trovão, e Amelie olhou para cima e riu. Parecia selvagem e descontrolado. — Mas agora eles se adaptaram, e encontraram sua própria maneira de viajar. Eles vieram com a chuva. E para onde é que podemos ir agora, que a chuva não possa nos encontrar?

Eve disse: — Se eles estão em toda parte, por que eles não mexem com os seres humanos? Por que não ouvimos falar deles?

— Vocês ouviram, nas histórias de sereias atraindo os descuidados e os afogando — Amelie disse. Ela caminhou até uma árvore próxima e colocou as suas costas contra ela. — Mas o sangue humano não pode sustentar eles completamente. Quando a verdadeira presa deles desaparece, os *draugs* morrem, vejam bem, com exceção de um, o mestre, que vai à procura. Quando ele encontra vampiros para caçar, ele cria outros de sua espécie. Eles precisam de água para se reproduzir, mas isso é facilmente encontrado. Até mesmo aqui neste lugar seco. — Ela sentou-se, cruzou os joelhos perto do seu peito, e recostou-se contra a casca grossa e forte. — Os seres vivos precisam de água. Nós caçamos os vivos. E os *draugs* por sua vez nos caçam, tudo ótimo. — Ela fez uma pausa, observando-os com aqueles olhos cinzentos, ainda pálidos mesmo sob a luz fraca. — Vocês acham que eu sou uma covarde.

— Eu acho que se você ama algo, você luta por ele — Shane disse. — Sempre foi a minha teoria, de qualquer maneira.

— E você acha que eu amo Morganville.

— Você dedicou um monte de tempo nela — Claire disse. — E você se importa. Eu sei que você se importa, e não apenas com os vampiros, mas com os seres humanos também. — Ela respirou fundo e se arriscou. — E você se preocupa com Oliver.

Aqueles olhos se estreitaram, só um pouco. — Por que eu deveria? Ele tem sido uma pedra no meu sapato por várias centenas de anos, e um crítico implacável de tudo o que eu faço aqui.

Claire deu de ombros. — Eu nunca disse que fazia sentido. Mas você se importa. Eu o vi, Amelie. Eu o vi debaixo da água. Eu vi Michael... — Sua voz tremeu, e ela teve que parar, porque a memória era muito horrível, muito pessoal. — Eu fui para aquele lugar para que eu pudesse voltar e dizer a você que eles ainda estão vivos. Que você ainda pode salvá-los.

— Você pensa muito bem de mim. — A Fundadora vampira de Morganville levantou-se de repente, da forma como os vampiros fazem. — Você



pode destruir um *draug* com bastante facilidade; eles têm pouca força por conta própria, até que eles capturam a sua mente com a deles. Mas você nunca pode derrotar o seu mestre. Ele sobrevive mais tempo do que a memória de um vampiro pode alcançar. E ele sempre, sempre volta. O que você quer que eu faça? Todos os vampiros que sobraram no mundo estão em perigo! Eu devo arriscá-los para salvar alguns?

— Sim — Shane disse. — Porque é assim que funciona. Você salva as pessoas que você ama, não importa o que lhe custe. Se não... — E em sua pausa, Claire sabia que ele estava pensando em sua mãe, sua irmã, seu pai. — Se você não fizer isso, você nunca vai perdoar a si mesmo. Você mesma disse... os *draugs* continuam voltando. Quando você vai destruí-lo e parar de correr?

— Quando eu puder vencer — Amelie disse. — E não é aqui, e não é agora. Um bom general sabe quando evitar uma batalha tanto quanto travar uma.

Claire deu-lhe um olhar longo e firme, e disse: — Então deixe para lá. Eu pensei que você estivesse falando sério sobre salvar pessoas, mas você não estava. Você é fraca. E você já é uma perdedora. E não tem razão de evitar uma batalha, porque ela já acabou. — Ela virou as costas para Amelie e bateu em Shane e Eve nos ombros. — Venham. Este é um total desperdício de tempo. Pelo menos os seres humanos por aqui estão se arriscando para lutar. Vamos conversar com o Capitão Óbvio. — Ela olhou para Amelie, que não se moveu. Tinha sido a última chance, e não muito provável que funcionasse, mas Claire ainda se sentia mal por ter perdido.

Amelie realmente não ia fazer *nada* para impedir isso.

Os três andaram quase três metros antes que Amelie dissesse em uma voz calmamente resignada: — Talvez seja a hora. Talvez não haja razão agora para correr. Então, alguns de nós vão conseguir sobreviver, e o mundo: o mundo é muito mais duro hoje. Humanos mais poderosos. Estamos cercados por inimigos. Talvez seja a hora de lutar, afinal de contas.

O alívio foi tão intenso que Claire quase tropeçou. Ela se endireitou e virou-se lentamente. Amelie estava de pé novamente com as mãos atrás das costas. Não exatamente como a Amelie Em Ação, mas pelo menos ela não estava apenas... sentada.

— Você disse que os *draugs* estão se alimentando daqueles que eles tomaram. É apenas um palpite, mas não é como os vampiros, certo? Eles não transformam as suas vítimas como eles mesmos? — *Por favor, diga-me que Michael não vai se tornar um dos... daquelas coisas.*



— A biologia dos Draugs, se você consegue expandir a ciência tão distante assim, funciona de forma diferente — Amelie disse. — Eles tiram o sangue e a vida de suas vítimas, e alimenta a sua reprodução, o que é mais semelhante a bactérias do que a nossa espécie. O *draug* mestre se divide em dois, e então aqueles dois podem fazer o mesmo tendo alimento suficiente.

— E aqueles na piscina? — Shane perguntou. — Eles não estão mortos, certo?

— Não. Os *Draugs* preferem a presa viva. Água nos aflige, suga as nossas forças, e é a fortaleza deles. Eles se alimentam de um vampiro preso por semanas, se não meses, antes de descartá-lo. Os seres humanos não duram tanto tempo. — Ela ficou em silêncio por um momento antes de perguntou:— Quantos vocês viram naquele lugar?

— Vampiros? Talvez vinte na piscina — Shane disse. — Há alguns seres humanos, mas, eu não acho que eles estejam vivos.

— Vinte vampiros significa que ele gerou pelo menos uma centena.

— Bem, se isso ajuda, nós matamos... — Eve consultou Shane, sussurrando rápido, e então disse: — Talvez dez?

— Um bom começo, mas dificilmente o suficiente. — Amelie sorriu de repente, e virou a cabeça ligeiramente para à direita. — Você pode sair agora, se você tem algo de útil a acrescentar.

Claire não tinha tido qualquer ideia de que outro vampiro estava os observando até que Myrnin se moveu; ele tinha se misturado completamente às sombras, o que era realmente estranho porque ele estava usando uma camisa havaiana com surfistas desenhados nela, um par de calças jeans rasgada e sandálias de dedo.

E óculos de sol. Óculos escuros brilhantes.

— Você descreveu o problema com precisão suficiente — Myrnin disse.

— E você trouxe o que eu pedi?

— Eu sou louco, não esquecido. — Myrnin tirou os óculos e os colocou em cima de sua cabeça. — Eu pensei que você fosse embora.

— Eu não acredito que eu esteja realmente pronta ainda — Amelie respondeu. Ela estava olhando para ele muito estranhamente. — O que diabos você está vestindo?

— Eu pensei que eu poderia ir para a piscina — ele disse. — E eu achei que eu deveria vestir algo adequado. O que você está vestindo?

— Você sabia — Claire disse. — Você já sabia sobre a piscina.



— Eu suspeitava — Myrnin disse. — Eu medi a música e encontrei a maior fonte provável de água que eles poderiam usar como centro. É excelente ter uma confirmação antes de continuar.

— Você — Amelie disse. — Você iria. Sozinho.

— Eu teria lhe pedido antes de ir — Myrnin disse. — Mas eu estou cansado de correr, Amelie. E eu sou completamente apaixonado pelo meu laboratório. Eu não estou disposto a deixá-lo. Além disso, Bob ainda está em seu tanque. Eu não posso simplesmente abandoná-lo.

— Você ia lutar contra eles. — Amelie não conseguia esquecer isso. — Você.

Ele deu de ombros. — Seria uma coisa lógica a fazer; tirar o suprimento de alimentos, aqueles que estão presos, vai parar o ciclo reprodutivo. Vai atrasar, e nós precisamos atrasar. Ele está ficando poderoso demais, rápido demais, para que possamos fazer uma evacuação segura. Isso tudo se tornou muito evidente.

— Você me envergonha — Amelie disse calmamente. — Vocês todos.

Myrnin fez uma reverência para ela, uma pequena. — Eu estou sempre ao seu serviço, minha senhora. Mas de vez em quando, eu acho que você valoriza nossas vidas um pouco demais. É hora de se erguer. Eu acho que você percebeu agora.

— Myrnin... Amelie disse que vocês não podiam resistir ao chamado do *draug* — Claire disse. — Como você planeja ficar perto deles?

Myrnin voltou para as sombras e puxou uma mochila. Ela parecia, Claire pensou, familiar, como... — Espere! — ela exclamou. — Essa mochila é minha?

— Não se preocupe, eu tirei os seus livros antes — Myrnin disse. — Muito útil, essas mochileiras.

— *Mochilas*.

Ele deu de ombros. — De qualquer forma. — Ele sorriu para ela, uma expressão genuína de entusiasmo, e disse: — Estou muito feliz que você esteja bem, Claire.

— Sim — Shane disse friamente. — Obrigado por nos ajudar a recuperá-la. O que há no pacote?

Myrnin pegou um dispositivo, algo pequeno, mas, da forma como ele segurava, pesado; ele virou um interruptor e Claire ouviu um uivo distante levantar-se no ar da noite. — Oops, configuração errada — ele disse, e rapidamente se transformou em um discador. — Aqui.



Amelie deu uma respiração profunda súbita, e fechou os olhos. — Oh — ela murmurou. — Oh, isso é bom. Tão bom. Você tem certeza que isso vai funcionar quando nos aproximarmos?

— Vai funcionar — Myrnin disse, — e eu estou francamente ofendido por você perguntar uma coisa dessas, Amelie. Alguma vez eu já... — Ele pensou melhor ao fazer *essa* pergunta, Claire percebeu. — Bem. Em qualquer caso, irá funcionar. Dou a minha palavra.

— A sua vida — ela o corrigiu. — As palavras não vão nos proteger. Isso terá que nos proteger, custe o que custar.

— Hum... o que é isso? — Eve perguntou.

— O abençoado silêncio — Amelie disse.

— O cancelamento do ruído — Myrnin disse ao mesmo tempo. — Para bloquear as chamadas deles.

— Ótimo — Claire disse. — Armas?

Como resposta, Myrnin tirou um par de luvas de couro preta que ele colocou, e jogou outro para Amelie. Ela franziu a testa para elas, em seguida, colocou-as.

Ele lançou-lhe uma... — Espingarda? — Claire perguntou. — Ok, eu não tenho certeza de que isso vai realmente...

— É uma espingarda de cano serrado, minha querida, carregada com balas de prata — Myrnin disse, — e me custou a maior parte do dia para adquirir os materiais e carregar os cartuchos. Ela funciona melhor quando você fica a pelo menos três metros de distância do alvo. Expansão máxima. — Ele procurou em sua mochila e tirou um cinto de couro preto com gancho. Cada gancho estava preenchido com um cartucho de espingarda vermelho. Ele o jogou para Amelie, e ela abaixou a arma e o prendeu em seus quadris em um estilo pistoleira. Myrnin jogou o seu por cima do ombro, tirou o seu próprio cartucho e carregou com um entusiasmo inquietante. — Vamos caçar?

Shane empurrou Claire e disse, em voz baixa: — Isto é terrível, ou só eu estou achando? Porque pode ser só eu.

— Não é — ela sussurrou de volta. — Deus, todos nós vamos morrer.

— Bem — Myrnin disse como se ela houvesse dito isso em voz alta, — pelo menos nós vamos juntos, meus amigos. — Ele descansou a espingarda no ombro e fez um gesto de *depois de você* ao se curvar para Amelie. — Eu também nos garanti um transporte. Eu espero que vocês gostem.

— Oh, isso é bom — Eve disse. — Eu aposto que é um carro alegórico.



— Eu não vou apostar nessa — Shane disse. — Ei, nós vamos ganhar espingardas legais?

— Não — Amelie disse, e fez um gesto militar severo. — Comigo. E fiquem perto.



CAPÍTULO 18

AMELIE

Traduzido por Clícia

Há uma certa liberdade em desistir de toda a esperança. Não estar mais amarrado pelas cordas do temor ou medo; você simplesmente se move em direção ao inevitável, sem pensar nas consequências.

Eu sabia que não iríamos escapar dos *draugs*; de tantos, a história tinha me ensinado. Eu tinha visto clãs de vampiros inteiros desaparecerem — cansados, afogados, drenados. Eu tinha visto o mais poderoso e mais inteligente da nossa espécie ser arruinado; quanto mais vampiros lutavam, mais *draugs* invadiam, até que tudo estava perdido.

Então, por que eu estava dirigindo em direção ao que, certamente, vai ser a minha desgraça? Talvez somente para parar de fugir. Isso vinha me seguindo por um longo tempo — toda a minha vida — como uma sombra longa e escura, e talvez Claire estivesse certa desde o início: talvez fosse hora de parar, estipular um limite e mantê-lo.

Mesmo que não houvesse nenhuma chance de ganhar.

Eu tinha perdido tantos daqueles que eu gostava, ao longo dos anos; perder era o estado natural da existência para alguém como eu. Mas Morganville... Morganville era uma coisa especial, uma criação diferente de tudo no resto do mundo, e eu não achava que eu tinha a força, nem a coragem, para construí-la de novo, em outro lugar, apenas para vê-la cair e quebrar novamente.

Eu fui a fundadora de Morganville, e talvez fosse adequado que eu devesse terminar meus dias aqui, afinal.

— Esquerda — Claire disse. Ela apontou, e eu girei o volante da viatura do banco de sangue naquela direção. Myrnin tinha feito uma excelente escolha, eu pensei, ao liberar o grande veículo preto; ele tinha um espaço amplo no interior para alguém que pudéssemos resgatar, e dois grandes refrigeradores bem abastecidos com sangue humano. Se pudéssemos, na verdade, arrastar quaisquer vampiros da água, eles estariam loucos de fome.



Claro, as chances de qualquer resgate eram notavelmente pequenas, mas eu me sentia bem ao estar preparada. Não se deve ir a destruição de alguém sem um esforço adequado. Era um incômodo que estes jovens, com todas as suas curtas vidas pela frente, estivessem tão dispostos a jogá-las fora, mas isso poderia ser dito sobre qualquer soldado em qualquer guerra.

E nós estávamos em guerra. Uma que inevitavelmente perderíamos.

Eu não tinha apreciado devidamente o quanto Morganville tinha mudado nos últimos dias; eu tinha passado muito tempo confinada no meu escritório, escondendo-me da verdade. Uma luta estava em curso entre a polícia de Morganville e um bando irregular de oponentes humanos, que estavam surpreendentemente prendendo a si mesmos. Não havia negócios abertos na cidade, nem um sequer. Tudo estava escuro, fechado e abandonado.

Morto.

Habitações humanas ainda estava com as luzes acesas, e eu esperava que dentro delas as famílias se encolhessem, aterrorizadas e esperando por algum tipo de resgate; a manhã iria amanhecer logo, e eles iriam se preparar para ir para a Praça da Fundadora, onde lhes tinha sido prometido o que sempre eles almejavam.

Liberdade.

Eu não estaria lá para vê-los sendo traídos. Eu lamentei esse fato, e a necessidade, mas pelo menos eu iria pagar por isso com a minha vida. Isso era uma espécie de redenção, não era?

Quanto mais perto nós nos adiantávamos para a antiga Piscina Pública, mais tranquila Morganville se tornava. Luzes ainda iluminavam as casas, mas em muitas as portas estavam abertas, os habitantes atraídos, ou pior. Era como se essa parte da cidade já estivesse morta e apodrecendo. A máquina de Myrnin produzia um zumbido constante de nível baixo que era enlouquecedor em sua monotonia, mas isso bloqueava o chamado sedutor e misterioso do *draug*.

Por enquanto.

— Você ainda pode ouvi-lo? — Claire perguntou a mim. Ela estava sentada no banco atrás de nós, enquanto Myrnin tinha tomado a posição de passageiro à minha direita. — Eu não consigo. Ainda está lá?

— Oh sim — eu disse. Havia indícios de som rompendo a interferência, gemidos e sussurros aleatórios, mas não o suficiente para criar um controle sobre nós. Mas, eu lembrei a mim mesma, ainda não estivemos cara-a-cara com um *draug*, ou com o próprio Magnus. Isso tornaria as coisas muito mais perigosas. — Se você começar a ouvir, diga-me imediatamente.

— Estamos com isso — Claire disse, e ergueu um par de tampões azuis. — Eles funcionaram antes.



— Eles talvez não funcionem agora — Myrnin disse. — O chamado do *draug* fica mais forte e mais alto à medida que eles se desenvolvem, e eu lhe asseguro, eles estão se desenvolvendo. Vocês têm armas de prata naquela bolsa, eu presumo?

— Sim — Shane disse. Ele a abriu e jogou uma espada de esgrima para Eve, que a agarrou no ar com a segurança de alguém que tinha visto muitos filmes em que os heróis sobreviveram. Ele tirou garrafas e as colocou nos bolsos, entregou mais para Claire e, finalmente, tirou estacas revestidas de prata. — Os arcos e flechas não vão funcionar, são rápidos demais. Vai direto através deles, certo? Sem dano suficiente.

— Correto — eu disse. — A substância deles é enganosamente suave, e qualquer coisa se movendo em alta velocidade, a menos que se espalhe, só vai atrasá-los. Para parar um *draug*, você deve cortá-los ou apunhalá-los com prata que permaneça no lugar por pelo menos alguns segundos para que tenha efeito. Eles vão entrar em colapso e fugir em forma líquida para escapar disso. Mas não toquem neles mesmo assim. Na forma líquida, eles têm agulhas minúsculas que podem perfurar a pele.

O que eu não disse, e não podia, era que os vampiros na piscina estavam submergidos em água — ou não totalmente em água. Os *draugs* entravam na água, dispersavam e se alimentavam, em seguida, surgiam novamente. A piscina estaria formigando com coisas invisíveis e mortais.

E havia poucas coisas que poderia pará-los e que não iria também matar os vampiros que tentávamos resgatar. Vampiros e *draugs* compartilhavam uma raiz comum, nas brumas turvas do tempo. Nós tínhamos tomado caminhos muito diferentes, mas tínhamos algumas vulnerabilidades em comum ainda. Se não houvesse vampiros na piscina, nós poderíamos tê-la envenenado com prata; no mínimo forçaria eles a sair para a terra, onde teríamos a vantagem.

Mas isso era muito pior.

— Como é que vamos tirá-los? — Claire perguntou. — Eles estão amarrados ou algo assim, embaixo no fundo.

— Alguém vai ter que mergulhar e libertá-los — eu disse.

— Acho que sou eu — Shane disse, inclinando-se para a frente. — Vire à direita aqui em cima. Estamos quase lá.

— Por que você? — Claire perguntou, franzindo a testa. — Eu poderia...

— Equipe de natação na escola — Shane disse. — Eu posso mergulhar também. Eu posso ficar embaixo mais do que você.

— Por que você não pode fazer isso? — Eve perguntou a mim. — Vampiros não precisam respirar.

— Há *draugs* na água. Um vampiro entra... não é provável que saia sem ajuda.



— Está vendo? — Shane disse. — Meu trabalho. Vocês apenas peguem eles.

Não iria ser tão simples, mas seu princípio estava correto, e não havia nenhuma razão para lançar o pessimismo sobre a nossa causa agora. Nós estávamos comprometidos.

Liberdade ao abandonar a esperança, de fato.

Havia um poste de luz ainda funcionando aqui, e eu estacionei a viatura tão perto quanto pude no meio-fio debaixo dele. Luz pouco importava para mim ou para Myrnin, mas seria importante para os nossos amigos humanos, se formos capazes de sair deste lugar. Eu desliguei o motor. Mesmo com o ciclo do zumbido constante do gerador de som de Myrnin, o chamado dos *draugs* estava lá, puxando dentro de mim como a sombra de um sussurro fraco. Eu poderia resistir a ele, mas ele manchava o mundo em volta de mim com o seu desespero.

— Myrnin e eu vamos primeiro — eu disse. — Vamos limpar o caminho e segurá-los para vocês. Eve e Claire, vocês vão proteger a retaguarda contra qualquer um que tente vir aqui fora atacar. Shane, quando limparmos o caminho para a piscina, você vai mergulhar e começar a soltar os capturados. Você vai ter que arrastá-los para cima e para fora da água, um de cada vez. Tire tantos quanto conseguir. — Eu hesitei, então disse:— Você vai sentir uma sensação de queimação. Isso será os *draugs* drenando você. Ele irá enfraquecê-lo rapidamente. Seja cuidadoso.

Shane ficou imóvel por um segundo, depois assentiu. Eu não conseguia ler sua expressão, mas eu senti uma ponta de adrenalina nele. Medo. Uma reação completamente sensível, embora ele não tivesse ideia do que estávamos indo enfrentar. Ainda não.

— Espere — Claire disse. — Talvez nós devêssemos...

Shane pegou a mão dela, e seus olhos se encontraram. Ele deu-lhe um sorriso, e se eu tivesse um coração para ser partido, aquilo poderia tê-lo rachado, um pouco. — Tarde demais para isso, linda — ele disse, e beijou-lhe os dedos. — Nós concordamos, não é? Hora de arriscar tudo. É a única maneira de nós podermos fazer isso.

Ele estava certo sobre isso. Eu não tomaria um humano de Morganville, nem mesmo Claire, se viesse a isso. Todos iriam ficar, e eles iriam todos...

Ganhar a sua liberdade.

Eu não poderia, nem mesmo agora, enfrentar a terrível realidade dessa traição.

Então, ao invés, eu abri a minha porta, peguei a minha espingarda e disse: — Vamos.



Myrnin tinha abandonado toda a ponta de loucura, o que foi uma bênção; ele movia-se com a graça ágil e velocidade de qualquer vampiro, e nós nos comunicamos através de gestos leves e olhares enquanto nós tomávamos os degraus rachados e mofados acima até a porta do prédio. Eu me lembrei quando ele tinha sido construído; parecia tão pouco tempo atrás que eu estive nestes degraus com o prefeito daquela época, à sombra de um guarda-chuva preto e acenando em tédio régio para uma multidão de curiosos. Tinha sido uma das últimas vezes em que eu apareci em público para os seres humanos porque um deles tinha tentado jogar uma solução de prata em mim. Um dos meus guarda-costas tinha ficado com uma terrível cicatriz com a tentativa de assassinato.

Eu lembrava do interior deste lugar.

Não era nada como as minhas lembranças.

A ruína da área da recepção era impressionante; os tapetes estavam mofados e enrolados, as paredes forradas com espessos fungos pretos. A pintura descascava do teto côncavo, mas eu ainda podia ver a bela arquitetura projetada por baixo disso, como os ossos longos de um corpo podre.

Não havia *draugs* lá para nos encontrar.

O corredor estreito à frente era muito pequeno para Myrnin e eu entrarmos juntos, então com um pequeno gesto eu o mantive atrás, e mergulhei na frente, em um pesadelo.

À primeira vista, eu pensei que havia apenas um *draug* na sala; nós não podíamos vê-los, não claramente, mesmo nos concentrando neles diretamente.

Mas Magnus queria que eu o visse. Agradava-lhe me mostrar a sua máscara e, por trás disso, a sua verdadeira natureza. A máscara era uma caricatura elástica de humanidade, exatamente branda; a coisa por trás dela era feita de escuridão e podridão, e estava apenas vagamente em uma forma que imitava a nossa própria.

— Amelie — ele disse. Ao contrário do apelo dos *draugs*, esta era uma voz semelhante à humana, que cortava caminho através do dispositivo de Myrnin. — Você me surpreende. Eu pensei que você iria correr. Você sempre corre.

— Estou feliz por surpreender você — eu disse, e apontei a minha arma no seu peito. Ele estava longe demais para que fosse eficaz, e ele sabia disso; ele sorriu, uma estirada elástica de falsos lábios humanos enquanto a coisa atrás dele mostrou os dentes.

Eu senti os *draugs* em vez de vê-los quando eles emergiram das paredes incrustadas de mofo, inundando em piscinas e tomando formas. Eles estavam



todos em torno de nós. Eu lancei um olhar ultra-rápido para Myrnin, que estava ligeiramente atrás de mim à minha direita. Ele, também, estava cercado.

— Bem — Myrnin disse, em uma voz estranhamente feliz. — Eu acredito que é hora de um teste de campo.

E ele apontou para a parede que o *draug* estava se aproximando dele, e disparou.

Eu me virei em direção a minha e disparei no mesmo instante, enviando um spray de pelotas de prata devastadora neles. O atrito do ar suavizou o metal e o espalhou, aumentando o efeito de caos, e com um tiro três *draugs* gritaram e explodiram em um líquido que correu pelo chão de cerâmica em direção a piscina azul espumante.

Eu engatilhei a espingarda e disparei, acompanhando o ritmo com as explosões de Myrnin. Os ouvidos de vampiros são sensíveis, e o barulho era dolorosamente alto, mas uma alegria feroz estava em mim enquanto eu via os nossos inimigos caindo. Era como nos velhos tempos, os tempos mais antigos, correndo para a batalha com uma espada cantando na mão e um grito subindo no fundo da minha garganta, o meu cabelo voando como uma bandeira...

Eu ouvi um *splash*. Shane tinha entrado na piscina. Eu engatilhei mais uma rodada na espingarda e disparei, e arrisquei um olhar na direção dele. O corpo do garoto deslizava pela água, indo em direção ao mais profundo fim.

Eu vi Oliver, com o rosto virado para cima e pálido. Seus olhos estavam arregalados e brancos como os de uma boneca, consumidos com agonia.

Eu rosnei, voltei-me para os *draugs* e destruí outra linha deles.

— Eu estou sem munição — Myrnin disse em um tom profissional. — Recarregando.

Eu girei para cobri-lo e disparei para o *draug* que estava cambaleando em direção a ele enquanto ele abastecia novas balas na espingarda, movendo-se tão calmo e cuidadoso, como se ele tivesse sozinho no alcance de um alvo. Eu disparei as minhas últimas munições para protegê-lo enquanto ele terminava.

E um *draug* me pegou por trás.

Eu deixei cair a minha espingarda vazia, tirei uma faca com revestimento de prata da bainha do meu cinto e me virei. Eu fatiei através da pele falsa, arrastando profundamente. O *draug* desmoronou contra mim, a quase-carne pegajosa e sua essência líquida inundou minha pele e picou duramente.

Eu engasguei enquanto ele tentava forçar o seu caminho pelo meu nariz e garganta.

Na piscina, Shane emergiu, cuspidando e gritando de dor. Ele estava rebocando um vampiro em direção à borda. Não Oliver.

Michael.



Ele empurrou Michael para cima para cair flacidamente sobre os azulejos, e eu vi que o rosto de Shane estava vermelho como pequenas picadas de agulha afiada. Ele estava ofegante e arfando com agonia, mas ele respirou fundo e submergiu novamente.

Eu raramente tinha admirado a coragem de seres humanos, mas, nesse momento, eu o amava por isso.

Eu arranquei o líquido frio e espesso do *draug* do meu rosto, cuspi o gosto nojento e golpeei o próximo a vir atrás de mim. Atrás de mim, a espingarda de Myrnin estava rugindo novamente. Eu precisava de tempo para recarregar, mas eu não podia parar. Michael estava deitado aos meus pés, vulnerável e estremecendo. Eu já não estava lutando apenas pela minha própria existência, mas pela dele.

Eu deveria ter sabido que Claire falharia em seguir as ordens.

Ela moveu-se em minha direção com duas garrafas em suas mãos — algum tipo de garrafas de água, com as tampas balançando livres. Um aperto de suas mãos enviou um spray de prata na massa de *draugs*, e os gritos eram tão ensurdecedores que eu senti a força deles até mesmo através do rugido da máquina de Myrnin. Ela esvaziou as garrafas e as deixou cair para agarrar Michael sob os braços, e arrastá-lo para longe, em direção ao corredor.

Eu aproveitei a calmaria temporária para recolher a minha espingarda, recarregar com movimentos rápidos e certos dos meus dedos, e começar a disparar novamente. O quarto fedia a terror, mofo, pólvora, o fedor podre de morte e *draugs*, mas contra todas as probabilidades, nós ainda estávamos vivos.

Shane empurrou outro corpo mole para fora da piscina e desceu novamente. Eu arrisquei um olhar rápido. Naomi. A minha irmã-de-sangue parecia esgotada e muito perto de sua morte final.

Ela estendeu a mão para mim, e eu vi o terror desesperado em seus olhos. Eu toquei a mão dela com a minha, então bombeei um novo cartucho e disparei.

Os *draug* continuavam vindo. Eu senti Claire voltando e arrastando Naomi para longe, eu senti Shane trazer outro corpo para fora.

— Saia! — Myrnin estava gritando — não para mim, para o jovem, que estava esforçando-se em direção ao final mais raso da piscina. Ele estava sendo puxado para baixo, eu percebi. O *draug*, em sua forma líquida, tinha revestido o seu corpo. Ele estava muito fraco para lutar agora.

Ele não iria sobreviver.

— Que perca de tempo — Myrnin disse. Ele se virou para mim e jogou a espingarda na minha direção; eu a agarrei no ar, engatilhei, e disparei em ambos os meus oponentes e o dele simultaneamente, levando-os para longe.



Era um milagre das mãos de Deus que nós tivéssemos chegado tão longe, eu pensei.

Myrnin pulou na piscina, agarrou os ombros de Shane, e puxou-o para os degraus, despejou-o nos azulejos, e eu vi o líquido que tinha revestido a pele de Myrnin durante essa breve imersão se retorcer, engrossar e contorcer-se para cima em seu corpo em direção ao seu rosto. Ele limpou o pior para fora, agarrou Shane, e o empurrou em direção à porta.

Eu olhei para baixo. Havia tantos mais presos lá na piscina. Tantos do meu povo, minhas responsabilidades, e eu não poderia salvá-los. Alguns eu conhecia e amava. Alguns eu não gostava. Todos eram preciosos para mim, por uma razão ou outra, até mesmo porque eles eram tão raros agora neste mundo.

Oliver foi o último que Shane tinha arrastado da piscina, e ele se deitou em meus pés, fraco e imóvel.

— Myrnin! — eu gritei. — Pegue Oliver! — Eu engatilhei e disparei ambas as espingardas de novo, e Myrnin passou por baixo das explosões para pegar Oliver sob os ombros. — Leve-o para fora!

A arma de Myrnin estava vazia, e não haveria oportunidade agora para recarregar. A minha tinha dois cartuchos restantes. Enquanto Myrnin arrastava Oliver para a saída, eu os disparei em uma rápida sucessão, deixei cair ambas as armas, e me virei para ir embora.

Magnus estava no meu caminho.

Eu agarrei a minha faca, mas ele foi mais rápido. Sua mão foi em torno da minha garganta, e a música, a *música*... rastejou dentro da minha mente e rasgou a minha fúria, a minha vontade, a minha alma.

— Você não — ele disse. — Você não vai escapar, Amelie. Não dessa vez.

Ele estava certo. Não havia escapatória. Não havia nada agora além das trevas, o afogamento e o desespero.

Mas eu tinha uma coisa sobrando. Apenas uma.

Eu não conseguiria chegar até a minha faca, mas eu poderia alcançar o frasco de vidro no meu bolso. Eu esmaguei-o na minha mão e o deixei cair na água em uma corrida brilhante de prata.

As manchas de prata se espalharam, e onde elas tocavam, os *draugs* brilhavam, tornavam-se visíveis e morriam.

Meu próprio povo morreria também pelo veneno, mas pelo menos eles iriam estar em paz, e impediria que eles fossem usados de forma tão cruel.

— Não! — Magnus me atirou para trás, tarde demais; estava feito, e não havia como desfazer. O que eu tinha deixado cair na piscina era veneno de prata suficiente para matar tudo nela. — Não!



Ele rosnou e saltou para mim, e eu estava com a minha faca, mas no final, suas presas afundaram profundamente em mim o suficiente para injetar um veneno frio e preto, e eu caí.

Eu ouvi gritos, e um ruído confuso de uma espingarda disparando e então...

...em seguida, tinha sumido, e o meu último pensamento foi um de uma estranha satisfação.

Finalmente eu parei de correr.

Um conforto frio, no entanto, um conforto.



CAPÍTULO 19

CLAIRE

Fr atrás de Michael era puro instinto, porque Claire sabia que Eve iria fazer isso no próximo segundo, e Claire podia sentir a persistência do sangue de vampiro, como se ele acordasse em suas próprias veias. Isso a deixou mais rápida, e um pouco mais forte, e agora, isso fez dela a única opção real. — Fique! — ela gritou para Eve, e atirou-lhe a faca de prata que ela estava segurando. Eve pegou e cortou um *draug* — Deus, pelo menos eles sabiam do que chamá-los agora — que escorreu para fora da escuridão para perto dela. Ele gritou fazendo um barulho horrível e desabou em uma poça grossa de pele pegajosa.

Claire correu para a área da piscina.

Teria sido uma visão incrível se ela tivesse sido capaz de parar para apreciar; ela tinha uma visão instantânea e borrada de Amelie e Myrnin, de pé, de costas um para o outro, disparando suas armas em rugidos demolidores que explodiram os *draugs* gordurosos em respingos pretos e pratas. Não os matava, na verdade, Claire pensou; ela viu o líquido pegajoso deslizando dos lados da piscina. Eles estariam se alimentando agora, e reunindo forças para voltar.

Shane estava naquela água. Isso a fez se sentir enjoada e sem esperança de vê-lo ali, mergulhando novamente com um pontapé de seus pés.

Michael caiu frouxamente sobre os azulejos deixando escorrer um líquido espesso que não era realmente água, ou pelo menos não completamente.

Amelie estava em apuros. Claire não pensou; ela puxou as garrafas esportivas que Shane lhe dera para fora de seus bolsos, abriu as tampas e gritou enquanto esguichava o conteúdo nos *draugs* que foram atacados por dois arcos prateados.

Funcionou, e mesmo enquanto funcionava, ela estava ciente de Amelie metodicamente se movendo em um borrão, empurrando cartuchos de



espingarda em sua arma. No momento em que as garrafas estavam vazias, ela estava se lançando para a ação e pronta para disparar.

Claire deixou cair as garrafas e se abaixou quando Amelie apontou e ateou fogo sobre sua cabeça. Ela agarrou Michael e imediatamente sentiu a picada dos *draugs* em suas mãos, mas ela o puxou de qualquer maneira, rápido, pelas vidas dos dois.

Eve olhou para ela quando Claire reapareceu no corredor. Claire parou e levantou Michael mais alto, apoiou-o, e disse: — Eu preciso de você para nos manter seguros! — O olhar de Eve estava voltado para o rosto pálido e sem energia de Michael, mas ela balançou a cabeça. Ela cortou a espada de prata através de um *draug* que bloqueava o caminho para a porta, em seguida, alcançou mais um no caminho enquanto Claire arrastava Michael para fora.

O ar da noite atingiu-a precipitadamente. Era impressionante como era diferente da atmosfera nesse edifício, e Claire tossiu e engasgou agora enquanto carregava ele pelas escadas. Eve correu na frente e abriu a porta da viatura de coleta de sangue. Um *draug* pulou para fora debaixo do veículo, e ela o esfaqueou, gritando de surpresa. Ele deslizou para o esgoto.

Claire levantou Michael e o colocou dentro da viatura. — Limpe-o! — ela disse a Eve, e atirou-lhe uma toalha. — O sangue está no refrigerador! Eu tenho que pegar o resto deles!

Eve, pela primeira vez, ficou sem palavras. Ela pegou a toalha e começou a limpar o rosto de Michael sujo, que começou a cuspir lodo enquanto tossia incontrolavelmente.

Seus olhos eram um vermelho muito brilhante.

Claire mergulhou de volta para a noite. Sua única defesa agora era a velocidade; ela não podia transportar armas e carregar vítimas de *draugs*. Felizmente, os *draugs* ainda não tinham se reagrupado no hall de entrada; a maioria deles se concentravam em Amelie e Myrnin na piscina. Ela chegou ao grande salão aberto com sua piscina luzente azul e suja cheirando a asfixia assim que Shane rolou outro corpo para fora. Naomi.

Ela era mais fácil de puxar — frágil, de fato — Claire conseguiu levá-la para fora sem nem mesmo um único *draug* vir atrás delas por todo o caminho para a viatura.

Ela ouviu um engasgo em uma das cadeiras de doação, e percebeu que Eve e Michael já não estavam onde ela os tinha deixado. — Eve?

Ela ouviu um suspiro, e passou para a parte traseira, onde os refrigeradores estavam.



Eve estava deitado no chão. Um dos coolers estava aberto, e uma bolsa de sangue estava caída ao lado da mão dela.

E Michael estava agachado sobre ela, se alimentando.

— Não! — Claire gritou. Ele virou-se para ela, rosnando, e ela recuou um passo. — Não, Michael, pare! Ela está tentando ajudá-lo! Pare! Você tem que parar!

Ele tinha sangue por toda a sua boca, e ele parecia... selvagem. Desesperado. O brilho em seus olhos era tão brilhante quanto o fogo do inferno, e Eve gemeu e tentou se virar.

Ele olhou para ela e rosnou com as presas nítidas e brilhantes completamente estendidas.

— Deus — Claire sussurrou, e realmente não pensou. Ela só se jogou em cima dele, enganchou o seu antebraço sob o queixo dele e o puxou com força.

Foi o suficiente para levá-lo para longe de Eve, que rolou, agarrou a bolsa de sangue e empurrou-a na boca de Michael. Ele mordeu, e o sangue esguichou para fora. Ele engoliu em seco, chupou e esvaziou. Eve puxou outra para fora e deu a ele, em seguida, uma terceira.

E Claire sentiu a sua mudança da linguagem corporal. Não foi gradual — foi súbita, como se ele tivesse sido possuído ou algo assim.

Michael cuspiu a bolsa de sangue vazia e depois de um segundo, ele disse: — Oh meu Deus, não...

Isso parecia como ele. Claire o soltou, e ele caiu para trás, jogando-se para longe de Eve, que estava segurando o seu pescoço ferido. Ela parecia pálida e muito instável.

— Eve — ele disse. — Eve. Não...

— Está tudo bem — ela disse. Não estava. Claire podia ver o sangue correndo para fora por debaixo de sua mão, mas não havia tempo — não havia tempo algum. Ela pegou o kit de primeiros socorros e empurrou-o nas mãos flácidas de Michael.

— Ajude ela! — ela gritou para ele. Ela pegou um punhado de bolsas de sangue e voltou para Naomi; se Michael tinha ficado louco, Naomi seria a próxima, e eles não precisavam dela os atacando por trás. A vampira fêmea magra rosnou para Claire quando ela se aproximou, e ela jogou a primeira bolsa de sangue para ela. Naomi pegou-a do ar e mordeu violentamente.

Eca.

Claire alimentou-a com três e deixou a quarta ao lado dela, em seguida, correu para as portas.



Ela alcançou o corredor assim que Shane veio deslizando até o caminho dela com uma velocidade de bola de boliche e correu diretamente para ela. Ele estava todo molhado, e estava sangrando — por todo o corpo, como se ele estivesse suando sangue. Ele estremeceu e fez pequenos sons horríveis na parte traseira de sua garganta, mas ele se levantou, agarrou a mão dela e eles correram. Ela nunca o tinha visto realmente correr antes, como alguém realmente no domínio do medo irracional, mas ela entendia.

Eles caminharam para a viatura assim que Myrnin saiu pela porta, disparando uma espingarda atrás dele e arrastando Oliver com a outra mão. Claire ficou com Shane em um assento e encontrou Myrnin na porta para puxar Oliver para dentro. Naomi estava acordada e menos insana agora, e quando Claire gritou com ela para trazer sangue, Naomi cambaleou para trás e voltou com os braços cheios.

— Onde está Amelie? — Claire gritou para Myrnin, que estava de pé na porta do veículo, ainda atirando. Ele balançou a cabeça. Ele parecia tenso e desesperado, e seus olhos eram vermelhos não com fome, mas com medo, ela pensou.

Amelie não tinha saído.

— Nós temos que voltar! — Claire disse. A espingarda de Myrnin se esgotou, e ele apoiou-se na viatura e fechou a porta quando um *draug* correu para eles.

— Nós não podemos — ele disse. — Eu estou sem munição. — Ele parecia abalado e estranhamente indiferente, e ele a empurrou de volta quando ela tentou passar por ele. — Não. Espere.

Magnus estava de pé na soleira da porta da Piscina Pública. Ele estava segurando Amelie, e ela estava mole como uma boneca.

Magnus segurou-a em um triunfo silencioso. — Se você quer ela — ele disse, — venha pegar...

Alguém atirou nele. Não Myrnin, porque ele estava sem munição. Não Amelie, que estava pendurada impotente.

O tiro veio de uma caminhonete que corria com excesso de velocidade, em seguida, derrapou em uma virada de 360 graus, e Claire reconheceu. Homens saíram, todos armados, desesperados e *humanos*.

E o Capitão Óbvio estava na liderança, colocando mais munição em sua espingarda.

Magnus não tinha sido derrotado, e ainda não tinha gritado, então o que eles estavam atirando não era de prata, mas estava incomodando ele, pelo



menos. Ele derrubou Amelie, e ela rolou molemente para baixo das escadas em um amontoado enquanto Magnus virou os seus olhos vazios e não-humanos sobre a nova ameaça.

E riu.

Myrnin abriu a porta da viatura, pulou para fora, agarrou Amelie e pulou de volta para dentro enquanto os disparos continuavam. — Bem — ele disse, — parece que os seus amigos caipiras idiotas são bons para alguma coisa afinal. Diga a eles para correr, Claire. — Ele olhou para Amelie, e parou de falar. Seus olhos foram de vermelho para preto em um segundo.

Claire abriu a janela e gritou para os homens no caminhão. Eles continuaram atirando. Bem, ela tinha tentado.

— Myrnin? — Claire perguntou, com falta de ar de medo.

Ele não olhou para cima. — Dirija — ele disse — Tire-nos daqui. — Era uma boa ideia porque o Capitão Óbvio e seus amigos tinham acabado de descarregar as suas balas em Magnus e nos *draugs*, e estavam voltando para a plataforma da picape deles, que estava acelerando o motor. Claire pulou para o banco do motorista, ligou a viatura e seguiu a picape enquanto ele ia embora. Ela não conseguiria acompanhar a sua velocidade, mas isso não importava. A picape estava correndo em direção à borda da cidade, e ela não tinha a intenção de ir por esse caminho.

Ela virou-se e foi em direção a Praça da Fundadora.

— Ela está viva? — Claire perguntou quando Myrnin sentou-se no banco do passageiro com Amelie em seus braços. Ela parecia tão pálida quanto uma estátua de mármore agora. Seus olhos estavam fechados.

— Por enquanto — ele disse. Ele puxou a gola da camisa preta dela, e Claire viu dois buracos negros gigantes em sua pele, três ou quatro vezes maior do que o tamanho da mordida do vampiro mais sujo que ela já tinha visto. — Não tem nenhuma cura para a mordida de um *draug* mestre.



Estava silencioso na Praça da Fundadora. Os policiais haviam formado suas filas de novo; a luta com a multidão havia acabado, havia apenas alguns veículos destruídos à esquerda que marcava o evento.

A coisa toda era meio que um pesadelo de quietude. Claire puxou a viatura até o meio-fio e estacionou, e Myrnin silenciosamente se levantou com Amelie em seus braços.



Oliver bloqueou ele enquanto ele se virava para a porta.

Oliver ainda estava pálido e tremendo, mas ele parecia sensato, pelo menos; ele limpou de sua boca o excesso de sangue que tinha tomado, mas ainda havia manchas vermelhas escuras aqui e ali. Ele não falou, mas estendeu os braços, e Myrnin, depois de uma breve hesitação, entregou Amelie a ele.

Oliver fechou os olhos por um momento, depois balançou a cabeça e levou-a para fora.

Naomi foi em seguida, movendo-se mais lentamente do que Claire já tinha visto um vampiro se movimentando. Myrnin a ajudou a sair, o que teria parecido galante, exceto por sua roupa, que era mais algo que um catador de praia enlouquecido usaria do que um cavaleiro de armadura, no entanto manchada.

Que foi responsável por quase todos os vampiros que eles tinham resgatado. Claire se levantou e caminhou em direção à traseira. Ela parou quando chegou até Shane, que estava deitado em um sofá de doação. Ele tinha limpado o sangue, mas ela podia ver o sangramento de espetadas em seu rosto e mãos. Ele parecia terrível, ela pensou, e quis chorar com soluços selvagem e gritos. De alguma forma, ela engoliu-o de volta.

Ele se recostou e estendeu os braços, e ela caiu contra ele. Ele a beijou, e mesmo que ele ainda tivesse com o gosto daquela piscina, como todos os pesadelos, ela se afundou no beijo, porque debaixo dele estava Shane, ele estava vivo, ele estava *vivo*.

E ela também.

Ele estava tremendo, ela percebeu, mas ele estava tentando confortá-la com movimentos suaves para baixo de suas costas e um toque suave em seu rosto.

Nenhum deles tentou falar.

Michael carregou Eve enquanto passava por eles. Havia uma bandagem grossa em seu pescoço, mas a hemorragia parecia ter parado, e ela parecia bem. Ela estava com os seus braços ao redor dele, e sua cabeça estava deitada em seu ombro, e Claire pensou que ela nunca tinha visto o olhar que estava no rosto de Michael, uma mistura complicada de amor feroz, medo e arrependimento.

Ele parecia quase tão frágil quanto Naomi, mas ele levou-a de qualquer maneira.

— O que vamos fazer? — Claire sussurrou. — Oh Deus, Shane, o que podemos fazer?



Ele balançou a cabeça e suspirou, e apertou seus lábios contra o cabelo dela em um beijo suave. — Nós vamos ganhar — ele disse. — Essa é a nossa única opção. Eu não sei como, e eu não sei qual vai ser o custo. Mas nós vamos ganhar.

— Sim. — A voz era rude e tranquila, mas era de Oliver. Ele estava de pé na porta, e Amelie ainda estava em seus braços. — Não há nenhuma opção agora. Nós lutaremos por Morganville. Todos nós. — Ele olhou para Amelie. — E o custo será alto, Sr. Collins. Vai ser realmente muito alto. Venham agora. Não será seguro aqui fora por muito tempo, e o sol está vindo.

Claire não queria se mover, mas se moveu, e ajudou Shane. Oliver olhou para os dois por um momento, depois balançou a cabeça.

— O quê? — Shane perguntou.

— Eu não entendo os seres humanos nem um pouco — ele disse. — Por que vocês fariam uma coisa dessas, por nós?

Shane trocou um olhar com Claire, e encolheu os ombros. — Tinha que ser feito — ele disse. — E nós precisávamos de você para parar Amelie de puxar o gatilho em Morganville. Ela ia matar a todos nós.

Oliver suspirou. — O que faz você pensar que eu não vou?

— Porque você é um lutador — Shane disse. — Como eu. E agora você está no comando.

— Oh, acredite em mim, você não vai gostar disso — Oliver disse com o seu velho tom ácido. — Nós ainda nem começamos a lutar.

— Bom — Shane disse. — Porque pelo que eu sei, nossos traseiros estão sendo chutados, e estou cansado disso.

Oliver deu-lhe um sorriso lento e estranho. — Eu também — ele disse. Ele se virou para ir embora e disse em uma espécie de improviso: — Obrigado.

Ele tinha ido embora antes que Shane pudesse fazer algum tipo de comentário espertinho. Que, Claire sabia, ele estava prestes a fazer.

— Não — Claire advertiu a ele, e colocou o dedo em seus lábios. — Apenas desfrute o momento.

— Eu vou — ele disse. Ele encontrou os olhos dela, e nesse momento, ela podia ver absolutamente tudo neles. Tudo o que ele sentia. Todo o medo, a raiva, o horror e a determinação.

E o amor. Portanto, muito disso.

— O sol nasceu — ele disse. Ela piscou e percebeu que fora da porta aberta da viatura havia uma vermelhidão rosada no horizonte. Um novo dia. Talvez o último dia.



Ele pegou a mão dela e levou-a para fora, e apesar de tudo, apesar do silêncio, do perigo e tudo o que ela sabia, Claire deu um profundo suspiro de ar fresco, limpo e pensou: *Nós vamos ganhar. Temos que vencer.*

E ali de pé com o nascer do sol sobre eles, afastando as nuvens, ela pensou que talvez, apenas talvez, isso fosse possível.

— Espere — Shane disse, e puxou-a para uma parada enquanto ela começava a seguir Michael, que já tinha ido para as sombras, pela calçada em direção à praça. — Claire.

— Nós não devemos ficar aqui mesmo com o sol. Os *draugs*...

Ele colocou as mãos em cada lado do rosto dela, olhou para ela e disse: — Eu quero que você entenda uma coisa. Eu odeio este lugar. Eu odeio Morganville. Eu odeio os vampiros. Mas eu juro por Deus, eu vou lutar até a minha última gota de sangue por Michael, Eve e você. Você entendeu? Se você quer correr, se você quer ir agora, eu vou. Mas eu não vou sem você.

— Se corrermos, o que vai parar Oliver de deixar todos morrerem? — ela perguntou a ele. — De fazer apenas o que Amelie teria feito?

— Deus, Claire... pare de pensar neles. Pense em você. Só você.

— Eu estou — ela disse. — Eu não aguentaria ser uma covarde. Não agora.

— Então vamos ficar — ele disse. — E quando a gente sair dessa... e nós vamos sair dessa... Eu quero que você me prometa uma coisa.

— O quê?

Ele engoliu em seco, e mudou o peso um pouco inquieto, e então disse, muito calmamente, seus lábios quase tocando os dela: — Prometa que vai se casar comigo. Não agora. Algum dia. Porque eu preciso saber.

Claire sentiu uma vibração no seu interior, como um pássaro tentando voar, e uma onda de calor que a fez ficar tonta. E outra coisa, algo frágil quanto uma bolha de sabão, e tão bonito. Alegria, no meio de todo esse horror e aflição.

— Sim — ela sussurrou de volta. — Eu prometo.

E ela beijou ele, beijou ele e beijou ele, enquanto o sol aparecia e banhava Morganville em um último dia brilhante.

CONTINUA...



PRÓXIMO LIVRO

Black Dawn (Amanhecer Sombrio)



The Morganville Vampires Series

